

Julie Lopo

Nos Acordes do

Summer



PL



NOS ACORDES DO AMOR

JULIE LOPO

Editora PL

2015

Copyright © 2015 Julie Lopo

Copyright © 2015 Editora PL

Capa: Elaine Cardoso

Revisão: Aline Veingartner

Diagramação: Elaine Cardoso

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

Epílogo

Prólogo

— Gostou da apresentação, papai? — pergunto, depois da apresentação que a mamãe e eu fizemos.

Estão vendo esse homem lindo que está me segurando no colo?

É o meu papai Danilo. Ele e a mamãe estão casados há sete anos.

Eles são tão bonitinhos juntos. O papai sempre está abraçando a mamãe.

Eu falei para ele que, quando eu crescer, quero um marido igual a ele.

Ele ficou bravo e disse para que eu não pensasse em garotos até que eu completasse noventa anos.

— Adorei, princesa. —fala, me dando um beijo.

— Eu não ganho beijo também? — a mamãe pergunta, fazendo bico.

Eu dou risada enquanto o papai a puxa para o outro braço.

Definitivamente, eu quero um marido igual ao papai.

A minha fase de criança não poderia ser melhor. Tenho os melhores pais do mundo.

Sempre tive como exemplo o amor, o carinho e o respeito dentro de casa.

Mesmo sendo muito nova, eu tinha sonhos e desejos. Um deles era estudar em outra escola de balé, onde eu poderia crescer pelos meus próprios passos, sem depender da mamãe.

E esta era a nossa briga diária.

— Mamãe, eu não quero que ninguém fique falando que eu sou primeira bailarina porque sou a sua filha, deixa, por favor, eu mudar de escola.

Eu já estou com onze anos e ainda estou na escola de balé dela, mas as meninas ficam me olhando como se eu só estivesse ali por causa da mamãe.

— Querida, ela tem razão. Ela precisa de independência. — o papai tenta me ajudar.

— Independência, Danilo? Ela tem onze anos, como que ela vai ter independência? — ela pergunta, nervosa, andando de um lado para o outro da casa.

— Anjo, eu sei que você está tentando proteger a nossa filha, mas deixe que ela corra atrás da carreira dela sozinha, você vai sempre estar aqui por ela. — o papai fala, abraçando-a.

Ela dá um suspiro alto e olha para mim e depois para o papai.

— Vou me lembrar disso, Danilo, quando você tentar impedir a nossa filha de fazer alguma coisa sozinha. — ela fala, apontando o dedo para ele, e vai embora da sala.

Nós ficamos olhando um para o outro e acabamos dando risada.

A mamãe é muito protetora às vezes, eu sei que ela me ama e tem medo que eu sofra, mas eu realmente preciso aprender balé em outro lugar. Um lugar onde ninguém fique me olhando por ser filha da dona.

Depois de duas semanas, a mamãe finalmente permitiu que eu fosse para outra escola, mas que ela escolheria e isso não estava em negociação.

Como eu queria mudar para outra escola, eu aceitei.

Um dia, ela foi me buscar depois da aula e disse que tinha achado a escola perfeita.

Assim que chegamos ao Estúdio Angélica Alcântara, fiquei encantada, era tudo lindo, fomos recebidos pela própria D. Angélica, que me recebeu muito bem.

O que eu mais gostei em fazer balé ali era que não tinha o peso da fama da minha mãe, eu era apenas mais uma no meio de tantas bailarinas.

Com o tempo, fiz amizade com a Laura e a Bruna, ficamos grandes amigas. Dividíamos o sonho de ser a primeira bailarina.

Como eu não falava em outra coisa que não fossem as minhas aulas, a mamãe ficou com bastante ciúmes. Ela tentava esconder e ficar feliz por mim, mas eu sabia que, no fundo, ela sentia a

minha falta na escola dela.

Acabei entrando em uma rotina diária: ir para a escola, depois balé, voltar para casa, fazer lição e ler algum livro.

Os dias que eu mais gostava eram os finais de semana, a família toda se reunia e eu podia ficar com os meus primos.

Claro que as meninas eram as mais legais, os meninos nos atormentavam bastante.

Uma vez, ficamos no quarto da vovó a Sophia, a Mila, a Catarina e eu. A Sophia estava falando sobre um menino, o Cadu ouviu atrás da porta e correu para contar para o tio Leo.

Resumindo a história para vocês, nós quatro tomamos bronca dos nossos pais.

E o que mais tem na minha família é paiciumento.

Em uma dessas reuniões de família, o tio Rafa levou o violão dele para tocar alguma coisa, eu estava no colo do papai e fiquei escutando enquanto ele cantava.

Claro que eu já tinha escutado o papai cantar antes, ele fazia isso todas as noites antes de dormir, desde que eu era pequena.

Ele tinha uma voz linda.

Mas, dessa vez, quando ele começou a cantar, comecei a ver a música de uma forma diferente.

Posso dizer que me apaixonei por música realmente aos meus doze anos de idade escutando meu pai cantar.

Quando eu fiz dezesseis anos, recebemos a notícia de que a mamãe teria outro bebê. Claro que houve briga entre o Cadu e eu, ele queria um menino e eu uma menina.

O papai estava nas nuvens porque teria outro filho e a mamãe em choque porque não esperava essa gravidez.

Depois de oito meses, a Valentina nasceu, uma bonequinha, de cabelos pretos e olhos escuros iguais aos do papai e da mamãe.

E foi assim que eu perdi o posto de princesinha do papai.

Claro que eu não ligo, eu amo a minha bonequinha.

Capítulo 1

Isabelle

Oi, turma, eu sei que ficaram bastante curiosos para conhecer a minha história.

Então, eu vou contar tudo para vocês.

Quando saí do colégio, decidi fazer faculdade e fui apoiada pelos meus pais. Optei por Administração, eu queria poder futuramente ajudar a minha mãe a administrar a escola. Eu admirava o trabalho que ela fazia e queria um dia poder ajudar.

Então dividia o meu tempo na faculdade de manhã e as aulas durante a tarde. Quando chegou a época de fazer estágio, a D. Angélica me ofereceu a vaga na escola dela.

Estou como estagiária dela há dois anos, adoro trabalhar com ela. A D. Angélica é bastante competente e me explica tudo o que eu tenho dúvidas. Ela acaba contando com a minha ajuda

para tudo, já que o desnaturado do filho dela não ajuda nem um pouco.

Bernardo Alcântara, um advogado metido a besta.

O quê?

Não, eu não o conheço. Mas o fato de nunca ter aparecido na escola e poucas vezes ligar para a sua mãe, para mim já o transforma em um completo idiota.

— O que tanto a senhorita está pensando? — a D. Angélica me pergunta.

— Estava viajando um pouco. — respondo, sem graça.

Eu a estava ajudando a colocar algumas matrículas em ordem.

— Já está tudo certo para a competição? — ela pergunta.

Nós vamos participar de uma competição internacional de dança.

A D. Angélica decidiu nos inscrever. A minha classe, por se a mais avançada, foi a escolhida e

ficamos bastante animados. O campeonato seria realizado dali a três meses na Inglaterra.

Isso fez com que o meu trabalho aumentasse. Eu precisava ensaiar, ajudar a D. Angélica, fazer faculdade, estudar para as provas.

Ufa, cansei.

— Falta só reservar o hotel, o micro-ônibus que vai estar a nossa disposição e as passagens.

— O local para os ensaios já foi reservado?

— Já sim, eu mesma confirmei hoje.

— Ótimo, tenta providenciar o que falta... — ela para de falar e leva a mão até a cabeça.

— Tudo bem, D. Angélica? — pergunto, me abaixando perto dela.

— Foi só uma pontada na cabeça, querida, está tudo bem. Onde estávamos?

— A Sra. estava pedindo para que eu providenciasse tudo o que falta.

— Isso mesmo, querida. — ela fala, dando um sorriso. — Providencia tudo o que falta e depois traz para eu assinar.

Eu concordo com a cabeça e levanto, não estou gostando da cara dela. Ela ficou pálida e parece estar com dor.

— A Sra. tem certeza de que está tudo bem? — pergunto, insegura.

— Tenho sim, não se preocu... — ela para de falar, fica olhando para o nada e depois desmaia caindo em cima da mesa.

— D. Angélica! — grito, correndo até a mesa dela.

Verifico os sinais dela e vejo que estão fracos.

Pensa, Isa, o que você tem que fazer?

Já sei.

Pego o telefone em cima da mesa e ligo para o resgate, que chega dez minutos depois.

Pego a bolsa dela e entro na ambulância para acompanhá-la.

— Ela tem algum parente? — o bombeiro me pergunta.

— Tem um filho.

— Então é melhor ligar para ele.

Concordo e pego o celular dela procurando pelo número.

No quarto toque ele atende.

— Mãe, não posso falar com a Sra. agora, estou entrando em uma reunião. — fala, grosso.

Sabia que não ia com a cara dele.

— Não é a D. Angélica.

— Quem está falando?

— Meu nome é Isabelle, eu trabalho com a sua mãe na escola...

— E por que você está me ligando do celular dela? — ele me interrompe.

Idiota.

— Porque a sua mãe passou mal e estamos a caminho do hospital, achei que você como filho fosse querer saber. — respondo, sem educação também.

— Qual o hospital?

Depois de informar para onde estávamos indo, eu desligo. Cara insuportável, a mãe dele passando mal e ele ainda me tratando

grosseiramente.

Deve ser um estúpido, ridículo, quatro olhos, barrigudo e mal-amado.

Assim que chegamos ao hospital, ela é levada para o pronto-socorro, e eu fico sentada esperando por notícias.

Estou andando de um lado para o outro na sala de espera, desesperada por notícia.

Já tinha ligado para o meu pai, que prometeu descer do setor de ortopedia para ver como ela estava e me dar notícias.

Na quinta volta que eu dou, sou atropelada por um homem.

Antes que eu caia, ele me segura.

Minha Nossa Senhora das Sapatilhas Apertadas, que homem mais lindo.

Alto, por volta de 1,80 m a 1,90 m, loiro, com o cabelo bem cortado, olhos azuis claros quase cinza, barba por fazer, braços musculosos e, pelo o que eu pude perceber, barriga tanquinho.

Como eu sei?

Ele está com os braços em volta da minha cintura me abraçando e estou colada no corpo dele.

Ele é simplesmente lindo.

Acho que me apaixonei.

— Olha por onde anda, garota. — ele grita na minha cara.

Retiro o que eu disse.

Odeio esse idiota.

— Você é quem devia olhar por onde anda, idiota. — falo, me soltando dos braços dele.

— Isso aqui é um hospital e não uma passarela. E onde estão os seus pais? Uma menina como você não devia estar desacompanhada.

— Uma menina como eu? — pergunto, confusa.

— Isso, uma adolescente. Até onde eu sei, para passar com um médico, você precisa de uma pessoa responsável.

— Eu já sou maior de idade e dona do meu próprio nariz, não que isso te interesse. —

respondo, de cabeça erguida.

Ele me olha da cabeça aos pés e dá um sorrisinho de lado.

— Daqui a única coisa que eu vejo é uma menininha petulante. Agora, se me der licença, eu tenho mais o que fazer.

Ele passa por mim e vai em direção à recepção do hospital.

Só posso dizer uma coisa: mesmo sendo um idiota, ele é tão bom de se olhar de costas quanto de frente.

Depois que eu saio do transe em que fiquei em admirar o Sr. mala de costas, lembro que o Bernardo não deu sinal ainda. Eu sabia que ele era um bastardo.

Enquanto eu ligo, continuo olhando para o Sr. mala, percebo quando ele pega o celular do bolso e olha para o visor e depois atende, na mesma hora que ele fala, o Bernardo responde na minha orelha.

— Onde você está? Já estou no hospital.

Droga!

O Sr. mala é o Bernardo.

Bernardo

Apesar de a nossa família ter uma boa condição financeira, eu tive uma adolescência difícil.

Meu pai sofreu um infarto quando eu tinha doze anos. Ele era um grande advogado, e sempre o admirei muito.

Minha mãe era uma ex-bailarina, ela tinha uma escola de balé.

Quando eu era criança, ela bem que tentou me ensinar, mas eu nunca gostei de balé.

Isso é coisa para mulheres.

Em vez de balé, procurei por um esporte, acabei me encantando com o arco e flecha, que pratico desde os 14 anos.

Quando chegou a época de escolher um curso de faculdade, não tive dúvidas, optei pelo Direito, queria ser um grande advogado como o meu pai.

E foi aí que conheci o Paulo Barros. Fizemos amizade logo de cara, saíamos sempre juntos. Um tempo depois, conhecemos o Yuri Müller em uma academia que frequentávamos.

Como a musculação virou uma coisa chata, decidimos praticar MMA.

Deu tão certo que o Yuri decidiu abrir uma academia própria. O Paulo e eu entramos como sócios e montamos a Academia Body Evolution.

Nos últimos quatro anos, namorei a Soraya Barreto, uma loira linda de parar o trânsito, com um corpo espetacular. Ela era advogada no mesmo escritório que eu.

O problema foi quando eu entrei no apartamento dela e a encontrei com outro homem. Um dos nossos maiores clientes do escritório. Ele já tinha 60 anos de idade, mas era sócio de uma grande multinacional.

Depois disso, claro que não continuei com ela.

Um homem lindo como eu não nasceu para ser chifrudo.

O que foi?

Eu sou lindo, não posso negar, ralei muito para ter o corpo que eu tenho hoje. Além de ser muito interessante, tenho os meus truques, mulher nenhuma resiste.

Se a Soraya preferiu procurar um velho barrigudo para suprir as necessidades sexuais dela, o problema não era meu. Eu sou cobiçado pelas mulheres, não vou ficar correndo atrás de uma qualquer.

Não quer? Tem quem queira o bonitão aqui.

— Dr. Alcântara, o seu cliente das 15 horas chegou. — a minha secretária entra na minha sala e avisa.

— Já estou indo, Stéfanie, obrigado. — — respondo, levantando da minha mesa.

Quando estou saindo da minha sala o celular toca e vejo que é a minha mãe.

Só que, ao atender, uma garota começou a falar e a interrompo impaciente, quem era ela para usar o telefone da minha mãe.

Ela me diz que a minha mãe está no hospital. Droga, o que será que aconteceu com ela?

Depois de pegar o endereço, aviso para a Stéfanie que estou indo para o hospital e peço para avisar o meu cliente e remarcar a reunião.

Entro na minha BMW Z4 conversível azul e dirijo correndo para o hospital. Adoro esse carro, consigo ir de 0 a 100 km/h em 8,5 segundos, com um motor de 190 cavalos.

Assim que eu entro no hospital, uma doida entra na minha frente do nada, eu a seguro para que ela não caia no chão.

Quando eu olho para ela, vejo que é linda, loira, com olhos azuis tão claros. Ela era muitos centímetros mais baixa do que eu. Enquanto eu a segurava percebi, que ela encaixava perfeitamente no meu corpo.

Bernardo, você não pode pensar assim, ela é só uma criança. Quando a chamo de criança, ela se irrita e me diz que é maior de idade.

Aproveito agora que sei que ela é maior de

idade e dou uma conferida no seu corpo.

Apesar de magra, tem curvas, ficaria perfeita na minha cama.

Mas, apesar de tudo, é muito petulante.

— Daqui a única coisa que eu vejo é uma menininha petulante. Agora, se me der licença, eu tenho mais o que fazer. — falo e vou para a recepção.

Cadê aquela menina, ela não me ligou mais para falar como estava a minha mãe.

Quando estou chegando à recepção meu celular toca, vejo que é o número da minha mãe.

— Onde você está? Já estou no hospital. — grito no celular, sem paciência.

Quando olho para a menina petulante, vejo que ela está no celular olhando para mim de boca aberta.

— Não vai responder garota? — pergunto, sem paciência.

— Eu estou olhando para você. — ela responde, e a menina mexe a boca ao mesmo

tempo.

Merda, era ela.

Isabelle

Quando ele percebe que sou eu ao telefone, desliga sem falar nada e vem na minha direção.

Droga!

Ele é lindo!

Para com isso, Isa, ele é um idiota, esqueceu?

— Como está a minha mãe? — ele já chega perguntando.

— Oi, Bernardo, eu sou a Isabelle Montalvão, trabalho com a sua mãe, prazer conhecer você também. — falo, debochando dele com a mão estendida.

Ele olha para a minha mão, depois para mim e fecha mais ainda a cara.

— Minha mãe foi internada às pressas e você fica aí de gracinha? — pergunta, com a sobrancelha direita erguida.

Cara chato.

— Só estou sendo educada, coisa que você pelo visto não sabe o que significa. — falo, dando as costas para ele e voltando para o banco onde estava a minha bolsa.

Eu sinto um puxão no meu braço e vejo que foi ele quem agarrou.

— Nunca mais dê as costas para mim, entendeu, garota? — ele fala, nervoso, perto do meu rosto.

— Solta o meu braço, seu neandertal. — falo, me soltando dele.

— Escuta aqui, garota, estou preocupado com a minha mãe...

— Preocupado com a sua mãe? — interrompo — Você nunca apareceu na escola, não liga para ela durante o dia, e quando ela liga, sempre encontra uma desculpa para desligar. Agora quer aparecer aqui e dar uma de bom filho para cima de mim? A mim você não engana nem um pouco. — falo com o dedo no peito dele.

— Você não se enxerga mesmo, não é, menina?
— ele responde, dando uma risada sarcástica.

Antes que eu possa responder, chega o médico para nos informar sobre o estado de saúde da D. Angélica.

Ele nos diz que ela teve um ACV (Acidente Vascular Cerebral), mais conhecido como derrame. Isso ocorreu devido a um coágulo que obstruiu uma das artérias do cérebro fazendo com que o fluxo sanguíneo diminua, causando a morte das células. O doutor nos disse também que a operação foi um sucesso, mas que, como sequela, ela está com o lado esquerdo do corpo paralisado. Ela vai precisar fazer fisioterapia para tentar reaver seus movimentos motores, mas que isso pode levar tempo, pois é um tratamento longo e os resultados são pouco evidentes em curto prazo.

Quando ele termina de nos explicar, eu peço para vê-la, ganhando um olhar mortal do Sr. Mala, mas eu não estou nem aí, ela é muito importante para mim.

Quando eu entro no quarto, vejo-a deitada na cama com alguns aparelhos ligados no corpo e uma carinha abatida.

— Oi, querida, te dei um susto não foi? — ela pergunta, com a voz fraca.

— Um susto enorme, dona Angélica, que isso não se repita, ouviu? — falo, correndo para abraçá-la.

— Oi, Bernardo. — ela fala, olhando para o filho.

— Se a senhora queria que eu aparecesse, era só falar, não precisava vir para um hospital para chamar a atenção. — ele fala, se aproximando da cama.

Sério?

Que idiota.

Bernardo

Um dia, quando eu tinha doze anos, recebemos uma ligação avisando que o meu pai estava no

hospital. Quando chegamos, ele já havia falecido.

Até o momento em que eu vi a minha mãe, eu fiquei com medo de que poderia perdê-la também.

Confesso que não tenho sido o melhor filho, tenho falhado bastante com a minha mãe, mas isso não significa que eu não a ame.

Eu vejo a minha mãe conversar com a...

Droga! Qual o nome dela mesmo?

— Bernardo, o médico disse quanto tempo vou ficar aqui?

Olho para a minha mãe, uma mulher guerreira que lutou sozinha para me criar e me dar estudo, com o lado esquerdo do corpo paralisado.

É duro ver a minha mãe assim.

— Ele disse que terá que ficar quatro dias aqui, depois pode ir para casa.

— Eu preciso trabalhar.

— Não se preocupe, dona Angélica, eu cuido de tudo para a senhora.

O que foi que ela disse?

— Você não tem condições de fazer isso, Isa,

você tem que estudar e ensaiar para a competição, vai ser necessário ter ajuda.

— Eu posso dar um jeito, o importante é a senhora descansar.

— Quem você pensa que é para querer administrar a escola da minha mãe? — pergunto, nervoso.

Essa menina que não sei de onde é acha que vai administrar a escola assim?

— Eu sou a pessoa que há dois anos ajuda a sua mãe a administrar tudo. — ela responde, de nariz em pé.

Que menina mais abusada.

— Escuta aqui, eu sou o filho dela e se alguém tem que administrar alguma coisa aqui sou eu.

— E você entende alguma coisa de balé?

Tudo bem, ela me pegou nessa, eu não entendo nada de balé.

— Eu sou um advogado experiente, tenho certeza de que posso administrar essa escola sem problema nenhum.

No momento em que ela vai responder, o celular dela toca, fazendo com que saia do quarto emburrada.

— Bernardo, não briga com ela, a Isa tem me ajudado bastante. E ela tem razão, você não entende nada de balé.

— Eu sei. — falo, sentando na cadeira ao lado da cama. — A senhora precisa de ajuda na escola?

— Ultimamente a escola não anda bem, Bernardo. Essa competição que vai ter na Inglaterra em quatro meses vai ser a nossa salvação.

— Mãe, se vocês estão com dificuldades, por que viajar para a Inglaterra? Não é mais fácil fechar? Só vai gastar mais dinheiro.

— Bernardo, nunca mais fale em fechar a minha escola. O seu pai me deu de presente, e por nada nesse mundo eu fecho. Vou lutar até o fim por ela. — fala, nervosa.

— Mãe...

— Não, Bernardo. — ela me interrompe. — É a

única coisa que sobrou do seu pai além de você. Eu não vou fechar a escola. Se quiser ajudar, vai me ajudar a manter a escola e a levar esses meninos para a Inglaterra.

Fico olhando para a única mulher da minha vida, eu faria tudo por ela, até mesmo administrar uma escola de balé.

— Tudo bem, mãe, eu ajudo a senhora a administrar a escola.

— A Isa vai te ajudar. Ela está cursando a faculdade de administração, e está há dois anos trabalhando comigo. Ela conhece a escola e os alunos.

— Mãe, eu acho que posso administrar sozinho. — falo, nervoso.

— Bernardo, não é tão fácil assim, além disso, tem a competição, ela já reservou o local para ensaio e está com os contatos para fechar o hotel, passagem e transporte lá.

— Tudo bem, mãe, eu a deixo ajudar. — concordo, contrariado.

Depois que eu concordo com a minha mãe e vejo que ela está bem, decido ir embora. Precisava arrumar tudo no escritório para me ausentar, e eu não sabia quanto tempo eu ficaria longe, seriam, no mínimo, quatro meses.

Volto para o escritório e explico para o dono o que estava acontecendo com a minha mãe. Ele entendeu e permitiu que eu tirasse um tempo do escritório, assim deixei todos os meus casos com o Paulo.

Quando estava juntando as minhas coisas, a Soraya entrou na minha sala e foi sentando.

— Fiquei sabendo que está se ausentando do escritório. É por minha causa? — pergunta, com um sorrisinho no rosto.

— Nem tudo se resume a você, Soraya. — falo, sem olhar para ela.

— Então por que está indo embora?

— Vou administrar os negócios da família. — falo, ficando nervoso.

— A escola de balé da sua mãe? — pergunta,

dando risada. — Não era você que falava que isso era coisa de mulherzinha? Agora vai administrar?

— Soraya, não devo satisfação da minha vida para você. O que eu faço ou deixo de fazer só diz respeito a mim. Não estamos juntos há seis meses. Por que você não vai procurar o vovozinho para te dar um trato e me deixa em paz? — Junto as minhas coisas e saio do escritório.

Quando chego em casa e fico sozinho, começo a perceber que posso ter feito uma grande burrada. Não sei nada de balé, nunca administrei nada e ainda vou ter que aguentar a nojentinha todo dia.

Preciso de alguma coisa para desestressar. Eu sei que malhar ou treinar não vão me aliviar, então vou recorrer a minha terceira opção.

Pego o celular e decido ligar para a Helena, uma promotora que eu conheci em um dos casos que atuamos em lados contrários. A Dra. Helena Alencar é uma morena linda de parar o trânsito. O que mais me chamou a atenção foi o olhar misterioso dela, além de ser muito sexy e um

furacão na cama.

— Já está com saudades? — ela atende o telefone, rindo.

— Está ocupada? — pergunto sendo direto. Ela me conhece e sabe que não sou de muitos rodeios.

— Vou deixar a porta aberta.

Estamos juntos há cinco meses, não como um casal. Somo apenas amigos, mas com benefícios. Sempre deixamos bem claro que seria apenas sexo e nada mais.

Assim que chego ao apartamento dela, já vou entrando, escuto o barulho do chuveiro, então decido me juntar a ela. Tiro a minha roupa e vou entrando no box pegando-a por trás.

— Olá, bonitão, senti a sua falta... — não deixo que termine de falar, encosto-a na parede levantando-a e passando as suas pernas pelo meu corpo.

— Desculpa, querida, mas preciso disso rápido.

— Fique à vontade. — ela responde, rindo.

E só assim consigo me aliviar do estresse desse

dia.

Capítulo 2

Isabelle

Aquele idiota já estava me tirando do sério. Eu trabalhava há dois anos com a dona Angélica, entendia tudo da escola, poderia muito bem administrar melhor que ele.

Depois que meu celular tocou e eu saí para atender a professora Cláudia, não o vi mais. Fiquei com a dona Angélica no hospital até a hora de o meu pai ir embora. Cheguei em casa tão cansada que a única coisa que eu queria era dormir. Mas eu ainda tinha que estudar para a prova do dia seguinte.

Eu já estava estudando há duas horas quando eu recebi uma mensagem.

Ana: balada sábado?

Era a Ana Julia. Apesar de ela ser cinco anos mais velha que eu, ficamos amigas. Ela foi a primeira aluna da minha mãe com deficiência

auditiva. Como a mamãe tirou todos os certificados oficiais para ser professora, hoje a Ana era uma bailarina profissional.

Isa: Onde?

Ana: Over Night

Isa: vou avisar as meninas.

Ana: combinado, bjs.

Na mesma hora, mando mensagem para as minhas primas.

Isa: balada sábado na Over Night?

Três minutos depois as respostas chegam.

Sophia: combinado.

Mila: ok.

Catarina: UhUUUUU... Tequila!!!

Eu dou risada, das quatro a Catarina sempre foi a mais doida. Apago a mensagem dela para evitar o risco de o meu pai ver, se não o senhor Danilo e o senhor Leonardo iriam nos deixar de castigo até o próximo século.

Como não estou conseguindo me concentrar mais, fecho os livros e decido ir dormir.

Depois de fazer a prova, vou correndo para a escola. A professora Cláudia tinha ficado responsável por abrir todos os dias e eu por fechar.

Meia hora depois que cheguei, estou sentada à mesa da dona Angélica, a porta se abre e eu escuto a voz do Sr. Mala.

— O que você está fazendo sentada nessa mesa?

Idiota.

— Trabalhando, por quê? — respondo, sem olhar para ele.

Pelo canto de olho percebo que ele se aproxima.

— Porque essa mesa é da minha mãe e, até que ela se recupere o suficiente para trabalhar, essa mesa será minha.

Eu fico tão irritada com a atitude dele que levanto a minha cabeça com raiva e olho para ele. E isso foi um erro.

Como um homem pode ser tão lindo assim?

Ele está com um terno cinza grafite, com uma camisa cinza um tom mais claro e uma gravata

grafite, eu tenho certeza de que esse terno foi feito sob medida.

E os sapatos? Gente, na boa, pelo estilo é couro italiano. De onde esse homem tira dinheiro para andar vestido assim?

— Você veio vestido assim para trabalhar? — falo, apontando para a sua roupa.

Ele olha para o que está vestindo e depois para mim.

— Qual o problema da minha roupa?

— Isso é uma escola, não um tribunal. — falo dando risada.

— Eu gosto de me vestir assim. E eu sou o dono, e não um aluno.

— Você não é o dono, a dona Angélica é.

— E ela é a minha mãe, e como único herdeiro isso faz de mim o dono.

Grosso, estúpido.

— Isso pode até fazer de você o dono, mas não precisa ser arrogante desse jeito.

— Escuta aqui, garota, quem manda aqui sou

eu, então toma cuidado com o que fala. Agora levanta da minha cadeira.

— Eu levanto, mas não é porque está pedindo e sim porque eu preciso ir ensaiar para o campeonato.

Pego a minha bolsa e vou para a sala ensaiar.

Quero ver o Sr. mala conseguir cuidar de tudo sozinho.

Bernardo

Apesar de ter passado a noite toda com a Helena, continuei estressado. Eu não sabia o que era que me incomodava tanto.

Depois de passar no meu apartamento e trocar de roupa, vou para a escola. Assim que eu chego, vejo aquelas crianças e adolescentes correndo de um lado para o outro, lembro o porquê de nunca ter vindo até a escola da minha mãe. Não suporto crianças, e não suporto nada de menininhas. Ver essas garotas cheias de rosa e frufus me irritou mais ainda.

Quando entro no escritório da minha mãe, vejo

a Isabelle sentada à mesa olhando alguns papéis. Isso me tira do sério, quem ela pensa que é para estar ali?

Quando me aproximo e olho para ela, não consigo acreditar. Ela está vestida com um maiô? O que era aquilo? Ah, sei lá, só sei que era rosa, com uma meia branca e um pano que imitava uma saia no tom de rosa, só que mais chamativo, mas que merda é essa? Essas bailarinas só sabem usar rosa?

Depois de mais uma discussão, ela sai me deixando sozinho. Tiro o meu paletó e coloco-o no encosto da cadeira, sento e pego os papéis que ela estava olhando.

Depois de duas horas examinando tudo, percebo que a minha mãe tem razão. A escola está com dificuldades, vejo a inscrição do concurso e o prêmio equivalente a R\$ 200.000,00, era o valor exato para ajudar a escola a sair do buraco. Eles precisavam vencer de qualquer jeito essa competição.

Como estou cansado de ficar ali sentado analisando papéis, decido dar uma volta pela escola, faz muito tempo que eu fui ali pela última vez. Passo pelos corredores, está tudo exatamente como eu me lembro, minha mãe fez poucas reformas na escola.

Na primeira sala que eu paro, vejo algumas crianças dançando, saio correndo de lá, não tenho paciência nenhuma para crianças.

Crianças estão sempre chorando, reclamando, fazendo birra, e os bebês fedendo a cocô e xixi. Uma coisa que eu não teria nunca na minha vida seria filhos. Eu gostava de ter uma conversa inteligente com outra pessoa, do que as crianças entendem? Nada.

Continuo passando pelos corredores até que eu escuto algumas risadas. Eu me aproximo da sala para ver o que estava acontecendo. Vejo a Isabelle no colo de um rapaz alto e loiro, eles estão rindo enquanto ele tenta levantá-la, os outros estão sentados no chão dando risada.

— Esquece, Pablo, você não vai conseguir me levantar. — ela dá risada e tenta se livrar dele, nessa hora ela me vê parado na porta, chamando a atenção dos outros para mim.

Como já fui notado, não tem jeito, decido entrar na sala. Antes que eu possa me apresentar, a Isabelle toma a frente.

— Turma, esse é o Bernardo, ele é o filho da dona Angélica, até que ela se recupere ele vai administrar a escola.

— É um prazer conhecer vocês, essa é a turma que vai para a Inglaterra? — pergunto olhando para a Isabelle.

— É sim, estávamos ensaiando.

— Sentados? — pergunto apontando para eles.

— Estávamos passando uma parte em que somente nós dois dançamos. — O loiro respondeu.

Não fui com a cara dele e não estou gostando nem um pouco da forma como ele está segurando a cintura da Isabelle.

— E você quem é? — pergunto cruzando os braços.

— Pablo.

Concordo com a cabeça e começo a sair da sala.

— Voltem aos ensaios, temos um campeonato para ganhar.

Quando eu viro as costas e estou saindo, escuto alguém me chamar de babaca, olho para trás e percebo que estão todos dando risada.

Isabelle

Passamos a tarde inteira ensaiando. Quase no final da aula, eu estava com o Pablo tentando fazer um levantamento, quando eu percebi o Bernardo parado na porta.

Claro que, para variar, ele foi arrogante com a turma. Quando ele estava saindo, não consegui resistir e soltei um babaca, fazendo com que todos dessem risada.

Por volta das 20 horas, encerramos o ensaio.

Quando passo pelo escritório, vejo a luz acesa, coloco a cabeça dentro da sala e vejo o Bernardo concentrado com alguma coisa em cima da mesa.

— Vai dormir aí? — pergunto fazendo graça.

Ele leva um susto e fecha a cara quando me vê.

— Você ainda está aqui?

— Na verdade, já estava indo embora, só vou desligar tudo. — falo apontando para fora da sala.

Ele concorda e volta a olhar para a mesa.

— Você vai ficar?

Ele não responde nada.

Saco!

Eu entro na sala e sento na cadeira em frente à mesa, fico olhando para ele. Até que ele tem um rosto bonito. Só agora eu percebi que nunca o vi dar um sorriso de verdade.

— Bernardo, eu preciso fechar a escola, e você não pode ficar aqui.

Ele levanta a cabeça e me olha.

— Eu não sabia que ela estava com tantas dificuldades, ela nunca me falou.

— Se você passasse mais tempo com ela ou se preocupasse mais saberia. — respondo.

— Quem é você para me passar lição de moral?
— pergunta nervoso.

— Eu sou a menina que está há praticamente dez anos com a sua mãe e nunca te vi um dia sequer aqui. — falo, levantando e indo apagar as luzes.

Depois de apagar todas as luzes, passo na frente do escritório e vejo que ele já saiu, tranco tudo e vou para o ponto de ônibus.

Estou parada no ponto esperando por uns dez minutos até que eu vejo uma BMW parar do meu lado, o vidro desce e eu escuto a voz do Bernardo lá de dentro.

— Quer uma carona?

— Não precisa.

— A essa hora o ônibus vai demorar, vai ficar sozinha aí esperando?

— Eu sei me virar, obrigada.

Ele fecha a janela do carro e acelera me

deixando sozinha. Logo depois que ele sai, um homem para no ponto e fica me olhando. Eu seguro mais apertado a bolsa e fico olhando para os lados, estou sozinha.

Droga, deveria ter aceitado a carona, maldito orgulho.

Ele começa a se aproximar, e eu vou me afastando. Quando ele dá um passo maior, eu saio correndo desesperada, só que ele é rápido, viro uma esquina, mas ele consegue me agarrar e me derrubar no chão, ele sobe em cima de mim e, quando eu acho que ele vai abusar de mim, sinto-o sendo puxado. Quando eu sento, vejo o Bernardo dar um soco nele, de onde ele surgiu?

Depois que ele dá três socos, o homem sai correndo, ele olha para mim e vai se aproximando devagar, ainda estou sentada no chão tremendo.

— Fica calma, sou eu, o Bernardo, você está bem?

— Como? — pergunto.

— Como eu cheguei aqui? — ele pergunta

abaixado ao meu lado.

Concordo com a cabeça.

— Apesar de ser um babaca, não podia te deixar na rua essa hora sozinha. Então eu voltei para te obrigar a aceitar a carona e te vi correndo com esse homem atrás de você.

Ele me ajuda a levantar e vai me levando para o carro dele.

— Onde você mora?

Eu não sei o que aconteceu depois disso, só sei que quando dei por mim estava na frente de casa.

— Chegamos. — ele fala.

Eu não me mexo, continuo sentada olhando para frente. Ele dá um suspiro e sai do carro abrindo a minha porta em seguida. Quando ele está me ajudando a sair, o portão de casa se abre e minha mãe sai correndo.

— O que aconteceu?

— Ela foi atacada na rua, eu a ajudei e a trouxe para casa.

— Quem é você?

— Bernardo, filho da Angélica, dona da escola de balé.

Eu tento andar, mas não consigo, fico parada no mesmo lugar.

— Ela deve estar em estado de choque. Querida, olha para mim. — minha mãe pede, mas eu não estou prestando atenção em nada, só escuto a voz dela ao longe. — Você poderia me ajudar a levá-la para dentro?

Ele deve ter concordado porque eu me sinto ser levantada por dois braços fortes e ser colocada na minha cama depois.

Bernardo

Droga, aquela menina era muito chata, eu só queria ser educado oferecendo a carona, mas não, ela tinha que recusar.

Quando eu decidi voltar e a vi sendo atacada, me desesperei, não pensei em nada, acelerei o carro e parei de qualquer jeito correndo para cima

do homem que a estava atacando.

Depois de tê-la salvo, decidi levá-la para casa. Percebi que estava em estado de choque, ela respondia às minhas perguntas e só.

Quando cheguei à casa dela, toquei a campainha e fui ajudá-la a sair do carro. Uma mulher muito bonita saiu de dentro da casa e correu na nossa direção, pela preocupação deve ser a mãe, só que é difícil de acreditar, ela era linda demais para ter uma filha daquele tamanho.

Depois de colocar a Isabelle na cama, fico olhando para o quarto dela.

Mas que por... é essa, praticamente tudo rosa e um monte de corujas em todos os lugares, nunca vi alguém que gostasse tanto de coruja.

Quando estou pronto para sair, uma menina entra correndo no quarto e pula na cama abraçando-a.

— O que aconteceu, mamãe?

— Ela levou um susto, Pipoquinha, mas ela está bem. Muito obrigada pela ajuda, Bernardo.

— ela olha para mim e sorri.

— De nada.

— Você é namorado da Isa? — a menina me pergunta.

— Valentina! — a mãe delas fala brigando com a filha.

— Não, eu não sou namorado dela. — respondo.

— Você quer ser? — ela insiste.

— Já chega, mocinha, vai já para o seu quarto. — a menina levanta e sai do quarto, emburrada.

— Desculpa, Bernardo, essa menina é terrível às vezes.

— Não precisa se desculpar. Desculpa, mas está na hora de eu ir embora.

— Claro, eu te acompanho até a porta.

Quando estou saindo pelo portão, um homem estaciona o carro na frente da casa e sai com cara de poucos amigos.

— O que está acontecendo, anjo?

— Danilo, esse é o Bernardo, filho da dona

Angélica. — ela nos apresenta. — Ele salvou a Isa hoje.

— Como assim, salvou? — ele pergunta, nervoso.

— Ela estava sozinha no ponto de ônibus e um homem tentou atacá-la, eu estava voltando para oferecer uma carona e vi tudo. Eu desci do carro e fui ajudá-la. — respondo. — Se eu posso dar um conselho, ela deveria ter aulas de defesa pessoal.

— E por que você está sugerindo isso? — o pai dela pergunta.

— Eu sou sócio de uma academia, lá nós damos aula de defesa pessoal. A maioria são mulheres, o Yuri, meu sócio, é o professor, ele é ótimo para isso, hoje em dia as mulheres precisam saber se defender.

— Ele tem razão, Danilo.

— Qual o nome da academia?

Tiro um cartão da carteira e entrego, me despeço deles e volto para o meu carro. A única coisa que eu quero é chegar ao meu apartamento e

dormir.

Capítulo 3

Isabelle

Depois de meu pai ter examinado cada pedacinho do meu corpo para ter certeza de que eu estava bem, ele saiu do quarto. Minha mãe continuou sentada me olhando, ela sempre foi muito protetora, nada que sufocasse, eu amo muito a D. Alicia.

— Tem certeza de que está tudo bem, querida?
— ela me pergunta fazendo um carinho na cabeça.

— Tenho sim, mamãe, foi só o susto na hora, mas estou melhor agora. — falo dando um sorriso.

Eu percebo a porta do quarto abrindo aos poucos.

— Eu posso entrar agora, mamãe?

— Pode, Pipoquinha. — eu a chamo.

Ela entra correndo no quarto, pulando na minha cama e me abraçando. Ela sempre foi muito grudada em mim.

— Posso dormir com você?

— Pode sim, princesinha.

Minha mãe dá um sorriso e sai do quarto nos deixando sozinhas, eu abraço a Valentina mais apertada e dormimos abraçadinhas.

No outro dia pela manhã, sou acordada por três loucas que se jogam em cima da minha cama.

— Acorda, preguiçosa. — a Sophia fala fazendo cócegas.

— Me deixa dormir, suas doidas. — falo puxando a coberta para cima da cabeça.

— Isa, já são 10 horas da manhã, vamos levantar. — a Mila me puxa.

— Saco, acordei, satisfeitas?

Elas dão risadas e sentam na minha cama.

— Culpa da Catarina, ela que exigiu essa reunião. — a Sophia dá risada apontando para a Catarina.

— Então, meninas. — ela começa a falar. — Eu tive uma ideia, e se nós fôssemos morar

juntas?

— Como assim? — pergunto.

— Podíamos alugar um apartamento e morar juntas. Teríamos liberdade para sair, e não precisaríamos nos preocupar com os nossos pais nos vigiando.

— E você acha mesmo que o senhor Leonardo vai nos liberar para morar sozinha? — a Mila pergunta dando risada.

— Se contarmos com a ajuda de todas as mães juntas, pode ser que sim. — a Catarina comenta animada.

— Tudo bem, se você acha que com elas vamos conseguir, sugiro que seja amanhã ou depois. Porque se falarmos hoje, esquece a balada. — comento.

Depois de uma tarde cheia de conversas e brincadeiras com a minha família, eu vou com as meninas para o meu quarto para nos arrumarmos e ir para a balada. A coisa boa de ter três primas é que emprestavamos roupas uma para as outras.

Meu pai insistiu em nos levar e que quando quiséssemos ir embora era para ligar para ele que ele buscava, não importava a hora.

Quando chegamos, fomos direto para a mesa que a Ana já tinha reservado, ela estava sentada nos esperando. Como crescemos todas juntas, minhas primas e eu sabíamos LIBRAS, o que era ótimo na balada, não precisávamos ficar gritando. A Ana, mesmo com 10% de audição, conseguiu aprender a falar, então à primeira vista ninguém diria que ela é surda.

Assim que sentamos, o garçom chega para anotar os pedidos, eu insisti que não poderia beber, mas acabaram me convencendo a tomar uma só.

Estávamos nos divertindo, percebi que a Sophia ficava olhando por cima do meu ombro direito, quando eu me virei vi que tinha um gato olhando para ela. Ele era todo malhado, poderia descrevê-lo como um armário, pela cara dele devia fazer algum tipo de luta.

Volto a olhar para ela que agora está vermelha porque eu descobri o que estava acontecendo e dou risada.

Eles continuam nessa troca de olhares por meia hora. Foi isso o que demorou para ele levantar e vir até a nossa mesa puxar assunto. Quando ele se aproxima, percebo que está acompanhado por dois outros homens. Um é maior que ele e mais forte, loiro e com o cabelo comprido, quando olho para o outro não acredito.

Sr. Mala presente no recinto.

Bernardo

Volto para casa, tomo banho e me jogo na cama de tão cansado que eu estava. Minha mãe esteve passando por problemas todo esse tempo e nunca falou nada. Estou me sentindo péssimo por não ter dado atenção para ela.

Acordo com o meu celular tocando, olho para o

relógio e vejo que já são 7 horas em pleno sábado.

— Alô?

— Cara, ainda está dormindo? — o Yuri grita no telefone.

— Eu tive um dia terrível, o que você quer?

— Não vai vir para a academia? Ela já está lotada.

— Já vou. — falo, levantando da cama.

Chego à academia uma hora depois e ajudo o Yuri em algumas aulas. Depois de várias procuras por mulheres para defesa pessoal, criamos um grupo só para elas. Como ele estava ocupado com outras aulas, dei a defesa pessoal.

No final do dia, o Paulo apareceu nos chamando para ir a um barzinho, depois de três dias desgastantes, estava precisando beber.

Passo em casa, tomo um banho e troco de roupa, coloco uma calça jeans e uma camisa polo preta. Pego as minhas chaves e saio. Quando chego, encontro o Paulo e o Yuri sentados a uma mesa, me junto a eles e peço um uísque, vejo que

o Paulo não tira os olhos de uma morena linda de olhos claros na mesa em frente a nossa. Vinte minutos depois, ele decide levantar e ir falar com a morena.

O Yuri decidiu ir junto, já que ele também estava de olho em uma loirinha que estava do lado, e acabaram me arrastando junto até a outra mesa. Quando me aproximo, dou uma olhada nas cinco meninas da mesa e os meus olhos param em uma loira de olhos azuis e nariz em pé.

Merda, era a nojentinha.

Isabelle

Eu fico encarando o Bernardo e nem percebo que as meninas estão conversando com os amigos dele.

— Isa! — a Catarina grita me chamando.

— Oi? — pergunto tirando os meus olhos do Bernardo.

— Esses são o Paulo, Yuri e o Bernardo. — ela

nos apresenta.

— Eu já conheço o Bernardo. — falo sem olhar para ele.

A Catarina convida o Bernardo e os amigos para sentar com a gente e eles aceitam. O problema é que o Bernardo colocou a cadeira ao meu lado e sentou, como eu posso me controlar com esse homem tão perto de mim?

Lembra que ele é o Sr. Mala, Isa.

Isso, ele é um chato. Não pensa em outra coisa.

Percebo o Paulo jogar todo o charme dele para cima da Sophia que está encantada com ele.

— Se o seu amigo fizer alguma coisa para a minha prima, eu juro que ele vai morrer lentamente. — falo no ouvido do Bernardo, que olha para onde os dois estão sentados.

— Ele é um bom homem, não precisa se preocupar.

— Espero que seja mesmo. — respondo.

— Isa, vamos dançar? — a Ana me chama.

Eu aceito porque ficar do lado desse homem me

irrita.

Nós duas vamos para a pista de dança, assim que chegamos, começa a tocar Wake Me Up, quando percebo a Catarina está dançando com nós duas. Eu deixo a música me levar e começo a balançar o corpo, adoro dançar e adoro principalmente a sensação de leveza que eu sinto enquanto eu danço.

Bernardo

Eu me junto a elas na mesa, tento ao máximo ignorá-la, mas é impossível.

Ela chama a minha atenção para o fato de que o Paulo está dando em cima da prima dela, eu já tinha percebido isso. Vou ter que ter uma conversa séria com ele, essa menina não parece em nada com as mulheres com quem ele está acostumado.

O Yuri estava encantado com uma das gêmeas. O que se passa com esses caras? Eles estão caindo de amores por essas menininhas.

A Isabelle levanta e vai para a pista dançar com a amiga. Começa a tocar uma música que sinceramente não conheço, apesar de sempre vir ao barzinho com os rapazes, não sou de prestar muita atenção no que está tocando.

A Isabelle começa a dançar e eu vejo que os homens começam a prestar atenção. Claro que ela está fazendo de propósito, com aquela calça justa no corpo e uma blusa que deixa a barriga de fora. Fico prestando atenção no corpo dela mexendo, não consigo desviar os olhos. Droga, isso não vai dar certo.

Quando a música acaba, elas voltam para a mesa, percebo a blusa suada colado no seu corpo marcando ainda mais as curvas dela.

O quê?

Eu sou homem, não tem como não prestar atenção.

— Isa, o Yuri é professor de defesa pessoal, ele disse que poderia nos dar algumas aulas. — a gêmea que estava conversando com o Yuri fala.

— Mila, eu não posso criar tantos músculos assim, não esquece que eu sou bailarina.

— Isso não impede que vocês aprendam a se defender. Na verdade, se você soubesse disso ontem, eu não teria que ter te defendido. — comento terminando de beber o meu uísque.

— Eu não pedi para me defender. — fala com raiva.

— Se eu não tivesse te defendido, a essa hora você estaria em um hospital, muito provavelmente se recuperando de um estupro. — falo olhando para ela.

Ela fica me olhando sem saber o que falar, ela sabe que é verdade.

Isabelle

Quando eu volto para a mesa, o Bernardo fica me olhando, vejo quando ele corre o olhar pelo meu corpo. Sinto o meu corpo se aquecer com esse olhar.

A Mila começa a falar sobre defesa pessoal e, claro, ele não perde a oportunidade de me cutucar pelo que aconteceu ontem. Eu não tive culpa, até parece que eu pedi para ser atacada.

Um tempo depois começa a tocar Burn da Ellie Goulding, eu dou um grito tão alto que o Bernardo dá um pulo do meu lado.

— Tá louca, menina? — ele grita.

— Eu amo essa música. Soso, vamos dançar? — eu chamo a Sophia, que pula da cadeira na hora e me acompanha para pista, quando eu percebo todas as meninas estão na pista também.

Bernardo

A nojentinha dá um grito do meu lado e corre para a pista para dançar acompanhada pelas outras.

— Cara, essa Sophia é muito gata. — o Paulo comenta.

— Cuidado que ela não é igual a essas

mulheres de uma noite só que você pega. — falo ainda olhando para elas.

— Fica tranquilo, quando eu terminar ela vai até me agradecer. — fala rindo.

— Você é um idiota, sabe disso, não sabe? — o Yuri fala nervoso.

— Olha quem fala. Você está caidinho pela loirinha ali. E o Bernardo também está babando pela nervosinha.

— Paulo, vai à merda. — falo chamando o garçom.

Depois de mais uma hora ali bebendo e conversando com eles, decido ir para casa, eu já estava de saco cheio.

Não aguentava mais ver a Isabelle dançando, balançando os quadris com aquele monte de homens em volta. E não aguentava mais ver os rapazes paquerando as primas dela.

Eu levanto para ir embora, me despeço de todos e saio.

Ao chegar a casa e me deitar para dormir, a

única coisa em que eu consigo pensar é uma loirinha mexendo os quadris.

Droga, essa noite eu não durmo.

Capítulo 4

Isabelle

Depois que o Bernardo vai embora, eu consigo me soltar um pouco mais. Continuo na pista dançando com a Ana.

Quando volto para a mesa, vejo que a Sophia e o Paulo saíram.

— Cadê a Sophia? — pergunto para a Mila.

— O Paulo a chamou para dançar uns dez minutos atrás, e não voltaram ainda.

A Ana chama a minha atenção e sinaliza que não foi com a cara dele. É, eu também não fui. Quase uma hora depois eles aparecem, o Paulo com um sorriso de canalha no rosto e a Sophia está vermelha, sem graça.

Antes que aconteça alguma coisa, chamo as meninas para ir embora e elas concordam. Meia hora depois, recebo uma mensagem do meu pai dizendo que está na porta nos esperando.

Como todas as vezes que saímos para a balada dormimos na casa de uma de nós, hoje seria na minha. Assim que estamos todas arrumadas para dormir em um grande colchão de casal montado com vários colchões, eu tomo a frente e pergunto sem rodeios:

— Onde você foi com o Paulo, Sophia? — ela fica vermelha na mesma hora.

— Ele me chamou para dançar e eu aceitei.

— Que você consegue dançar quase duas horas direto eu não tenho dúvidas, agora aquele homem, mesmo com preparo físico, não me parece aguentar o mesmo pique. — a Mila comenta.

— Me diz, por favor, que finalmente você deixou de ser BV. — a Catarina pergunta se ajoelhando e fazendo como se estivesse implorando.

A Sophia não responde, mas o simples fato de ficar sem graça confirma as nossas suspeitas.

— OMG! Ele beija bem? — a Mila grita.

— Ele tem pegada? — a Catarina agarra o

braço da Sophia gritando.

— Parem de gritar, suas loucas, vocês querem que o meu pai venha ver o que está acontecendo? — pergunto.

— Responde, garota. — a Ana está rindo.

— Sim e sim. — a Sophia responde escondendo o rosto no travesseiro.

— Finalmente a Sophia desencantou. Agora falta a Isa deixar de ser BV.

— Catarina, por que importa tanto assim que eu deixe de ser BV?

— Isa, você tem 20 anos, está mais do que na hora de deixar de ser BV. — a Mila dá risada.

— Acontece que eu não vou beijar qualquer um só para que isso aconteça.

— Isa, você não sabe o que está perdendo. — a Sophia fala dando risada.

— Não me diz que depois de dar um beijo você já está safada igual à Catarina. — falo, indignada.

— Ei, eu não sou safada, só gosto de aproveitar a vida.

— Deixa o todo poderoso Leonardo saber disso, o tio te mata. — falo fazendo todas darem risada.

Depois de mais um tanto de conversa, finalmente fomos dormir, por volta das 7 horas da manhã. Eu estava em sono profundo quando escutei ao longe um gritinho seguido por pulos onde estávamos deitadas.

— Levantem, suas preguiçosas. — a Pipoquinha grita pulando e nos balançando.

— Isa, você ama a Valentina? — a Catarina pergunta, levantando.

— Nem um pouco, pode matar à vontade. — respondo escondendo a cabeça de baixo da coberta.

Começo a ouvir gritinhos alegres seguidos por risadas, a Catarina deve estar fazendo cócegas na Valentina.

— Isa, socorro. — ela grita tentando me puxar.

— Isso vai te ensinar, pestinha, a nunca mais me acordar pulando. — a Catarina dá risada fazendo mais tortura ainda.

— Tá bom, eu paro, eu juro.

— Ótimo. — a Catarina volta a deitar, não dá um minuto sequer e Valentina está pulando de novo no colchão gritando “acorda”.

Quando tentamos pegá-la outra vez, ela sai correndo do quarto dando risada.

— Pestinha. — a Sophia fala rindo e deitando de novo.

Infelizmente, dez minutos depois minha mãe entra no quarto nos acordando.

— Vamos acordar, meninas, está na hora do almoço.

— Mais cinco minutos, mamãe. — peço me afundando mais ainda debaixo das cobertas.

— Nem pensar, ninguém mandou ficar até as 7 horas da manhã conversando. — ela dá risada e puxa o meu cobertor.

— Tia Li, podemos te pedir um favor? — a Catarina fala, sentando. Droga, lá vem bomba.

— O que foi, querida? — minha mãe senta do meu lado no colchão.

— Nós conversamos e decidimos que queremos morar sozinhas.

Sabia que vinha bomba. Minha mãe olha para gente me deixando por último.

— E por que vocês querem morar sozinhas?

— Queremos ter a nossa independência. Então pensamos que poderíamos alugar um apartamento e morar as quatro juntas.

Minha mãe fica me olhando e tentando decidir se ela acha isso uma boa ideia ou não.

— Você também quer isso, querida?

— Quero, mamãe.

Ela dá um longo suspiro e depois olha para a porta do meu quarto.

— Vai ser difícil convencer o seu pai e os meus irmãos. Vou ver o que eu posso fazer. — assim que ela fala, quatro meninas se jogam em cima dela.

Alicia

Confesso que as meninas me pegaram de surpresa. Mãe nenhuma está preparada para soltar o filho assim no mundo. Mas concordo que pode ser bom para ela, criar um pouco de independência. Eu sei que quando o assunto foi ela mudar de escola eu bati o pé e não queria, mas depois eu percebi que foi a melhor decisão. Hoje ela é a primeira bailarina da sua turma, posição conquistada por ela mesma, sem precisar se valer do meu nome.

Claro que o Danilo não vai concordar de jeito nenhum, mas eu tenho uma carta na manga que eu sabia que precisaria usar um dia.

Volto para a cozinha para terminar de colocar a mesa enquanto elas terminam de se arrumar para comer.

— Mãe, estou morrendo de fome. — o Cadu entra na cozinha fazendo drama.

— O almoço já está pronto, Cadu, só falta colocar tudo na mesa, se você me ajudar vai ser mais rápido.

— Por que a Isa não pode fazer isso? —
reclama cruzando os braços.

— Porque eu pedi para você e não para ela.

Muito contrariado, ele começa a arrumar tudo.

Depois do almoço com direito a muitas risadas, eu começo a lavar a louça, as meninas voltam para o quarto para assistir a um filme, mas eu sei que é só uma desculpa para voltar a dormir. Algum tempo depois, o Danilo entra na cozinha para me ajudar, e eu aproveito esse momento para conversar com ele.

— Dani, as meninas vieram conversar comigo e me pedir um favor.

— Qual seria, anjo?

— Elas querem morar sozinhas. — falo de uma vez sem rodeios. Já conheço o meu marido, se eu ficar rodando demais ele vai se irritar e eu não vou conseguir nada.

— Como assim, morar sozinhas? Quem pediu isso?

— A Sophia, Mila, Catarina e a Isa. — falo

enxugando as mãos e virando para ele que se apoiou nos armários.

— Alicia. — ele só me chama de Alicia quando está nervoso. — Como a nossa filha vai morar sozinha?

— Ela não vai morar sozinha. Vai morar com as primas.

— E os seus irmãos deixaram? — pergunta, levantando somente a sobrancelha direita.

— Ainda não conversei com eles, preferi falar com você primeiro.

— A nossa filha não vai sair de casa. — fala cruzando os braços.

Ok! Hora de usar a minha carta na manga.

— Ela precisa criar independência, Danilo.

— Ela precisa é morar com os pais, ela não vai sair de casa, já falei.

— Eu não queria que a minha filha saísse da minha escola, mas você disse que seria bom para o desenvolvimento dela e eu aceitei, ela tinha apenas onze anos, Danilo, onze. Agora é a sua vez

de permitir que a nossa filha cresça. Ela não está indo morar em outro país, apenas em outra casa.

— Alicia, as coisas são diferentes...

— Não tem nada de diferente aqui, Danilo. — interrompo. — Eu não queria que a minha filha saísse da escola, mas você me convenceu que seria bom para ela. Agora é a sua vez de deixar a nossa filha criar asas. Nós a educamos da melhor forma possível e deixar que ela cresça e vá morar sozinha é uma forma de mostrar que confiamos nela.

Ele fica me olhando por um tempo e suspira, logo em seguida ele abre o meu sorriso torto e é aí que eu sei que ganhei a discussão.

— Ok, eu concordo, mas ela vai ter que prometer que vai fazer aquela aula de defesa pessoal, isso não tem discussão.

— Obrigada, meu amor. — falo pulando nos braços dele. — Eu te amo.

Isabelle

Claro que eu não acreditei que o meu pai concordou assim tão fácil. O problema é que faltavam dois pais ainda para convencer.

Minha mãe ligou para o tio Marcelo e o tio Leo e pediu para que eles viessem para nossa casa porque queria falar com eles.

Enquanto ficamos no quarto quietinhas para ouvir o que acontecia, na sala eles estavam discutindo. O tio Leo não queria de jeito nenhum concordar, a tia Tati entendeu o nosso lado e apoiou. Já o tio Leo não falava nada, a tia Lisa ainda perguntava algumas coisas.

Em um determinado momento, tudo ficou em silêncio e só a minha mãe estava falando, mas ela estava falando muito baixo, então não conseguimos entender nada.

Dez minutos depois meu pai nos chamou, quando chegamos à sala tinha um tio Leo muito contrariado.

— Meninas. — minha mãe começa falando. —

Nós conversamos e decidimos permitir que vocês morem juntas.

Nesse momento, começamos a comemorar, mas fomos interrompidas pelo tio Leo.

— Vocês podem morar juntas, mas temos algumas regras.

Saco!

— Todas vão ter que fazer aula de defesa pessoal, nós escolhemos o apartamento e, já que todas trabalham e querem tanto assim a independência, vão ter que se virar para pagar as contas. — o tio Leo termina de falar e fica nos olhando.

— Meninas, morar sozinhas e depender dos pais para as contas não vai dar independência nenhuma para vocês. Então, se querem isso mesmo, vão ter que se virar. — a tia Tati completa.

— Eu concordo. — falo olhando para elas que acabam concordando também.

Depois de liberadas, a única coisa que ficava

faltando era encontrar um apartamento, de preferência com quatro dormitórios.

Mas para quem já tinha convencido Danilo, Marcelo e Leonardo, essa era a parte mais fácil.

Capítulo 5

Isabelle

Como uma das imposições fosse que eles encontrassem um apartamento, não tivemos que sair procurando. A única coisa que pedimos foi que tivesse um quarto para cada uma.

Na segunda-feira, como eu tinha prova no primeiro horário, cheguei cedo à escola. Assim que eu entrei no prédio, vi o Bernardo sair da lanchonete muito bravo e ir para o escritório, como fiquei com medo de ter acontecido algum problema fui atrás para descobrir o que era. Quando entrei na sala, ele estava reclamando e passando um pano na camisa que estava manchada.

— O que aconteceu?

— Uma menina derrubou suco de laranja na minha camisa.

— É só lavar que depois está como nova. —

falo indo até a mesa.

— Ela é uma camisa cara e de marca, agora está destruída.

— Foi só um pouco de suco de laranja, nada de mais. — Quando eu falo isso ele fecha a cara e fica mais nervoso ainda.

— Vou buscar uma camisa nova no meu carro. — me avisa e vai embora.

— Mala. — falo olhando para a porta. Assim que ele sai, meu telefone toca.

— Oi, mamãe.

— Querida, o seu aniversário de 21 anos está chegando, eu pensei em fazer alguma coisa, o que você acha?

— Eu acho que a senhora adora dar festas. — o que não deixa de ser verdade, depois do acidente dela, minha mãe comemora todas as oportunidades, não esqueço quando eu tinha dez anos e perguntei o porquê e ela apenas me deu um sorriso e disse que nunca se sabe se aquela poderia ser a última vez. — Mas eu topo.

— Ótimo, já estou alugando um salão.

— Salão, mamãe? — pergunto rindo.

— Sim, você tem bastantes amigos e a família é grande, em casa não cabe.

— Ok, dona Alicia Lopo Montalvão, pode alugar um salão. Nossa, até rimou. — falo fazendo graça.

— Espertinha! À noite conversamos sobre a festa então.

— Combinado.

Nesse momento, o Bernardo volta para o escritório e entra tirando a camisa manchada.

Minha Nossa Senhora das Virgens Encalhadas, que barriga tanquinho é aquela?

Ô homem lindo, vejo que ele tem duas *tattoos*, uma perto do ombro direito e outra mais para baixo na barriga do lado esquerdo. Ele tem músculos nos lugares certos. É simplesmente bom demais para se olhar. Quando abotoa o último botão, escondendo aquele peito perfeito, eu desvio

olhar.

— Você vai fazer alguma coisa hoje? —
pergunto sem olhar para ele.

— Por quê? Você está me chamando para sair?
— pergunta com uma sobrancelha levantada.

— Não, preciso ir buscar as roupas para a
apresentação que vai acontecer daqui a duas
semanas, a dona Angélica ia comigo, mas como
ela não está aqui alguém precisa ir comigo.

— E por que você não vai sozinha?

— Porque fica no interior e não sei dirigir.

— E por que não vai de ônibus?

— Aff! Não quer ir não vai. Eu vejo se um dos
bailarinos me leva então.

Eu viro as costas e, quando estou chegando à
porta, escuto chamar o meu nome.

— Tudo bem, eu te levo.

Depois de avisar a secretária e a professora
Cláudia, saio com o Bernardo, que aperta o alarme
fazendo piscar o farol de um carro lindo azul.

— Bonito carro. — comento enquanto entro.

Detalhe pessoal: ele não abriu a porta pra mim, não é nem um pouco cavalheiro. O que aconteceu com os homens dos livros que abrem as portas?

Ah é, esqueci, esse mala não é um homem perfeito de livro.

— Qual o endereço?

— Fica na cidade de São Carlos.

Nós pegamos a estrada, o tempo inteiro fico olhando pela janela. Nem ligar o rádio ele liga.

— Você poderia ligar o rádio, por favor?

— Eu estou dirigindo. — responde sem olhar para mim.

— Tudo bem, eu ligo. — falo levando a minha mão para ligar o rádio.

Assim que eu ligo, ele me olha feio.

Credo! Cara chato.

Tento sintonizar uma rádio, até que eu escuto Kate Perry tocando, então eu paro e começo a cantar baixinho com a música.

— Achei que bailarinas só gostassem de música clássica.

— A maioria sim, mas meu pai às vezes canta com uma banda, então aprendi a gostar de outras músicas também.

Ele volta a ficar em silêncio. Continuo cantando todas as músicas que tocam na rádio, com ele sempre fazendo careta.

— Que tipo de música você gosta? — pergunto tentando puxar conversa.

— Nenhuma.

— Como assim? — pergunto confusa.

— Eu não escuto música, eu até frequento barzinho, as baladas, mas nunca prestei atenção no que está tocando. Não conheço o que está fazendo sucesso e não conheço os artistas que cantam. Para falar a verdade, essa é a primeira vez que o meu rádio foi ligado.

Eu fico sem reação. Como assim, ele não escuta música?

A música é como se fosse o ar que eu respiro.

Antes que eu possa falar alguma coisa, o celular dele toca, ele desliga o rádio e pega o fone de

bluetooth e coloca na orelha atendendo o celular. Ele começa a falar uns termos jurídicos e não presta mais atenção em mim.

Como não posso ligar o rádio de novo, chamo as minhas primas para conversar no WhatsApp.

Isa: indo para o interior com o Sr. Mala buscar as roupas da apresentação. CARA CHATOOOOOOOOO, não gosta de música acredita?

Sophia: ninguém merece, Isa, o que vocês estão fazendo?

Mila: não gosta de música? Quem não gosta de música, gente.

Isa: o Sr. Mala aqui do lado, Mila. Agora ele está falando no celular, acho que é o Paulo, aquele amigo dele, porque ele falou o nome.

Catarina: OMG!!! Me diz que é o bonitão da balada que ficou te encarando pleaseeeeeee.

Isa: Cah, ele pode até ser gato, mas é um pé no saco, grosso, estúpido.

Catarina: alguém está apaixonada rsrsrsrsrs....

Isa: eu não estou apaixonada.

Mila: verdade, quem desdenha quer comprar, não esquece, Isa.

Isa: eu não estou apaixonada.

Sophia: você está interessada no bonitão de cara amarrada? Não creio.

Isa: VÃO SE FERRAR AS TRÊS..... EU NÃO ESTOU APAIXONADA!

Catarina: rsrssr meninas, a Isa está apaixonadinha...

Mila: sabia que isso ia acontecer um dia.

Sophia: flechada pelo cupido.

E eu passo assim as três horas de viagem com as três me atormentando por causa do Bernardo, enquanto ele fica pendurado no celular.

Quando chegamos à cidade, eu passo o endereço para ele, mas somos obrigados a perguntar como chegar à casa da costureira.

— Por que não fizeram essas roupas em São Paulo?

— Porque essa senhora sempre fez as roupas para a sua mãe. Ano passado ela teve que se mudar para ajudar a filha, mesmo assim a dona Angélica continuou trabalhando com ela.

Levamos quarenta minutos para encontrar o endereço certo.

Confiro todas as roupas com um Bernardo impaciente do meu lado. Depois que eu verifico que está tudo correto, me despeço da senhora e levo as roupas para o carro.

O Bernardo me ajuda a colocar no porta-malas, mas, para variar, não abre a minha porta.

São 17 horas quando pegamos a estrada.

Uma hora depois não estou aguentando mais de fome.

— Você se importa de parar para comermos alguma coisa?

— Não dá para esperar? — pergunta sem paciência.

— Não, estou morrendo de fome.

— Estamos no meio da estrada, onde você

pretende comer? — pergunta, sarcástico

— Pode ser em algum posto mesmo.

— Você quer parar em um posto para comer?

— Eu estou com fome, então qualquer lugar serve.

Assim que eu avisto um posto, peço para ele parar. Quando paramos, ele fica olhando em volta como se estivesse com nojo de tudo. Reviro os olhos e entro na lanchonete. Aproximo-me do balcão e vejo as opções, acabo pedindo uma coxinha com Coca-Cola.

— Achei que bailarinas só comessem coisas saudáveis. — fala torcendo o nariz para os salgados.

— Meu pai me ensinou a comer besteiras. — falo dando de ombros. — Você não vai comer nada?

— Existe alguma coisa saudável nesse lugar para se comer? — ele pergunta ainda torcendo o nariz.

— Não, ou você pede um salgado ou fica com

fome. — falo pegando o meu pedido e levando-o para uma mesa.

Cinco minutos depois ele se aproxima trazendo uma esfirra e um suco.

— Foi o que eu achei de menos gorduroso para comer.

Dou risada e continuo comendo e olhando para a cara dele que faz careta a cada mordida.

Meu celular apita dizendo que chegou uma mensagem.

Mamãe: onde você está?

Isa: paramos em um posto para comer, temos mais duas horas de viagem ainda.

Mamãe: quando chegar, me avisa que eu vou te buscar na escola.

Isa: pode deixar.

Quando olho para o Bernardo, ele está comendo fazendo careta, acaba deixando metade do salgado no prato e toma apenas o suco. Depois de terminar

de comer, voltamos para o carro e pegamos estrada de novo. Quarenta minutos depois o carro começa a perder velocidade, olho para o Bernardo, que está xingando e olhando para o painel.

— O que foi?

— Não sei. — fala levando o carro para o acostamento e parando.

Vejo-o descer do carro nervoso e tentar abrir o capô, desço depois dele e me aproximo.

— Você sabe o que está procurando?

— Não.

— Por que homens têm mania de abrir o capô e ficar olhando para o motor como se soubessem o que procurar, quando não sabem? — pergunto rindo.

Ele se apoia no carro de braços cruzados e cara amarrada.

— E a senhorita sabe mexer em motor?

— Não.

— Então volta para dentro do carro. — fala apontando para o carro.

— Grosso.

— Nojenta.

Entro no carro e mando uma mensagem para minha mãe dizendo que vamos atrasar. Meia hora depois ele volta para dentro do carro e tenta ligar o carro sem sucesso.

— Merda! — ele tenta outras quatro vezes e desiste.

— E agora?

— Vou acionar o seguro. — fala, pegando o celular.

— Merda, acabou a bateria. Empresta o seu.

Quando eu pego o celular, que estava no meu colo, para entregar para ele, vejo que também está sem bateria.

— Sem bateria. — falo sem graça.

— Droga, se você não tivesse passado o caminho inteiro fofocando no celular, teria bateria agora.

— Olha quem fala, você passou três horas com o seu amigo no celular. Então a culpa não é só

minha.

Ele dá um longo suspiro e fica olhando pela janela.

— O que vamos fazer?

— A única opção seria seguir em frente e procurar um posto e tentar chamar um guincho, só que um teria que ficar com o carro.

— Ah tá, você quer que eu fique sozinha ou vá sozinha até o posto? Até parece.

— Tem que ser você ou eu, não tem mais ninguém aqui.

— E o fato de que pode aparecer um maníaco e me atacar?

— Quem vai querer te atacar? Você é insuportável.

— Idiota.

— Olha, temos que fazer alguma coisa, parados aqui que não podemos ficar.

— Então por que não vamos os dois procurar um posto?

— E deixar o meu carro aqui sozinho? Está

louca?

— Então vamos ficar os dois aqui esperando que um guincho caia do céu. Porque está escuro já e sozinha eu não fico.

Depois de dez minutos sentados sem fazer nada, ele abre a porta do carro com raiva e fica olhando os carros que passam.

— Vamos ter que pedir ajuda senão vamos ficar aqui para sempre.

— Qual a sua ideia?

— Vou tentar parar algum carro e pedir o celular emprestado ou que te dê uma carona até o posto mais próximo para chamar um guincho enquanto eu espero.

— Você sabe que não é seguro pedir carona, não sabe?

— Eu sei, mas não tem outro jeito.

Ele sai do carro e começa a sinalizar para os outros veículos, mas todos passam direto. Depois de vinte minutos, ele volta para dentro do carro.

— Sua vez.

Eu reviro os olhos e saio tomando o lugar dele, faço sinal e nada. Quando estou desistindo, um carro para um pouco mais para frente e um homem desce. Eu me aproximo do Bernardo que sai do carro.

— É uma coisa boa que você sabe lutar, porque se ele tentar nos atacar você vai ter que nos defender.

— Precisam de ajuda? — o homem diz, se aproximando.

— O motor parou de funcionar. — o Bernardo informa.

— Se quiserem eu posso amarrar o seu carro no meu e te levar no posto mais próximo.

— Isso seria maravilhoso. — respondo, segurando o Bernardo, que estava pronto para negar.

Enquanto o homem abre o carro para pegar uma corda, o Bernardo olha feio para mim.

— Você é louca? Isso vai estragar o meu carro.

— Mas é mais seguro do que a gente se

separar.

Ele não responde porque sabe que eu tenho razão.

O homem nos leva até um posto que estava a vinte minutos de onde estávamos, para a nossa sorte o mecânico ainda estava aberto. Enquanto ele arrumava, eu fui até o orelhão ligar para casa.

— Alô. — meu pai atende.

— Oi, papai.

— Isabelle Lopo Montalvão, onde a senhorita se meteu? Estamos ligando para o seu celular e nada até agora.

— A bateria acabou, e tivemos um problema no caminho.

— Que problema?

— O carro do Bernardo quebrou, estamos parados em um posto esperando arrumar, depois eu vou para casa.

— Fora isso, você está bem?

— Estou sim, papai, não se preocupe.

— Ok, qualquer coisa dá um jeito de avisar e eu

vou te buscar.

Depois de desligar, vou até o Bernardo que está de olho no mecânico.

— E aí, qual o problema?

— Ele não falou nada ainda. — responde, seco.

Dez minutos depois, o mecânico se aproxima e explica que acabou a gasolina do carro.

— Como assim, acabou? — olho para o Bernardo, que também está sem entender nada. — Paramos em um posto, Bernardo, e você não abasteceu o carro?

— Eu olhei para o ponteiro da gasolina e estava marcando tanque cheio. — responde.

— O ponteiro está quebrado, senhor. — o mecânico responde.

O Bernardo pede então que o mecânico concerte tudo e depois abasteça o carro.

Babaca.

Foi necessária uma hora para concertar o carro.

O Bernardo me deixou em casa depois das 22 horas. Depois de explicar tudo o que aconteceu e

tomar um banho, a única coisa que eu queria era a minha cama.

Capítulo 6

Isabelle

Levantar e ir para a faculdade no dia seguinte foi terrível, estava morrendo de sono. Só que eu não podia faltar porque tinha a última prova do bimestre.

Depois de me arrastar pelos cantos da faculdade, peguei o ônibus e fui para a escola, troquei de roupa e decidi ir para a sala ensaiar. Para a minha sorte não tinha ninguém, liguei o som e comecei a passar os passos que eu realizaria sozinha.

Quando eu parei, percebi que tinha uma pessoa se aquecendo no canto da sala.

— Oi, Laura.

A Laura foi uma das primeiras amigas que eu fiz aqui na escola. Ela é completamente pirada, apesar de ser bailarina desde pequena também, odeia fazer regime, o lema dela é “não há nada

melhor do que comer”. Por causa disso ela vive brigando para manter o peso certo.

— Oi, sumida, onde você estava?

— Eu fui buscar as nossas roupas ontem.

— E com quem você foi? — ela pergunta, curiosa.

— Sr. Mala.

— Eu ouvi direito? Você saiu ontem com o senhor Gostoso? — a Bruna entra na sala correndo e me agarrando.

A Bruna é outra grande bailarina da escola, o maior sonho dela é ir para o balé Bolshoi. Se tudo der certo na competição, tenho certeza de que esse sonho pode se realizar.

— Pode contar tudo. — a Laura me prende na parede.

— Exatamente, pode contar tudo, senão você vai ficar aí o dia inteiro. — a Bruna completa.

Depois de explicar tudo o que aconteceu, desde o momento em que entramos no carro elas estão dando risada.

— Sério, mais chato impossível. — falo, dando risada.

— Quem é chato?

Quando olho atrás das meninas, vejo o Kaike e o Pablo juntos. Na mesma hora, a Laura fica sem jeito. Deixa eu contar um segredo: a Laura é apaixonada pelo Kaike desde que se entende por gente, mas ele nunca demonstrou interesse por ela.

— O Bernardo. — a Bruna responde.

— Eu não fui com a cara dele.

— Kaike, você não falou uma vez sequer com ele. — falo, rindo.

— Mas o fato de ter entrado aquele dia aqui na sala e já dando ordens fez com que eu não gostasse dele.

— Já está defendendo o chefinho, Isa? — o Pablo pergunta.

— Não estou defendendo, ele é um chato, mas eu o conheço, então posso falar. Odeio que julguem uma pessoa sem conhecer.

Desde pequena eu aprendi, principalmente com

a minha mãe, que não devemos julgar uma pessoa sem conhecê-la. Para ela, ninguém era impossibilitado de fazer alguma coisa. E eu vi isso na escola dela, todas aquelas crianças que aprenderam a dançar porque, para a minha mãe, todas eram perfeitas.

— Ok, chega de conversa, vamos nos aquecer, temos muito o que ensaiar. — a professora Cláudia entra na sala.

— Cadê a Barbara e a Natasha? — a Bruna pergunta, olhando em volta.

— A vassoura delas deve estar com defeito. — o Pablo fala, dando risada.

Bernardo

Chego à escola atrasado, demorei para pegar no sono essa noite. Não consegui parar de pensar na nojentinha, ficar com ela praticamente o dia inteiro mexeu comigo.

Quando eu entro, sou abordado por duas

meninas.

— Você é o Bernardo, acertei? — uma loira alta muito bonita me pergunta.

— Sou, e você, quem é?

— Eu sou a Barbara, e essa. — fala, apontando para outra loira do lado dela. — É a Natasha.

— Prazer em conhecer vocês, com licença. — falo, me afastando.

— Eu decidi me apresentar, porque eu achei que como dono da escola você fosse querer conhecer a sua melhor bailarina. — fala, segurando o meu braço.

— Achei que a melhor bailarina fosse a Isabelle. — falo, cruzando os braços. Alguma coisa me diz que essa menina está dando em cima de mim.

Detalhe: gosto de mulheres, e não de mocinhas.

— Todo mundo acha isso, mas não é verdade. Ela é puxa-saco da dona Angélica.

— Verdade, se ela não puxasse o saco, ela jamais seria bailarina na nossa turma, que é mais

avançada. — a outra loira comenta.

— Eu não tenho como julgar, não entendo nada de balé. Agora, se me dão licença, vou para a minha sala. — falo, virando as costas.

Entendi exatamente o que elas estavam tentando fazer. Queriam me colocar contra a Isabelle para tentar pegar o lugar dela. Posso até não ir com a cara da nojentinha, mas como advogado eu sou justo. Minha mãe deixou bem claro que ela era a melhor da escola. Eu sempre escutei a minha mãe, se ela diz que a Isabelle é a melhor, é porque ela é.

Entro na sala seguido pela secretária. Existe um monte de contas para pagar hoje e, depois de quatro horas quebrando a cabeça para descobrir como ajudar as finanças da escola, a Isabelle entra na sala. Vestida com uma calça preta e uma blusa preta com uma coruja estampada, está simplesmente linda.

— Qual o seu problema com corujas? — pergunto, olhando para ela.

Ela olha para a blusa e torce o nariz.

— Eu adoro corujas, por quê? — pergunta, se jogando na cadeira na minha frente.

— Isso é coisa de menina. — falo, fazendo com que ela dê risada.

— *Hello*, eu sou uma menina.

— Exatamente, uma menina, falta muito ainda para se tornar mulher.

— É o que você pensa. — responde levantando e indo para o final da sala mexer nos arquivos.

Aproveito que está distraída e me aproximo por trás colando o meu corpo no dela.

— Se é tão mulher assim, prova. — falo com a boca perto da orelha dela.

— E-eu não tenho na-nada que provar para você. — fala gaguejando.

Dou risada saindo de perto dela.

— O simples fato de ter gaguejado já prova de que é uma menina ainda. — falo voltando para a mesa.

Quando eu sento, vejo que ela ainda está parada

na frente do arquivo.

— Que foi? Nunca teve um homem colado em você assim?

Ela fica irritada e volta para perto da mesa com raiva.

— Bernar...

— Com licença. — a secretária interrompe o que ela ia falar. — Isa, a sua mãe está aqui.

A mãe da Isabelle entra na sala sorrindo.

Cara, ela é linda!

— Oi, mamãe. — fala, dando um beijo na mãe.

— Oi, querida, eu vim aqui para convidar os seus amigos para a sua festa.

— Festa? — pergunto, me intrometendo.

— Oi, Bernardo, desculpa, não vi que estava aí.

— Tudo bem, não se preocupe. Vocês vão dar uma festa? — pergunto, percebendo que a Isabelle fica irritada. Acho que ela não quer que eu vá a essa festa.

— Isso, a Isa vai fazer 21 anos e nós pensamos em fazer uma festa de aniversário, e você está

convidado.

— Mamãe, tenho certeza que ele deve ter alguma outra coisa para fazer.

— Na verdade, eu não tenho nada programado para esses dias, e seria um prazer ir a essa festa.

— Ótimo, aqui está o endereço. — a Alicia fala, me entregando um papel. — Agora, se me dão licença, preciso entregar o convite para os outros.

A Alicia sai da sala, nos deixando sozinhos.

— Você não precisa ir se não quiser. — fala, dando indireta de que eu não sou bem-vindo.

— Imagina, será um prazer. — falo, sarcástico.
— Posso levar os meus amigos?

— Pode, mas se o seu amigo fizer mal para a Sophia acabo com ele. — fala, me apontando o dedo.

— Eu já o deixei avisado.

— Ótimo.

Ela sai da sala, e eu fico ali olhando para onde ela saiu e me lembro da sensação de ter o corpo

dela colado ao meu.

No momento em que os meus pensamentos começam a tomar outro rumo, percebo que eu preciso visitar a Helena urgente.

Isabelle

Saí da sala com raiva, onde já se viu me prender daquele jeito nos arquivos. Tudo bem que o corpo dele grudado ao meu me deixou sem reação. E que corpo era aquele? Senti-o grudado em mim por pouco tempo, mas deu para sentir que não tem nem um pouquinho de gordura ali.

O desafio dele, de provar que eu sou mulher, mexeu comigo.

Eu sou mulher, mas não mulher mesmo. Nunca dormi com alguém, o que eu estou falando? Eu nunca beijei ninguém. Claro que ele não sabe disso, e espero que não desconfie, senão ele não vai me dar sossego.

Depois de ajudar a minha mãe a entregar os

convites, voltei para o escritório.

Encontrei o Bernardo olhando para alguns papéis, passei por ele e fui pegar a minha agenda. Precisava reservar o hotel e as passagens de avião.

Ligo o *notebook* e começo a olhar as companhias aéreas.

— O que você está fazendo?

— Reservando as passagens, e depois o hotel.

— Não se esqueça de reservar um lugar na primeira classe para mim, e um quarto em um hotel cinco estrelas.

— Você está de brincadeira comigo, não está?

— ele fica me olhando de cara feia.

— Não, eu não estou brincando. Se eu tenho que ir, não vou ficar em qualquer lugar.

— Nós não temos dinheiro, Bernardo, e você quer tudo do bom e do melhor? — pergunto com raiva.

— Eu sou o dono...

— E como dono deveria saber que não temos dinheiro para ficar gastando. — falo, nervosa.

— Se não temos dinheiro, então não podemos viajar para a Inglaterra, concorda? — pergunta, sarcástico.

— Temos dinheiro para viajar, Bernardo, mas não com o luxo que você quer. — respondo, sem paciência.

— Tira de algum lugar, tenho certeza de que estamos gastando todo esse dinheiro em coisas supérfluas que não são tão necessárias assim.

— E um hotel cinco estrelas é necessário?

— O meu bem-estar é necessário. Não vou ficar em qualquer lugar. — fala, cruzando os braços.

— Se é tão necessário assim, dá o dinheiro para pagar então. — falo, imitando a pose dele.

— É uma viagem da escola, então quem deve bancar é a escola. Não vou colocar o meu dinheiro nessa viagem.

Tem como ficar mais arrogante?

Sou obrigada a segurar a língua e não dar a resposta que eu quero. Abro o site de passagens aéreas e começo a fazer as reservas da equipe.

Como sempre, vou na janela, odeio ir em outra poltrona e toda hora ter alguém passando por mim.

Depois de checar a lista, vejo o último nome: Bernardo. Abro a página da primeira classe e quase caio para trás. Tudo isso para ir na primeira classe?

Olho por cima da tela e vejo o Bernardo trabalhar concentrado.

Babaca.

Volto para a classe econômica para comprar, para a minha decepção o único lugar vago é a poltrona do meu lado. Para evitar problemas acabo comprando essa mesma.

Depois das passagens, consulto os hotéis para reserva, depois da experiência da passagem, decido consultar o hotel que ele quer primeiro.

CARACA!!! R\$ 1.000,00, tudo isso por uma diária?

Nós vamos ficar um mês lá, ele só pode estar maluco.

Entro no site do hotel que eu tinha verificado antes, não tem muito luxo, tem apenas três estrelas, mas pelas fotos parece ser bastante confortável.

É necessário colocar primeiro os nomes dos hóspedes e depois reservar os quartos para cada um. Achei estranho, mas, se é assim que eles trabalham, o que eu posso fazer?

Os dois últimos quartos são o meu e o do Bernardo. Seleciono um quarto com cama de casal volto para a outra página e clico selecionando o meu nome.

— Não acabou isso ainda? — o Bernardo reclama, me assustando.

— Caramba, que susto. — reclamo. — Estou terminando de reservar os quartos.

— Vai logo com isso, preciso verificar com você essa apresentação que vai ter daqui a duas semanas.

— Já estou acabando, nervosinho. — falo, olhando de volta para o computador.

Onde eu estava mesmo?

Ah é, lembrei, já confirmei o meu quarto, agora é reservar o quarto do Bernardo, só falta o dele, clico no nome e confirmo.

Pronto, hotel e passagens reservados, agora só falta o transporte.

Entro no site de reservas e seleciono um micro-ônibus, concluo a reserva e risco o último item da lista.

— Pronto, Bernardo, acabei. — falo, colocando o *notebook* de lado.

— Ótimo, me explica o que é isso aqui? — fala, me passando o contrato da próxima apresentação.

Passo duas horas explicando todo o contrato e como vai ser realizada a apresentação.

Quando estou acabando, escuto baterem na porta.

— Por acaso existe uma princesa aqui esperando um príncipe encantado? — meu primo Bruno fala, entrando no escritório.

O Bruno é o filho mais velho do tio Matheus e

da tia Débora, ele está no primeiro ano de engenharia, decidiu esperar um ano para entrar na faculdade porque o nosso primo Rafael, filho do tio Marcelo, queria fazer o mesmo curso.

— Nuno! — falo correndo para dar um beijo nele. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim fazer uma entrevista de estágio aqui perto e pensei em passar aqui e te oferecer uma carona. Poderíamos comer alguma coisa também, o que você acha?

— Acho ótimo, vou peg...

— Eu sou o Bernardo, e você, quem é? — o Bernardo fala, esticando a mão para cumprimentar o Bruno.

— Bruno. — meu primo fala apertando a mão dele.

— Vocês dois são o quê? — pergunta, de braços cruzados.

Sério? Ele por acaso adora fazer isso?

— Não te interessa, Bernardo. — falo, puxando o Bruno pelo braço. — Vamos, Nuno.

— Quem é o nervosinho lá dentro? — meu primo pergunta enquanto vamos em direção ao carro.

— Ele é o filho da dona Angélica, como ela está impossibilitada de trabalhar, ele assumiu a administração.

— E ele está apaixonado por você? Porque aquilo foi ciúmes. — fala, rindo.

— Claro que não. — falo, dando um tapa nele — Ele que é insuportável mesmo.

— Onde você quer ir jantar?

— Podíamos ir ao restaurante que a Catarina trabalha. — dou risada — Adoro vê-la nervosa com o dono do restaurante.

— Você é má, Isa. Mas confesso que eu acho engraçado também. — fala, dando risada.

A Catarina faz estágio em um restaurante francês muito chique, o problema é que por causa do seu jeito “doidinha”, ela e o dono vivem se enfrentando. Até hoje ninguém consegue entender como ele permite que ela continue trabalhando no

restaurante.

Eu acho que é amor.

Quando chegamos, somos levados para uma mesa de dois lugares. Depois de fazer o pedido, mando uma mensagem para a Catarina.

Isa: por favor, não cospe na minha comida, estou morrendo de fome.

Catarina: você está aqui no restaurante?

Isa: sim, o nuno e eu.

Cinco minutos depois ela vem até a nossa mesa.

— Não posso ficar muito, o chicote está estalando lá dentro da cozinha. — fala fazendo careta.

— O que você está fazendo aqui no salão? — ouvimos uma voz atrás dela. Era o Jean Pierre, o dono do restaurante.

Se vocês acham que eu brigo demais com o Bernardo, é porque não conhecem esses dois.

— Eu vim verificar se eles estavam sendo bem atendidos. — fala apontando para mim e o Bruno.

— Nós temos um funcionário só para isso, você não tem que sair da cozinha para verificar os clientes.

— Acontece que os dois são os meus primos.

A briga está ficando feia, olho para o Bruno que está tentando se segurar para não rir.

— Agora que já verificou, volte para a cozinha.

— Jean Pierre fala apontando para a porta.

— Como você quiser, João Pedro. — a Catarina fala sorrindo, fazendo com que ele fique com mais raiva ainda.

Não entenderam a provocação?

Jean Pierre em português é João Pedro. Ela faz isso de propósito.

Depois que a Catarina sai, o Jean Pierre pede desculpas e sai também.

— Cada dia está pior. — falo rindo.

— Não sabia que estava desse jeito.

— Nuno, você não faz ideia.

Enquanto estamos jantando, o Bernardo entra no restaurante acompanhado por uma moça

morena.

— Ela é linda. — o Bruno comenta chamando a minha atenção.

— Quem?

— A moça que está acompanhando o seu chefe. Eu olho para eles de novo.

— Eu não acho. — falo dando de ombros.

— Não acredito, tem alguém com ciúmes? — ele pergunta rindo.

— Que ciúmes, Nuno, ficou doido, é?

— Tudo bem, se você diz. — fala, levantando os braços.

Depois que terminamos o jantar, o Bruno me deixou em casa. Tomo um banho e vou me deitar. Mas é impossível pegar no sono, a única coisa que eu consigo pensar é: quem é aquela com o Bernardo?

Bernardo

Depois que a Isabelle saiu com aquele rapaz,

não consegui voltar a trabalhar.

Quem era ele, afinal?

Já que o serviço não estava rendendo, decidi ir embora. Entro no carro e quando dou a partida o meu celular toca.

— Oi, Helena.

— Como você está, bonito?

— Exausto.

— Eu ia te convidar para jantar, mas pelo visto não vai rolar, acertei?

— Não, pode ser, estou morto de fome.

— Ok, vinte minutos na frente do Le Blanc?

— Combinado.

Acabo chegando junto com a Helena.

Quando o maître nos leva até a nossa mesa, vejo a Isabelle do outro lado do salão acompanhada por aquele rapaz.

— Algum problema, Bernardo? — a Helena pergunta acompanhando o meu olhar.

— Aquela moça é aluna da escola. Ela que está me ajudando com a parte administrativa. — falo

pegando o cardápio.

— E você gosta dela, acertei?

— Tá ficando doida, Helena? Ela é insuportável, e outra, ela é bem mais nova do que eu. E se as minhas suspeitas estiverem certas, aquela menina — falo apontando — não tem experiência nenhuma.

— Experiência nenhuma do tipo virgem, você quis dizer? — ela me pergunta rindo.

— Eu não tinha pensado por esse lado, mas é bem capaz que sim.

Volto a olhar para a Isabelle que está dando risada.

Será que ela é virgem?

E por que será que o fato de provavelmente ter uma resposta positiva me anima?

Quando já estou na metade da sobremesa, vejo os dois levantarem e irem embora.

A curiosidade de saber quem é ele está me matando.

Depois da sobremesa, decido ir para o

apartamento da Helena. Assim que chegamos, vamos direto para o quarto. Ela sabe que eu odeio essa parte de enrolação. Se uma mulher quer e eu também quero, vamos direto para a ação.

A Helena me disse uma vez que eu não tenho nenhum traço romântico. Ela deve ter razão, porque eu não tenho paciência para cartões, bichinhos, flores, chocolate. Se uma mulher quer dormir comigo, eu a levo para a cama e acabou.

Quando entramos no quarto dela, eu a empurro contra a parede e tiro o seu vestido.

— Apressado como sempre. — ela fala, rindo.

— Se você quer isso mais devagar, melhor procurar por outro parceiro. — falo, terminando de arrancar a sua lingerie.

— Não estou reclamando, estou apenas comentando.

— Ótimo. — falo, jogando-a na cama.

Ela fica admirando o meu corpo enquanto eu tiro a minha roupa.

— Está gostando do que está vendo? —

pergunto, sorrindo.

— Muito.

Depois de tirar toda a roupa, me junto a ela na cama.

— Espero que esteja bem descansada, porque não vou deixá-la dormir tão cedo.

Capítulo 7

Isabelle

Pi, Pi, Pi, Pi...

Saco de despertador.

Olho para o relógio e são 6 horas da manhã. Se tem uma coisa que eu odeio é acordar cedo. Arrumo-me para ir para a faculdade e vou para a cozinha tomar café da manhã.

— Bom dia, preguiçosa. — meu pai fala rindo.

— Bom dia, papai, bom dia, mamãe. — falo me sentando.

— Bom dia, querida, eu ia conversar com você ontem, mas chegou tão cansada que preferi falar hoje.

— Aconteceu algum problema? — pergunto, preocupada.

— Não, o seu tio Marcelo ligou e disse que já encontrou um apartamento para vocês. Fica em um prédio que a construtora reformou, mas possui

apenas três quartos.

— Que incrível, mamãe. Quando podemos nos mudar? — pergunto, animada.

— Ele vai pegar as chaves hoje, conversei com as suas tias e vamos limpar o apartamento hoje à noite. Amanhã podemos começar a mudança.

— Tão rápido assim? — meu pai pergunta.

— Dani, já conversamos sobre isso.

— Tudo bem, não falo mais nada, anjo. — fala, emburrado.

— Papaiiiiiiiiiiii. — a Valentina entra gritando na cozinha.

— Oi, minha Pipoquinha.

— Eu sonhei que o senhor me dava de presente um castelo de princesa de aniversário. — fala sentando-se no colo dele.

A Valentina sabe exatamente como conseguir as coisas com o papai, não duvido nada que ela realmente ganhe esse castelo.

— Um castelo, é? — ele pergunta, sorrindo.

— Aham, muito, muito, muito lindo. — fala,

saindo do colo dele e indo até a geladeira.

— Anjo, onde eu vou encontrar um castelo de princesa muito, muito, muito lindo? — ele pergunta sussurrando para a mamãe.

— E eu vou saber, quem vai dar o castelo é você. — responde, rindo e fazendo o papai fechar a cara.

— Isso tem volta, dona Alicia. — fala, apontando o dedo para ela.

Desde pequena sempre admirei o amor dos dois. No início, a mamãe tentou lutar contra o que ela sentia, mas o papai acabou com jeitinho conquistando o coração dela.

Eles estão casados há 21 anos, já vi algumas brigas, mas nunca, em nenhuma vez, eles foram dormir brigados. A mamãe sempre me diz que quando se ama uma pessoa de verdade, o certo é tentar resolver o assunto na mesma hora e não ficar remoendo.

Ver o amor desses dois, o jeito que o papai olha para ela, o carinho que um tem pelo outro, me

influenciou a esperar por um homem que vire o meu mundo de cabeça para baixo. E que me olhe com o mesmo brilho nos olhos que o meu pai tem quando olha para a mamãe.

— Quer uma carona, princesa?

— Quero sim, papai. — falo levantando e me despedindo da Pipoquinha e da mamãe.

Enquanto o meu pai me leva para a faculdade, mando uma mensagem para as meninas.

Isa: ficaram sabendo da novidade?

Catarina: o João Pedro foi embora do país?

Isa: não, melhor do que isso.... rsrsrs

Sophia: acabei de ficar sabendo.

Mila: fala logo, estou morrendo de curiosidade.

Isa: sexta-feira vamos dormir no nosso apartamento.

Catarina: NÃO!!! Conseguiram o apartamento??????

Sophia: conseguiram, podemos começar a mudança amanhã.

Catarina: sábado vamos para a balada para comemorar, finalmente vamos poder deixar a Soso e a Isa bêbadas...

Isa: comemorar ok, ficar bêbada eu já não sei.

Sophia: estou dentro, mas vão ter que segurar a minha cabeça no vaso enquanto eu estiver vomitando.

Mila: eca que nojo.

Catarina: fechou.

— Que tanto a senhorita dá risada olhando para esse celular, posso saber? — meu pai pergunta.

— Estou falando com as meninas, só isso. — falo rindo.

O dia passa correndo, não vejo a hora de acabar a faculdade.

Tivemos um treino produtivo hoje, conseguimos finalmente executar com perfeição alguns movimentos que estavam difíceis de sair.

Quando entro no escritório, encontro o Bernardo ao telefone, pelo sorriso dele é alguma mulher.

Pego o *notebook* e ligo para verificar os *e-mails*.

Ótimo, chegou a confirmação das passagens, veículo e hotel.

Abro cada um para verificar se está tudo correto.

Passagens ok.

Veículo ok.

Hotel O...

Espera aí, o que é isso?

Verificando as reservas dos quartos, vejo um erro.

Droga, droga, droga.

Como assim, o Bernardo e eu estamos no mesmo quarto? Como isso pode ser possível?

Espera, tenta lembrar, Isa.

Eu lembro que ontem eu cliquei no meu nome e confirmei o quarto, não foi?

O Bernardo me chamou, aí eu voltei para a página e confirmei o quarto, certo?

Droga, eu não confirmei, em vez disso eu

cliquei no nome dele e confirmei o quarto.

Reservei um quarto de casal para mim e o Bernardo.

E agora?

Entro correndo no site para tentar reservar outro quarto.

NO VACANCY

Droga, e agora?

— Tudo bem aí? — o Bernardo fala afastando o celular do ouvido.

— Está sim. — falo voltando a minha atenção para o *notebook*.

Pego o telefone do hotel e saio do escritório para ligar. Vinte minutos depois, eu volto.

O gerente do hotel me informou que nesse período o hotel vai estar lotado por causa do campeonato e não tem mais quartos, que o único jeito é esperar para ver se mais próximo da data houve algum cancelamento.

O único jeito é esperar e torcer, porque se eu não conseguir outro quarto, vou ter que dividir o

meu com o Sr. Mala.

Bernardo

Depois de uma noite sensacional com a Helena, passei em casa, tomei um banho e fui para a escola.

Eu estava analisando todos os contratos que a escola possuía. Já tinha localizado dois fornecedores que estavam passando a perna na minha mãe, eu daria um jeito nisso o mais rápido possível.

Quase no final da tarde, a Helena me liga para contar sobre um caso que era meu e ficou na responsabilidade do Paulo. Eu sabia que ela iria com tudo para cima e não deu outra, o Paulo perdeu.

Enquanto estávamos conversando, a Isabelle entrou no escritório e começou a trabalhar. Percebi em um determinado momento que ela ficou nervosa e que tinha algum problema acontecendo.

Ela apenas me disse que estava tudo bem e saiu do escritório depois.

Menina doida.

Isabelle

Isa: socorro, fiz merda.

Sophia: o que aconteceu?

Isa: ontem quando fui reservar os quartos do hotel, por um descuido reservei um quarto com cama de casal para duas pessoas.

Mila: e qual o problema?

Sophia: não dá para mudar?

Isa: o problema é que essas duas pessoas somos o Bernardo e eu. Eu já liguei lá, não tem mais quartos.

Catarina: filha da mãe, bem que eu desconfiei que você estava de olho no senhor gostosão aí, você é mais esperta que eu, reservou um quarto com cama de casal só para agarrar o chefe.

Isa: não fala besteira Catarina, eu reservei sem querer, estou desesperada, o que eu faço agora?

Catarina: simples, aproveita e AGARRA o gostosão e se livra das teias de aranha rsrsrs

Mila: concordo com a Catarina.

Sophia: eu também, aproveita prima.

Isa: eu não sei por que eu ainda perco o meu tempo com vocês... tchau, fui.

Droga, estou ferrada.

Capítulo 8

Isabelle

Tento disfarçar para que o Bernardo não veja que eu fiz besteira. Vou ter que esperar chegar a Londres para tentar um quarto. A dona me garantiu que se vagasse algum quarto, ela o reservaria para mim.

— Está faltando pagar alguma coisa para a próxima apresentação? — o Bernardo fala me tirando dos meus pensamentos.

— Não, já está tudo certo. Tanto para essa apresentação quanto para a última que teremos três dias antes da viagem.

— Ok, porque vou fazer contenção de despesas, nenhum valor a mais que não esteja programado nos próximos meses vai sair do caixa.

— Está tão difícil assim a situação? — pergunto preocupada. Ele dá um suspiro e solta os papéis que estava olhando.

— Está, se não fosse o fato de a minha mãe ter separado o dinheiro para essa viagem, não sei como poderíamos ir.

— E não podemos fazer nada para conseguir dinheiro?

— Já estamos com as turmas lotadas, não podemos aceitar mais nenhum aluno.

— E se contratássemos outra professora?

— Dependeria muito do salário. Porque, do contrário, o que entrar com as mensalidades vai sair de pagamento.

Eu fico pensando no que ele falou e acabo tendo uma ideia.

— Conheço uma bailarina formada, ela está em uma companhia, mas tem as noites livres. A sua mãe a conhece, então tenho certeza de que ela vai aceitar ajudar por um salário menor.

— Tem certeza? — ele pergunta desconfiado.

— Eu vou falar com ela hoje e amanhã eu te falo.

Ele concorda e volta a trabalhar.

Sinto o meu celular vibrar em cima da mesa e vejo que chegou uma mensagem.

Rafa: quer dizer que a senhorita só janta com o Bruno agora?

Dou risada da mensagem.

Isa: ele veio me buscar para jantar, e você não faz isso...

Rafa: não seja por isso, passo aí em meia hora, onde a princesa vai querer jantar?

Isa: cachorro quente?

Rafa: ;)

Você está estranhando o fato de os meus primos me chamarem para jantar?

Então, como as nossas idades são muito próximas, sempre fomos muito unidos, vira e mexe jantamos juntos ou vamos ao cinema.

Como o Bernardo decide encerrar o dia, ajudo a fechar a escola.

— Quer uma carona? — o que se passa com esse homem me oferecendo carona?

Quando vou responder, escuto a buzina do

outro lado da rua.

— Não precisa, já vieram me buscar. — falo apontando para o carro do Rafa — Mas obrigada. Atravesso a rua e entro no carro dando risada.

Bernardo

Confesso que a preocupação da Isabelle com a escola me surpreende. Ela poderia muito bem não querer saber dos problemas. Se ela realmente conseguir uma professora que aceite ganhar menos, vai ajudar bastante.

Depois de fechar a escola, acabo oferecendo uma carona a ela, mas ela me diz que já tem uma e aponta para um carro.

Percebo que o motorista não é o mesmo de ontem.

Quantos homens tem atrás dessa menina?
E eu achando que ela era inocente.

Entro no carro com raiva e vou para casa.

Raiva?

Por que eu estou com raiva da nojentinha?
Não suporto essa menina.

Isabelle

— Como vocês conseguiram convencer os nossos pais para morarem sozinhas? — o Rafa me pergunta enquanto comemos os cachorros-quentes.

— Não tenho a mínima ideia, foi a mamãe que conseguiu isso. — falo rindo.

— O Senhor Marcelo está doido de raiva.

— Imagino, o papai também está. Mas eu acho que eles só liberaram porque avisaram que vamos ter que nos virar para manter o apartamento.

— Ah, eu entendi. Na primeira falha eles obrigam a voltar para casa.

— Exatamente. — falo rindo.

Sinto o celular vibrar novamente e vejo que são as meninas.

Mila: onde você está?

Isa: comendo cachorro-quente com o Rafa.

Mila: estamos indo para aí, a Sophia está comigo.

Sophia: eu não quero cachorro-quente.

Isa: cala a boca.

Mila: cala a boca.

Catarina: aff... bem que eu queria ir, eu juro que o meu chefe deve ser irmão do Cristhian Grey.

Mila: Grey lindoooo... por quê?

Catarina: só falta me bater com o chicote, aposto que deve ter um escondido no escritório.

Isa: aposto que está doida para descobrir.

Mila: se descobrir eu quero saber hein...

Sophia: kkkkk...

Catarina: tchau doidas, ele está berrando aqui na cozinha.

Isa: manda beijo para o João Pedro.

Mila: de preferência na boca.

Sophia: de desentupir pia.

Catarina: estão doidas é? Credo que nojo, beijar o Jean Pierre deve ser horrível, esse homem

não deve saber beijar.

— O que foi? — o Rafa me pergunta.

— As meninas estão vindo para cá, menos a Catarina que está apanhando na cozinha.

— Esse chefe dela é doido, não é? — fala rindo.

— Rafa, querido, tenho para mim que essa briga toda é amor enrustido. — falo dando risada.

Vinte minutos depois as meninas chegam e passamos uma noite agradável, dando risada e principalmente mandando mensagens para a Catarina que estava respondendo escondida.

Quando chego em casa, encontro o meu pai e a minha mãe sentados abraçados no sofá namorando.

— Ei, tem crianças na sala. — falo rindo.

— Oi, princesa. Como foi o seu dia?

— Cansativo, mamãe. — falo, me jogando entre os dois.

Quando eu era pequena sempre víamos filme

assim.

— Estão exigindo muito nos ensaios? — o papai pergunta.

— O senhor não tem ideia. Sem contar que precisamos conseguir dinheiro para manter a escola. O Bernardo olhou as contas e não está nada bom. — falo deitando a cabeça no ombro dele.

— Tenho certeza de que vocês vão pensar em alguma coisa, meu amor.

— Tomara, mãe, porque senão vai ficar difícil de manter a escola aberta, praticamente estamos obrigados a vencer esse campeonato.

— Vai dar tudo certo, meu amor, você vai ver.
— a mamãe fala me abraçando.

— Eu também quero colo. — a Valentina grita pulando no meu colo.

— Ciumenta. — falo fazendo cócegas nela.

— Eu sou o homem mais sortudo do mundo. Tenho três mulheres lindas.

— Papai babão. — a Valentina fala dando

risada.

— Tem razão, princesa, esse papai é babão. —
a mamãe dá risada.

E assim passamos a noite os quatro agarrados. Para ficar perfeito só faltava o Cadu, que tinha ido passar a noite na casa da tia Débora.

No dia seguinte, como não precisava ensaiar a minha parte, fiquei no escritório trabalhando.

— Conversou com a sua amiga?

— Falei com ela hoje de manhã, Bernardo. Ela disse que vai verificar os horários que ela pode sair mais cedo da companhia e depois passa aqui, mas que por ela não tem problema nenhum.

Ele apenas concorda e volta a trabalhar.

Meu celular toca uma vez avisando que chegou uma mensagem.

Catarina: 911.

Isa: o que foi?

Mila: você está bem?

Sophia: Cah, o que foi?

Catarina: estou no hospital preciso de vocês

agora.

Mila: estou a caminho.

Sophia: acabei de pegar um táxi, já estou chegando.

Isa: estou saindo agora.

— Bernardo, eu vou precisar sair. — levanto, juntando as minhas coisas depressa.

— Algum problema? — ele para o que está fazendo e olha para mim.

— Minha prima mandou uma mensagem, ela está no hospital. Preciso ver o que aconteceu. — estou tão nervosa que acabo derrubando tudo no chão.

Quando percebo, ele está do meu lado me ajudando a juntar tudo.

— Quer uma carona? Nervosa desse jeito é perigoso sair sozinha.

Droga, ele tem razão.

— Não quero abusar, Bernardo.

— Eu estou oferecendo, vem que eu te levo.

Catarina

Hoje o dia na faculdade foi puxado.

Quando chego ao restaurante fico sabendo que o Jean Pierre saiu, o que é ótimo, ultimamente ele está me tirando do sério.

Por volta das 15 horas, a equipe estava toda sentada no salão enquanto o chefe explicava os pratos de hoje.

Eu estava sentada de frente para a porta e percebi certa movimentação. Três homens estavam parados olhando para dentro do restaurante. Quando um deles forçou a porta para entrar, eu entendi tudo.

Estávamos sendo assaltados em plena luz do dia.

— Ninguém se mexe. — um deles grita apontando uma arma.

Os outros dois entram atrás dele e começam a mexer no caixa do restaurante. Um deles está com

uma faca de cozinha e vem para perto de onde eu estou sentada.

— Podem levar o dinheiro, só não machuquem ninguém. — o chefe fala tentando acalmá-los.

Quando eles estão para sair, escutamos algumas sirenes. O que estava com a faca me pega pelo braço me arrastando para fora.

— Por favor, não me machuque. — peço chorando.

— Fica quieta, loira. — ele grita na minha cara.

Ao chegar do lado de fora do restaurante, vejo duas viaturas se aproximando.

— Vamos fugir. — um grita.

— Larga a mina. — o outro fala.

Só que para a minha infelicidade antes, de me largar, ele acaba me perfurando com a faca no meu ombro esquerdo.

Eu grito com a dor e acabo caindo no chão. Quando dou por mim, a equipe do restaurante está a minha volta e o chefe tentando estancar o sangue que está jorrando do meu ombro.

Meia hora depois, estou em um quarto de hospital. Foi necessário fazer alguns pontos no meu ombro tanto na frente quanto atrás. Quando já estou medicada, mando uma mensagem para as meninas avisando que estou no hospital. Assim que termino de mandar, a porta do quarto se abre com tudo e a minha mãe entra apressada.

— O que aconteceu, meu amor? — pergunta me abraçando.

Como fui trazida para o hospital em que ela trabalha, ela foi avisada rapidamente.

— Foi um assalto, mamãe.

Enquanto conto tudo o que aconteceu, os meus tios Danilo, Débora, Natalia e Rafa entram apressados. Isso que dá ter um monte de tio médico.

— Tudo bem, princesa?

— Está sim, tio Dani.

— Seu pai deve estar abrindo caminho a murros para chegar mais rápido ao hospital. — o tio Rafa fala rindo.

— Nem me fala, quando liguei para avisar ele deu um grito tão alto no celular que eu acho que fiquei surda. — a mamãe fala rindo.

Como era previsto, o senhor Leonardo entrou desesperado no quarto, correndo para me abraçar e ver se eu estava bem.

— Estou bem, papai, não se preocupe. — falo tentando acalmá-lo.

— Posso entrar?

Olho para a porta e vejo o Jean Pierre parado ali.

— Oi, João Pedro.

— Quem é você? — meu pai pergunta bravo.

— Jean Pierre Le Blanc, sou o chefe da Catarina. — ele fala esticando o braço.

— Mas ela te chamou de João Pedro. — o tio Rafa comenta, confuso.

— Ela faz isso para me provocar. — ele fala olhando para mim.

— Catarina! — minha mãe briga comigo.

— Ele merece. — respondo, emburrada.

— Eu vim para saber se ela está bem, fiquei preocupado quando me avisaram o que tinha acontecido.

— A faca não atingiu nem um ponto importante. — minha mãe responde.

— Ótimo, se precisarem de alguma coisa, por favor, me avisem. — o Jean Pierre fala tirando um cartão do bolso e entregando para a minha mãe.

— Nossa, percebe-se que ficou realmente preocupado. Já está indo até embora. — falo sarcástica.

— Catarina, eu realmente fiquei preocupado. Mas a minha preocupação acabou no momento em que a sua língua ferina começou a dar respostas tortas. Quem tem capacidade para ser tão mal-educada é porque não está morrendo.

— Grosso. — falo, nervosa.

— Mimada.

— Ei, o que é tudo isso? — meu pai pergunta olhando para nós dois.

Percebo minha mãe me olhando com uma cara

de interrogação e um sorrisinho no rosto.

— A sua filha que me tira do sério, só isso. Agora, se me dão licença, eu vou até a delegacia registrar o boletim de ocorrência. — e da mesma forma que ele chegou foi embora.

— Temos muito o que conversar, dona Catarina. — minha mãe sussurra no meu ouvido.

Isabelle

Chego ao hospital nervosa, ainda bem que o Bernardo estava comigo.

Ele que me orientou até o quarto em que a Catarina estava, acabei chegando junto com as meninas. O quarto estava lotado, com os meus tios e com a nossa chegada, não cabia mais ninguém.

O que eu não esperava foi que o Bernardo se aproximou do meu tio Leo e se ofereceu para ajudar a Catarina caso ela precise de um advogado para acompanhá-la até a delegacia para prestar depoimento. Confesso que não esperava isso dele.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? —

pergunto.

— O médico quer que eu passe a noite aqui, mas vou ficar um bom tempo imobilizada.

— Cachorra, você fez de propósito só para não ajudar na mudança. — falo fingindo estar brava.

Depois disso, começa um entra e sai no quarto que eu decido ir para casa começar a arrumar as minhas coisas.

Jean Pierre

Eu dirijo em direção à escola da Heloise, fui chamado porque ela está aprontando muito. Foi difícil criar a Heloise sozinho, minha esposa foi assassinada em um assalto. O bandido não se contentou em levar o carro e a bolsa, ele precisou atirar na minha mulher indefesa e grávida de oito meses.

Ela chegou a ser socorrida, mas faleceu a caminho do hospital. Felizmente conseguiram salvar a minha filha. Como os meus pais moram

na França, tive que me virar sozinho com ela. Hoje ela está com seis anos, e eu sei que sente falta de uma presença materna.

Mas desde que eu perdi a minha esposa não consegui pensar em me relacionar de novo, a não ser casos esporádicos de uma noite para aliviar a tensão.

Eu sei que estão pensando que seis anos é muita coisa, mas não consigo me abrir para alguém entrar. Principalmente porque eu tenho que pensar na minha filha, não quero que ela sofra porque o meu relacionamento não deu certo.

Chego à escola e sou levado para a sala da diretora. Ela começa a me explicar que a Heloise não tem feito a lição e que não está se enturmando com os colegas.

Enquanto ela descreve o que pode ser feito, meu celular toca e vejo que é do restaurante, deixo ir para a caixa postal, mas ele começa a tocar de novo. Eles sabem que não devem insistir, que eu sempre retorno as ligações. Se estão ligando de

novo é porque aconteceu alguma coisa.

Peço licença para a diretora e atendo a ligação. Eu só não esperava a notícia que me deram. O meu restaurante havia sido assaltado, e um dos assaltantes deu uma facada na Catarina.

Imediatamente o meu subconsciente me leva para seis anos antes, quando recebi uma ligação parecida. Aviso para a diretora o ocorrido e vou para o hospital.

Aquela menina me tira do sério, mas não sou um homem frio assim, estou preocupado com o bem-estar dela.

Quando consigo entrar no quarto, percebo que ela está bem o suficiente para ser mal-educada. Sendo assim, decido ir até a delegacia fazer o registro da ocorrência. Depois de três horas na delegacia, chego em casa cansado, mas sou recebido por uma pestinha que corre para o meu colo.

— Papai, eu vi na TV o que aconteceu com o restaurante. Está tudo bem?

— Está sim, querida, não se preocupe.

— Alguém se machucou?

— Só a Catarina, mas ela já está bem.

— Me leva para ver a tia Cah?

— Meu amor, ela está bem.

— Eu quero ver a tia Cah, ela é boazinha comigo. — ela me pede, brava.

— Meu amor e...

— Agora papai, eu gosto dela. — ela fala me interrompendo.

Acabo cedendo, se elas são amigas não posso impedir.

Quando entramos no quarto dela, a Heloise sai correndo em direção à cama.

— Tia Cah, você está bem?

— Oi, florzinha, estou sim. — a Catarina responde abraçando a Heloise que subiu na cama.

— Eu fiquei preocupada.

— Não precisa, eu só machuquei o ombro, mas já está tudo bem.

Fico olhando para as duas abraçadas e acabo

me emocionando, minha filha nunca teve um relacionamento assim com uma mulher.

— E você florzinha, como está?

— Estou bem, mas o papai foi chamado na escola hoje.

— E o que foi que a senhorita aprontou, hein?

— Nada, eu juro.

— Ela não tem feito a lição de casa e está brigando com os colegas de classe. — eu comento olhando para as duas.

— Heloise, você não pode fazer isso. Você não quer se tornar uma mulher linda e inteligente que pode conquistar o mundo?

— Quero.

— Então precisa estudar, e outra, tenho certeza de que deve ter alguma menina muito legal na sua escola para fazer amizade.

— Tá bom, eu prometo.

Infelizmente tenho que dar o braço a torcer, a amizade das duas parece fazer bem para a minha filha.

Capítulo 9

Isabelle

Na sexta-feira à noite, estamos arrumando o apartamento, a Mila e a Catarina decidiram dividir o quarto, então eu fiquei com um e a Sophia com o outro.

O nosso apartamento ocupava um andar inteiro, então tínhamos uma sala de estar ampla com a sala de jantar junto, do lado esquerdo do apartamento, seguindo pelo corredor tínhamos o banheiro e os três quartos, o meu era o último.

Terminei de arrumar o meu quarto era 5 horas da manhã, a única coisa que eu consegui fazer foi cair na cama e apagar.

A Catarina saiu do hospital ontem à tarde e ficou o tempo inteiro sentada no sofá olhando a arrumação.

Acabei levantando meio-dia porque estava ouvindo risadas vindo da cozinha.

— Vocês não dormem, não?

— Estamos animadas por ter a nossa casa. — a Sophia fala rindo.

— Nós vamos para a balada hoje? — a Mila pergunta.

— Como, se a Cah está de repouso? — pergunto

— Nem vem, eu tive uma experiência de quase morte. Preciso curtir a vida.

— Você sabe que não vai poder beber por causa dos remédios, não sabe? — pergunto.

— Droga, eu me esqueci disso. Mas vamos assim mesmo, preciso deixar você e a Sophia bêbadas. — fala apontando para mim.

Passamos o dia inteiro sem fazer nada, apenas sentadas e vendo filmes. Por volta das 18 horas, começamos a nos arrumar. A Catarina não parava de encher o saco dizendo que queria chegar cedo à balada para aproveitar mais.

Chegamos à balada às 20h30min. Para a nossa sorte, a baladeira da turma já tinha reservado uma

mesa. Quando o garçom vem anotar os pedidos, a Catarina pede tequila para todo mundo.

— Eu não sou acostumada a beber, Catarina.
— falo.

— Hoje você vai aprender, aproveita a noite, menina.

Três doses depois eu já estava animada.

— Podemos nos juntar a vocês? — escuto uma voz grossa atrás de mim.

Quando olho para trás vejo o Yuri acompanhado do Paulo e do Bernardo.

— Claro. — a Mila responde animada abrindo espaço para ele colocar a cadeira ao lado dela.

Depois que eles sentam, a Catarina fica olhando para a nossa cara.

— Que foi? — pergunto.

— Sobrei de novo. Vocês formam casais e eu fico chupando o dedo.

Eu não entendi o que ela quis dizer. Quando olho em volta entendo na hora.

O Paulo está sentando ao lado da Sophia. O

Yuri do lado da Mila e o Bernardo está sentado ao meu lado.

— Eu não formei casal nenhum, Catarina. — respondo, brava.

— Como se eu fosse querer alguma coisa com você. — Bernardo fala.

— Nem eu com você, Sr. mala.

Ele fica me olhando por um tempo.

— Quanto você bebeu?

— Não é da sua conta. — falo virando outro copo.

— Não imaginava que você era tão irresponsável.

— O que você quer, Bernardo? Hoje é sábado, não estou trabalhando, estou curtindo a noite com as minhas primas. Não preciso de um chato, arrogante, gostoso e sarado me torrando a paciência. — quando termino de falar percebo que falei besteira.

— Então você acha que eu sou gostoso e sarado? — pergunta, sarcástico.

— Não, você ouviu errado.

— Eu ouvi a mesma coisa. — o Paulo fala rindo.

— Ninguém te perguntou, cérebro de brotoeja. E se você fizer a minha prima sofrer eu corto o seu pau fora. E você, cabeludo. — falo apontando para o Yuri — Vou garantir que o meu tio dê uma morte lenta e dolorosa para você.

— Isa! — a Sophia chama a minha atenção.

— Quanto você bebeu, garota? — o Bernardo pergunta, nervoso.

— Não é da sua conta, gostoso. — falo batendo o dedo no peito dele.

— Eu acho que a Isa não foi feita para beber. — a Mila fala rindo.

— Eu tenho certeza. Vem, eu vou te levar para casa. — o Bernardo levanta me puxando pelo braço.

— Você não sabe onde é a minha casa.

— Eu já te levei lá, esqueceu, maluca?

— Eu me mudei, e não vou falar o endereço. —

falo cruzando os braços.

— Mas eu falo. — a Sophia levanta e passa o endereço para o Bernardo.

— Traidora. — falo mostrando a língua para ela.

Eu devo ter apagado completamente depois disso, porque quando percebo estamos estacionando na frente do prédio. O Bernardo sai do carro e dá a volta para me ajudar a descer. Quando saio do carro, acabo tropeçando e quase caio.

— Merda. Se não sabe beber, não bebe, garota.

— Me deixa em paz, Bernardo.

Vou até a portaria do prédio, mas estou tão bêbada que quase não consigo andar. Eu só sinto como se o meu corpo saísse do chão. Quando dou por mim, estou nos braços do Bernardo, que está me carregando para o elevador.

Entramos no apartamento e ele fica olhando em volta.

— Qual o seu quarto?

— O último do corredor.

Ele entra e me coloca na cama e eu juro de pé junto, escutei uma risada dele.

— O que foi?

— Como pode alguém gostar tanto de coruja.

— Não te interessa, seu chato.

Ele fica me olhando e senta na cama do meu lado.

— Como pode uma menina tão linda ser tão irritante?

Eu me aproximo dele e passo os meus braços em volta do seu pescoço.

— Como pode um homem tão gostoso ser tão insuportável?

Nós ficamos nos olhando por um tempo, posso sentir a respiração dele perto do meu rosto.

— Tenho certeza de que se eu te beijasse agora, seria um ótimo primeiro beijo de uma pessoa. — falo rindo.

— Você nunca beijou ninguém? — me pergunta, confuso.

— Não, sou completamente, totalmente virgem, tanto de boca quanto de lá também. — falo gargalhando.

Ele fica desconfortável e levanta da cama.

— Eu preciso ir. Boa noite, Isabelle. — fala indo embora.

O que será que aconteceu?

Será que eu falei alguma coisa errada?

Dou de ombros e deito na cama.

Droga, ele seria um ótimo primeiro beijo.

Bernardo

Logo depois de sair da academia, passo na casa da minha mãe. Ela teve alta ontem do hospital e consegui uma enfermeira para ficar com ela durante a recuperação.

Entro na casa dela e vou até o quarto, ela está sentada em uma cadeira de rodas de frente para a janela.

— Oi, mãe. — falo dando um beijo em sua

cabeça.

— Oi, querido, como você está?

— Cansado, estou trabalhando bastante na escola.

— E está tudo bem por lá?

Dou um suspiro e decido ser honesto.

— Não muito, mamãe. Verifiquei alguns problemas, mas já estou resolvendo.

— A Isa está te ajudando?

— Tenho que dar o braço a torcer e concordar que está sim, mãe.

— Ela é uma ótima garota. A mãe dela tem uma escola de balé também.

— E por que ela não estuda com a mãe dela? — pergunto, confuso.

— A Alicia se dedica exclusivamente a ensinar crianças especiais. Então a Isa procurou outra escola.

— Como assim, crianças especiais?

— Crianças com Síndrome de Down, em cadeiras de rodas, problemas de audição.

— Mãe, essas crianças não podem dançar.

— Você que se engana, Bernardo. Uma das primeiras alunas surdas da Alicia hoje dança em uma das companhias mais renomadas de São Paulo. A primeira aluna a se matricular na escola tem dislexia, aos 17 anos ganhou uma bolsa para estudar em Juliard, quando se formou já tinha um convite para uma companhia de balé em Londres, onde ela mora até hoje. E pelo que a Isa me contou, é a primeira bailarina e já dançou grandes peças como o Lago dos Cisnes.

— Eu não sabia que essas crianças poderiam se tornar bailarinas. — falo sem graça.

— A Alicia mudou o mundo do balé depois que abriu a sua escola. A Isa puxou muita coisa da mãe, como, por exemplo, o fato de não ter preconceito com ninguém. Para ela, qualquer pessoa pode fazer o que quiser.

Depois de passar quatro horas com a minha mãe, decido ir para casa, o Yuri queria sair hoje e eu tinha concordado.

Arrumo-me colocando uma calça jeans preta com uma camisa polo azul marinho, pego as chaves e vou para o barzinho.

Quando eu chego, os dois estão me esperando na porta, ao entrar percebo que não está tão cheio.

— Não acredito. — o Yuri fala com um sorriso.

— O que foi? — pergunto

— Ela está aqui. — fala apontando para uma mesa.

Olho para onde ele está apontando e vejo a Isabelle sentada com as primas.

Droga, achei que teria uma noite tranquila.

Sigo o Yuri e o Paulo até a mesa delas. Depois de sentar, a Catarina comenta que é a única que não está de casal. A Isabelle fica nervosa. Percebo que ela está bêbada, falando besteira.

Decido levá-la embora. Então pego o endereço com a prima dela e a arrasto para fora do barzinho.

Como ela não consegue ficar nas próprias pernas, levo-a no colo até o apartamento.

Quando a coloco na cama, percebo pela primeira vez o quanto ela realmente é linda.

Ela se aproxima passando os braços pelo meu pescoço e aproximando o seu rosto do meu, posso sentir a sua respiração. Quando estou quase cedendo ao desejo de beijá-la, mesmo sabendo que é errado por ela estar bêbada, escuto-a falar que eu seria um ótimo primeiro beijo e a ficha cai.

A Isabelle nunca beijou.

Mais do que isso.

Ela é virgem.

Saio do quarto e do apartamento com raiva. Ela não merece um homem como eu.

Merece carinho, atenção, romance, velas e um jantar na primeira vez.

Eu não sou um homem assim, nem sei ser um homem assim.

Entro no carro e fico pensando para onde vou.

1. Posso voltar para a balada e pegar alguém e ter sexo com uma desconhecida.

2. Ir para o apartamento da Helena e ter sexo

a noite inteira.

3. Ir para o meu apartamento e ficar frustrado sexualmente.

Escolho a opção 2.

Quando chego ao apartamento da Helena, ela percebe o que eu quero.

Eu gosto dela por isso, temos uma relação baseada no sexo e, por isso, somos amigos.

Mesmo depois de uma noite intensa com uma mulher insaciável como a Helena, não consigo deixar de pensar na nojentinha.

Levanto com cuidado para não acordá-la, troco de roupa e vou para casa. Quando chego ao meu apartamento, já são 05 horas da manhã, tomo um banho e caio na cama. Como todas as noites desde que conheci a Isabelle, sonho com uma nojentinha de nariz em pé.

Capítulo 10

Isabelle

Levanto da cama com uma dor de cabeça monumental. Nunca mais eu bebo na minha vida. Quando chego à sala, encontro a Mila e a Sophia conversando.

— O que aconteceu ontem? — pergunto.

— Você tomou um porre de tequila, falou um monte de besteira e o Bernardo te trouxe para casa. — a Mila responde rindo.

— O que você falou do Bernardo? — pergunto.

— Ele te trouxe para casa. Estava todo preocupado. — a Sophia responde.

— Droga, eu não me lembro de nada.

— Isso é para você aprender a nunca mais beber. — a Sophia fala, brava.

Como ela era um ano mais velha que eu, ela sempre se achava no direito de me dar bronca. Decido levantar e tomar um banho para ver se eu

melhorava. Quando eu volto para a sala vejo que as meninas estão animadas.

— O que foi? — pergunto.

— O Yuri ligou e me chamou para sair. — a Mila responde, animada.

— Se vocês decidirem namorar, por favor, deixa eu estar presente quando ele falar com o tio Leo? — peço de joelhos, fazendo com que elas deem risada.

— Tonta. — a Mila fala rindo, passando por mim e indo para o quarto.

Depois de uma hora se arrumando, ela sai do quarto.

— E então, como eu estou? — pergunta dando uma voltinha.

— Linda. — respondo.

Exatamente nessa hora o celular dela toca.

— Oi, Yuri, já estou descendo. — ela desliga o celular e olha para gente. — Me desejem sorte, meninas.

— Sorte. — gritamos ao mesmo tempo.

Depois que ela sai, olho para as meninas.

— Quem vai precisar de sorte é ele quando o tio Leo descobrir.

Passamos o dia todo sem fazer nada. Quer dizer, eu e a Catarina, porque a Sophia não desgrudava do telefone um minuto sequer, e pelos sorrisinhos ela estava conversando com o Paulo. Não estou gostando nem um pouco dessa história. Não fui com a cara dele desde o início.

Por volta das 21 horas, a Mila voltou toda sorridente.

— Viu o passarinho verde, foi? — pergunto rindo.

— Que nada, está mais para Hulk cabeludo. — a Catarina dá risada.

— O Yuri me pediu em namoro. — a Mila responde se jogando no sofá.

— Como assim? Você não acha muito cedo, não? — pergunto, preocupada.

— Eu falei a mesma coisa para ele. Mas ele disse que prefere oficializar o namoro a só ficar,

porque ele sabe que eu sou moça de família e não qualquer uma que ele pegou na balada. Então, para evitar problemas com o senhor Leonardo, ele me pediu em namoro.

— Uau, e eu achando que ele era irresponsável.
— a Catarina fala.

— E quando você vai apresentá-lo para o tio Leo? — pergunto.

— Sexta, na sua festa de aniversário. — responde.

— Ah, Mila. — reclamo. — Você quer estragar a minha festa, confessa.

— Verdade, o papai vai quebrar tudo no salão quando ficar sabendo. — a Catarina fala rindo.

— Ele não vai quebrar tudo. Pelo contrário, ele vai ter que se comportar, por isso, é a hora perfeita.

Eu não estava tão confiante assim como a Mila, mas preferi ficar quieta, não queria estragar a felicidade dela.

Na segunda, quando cheguei à escola, tentei

puxar assunto com o Bernardo, mas ele ficava sem jeito toda vez que falava comigo. Será que aconteceu alguma coisa quando ele me levou para casa?

Se aconteceu, eu não conseguia lembrar.

E assim os dias foram passando, era faculdade, ensaios, ajudar o Bernardo, ajudar as meninas a cuidar do apartamento. E finalmente a sexta-feira chegou, eu já tinha combinado com o Bernardo que sairia mais cedo. Eu iria ao salão arrumar o cabelo junto com as meninas.

Quando chegamos, foi uma bagunça: quatro meninas para fazer escova, as unhas e a maquiagem, mas, no final, ficamos lindas. Voltamos para casa para nos trocar.

Escolhi um vestido azul marinho estampado com cinza grafite todo brilhante na altura do joelho. Eu sei que acabou ficando um pouco chique demais, mas era meu aniversário de 21 anos, então eu podia abusar. No cabelo, fiz alguns cachos grandes e preendi todo na lateral esquerda

da cabeça. Com uma maquiagem nude nos olhos.

A Sophia optou por um vestido preto tomara que caia curto de um ombro, fez um coque na cabeça e os olhos esfumados de preto.

A Mila está com um vestido de alça verde água, com uma trança lateral.

A Catarina com um vestido rodado na altura do joelho vermelho, cabelos soltos com cachos.

Estávamos perfeitas.

Cheguei ao salão com as meninas meia hora mais cedo, a pedido da minha mãe. A nossa família já estava toda presente, cumprimentei todo mundo e depois fui para a porta receber os convidados.

Minha mãe convidou praticamente todos da companhia. E quando eu já achava que estaria livre do Bernardo, ele chegou com os amigos.

O Bernardo estava lindo de calça jeans preta com uma camisa branca.

O Yuri estava com uma calça jeans azul escuro com uma camisa preta com as mangas dobradas

até o cotovelo.

O Paulo até que estava bem arrumado, de calça social e camisa polo branca.

Vou até o Bernardo e o cumprimento.

— Oi. — falo sem graça. Passamos a semana inteira sem nos falar direito.

— Oi, parabéns. — ele fala também sem graça.

— Obrigada. — olho para o Yuri que está olhando em volta do salão. — Ela está ali. — falo apontando para a Mila que está sentada à mesa com a tia Tati e o tio Leo.

— Obrigado. — responde com um sorriso e vai em direção à Mila.

— Essa eu quero ver. — falo rindo.

— Qual o problema? — o Bernardo pergunta olhando para o amigo.

— Meu tio Leo é ciumento, quero ver o que ele vai fazer quando souber do namoro dos dois. — respondo.

O Yuri se aproxima da mesa, assim que a Mila o vê, levanta toda feliz e dá um abraço nele. O tio

Leo na hora fecha a cara e é segurado pela tia Tati.

— Isso vai ficar bom. — a Catarina responde ficando ao meu lado.

O Yuri passa um braço na cintura da Mila e começa a falar com os meus tios, a tia Tati parece gostar do que ele fala porque abre um sorriso e levanta para abraçar os dois.

— O que tanto as senhoritas olham? — meu pai pergunta se aproximando de onde eu estou com a Catarina.

— A Mila está namorando, e o Yuri foi falar com o tio Leo. — falo apontando para onde eles estão.

— Cara, isso vai ser engraçado. Olha o tamanho dele, quero só ver o que o meu cunhado esquentadinho vai fazer. — o meu pai fala rindo.

— Tudo isso é vingança, tio? — a Catarina pergunta dando risada.

— Sabe como é, vingança é um prato que se come frio. Mesmo que seja vinte e um anos depois. — fala dando risada.

Continuo olhando para a mesa e vejo o tio Leo levantar e se aproximar dos dois.

Na mesma hora o meu pai começa a rir.

— Ele é maior que o Leo, coitado, agora fiquei com pena do seu tio.

— Papai! — censuro o meu pai, mas dando risada também.

A conversa continua com o tio Leo muito bravo e a tia Tati dando risada. Depois de vinte minutos, o Yuri sai abraçado com a Mila e um sorriso no rosto, deixando um tio Leo muito bravo para trás.

Antes que os dois possam se aproximar, a Sophia agarra a Mila pelo braço puxando-a para o banheiro, e a Catarina e eu corremos atrás delas.

— Conta tudo. — a Catarina grita assim que entramos no banheiro.

— Ele se apresentou para o papai e disse que queria a benção dele para namorar comigo. Claro que o papai falou que não e começou a brigar e mandar o Yuri tirar o braço da minha cintura.

— E ele? — pergunto.

— Ele disse que realmente gostava de mim, que tinha as melhores intenções, que se não fosse assim ele não estaria falando com o papai. Ele disse que trabalhava, pagava as contas dele, era um homem honesto e nunca faltou ao respeito com uma mulher. E que se o papai realmente quisesse o meu bem, iria ver que ele era o melhor para mim.

— Corajoso esse Yuri, hein. — a Sophia fala de boca aberta.

— Pois é, aí a mamãe disse que ela dava a benção dela e o papai também. Claro que o papai chamou a mamãe de doida e disse que ela não respondia por ele. Aí a mamãe deu o olhar mortal dela, e o papai acabou cedendo e permitiu o nosso namoro.

— Não tem jeito, o tio Leo todo fortão vira uma formiguinha diante do olhar mortal da tia Tati. — falo dando risada.

Camila

Estou sentada à mesa dos meus pais tentando deixar o clima leve porque o Yuri deve chegar a qualquer momento para me pedir em namoro para eles.

Não entendi o porquê de ele querer conversar com os meus pais, mas ele insistiu que ele era assim, que foi a educação que ele recebeu, então eu concordei.

Quando olhei para a porta do salão, vi o Yuri vindo em nossa direção. Levantei correndo e o abracei.

— Meu pai está de bom humor por enquanto.
— sussurro no ouvido dele.

— Não se preocupe, bonequinha, vai dar tudo certo.

Ele passa o braço na minha cintura e me leva até a mesa dos meus pais.

— Boa noite. — ele começa a falar. — Eu sou o Yuri Müller, eu pedi a Mila em namoro e ela aceitou. Mas eu gostaria da permissão de vocês

dois também.

Minha mãe abre um sorriso e vem correndo nos abraçar.

— Meus parabéns, querida. E você, seja bem-vindo.

Olho para o meu pai que está de cara fechada.

— Papai?

Meu pai levanta e se aproxima de nós.

— Minha filha não vai namorar.

— Senhor Leonardo, eu sou maior de idade, dono de uma academia, pago as minhas contas, sou honesto e nunca faltei com respeito a uma mulher. Pelo contrário, eu ensino defesa pessoal para mulheres, porque eu acho que elas devem saber se defender. Eu gostaria muito da sua permissão, mas a falta dela não vai me fazer desistir de namorar a sua filha.

— É claro que damos a nossa permissão. —
minha mãe fala sorrindo.

— Você está doida, Tatiana? Minha filha não vai namorar. — meu pai fala, bravo.

Minha mãe dá o famoso olhar mortal dela para ele que discretamente se encolhe.

— Eles vão namorar, Leonardo, têm a minha permissão, e se quiser continuar vivendo vai dar a sua também. — minha mãe fala, brava.

O meu pai dá um longo suspiro e olha para nós dois.

— Tudo bem, vocês têm a minha permissão. Mas se você faltar com respeito com a minha filha eu te caço até no inferno se for preciso.

— O senhor não precisa se preocupar. Eu realmente gosto da sua filha e prometo cuidar bem dela.

Depois de eles terem se acertado, nós vamos em direção à mesa onde os amigos dele estão sentados.

— Até que deu tudo certo. — falo sorrindo.

— Por um momento, achei que o seu pai fosse me matar.

— Eu acho que ele ficou com medo do seu tamanho. — dou risada.

Antes de chegar à mesa, as meninas me arrastam para o banheiro para descobrir o que aconteceu.

E, claro, elas não conseguiram acreditar que o Yuri dobrou o meu pai.

Isabelle

Depois de arrancar da Mila o que o tio Leo falou, voltamos para o salão, a Mila vai para a mesa onde o Yuri está sentando com o Bernardo e o Paulo e a Sophia a acompanha.

— Quem é aquele sujeito sentado ao lado da minha irmã? — o Rafa me pergunta.

— Um amigo do namorado da Mila. E antes que você pergunte, não, eu não fui com a cara dele. Já tentei avisar a Sophia, mas ela não me escuta.

— Não se preocupe, vou ficar de olho neles. — ele fala se afastando.

Capítulo 11

Bernardo

Aproveitei para passar o domingo em casa, não imaginava que administrar uma escola fosse dar tanto trabalho.

O que eu não imaginava também é que a Isabelle não fosse sair da minha cabeça. A declaração dela de que nunca tinha beijado ninguém mexeu comigo. O maior problema era que eu queria ser o primeiro, mas não entendia esse sentimento de posse que eu estava começando a ter.

Eu era mais velho que ela, mais vivido e o mais importante, não era o que ela merecia. Apesar de ser um cretino que dorme com as mulheres e só, não sou tão canalha ao ponto de me aproveitar de uma menina virgem e bêbada.

Minha mãe sempre disse que a primeira vez de uma mulher deve ser especial. Que uma mulher

merece flores, velas e uma linda declaração. Eu sei que nem todas as mulheres querem isso. Mas, de alguma forma, sei que é o que a Isabelle quer.

E eu não sou o homem ideal para dar.

Na segunda-feira, tentei evitá-la ao máximo, mas é impossível não sentir a sua presença. Confesso que sofri a semana toda. A única coisa que eu pensava quando olhava para ela era o quanto eu queria beijar aquela boca insolente.

A sexta-feira chegou e com ela a festa de aniversário da Isabelle. Para falar a verdade, não estava muito a fim de ir não. Mas acabei sendo convencido pelo Paulo e o Yuri.

Logo que chegamos, encontramos a Isabelle na porta. Ela estava linda naquele vestido azul. Enquanto eu a admirava, o Yuri foi puxado pela namorada. Pois é, ele está namorando. O Yuri sempre foi o mais sério dos três, ele tem vontade de casar e ter filhos. Na minha opinião, ele encontrou a garota certa para isso.

Um tempo depois de ter conversado com os

pais da namorada, ele se juntou a nós na mesa, com a Sophia fazendo companhia para o Paulo.

Preciso dar um jeito nisso logo. Esse paspalho vai fazer essa menina sofrer.

Procuro a Isabelle no salão e a vejo conversando com um rapaz.

— O que tanto você olha? — o Yuri pergunta chamando a minha atenção.

— Aquele rapaz falando com a Isabelle foi buscá-la um dia na escola, só que no dia anterior foi outro rapaz. — respondo.

Nessa hora, a Sophia e a Camila dão risada olhando para mim.

— Qual o problema?

— Aquele conversando com a Isa é o Rafael, meu irmão, e o outro é o Bruno, nosso primo. — a Sophia responde.

Não sei por quê, mas fico aliviado em escutar isso. Então os dois são apenas primos.

— Achei que um deles fosse namorado dela.

— A Isa não tem namorado. Se bem que eu

acho que um dos rapazes da companhia está gostando dela, e pelo que eu entendi está fazendo de tudo para namorar a Isa, não é Sophia? — a Camila fala olhando para a prima.

— É verdade. A Isa comentou que ele já a convidou várias vezes para sair, mas essa semana, por causa da festa, não deu certo.

Droga, ela vai sair com um moleque?

— Ela concordou em sair com ele? — pergunto tentando mostrar indiferença.

— Ela disse que está pensando em aceitar sim.
— a Camila responde.

Fico o resto da festa em silêncio acompanhando a Isabelle com os olhos.

Preciso descobrir quem é esse garoto.

Para que você quer descobrir, Bernardo? Você nem gosta dela.

Ah, esquece, eu preciso descobrir e pronto.

— Oi, namorado da Isa. — escuto uma vozinha do meu lado.

— O que foi que você disse, Valentina? — a

Sophia pergunta olhando para a criança que está parada do meu lado.

— Eu falei “oi” para o namorado da Isa. — fala apontando para mim.

— Eu não sou namorado dela. — respondo.

— É sim. Todo príncipe é namorado da princesa.

— O Bernardo está mais para sapo do que para príncipe. — o Paulo responde dando risada.

— Sapo é você, seu feioso. — fala cruzando os braços. — Ele salvou a Isa e carregou ela no colo, então ele é príncipe sim.

Nessa hora, todos da mesa estão dando risada, menos o Paulo que está de cara fechada.

— Eu não sou feioso. — o Paulo responde.

— É sim! E por que você está na festa da minha irmã? — ela pergunta, brava.

— Eu vim com o Bernardo. — ele responde apontando para mim.

— Você precisa escolher melhor os seus amigos. — fala dando tapinhas no meu ombro. —

Mas eu te perdoo, cunhadinho, mas que isso não se repita. — ela aperta a minha bochecha e vai embora pulando pelo salão.

Quando percebo, todos da mesa estão rindo da minha cara.

— Quantos anos essa menina tem? — pergunto, espantado, para a Sophia.

— Quatro anos. É a caçulinha da família. — responde rindo.

— Ainda bem que ela não me percebeu aqui. — o Yuri dá risada.

Cinco minutos depois sinto um cutucão no meu ombro.

— Você que é o namorado da Isa? — um menino pergunta de cara fechada.

— Eu mereço. Quem é ele? — pergunto para as meninas.

— Eu sou o Cadu, irmão da Isa. Ela não disse que está namorando.

— Eu não sou o namorado dela, já falei. — respondo sem paciência.

— A Valentina disse que você é. — ele fala.

— Mas não sou. A sua irmã tem a imaginação fértil, só isso.

— Algum problema? — um homem que eu reconheço como pai da Isabelle pergunta se aproximando.

— Nenhum, pai, só estou falando com o namorado da Isa. — o menino responde apontando para mim.

Percebo que o pai dela fica vermelho, muito provavelmente de raiva.

— Como assim, namorado? Ela não me falou nada.

Eu dou um suspiro alto e levanto da mesa.

— Eu não sou namorado da sua filha. A sua filha menor, não lembro o nome dela, está falando para todo mundo que eu sou namorado, mas não sou. — respondo.

— Valentina! — ele grita.

— Sim, papai? — ela pergunta sorrindo e se aproximando.

— Por que você está dizendo que ele é namorado da Isa? — ele pergunta.

— Porque ele é. — ela responde sorrindo.

— Eu não sou! — respondo olhando para ela.

— É sim! — fala cruzando os braços.

— Não sou! — falo imitando a posição dela.

— É sim! — fala batendo os pés.

Sério? Essa menina me tira do sério igual à irmã.

— Olha, não sei de onde a sua filha tirou isso, mas eu não sou namorado da Isabelle. — falo olhando para o pai delas.

— Danilo, está na hora de cortar o bolo. — a Alicia chama o marido.

— Alicia, que história é essa que a Valentina está falando que a Isabelle está namorando? — ele pergunta, nervoso.

— Eu não estou namorando a sua filha. — falo já sem paciência.

— Danilo, a Isa não está namorando. Eu saberia se ela estivesse. — ela responde.

— Muito obrigado. — falo olhando para ela. — Como o senhor pode ver, não estou namorando a sua filha.

— Você não é namorado da Isa? — a Valentina pergunta e vejo que ela tem lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não, eu não sou. — respondo.

Ela faz um bico enorme e sai correndo pelo salão, me deixando sem reação.

— Desculpa por ela. A Valentina é doida para a irmã arranjar um namorado, e ter um cunhado. — a Alicia fala se desculpando.

— Não tem que se desculpar. — respondo.

Crianças, por isso não gosto nem um pouco delas.

Isabelle

Eu senti a festa inteira que o Bernardo não tirava os olhos de mim onde quer que eu fosse.

Um pouco antes dos “parabéns”, a Valentina veio correndo na minha direção chorando.

— O que foi, Pipoquinha?

— Por que você não quer namorar o príncipe?
— ela pergunta entre soluços.
— Que príncipe? — pergunto, confusa, pegando-a no colo.
— O que te salvou. — fala agarrada no meu pescoço.
— O Bernardo? — pergunto.
Ela concorda com a cabeça e continua chorando.
— Meu amor, nós não estamos namorando. — falo abraçando-a.
— Por quê? — pergunta soluçando.
— Porque ele é um chato insuportável.
— Mas é um príncipe, e ele tem que namorar uma princesa. E você é uma.
Eu fico sem reação diante do choro dela, poucas vezes eu vi a minha irmãzinha chorar assim.
— Ele nem gosta de mim, meu amor.
— Gosta sim. Eu o ouvi perguntar de você para as meninas. Ele estava com ciúmes. Então ele gosta de você sim.

Sério que ele estava com ciúmes? Essa é nova.

— Vamos fazer assim, se ele me pedir em namoro eu prometo que aceito, tá bom? — pergunto porque eu sei que isso vai ser impossível.

Ela concorda com a cabeça e abre um sorriso.

— Ótimo, agora vamos cantar parabéns.

Eu me aproximo da mesa do bolo com a Valentina ainda no meu colo.

— Tudo bem, Pipoquinha? — minha mãe pergunta se aproximando.

— Agora sim. A Isa falou que se ele pedir ela em namoro ela vai aceitar. E ele vai pedir. — ela responde sorrindo.

— Como você tem tanta certeza de que ele vai pedir, posso saber? — minha mãe pergunta.

— Porque ele gosta dela.

— Ele não gosta de mim, Valentina. — respondo.

— Gosta sim. A tia Lisa me disse que para saber se alguém gosta da gente é só observar se

ele fica olhando toda hora. E o príncipe não tirou os olhos de você a noite toda, então ele gosta de você e vai te pedir em namoro.

— Se eu não estivesse presente no nascimento dessa menina eu diria que ela é uma anã de cinquenta anos de idade. — minha mãe responde rindo.

Coloco a Valentina no chão e vou com a minha mãe para trás da mesa. Confesso que nunca gostei dessa história de cantar parabéns. É o momento em que todos estão olhando para você. Eu fico ali, parada, sem saber o que fazer. Por mim, cortávamos o bolo e pronto.

Enquanto cantávamos parabéns, senti que alguém me olhava fixamente. Procurei pelo salão quem seria e dei de frente com dois olhos cinzas me olhando.

Seria possível que ele realmente gostasse de mim?

Bernardo

Depois que os pais da Isabelle saíram, procurei a menina no salão e a encontrei no colo da irmã. Ela estava chorando muito, deu para perceber isso pela forma que ela soluçava e a Isabelle que enxugava as suas lágrimas tentando acalmá-la.

— Ela está chorando? — o Yuri pergunta olhando para o mesmo lugar que eu.

— Parece que sim. — respondo dando um longo suspiro.

— Coitada, ela é apenas uma criança. — ele comenta.

Eu nunca fui com a cara de uma criança, mas confesso que ver aquela menininha chorando me balançou.

Assim que começam os parabéns, fico olhando para a Isabelle.

Desde sábado a única coisa que eu consigo pensar é em beijá-la. Mas sou obrigado a lembrar que ela não merece um homem como eu.

Assim que terminam de cantar parabéns, volto

para a mesa e sento, terminando de tomar o meu suco, quando eu sinto um cutucão no meu braço. Quando olho para trás, a menina está ali de novo sorrindo.

— Posso sentar? — ela pergunta.

Como eu já fiz essa menina chorar uma vez, decido ser legal com ela agora.

— Pode sim. — respondo.

Ela senta na cadeira onde a Sophia estava sentada ao meu lado.

— Eu falei com a Isa, e ela me disse que se você a pedir em namoro ela aceita.

— Ela disse isso, é? — pergunto.

Ela concorda com a cabeça e fica me olhando.

— Você vai pedir?

— Qual o seu nome? — pergunto.

— Valentina.

— Valentina, a Isabelle e eu somos apenas amigos. Não existe o que é necessário ainda para nós dois virarmos namorados.

— E o que seria necessário? — ela pergunta

cruzando as mãozinhas sobre a mesa.

— Um tem que gostar do outro. — falo tentando lembrar o que dois namorados fazem. — Mandar mensagens, eu mandaria flores para ela, chocolates. Nós dois sairíamos para jantar, para passear. Um pensaria no outro o tempo todo, coisas assim.

— Então se isso começar a acontecer você pode pedir a Isa em namoro? — ela pergunta.

— Exatamente.

— Tá bom, então eu vou esperar. Mas não demora muito porque eu quero que você seja o meu cunhadinho logo.

— Por que você quer que eu seja namorado dela?

— Porque a Isa está esperando o príncipe dela, e você é um príncipe.

— E de onde você tirou que eu sou um príncipe?

— Você salvou a Isa, carregou no colo, fica olhando para ela o tempo todo, pergunta dela para

as minhas primas e fica bravo com os meninos que se aproximam dela. Então você é o príncipe da Isa. — responde sorrindo.

— Um príncipe não fica brigando toda hora com a princesa. E nós dois só brigamos. — respondo.

— O tio Leo é o príncipe da tia Tati. E os dois brigavam o tempo inteiro. E agora são casados e têm as minhas primas. A tia Tati disse que quem muito briga é porque se gosta. Então você e a Isa se gostam.

Essa menina realmente tem quatro anos?

Eu fico olhando para ela tentando descobrir o que responder depois dessa afirmação.

— Então pede logo a Isa em namoro, porque eu não quero outro cunhadinho, só você. — ela fala descendo da cadeira.

Quando eu penso que ela vai sair correndo de novo, ela me surpreende me dando um abraço antes de ir.

Fico olhando para onde ela foi até que eu escuto

uma voz suave falando comigo.

— Ela estava te dando trabalho? — quando eu viro, encontro a Isabelle me olhando e sorrindo.

— Nem um pouco. Estávamos apenas conversando. — falo, enquanto ela senta ao meu lado.

— Ela veio falar comigo. Está doida para que a gente namore. — ela fala sem olhar para mim.

— Ela veio me pedir a mesma coisa.

— Ela é apenas uma criança. Vou falar com ela depois. — fala e levanta da mesa.

Depois da noite mais estranha da minha vida, em que eu fui confrontado por uma menina de quatro anos, vou para casa descansar. Quando já estou pronto para dormir e deitado na cama, recebo uma mensagem no celular, quando olho, vejo que é da Isabelle.

“Muito obrigada pelo presente, adorei, você acertou na mosca. Beijos Isa”.

Passei a semana inteira procurando por um presente, na sexta-feira, quando estava desistindo,

passsei de carro na frente de uma loja e vi o presente perfeito. Pelo visto acertei na minha escolha.

Isabelle

Depois da festa, eu vou para o apartamento, mas a Valentina insistiu que queria ir junto, meus pais concordaram, então a levei comigo. Quando chegamos a casa, a Valentina fica pedindo toda hora para eu abrir os presentes, porque ela está curiosa e não vai aguentar esperar.

Então eu sento com ela no chão da sala e vou abrindo um por um, vejo que a Catarina entrega um pacote para ela que o deixa de lado, mas fico quieta. Quando eu acho que acabou, ela me entrega o que ela separou, procuro o nome no embrulho e vejo “Bernardo” escrito.

Ele me comprou um presente?

Rasgo o pacote, e o que eu vejo acaba me surpreendendo.

— O que é? — ela pergunta ansiosa.

— Uma almofada de coruja. — respondo mostrando para ela.

Era uma coruja de tecido rosa com bolinhas, a barriga de várias cores e uma flor na cabeça.

Fico olhando para a almofada, ele reclama das corujas que eu uso, mas me deu uma de presente.

Junto todas as coisas e levo para o meu quarto e deixo a almofada na cama enquanto tomo banho.

Valentina

Oie, eu vou me intrometer um pouco na história da Isa.

Por quê? Oras, minha irmã é uma princesa e precisa de um príncipe.

Já achei um perfeito, mas esses dois não querem se acertar.

Quando eu vi o Bernardo na festa fiquei feliz, mas ele disse que não estava namorando a Isa.

Ai, ai. O que eu faço com esses dois?

Vejo a Catarina sentada conversando com o Rafa e o Bruno, me aproximo deles e cochicho no ouvido da Catarina que preciso falar com ela.

Ela vai comigo para um canto do salão e pergunta o que está acontecendo.

— Preciso da sua ajuda para juntar a Isa com o príncipe dela.

— Como assim, Pipoca?

— O príncipe. — aponto para o Bernardo.

— Você quer juntar a Isa com o Bernardo? — ela pergunta rindo e eu concordo com a cabeça.

— Estou dentro. E já sei o que fazer.

— O quê? — pergunto animada.

— Primeiro vamos espalhar para todo mundo que os dois estão namorando. Consegue fazer isso?

— Consigo. — falo procurando a primeira pessoa para falar.

Procuro o Cadu que está sentado conversando com a Amanda e o Miguel.

— Cadu, você viu que o namorado da Isa está

aqui? — pergunto abraçando-o.

— Namorado? A Isa não tem namorado.

— Tem sim, olha ele ali sentado. — falo apontando para o Bernardo.

O Cadu levanta na hora e vai lá falar com ele, fico olhando de longe e vejo a hora em que o papai se aproxima. Legal, agora ele não vai ter como fugir.

— E aí? — a Catarina pergunta.

— Falei para o Cadu, ele foi falar com o Bernardo e o papai está lá.

— Ok, provavelmente eles vão te chamar, insiste que ele é namorado, tá?

— E se continuar negando?

— Chora. — ela fala rindo. — Ninguém resiste a uma criança chorando.

— Valentina. — o papai grita por mim.

Saio correndo sorrindo em direção deles.

Valentina, não entrega que você está aprontando.

Quando a mamãe confirma para o papai que

eles não estão namorando, percebo que vou ter que apelar para a Isa, e sigo o plano da Catarina.

Saio correndo chorando e ela me pega no colo. Depois de fazer com que ela prometa que vai aceitar o pedido dele, começo a pensar como fazer para o pedido acontecer.

Depois que cantam parabéns, falo com a Catarina para saber qual a próxima parte do plano. Ela diz para eu ir falar com o Bernardo.

Vejo o Bernardo sentado sozinho na festa, me aproximo dele e começo a conversar, depois de descobrir o que será necessário para ele pedir a Isa em namoro, vou embora.

Insisto para a mamãe e o papai que quero dormir com a Isa, eles acabam deixando, quando chegamos ao apartamento atormento a Isa para abrir os presentes.

Enquanto a Isa abre os presentes, a Catarina pega um deles e me entrega e cochicha que é do Bernardo no meu ouvido, sabia que o príncipe ia comprar um presente, deixo-o de lado para ser o

último.

Quando ela abre e encontra uma almofada de coruja, fica toda boba.

Sabia que ele era o namorado perfeito, até uma coruja ele deu para ela.

Fico observando enquanto ela leva a almofada para o quarto e depois vai tomar banho.

— Essa é a hora, Pipoca. — a Catarina fala olhando para o quarto da Isa.

— Como assim? — pergunto.

— Você sabe a senha para desbloquear o celular dela? — concordo com a cabeça. — Ótimo, vai lá e traz ele.

Entro escondida no quarto da Isa e vejo o celular em cima do criado-mudo.

Volto com o celular para a sala, desbloqueio e entrego para a Catarina, que procura o telefone do Bernardo. Quando encontra, ela manda uma mensagem para ele.

“Muito obrigada pelo presente, adorei, você acertou na mosca. Beijos Isa”.

Depois de enviar, ela apaga para que a Isa não veja.

— E agora? — pergunto.

Ela me explica os próximos passos.

Fase um: mandar mensagens — OK.

Fase dois: mandar flores — em andamento.

Que foi? Se eu não der um empurrãozinho esses dois não vão namorar nunca, e com a ajuda da Catarina vou conseguir.

Capítulo 12

Isabelle

No sábado pela manhã fui para casa dos meus pais levar a Valentina, queria só deixá-la e ir embora, mas a minha mãe insistiu para que eu ficasse e almoçasse com eles. Depois de almoçar com a minha família, voltei para o apartamento, as meninas queriam ir à balada hoje para comemorar o meu aniversário. Eu só precisava me lembrar de não beber.

Depois de tomar um banho, decido escolher a minha roupa.

Escolho uma calça *legging* preta com uma bata verde clara soltinha. Faço uma maquiagem esfumada nos olhos e prendo o cabelo em um rabo de cavalo.

Saio do quarto e encontro as meninas que também estão lindas. Como eu, optaram por usar uma calça.

Quando chegamos, a Mila nos puxa para uma mesa onde o Yuri está sentado.

Droga, se tem Yuri o Bernardo vai aparecer.

Dito e feito, meia hora depois ele aparece. Só que com a aquela mulher do restaurante do lado.

Na mesma hora meu sangue ferve.

Puxo a Catarina para a pista e vamos dançar.

Bernardo

Depois de ensinar a turma da manhã, o Yuri veio me avisar que a Camila, namorada dele, ligou para dizer que ela e as primas vão a um barzinho hoje, e ele veio para me chamar.

Saber que a Isabelle estaria presente me desanimou para ir.

Depois de passar na casa da minha mãe e ver que estava tudo bem com ela e que estava fazendo a fisioterapia certinho, fui para minha casa.

Passei a tarde inteira pensando se devia ir nesse maldito barzinho ou não. Depois de pensar bastante, decido ir.

Coloco uma calça jeans e uma camisa azul

marinho, pego as chaves e, quando abro a porta, dou de frente com a Helena.

— Marcamos alguma coisa? — pergunto.

— Não, mas decidi passar aqui. Vai sair? — pergunta olhando para mim.

— Vou, já estou até ficando atrasado. — falo olhando no relógio.

— Você vai onde? — droga, e eu achando que conseguiria me livrar.

— Vou em um barzinho.

— Posso ir junto? Estou doida para beber.

Confesso que não estava muito a fim de a Helena ir junto. Se eu ia encontrar a Isabelle lá, não queria as duas juntas no mesmo lugar. Mas não teve jeito, a Helena grudou em mim, então tive que levá-la.

Quando chegamos ao barzinho, procurei pelo Yuri, que estava sentado em uma mesa com a namorada e as primas dela. Assim que me aproximei, percebi a Isabelle sentada, ela estava linda com aquela calça que grudava no seu corpo.

Ela me olhou feio, não sei por qual motivo, levantou da mesa e foi para a pista de dança.

Sentei à mesa e apresentei a Helena.

A todo o momento, eu olhava para a pista e via a Isabelle balançar o corpo.

— Quer um babador? — a Helena pergunta.

— Não sei do que está falando.

— Você não tira os olhos dela.

— Ela dança bem, só isso. — falo dando um gole na minha bebida.

— Sei.

Ignoro a Helena de novo e volto a olhar para a Isabelle, vejo um rapaz se aproximar dela e grudar o corpo no dela. Ela tenta se soltar, mas não consegue. Quando dou por mim, estou empurrando-o para longe.

— Fica longe dela. — grito apontando o dedo para ele.

— Desculpa aí, não sabia que ela tinha dono. — ele responde, levantando os braços.

— Agora sabe, some daqui. — espera um

pouco: o que foi que eu falei?

Quando olho para a Isabelle, ela está com cara de poucos amigos me olhando.

— Eu não sou sua. — responde virando as costas para mim e indo para a mesa.

Isabelle

Quem ele pensa que é para falar que é o meu dono? Nem namorada eu sou desse mala.

Sento à mesa irritada e vejo que a Sophia está bebendo, tomo o copo dela e viro tudo de uma vez.

— Ei, vai com calma aí. — fala brigando comigo.

— Tudo bem, Isa? — a Mila me pergunta preocupada.

— Não. Só quero beber, posso? — pergunto com raiva chamando o garçom.

— Não, não pode. Enquanto não aprender a beber igual adulto. — escuto a voz do Bernardo atrás de mim.

— Não torra a paciência, Bernardo. Já falei, não sou nada sua.

Ele senta do meu lado com raiva e fica me encarando. Percebo que a morena puxa assunto com ele, e logo os dois estão rindo.

— Está com ciúmes dela? — a Catarina pergunta do meu lado.

— Está doida? Ciúmes? Eu? — respondo ainda olhando para os dois.

— Se não está com ciúmes, então por que não para de olhar para os dois?

— Catarina, me erra, vai.

Minha Nossa Senhora das Sapatilhas Apertadas, por que realmente eu não consigo parar de olhar para esses dois?

Desvio o olhar para o bar e vejo um rapaz lindo sentado conversando com os amigos dele. Cutuco a Catarina e aponto para o bar sorrindo. Assim que ela percebe para quem eu estou apontando, dá risada também.

O rapaz é o Arthur Schneider, ele trabalha com o tio Marcelo na empresa. O pai dele sempre trabalhou na construtora e o Arthur veio logo

depois. O tio Leo insistiu que ele deveria fazer uma faculdade e ele optou por engenharia.

Agora o que eu preciso realmente falar é: ele é lindo de morrer, loiro, olhos azuis claro, musculoso e peitoral definido. E o melhor: tanto a Catarina quanto eu acreditamos que ele é completamente apaixonado pela Sophia. Ele faz tudo o que ela pede, sempre está sorrindo para ela e pergunta toda vez por ela.

Eu não sei o que ela viu nesse idiota do Paulo, quando ela tinha um Arthur doido por ela.

— O que a gente faz? Eu não suporto esse Paulo. — cochicho no ouvido da Catarina.

— Vamos lá falar com o Arthur.

Levantamos da mesa e nos aproximamos do bar.

— Oi Arthur. — falo perto dele. Ele vira e abre um sorriso quando nos vê.

— Oi, meninas, tudo bom? A Sophia está com vocês? — ele pergunta.

Viu o que eu disse?

— Ela está sentada ali à mesa com a Mila. — a Catarina fala apontando. Ele olha sorrindo para a mesa e depois fecha a cara.

— Quem é ele?

— Um idiota que vai fazer a Sophia sofrer. Por isso estamos aqui. — a Catarina fala nervosa. — Você precisa dar um jeito de conquistar a Sophia logo, antes que aquele idiota a machuque.

— Como assim? — ele pergunta fazendo-se de desentendido.

— Nós sabemos que você é apaixonado pela Sophia. Então faz alguma coisa logo. — respondo.

Dez minutos depois que voltamos para a mesa, a Sophia levanta com o Paulo e ficam um bom tempo sem voltar.

— Onde esses dois foram? — pergunto, preocupada.

— Devem ter ido se agarrar em algum canto. — a Catarina responde olhando em volta.

Uma hora depois os dois voltam. O Paulo com cara de cafajeste e a Sophia com vergonha.

— Ok, a noite acabou. — falo levantando da mesa.

— Ainda não, vamos ficar mais um pouco, Isa.
— a Sophia me pede.

— Não, nós vamos embora agora. — falo olhando para a Catarina.

— A Isa tem razão. Vamos embora.

— Eu posso te levar, Sophia. — o Paulo fala abrindo um sorriso. Quando a Sophia está para aceitar, eu grito.

— 911.

Ela olha assustada para mim e concorda com a cabeça. Quando éramos pequenas, fizemos um trato de que, se uma falasse 911, as outras iriam parar tudo o que estivesse fazendo e iriam ajudar.

— Eu tenho que ir, Paulo. — ela fala, levantando.

Quarenta minutos depois, chegamos ao apartamento.

— Vou ser direta. — falo olhando para a Sophia. — Não gosto do Paulo, e para mim, ele só

quer diversão.

— Concordo com a Isa. — a Catarina fala cruzando os braços.

— Eu também. — a Mila fala.

— Não sei por quê. Ele é muito gentil comigo.

— O que aconteceu quando vocês saíram da mesa, Sophia? — pergunto.

— Nós fomos para um canto e nos beijamos, só isso.

— Ele tentou alguma coisa? — a Mila pergunta.

Ela abaixa a cabeça e fica vermelha.

— Sophia, eu sou a primeira a incentivar você e a Isa a ficar com alguém e perder a virgindade. Mas esse Paulo não é o ideal para isso. — a Catarina fala sentando ao lado da Sophia. — A sua primeira vez tem que ser especial. E alguma coisa me diz que ele só está pensando em transar com você e depois acabou.

— Ele não é assim. Vocês estão enganadas. — a Sophia responde levantando e indo para o quarto

dela.

— Eu juro que se ele magoar a Sophia eu mato esse idiota. — falo com raiva.

A Sophia só saiu do quarto no dia seguinte, por volta das 11 horas, toda arrumada.

— Onde a senhorita vai? — a Mila pergunta.

— Vou sair para almoçar com o Paulo. — responde indo para a porta.

— Sophia, não faz isso, escuta o que estamos falando. Ele só quer diversão. — a Catarina fala.

— Vocês estão enganadas. Ele gosta de mim, não sou apenas diversão para ele como vocês estão falando.

— Sophia. — falo puxando-a para o sofá. — Só queremos o seu bem. Se você acha que ele gosta de você e que vai te respeitar, não vamos falar mais nada. Mas se por acaso ele fizer você sofrer, vai se entender com nós três.

— Exatamente, eu quebro a cara dele. — a Catarina fala.

— E vamos estar aqui por você, querida. — a

Mila fala sentando do outro lado da Sophia.

— Obrigada, meninas, mas não precisam se preocupar. — a Sophia levanta e sai do apartamento.

— Ela vai sofrer, não vai? — a Mila pergunta.

— É o primeiro relacionamento dela, ela está encantada, e o idiota está se aproveitando disso. — a Catarina responde.

Não vai ter jeito, amanhã mesmo vou ter uma conversinha com o Bernardo.

Capítulo 13

Isabelle

Na segunda-feira, assim que chego à escola, a primeira coisa que eu faço é procurar o Bernardo. Entro no escritório e o encontro trabalhando no computador.

— Eu juro que se o seu amigo magoar a minha prima ele será um homem morto. — falo jogando a minha mochila na cadeira.

— Não entendi. O que está acontecendo? — ele pergunta abaixando a tela do *notebook*.

— O Paulo está enganando a minha prima.

— Primeiro, Isabelle, ela é maior de idade e sabe no que está se metendo. Segundo, eu já avisei para o Paulo que ela não é para curtição. — fala cruzando os braços. — Você já parou para pensar que ele realmente pode estar gostando dela?

— O seu amigo alguma vez gostou de alguma mulher? Ou quis alguma coisa séria com elas? —

pergunto.

— Não, nenhuma vez. Olha, vou falar com ele de novo, não ache que eu estou apoiando que ele brinque com os sentimentos dela. Eu não sou um canalha desse tipo.

— Eu não quero que a minha prima sofra, Bernardo.

— Eu também não, Isabelle.

Eu saio do escritório e vou ensaiar.

Temos praticamente dois meses até a competição, e três dias antes temos uma apresentação.

A semana passa voando. A Mila ficou um bom tempo no celular trocando mensagens com o Yuri e a Sophia com o Paulo.

Na sexta-feira, depois de muita insistência da Mila, concordamos em começar a fazer as aulas de defesa pessoal. Depois do assalto e do episódio em que eu quase fui atacada, nossos pais achavam que precisávamos aprender a nos defender. Por causa disso, a Mila queria fazer as aulas com o

Yuri.

No sábado de manhã fomos para a academia. A Catarina ainda estava com os pontos, então não poderia fazer a aula, mas quis nos acompanhar. Assim que chegamos, o Yuri estava na porta já nos esperando.

— Que chique, o dono da academia nos recebendo na porta. — a Catarina fala dando risada.

— Vantagens em se namorar o dono. — a Mila responde rindo.

Ele nos leva para uma grande sala cheia de tatames.

— Meninas, aqui que vocês terão a primeira aula. — o Yuri fala.

— Daria para dançar balé nessa sala. — a Sophia fala rindo e me cutucando.

Ela era grande e com algumas barras e espelhos. A Sophia tinha razão, era perfeita para dançar.

— Desculpa o atraso, Yuri.

Quando olho para trás, vejo o Bernardo entrando.

OMG!

Vestido com uma calça de moletom que marcava a sua coxa grossa e uma camiseta regata preta que deixava os músculos de fora.

— Fecha a boca, menina. — a Sophia fala no meu ouvido.

É só aí que eu percebo que estou babando por causa do Bernardo.

Isabelle, para de admirar, lembra que ele é um mala.

— Meninas, o Bernardo sempre me ajuda com as aulas de defesa pessoal. Principalmente com as turmas iniciantes. — o Yuri fala.

Ótimo, vou ser obrigada a aturar esse chato na academia também. Percebo que o Bernardo fica ao meu lado e olha todo o meu corpo.

— Algum problema? — pergunto.

— Só estava olhando para a sua roupa. Você por acaso acha que isso é uma aula de balé?

Olho para o que eu estou vestindo e não vejo nada de errado. Estou com uma calça bailarina preta, com uma camiseta azul clara e tênis.

— Não tem nada de errado na minha roupa, Bernardo. — falo.

— Evite na próxima vez vir com uma calça dessa. — ele fala.

— Qual o problema com a minha calça? — pergunto cruzando os braços.

— É justa demais, marca todo o seu corpo. Isso aqui é uma academia, a maior parte dos alunos são homens, eles vão ficar te olhando. — responde nervoso.

— O casalzinho já acabou a briga? — o Yuri pergunta rindo.

— Não somos um casal. — respondemos ao mesmo tempo.

— Então tá, se é o que vocês acham. — o Yuri fala rindo e vai para o centro do tatame. — Primeiramente, meninas, vocês precisam saber que não é porque sabem defesa pessoal que

podem reagir a um assalto, por exemplo. O que vocês vão aprender é apenas para neutralizar um ataque pessoal. Nós vamos ensinar bloqueios, retenções e alavancas para dominar o adversário.

O Bernardo se junta ao Yuri e eles demonstram algumas técnicas para se soltar de um ataque. Depois de meia hora de demonstrações, o Yuri nos chama para a aula prática. Nessa hora, o Paulo aparece e se oferece para treinar com a Sophia, que aceita. Como a Mila vai treinar com o Yuri e a Catarina não pode fazer prática ainda por causa dos pontos, eu tenho que treinar com o Bernardo. Ele até que é um bom professor, explicou o mesmo golpe várias vezes até ter certeza de que eu entendi.

Uma hora e meia depois, estávamos acabadas.

O Yuri nos informou que, por causa das aulas de defesa pessoal e porque éramos primas da namorada dele, poderíamos usar todas as dependências da academia. Ou seja, poderíamos malhar de graça.

A Catarina, como não fez aula, estava animada para fazer alguns exercícios. Mas o Yuri, por ser *personal trainer*, levou em consideração a licença médica dela e só liberou a bicicleta. A Mila quis fazer esteira e eu e a Sophia a acompanhamos. Por sorte, havia quatro esteiras livres, eu fiquei na do meio com a Mila na minha esquerda e a Sophia na direita. Estávamos conversando e dando risadas, até que ouvimos uma voz grossa cumprimentar a Sophia.

— Oi, Sophia.

Quando olhei para trás estava o Arthur, tudo de bom, sorrindo.

— Oi, Arthur. — ela respondeu sem graça.

— Oi, Arthur. — a Mila e eu respondemos juntas rindo.

— Oi, meninas, não sabia que faziam academia aqui.

— Começamos hoje. — falo rindo.

— Se precisarem de ajuda em alguma coisa é só falar. — ele fala sorrindo olhando para a

Sophia.

— Algum problema? — o Yuri pergunta olhando feio para o Arthur. Eu acho que tem alguém com ciúmes.

— Yuri, esse é o Arthur, ele trabalha com os meus tios e o meu pai na construtora, nos conhecemos desde crianças, já que o pai dele também trabalhava na empresa. — a Mila responde saindo da esteira e abraçando o Yuri.

— Nesse caso, está tudo certo. Mas a minha menina você não precisa ajudar. — o Yuri fala apontando o dedo para o Arthur, que dá risada. Vejo o Arthur subir na esteira do lado da Sophia e puxar assunto. Desço da minha esteira e me aproximo da Mila.

— Não precisa se preocupar, Yuri, o Arthur só tem olhos para uma pessoa. — falo apontando para os dois.

— O Paulo não vai gostar disso. — o Yuri fala coçando a cabeça.

— Sério que você acha mesmo que o Paulo está

querendo alguma coisa séria com a minha prima? — a Mila pergunta brava.

— Não é isso, boneca, mas o Paulo é competitivo. Se ele vir o Arthur rodando a Sophia, ele vai querer marcar território. — o Yuri responde.

— Ele que tente, eu acabo com a raça dele. — respondo. — O Arthur é a melhor opção para a Sophia, ele é apaixonado por ela há anos.

Infelizmente cinco minutos depois o Paulo apareceu e puxa a Sophia. Droga, precisamos fazer alguma coisa o mais rápido possível.

Voltamos para o apartamento e ficamos jogadas no sofá. Menos a Sophia, que, claro, passaria o dia com o Paulo.

Por volta das 19 horas, o Yuri apareceu todo arrumado com uma calça jeans e uma camisa social branca. Ele ia levar a Mila para jantar em um restaurante chique. Enquanto ele esperava a Mila terminar de se arrumar, ficamos batendo papo com ele. Ele confessou estar nervoso porque

no dia seguinte iria almoçar na casa do tio Leo. Fiz uma anotação rápida na cabeça para me lembrar de ligar para tia Tati e me convidar para esse almoço.

— Então, Yuri, onde você vai levar a Mila para jantar? — pergunto, curiosa.

— Tem um restaurante francês que eu sempre quis ir, se chama Le Blanc, mas nunca tive a companhia certa. — fala olhando para a porta do quarto da Mila. — Mas agora eu tenho. — termina de falar sorrindo.

Quando sigo o olhar dele, vejo a Mila em um vestido preto rodado na altura do joelho, com cachos no cabelo e uma maquiagem clarinha. Ela estava linda. A Catarina sai de trás da Mila com um sorriso.

— Cuida bem da minha irmã, ouviu, senhor Yuri?

— Pode deixar. — responde sorrindo e levando a Mila para a porta.

Quarenta minutos depois eu estava jogada no

sofá com a Catarina comendo pipoca e vendo um filme.

— Eu só me esqueci de perguntar onde os dois iam jantar. — a Catarina fala.

— Ele me disse que vai levá-la no Le Blanc. — falo olhando para a televisão.

— Merda! — a Catarina fala, levantando do sofá.

— Que foi? — pergunto, assustada.

— O Jean Pierre não sabe que eu tenho uma irmã gêmea. Agora me diz o que você acha que vai acontecer se a Mila aparecer lá para jantar com um cabeludo gigante, enquanto eu deveria estar de licença médica? — ela pergunta.

— Droga. — falo levantando também. — Melhor irmos para o restaurante agora.

Camila

Como pode o Yuri ter me conquistado assim tão rápido?

Tudo bem que ele é todo fofo e gentil comigo.

Você não diria isso olhando a primeira vez para ele.

Alto, forte e cabeludo do jeito que ele é, você pensaria que ele é grosso, metido ou sem cérebro. Pelo contrário, ele é educado, gentil, inteligente e muito carinhoso.

Hoje ele disse que me levaria em um restaurante chique. Ele acabou confessando que essa era a maior vontade dele, ter alguém especial para levar em um lugar especial. Quando ele estacionou na frente do restaurante, eu já sabia que não ia dar certo.

Estávamos no Le Blanc.

O Jean Pierre e a Catarina vivem se estranhando.

Vocês devem estar se perguntando qual o problema, certo?

Caso tenham esquecido, eu sou a cara da Catarina.

Como o Yuri já tinha reservado uma mesa,

fomos encaminhados direto para ela. Percebi que os funcionários olhavam para mim e cochichavam. Alguns até me cumprimentavam de longe.

Enquanto esperávamos o pedido chegar, o Yuri estava segurando a minha mão e fazendo um carinho no meu rosto.

— Muito bonito, a senhorita me entrega um papel dizendo que não pode trabalhar, mas está passeando para cima e para baixo, como se nada tivesse acontecido. — escuto um Jean Pierre muito bravo falar.

— Algum problema? — o Yuri pergunta de cara fechada.

— Com você nenhum. — o Jean Pierre fala olhando para o Yuri. — O meu problema é com a senhorita aqui. — fala me apontando.

— Eu acho que você está se enganando. — respondo.

— Para de graça, para o meu escritório agora. — o Jean Pierre fala apontando para o escritório dele.

— Ei, quem você pensa que é para gritar com a minha namorada? — o Yuri pergunta nervoso.

O Jean Pierre olha de boca aberta para o Yuri e depois para mim.

— Você está namorando? — ele me pergunta.

— Estou, mas você está me confundindo, eu...

— Chega! — ele me interrompe. — Você mentiu no seu local de trabalho, agora vem para o meu escritório para pegar a sua demissão. — fala me puxando pelo braço.

— Ei, solta a minha namorada agora. — o Yuri fala apertando o braço do Jean Pierre que está me segurando. Quando o Jean Pierre me solta, o Yuri me olha.

— Você trabalha aqui? — o Yuri pergunta confuso. — Achei que você fizesse medicina.

— Eu faço medicina, quem trabalha aqui é a Catarina. — respondo.

— Você é a Catarina. — o Jean Pierre fala, confuso.

— Não, eu sou a Camila, irmã gêmea da

Catarina.

— A Catarina nunca mencionou uma irmã gêmea. — o Jean Pierre responde.

— Porque isso não é da sua conta. — a Catarina responde.

O Jean Pierre olha para mim e depois para a Catarina, e pede desculpa sem graça para o Yuri e sai do salão.

— Nossa, achei que ia ter uma briga aqui no restaurante daqui a pouco. — respondo olhando para o Yuri que começa a relaxar.

— Quase quebrei a cara desse idiota porque ele te agarrou.

— Se preocupa não, cunhado, vou lá falar com ele. — a Catarina fala enquanto passa por nós.

— Agora que estava ficando bom, droga. — a Isa fala dando risada.

O Yuri e eu sentamos novamente para jantar, enquanto a Isa senta em outra mesa esperando a Catarina voltar.

— Qual o problema desses dois? — o Yuri me

pergunta.

— Nós temos a teoria de que esses dois se amam, mas não sabem ainda. — falo rindo.

E assim terminamos de jantar e aproveitar a noite. Claro que não pude deixar de perceber a Catarina saindo muito nervosa do restaurante, mas isso depois eu fico sabendo o que aconteceu. Agora só quero aproveitar o meu cabeludo.

Jean Pierre

Quando me falaram que a Catarina estava no restaurante acompanhada, eu não consegui acreditar. Ela devia estar de licença médica e não passeando por aí. Ainda mais acompanhada e no meu restaurante.

Quando começo a discutir, ela insiste em dizer que não é a Catarina. Eu achei que ela estivesse tentando me enganar. Mas para a minha surpresa ela realmente não era a Catarina, mas sim a irmã gêmea dela.

Saio do salão nervoso. Essa menina me fez passar vergonha na frente de todo o restaurante. Logo depois de entrar no escritório, a porta se abre e a Catarina entra nervosa.

Catarina

Idiota!

É isso mesmo que vocês ouviram.

O Jean Pierre é um idiota.

Entro nervosa no escritório dele.

— Por que você gritou com a minha irmã?

— Você não me disse que tinha uma irmã gêmea. Achei que era você.

— Mesmo que fosse eu, você não tinha motivos para fazer o que fez. Eu não sou nada sua, e se fosse eu no salão acompanhada você não tinha motivos para tirar satisfação.

— Você está de licença médica...

— Isso não quer dizer que eu devo ficar o dia inteiro trancada em casa. — interrompo. — Na

segunda-feira, tiro os pontos e volto a trabalhar.

— Ótimo. — ele fala cruzando os braços.

— Você é um idiota, João Pedro. — falo, nervosa.

— Repete. — ele pede se aproximando de mim.

— Você é um idio...

Não consigo terminar de falar, ele me cala me dando um beijo.

Lembram quando eu disse que o Jean Pierre não devia nem saber beijar?

Pois é, estava errada. Ele sabe beijar e muito bem, diga-se de passagem. Ele interrompe o beijo e fica me olhando.

— O que você estava dizendo? — ele pergunta olhando para a minha boca.

— Que você é um idiota. — falo dando um tapa na cara dele. — E nunca mais me beije sem a minha permissão, babaca.

Saio correndo do escritório dele.

Droga!

Estou fervendo de raiva dele. Mas não posso

negar, adorei o beijo. E só por ter gostado do beijo, fico com mais raiva ainda.

Capítulo 14

Isabelle

No domingo, quando eu levantei, encontrei uma Camila muito nervosa andando de um lado para o outro do apartamento.

— O que está acontecendo com ela? — pergunto para a Catarina sentada no sofá.

— Esqueceu que o Yuri vai almoçar lá em casa hoje?

— Essa eu queria ver. — falo sorrindo.

— E você vai. — a Mila fala parando na minha frente. — Você, a Sophia e a Catarina vão nesse almoço. Acho que não vou conseguir ir sozinha. O papai vai ficar doido com o Yuri em casa.

E assim, pontualmente às 11 horas, o Yuri chegou no nosso apartamento para nos dar uma carona até a casa do tio Leo.

Camila

Apesar do jantar maravilhoso que eu tive com o Yuri, à noite não consegui pregar o olho. Ele iria almoçar na casa dos meus pais no dia seguinte, e eu sabia que o papai não ia recebê-lo tão bem assim. Acabo obrigando as meninas irem comigo, se o papai aprontasse alguma coisa, teria as três para me ajudar.

Assim que entramos em casa, encontro o papai sentado no sofá já com cara de poucos amigos.

— Oi, tio. — a Isa dá um beijo no meu pai, seguida pela Sophia.

— Oi, papai. — a Catarina abraça o meu pai.

— Oi, meninas, como estão? — o papai pergunta.

— Senhor Leonardo, como vai? — o Yuri estica a mão para cumprimentar o papai.

Ao cumprimentar o Yuri, ele faz uma careta. Tento dar um olhar mortal estilo Tatiana para ele, mas eu acho que não tenho sucesso.

— Bem, por favor, sente-se.

— Obrigado. — o Yuri agradece.

— Oi, meninas. — minha mãe sai da cozinha e dá um beijo em mim e nas meninas. — Oi, Yuri.

— Como vai, senhora Tatiana? — ele levanta para cumprimentar a minha mãe.

— Senhora não, por favor, me sinto uma velha. — mamãe fala rindo.

— Então Yuri, você disse que é dono de uma academia? — o papai pergunta.

Minha mãe revira os olhos para a pergunta do papai e sai da sala.

— Isso mesmo, senhor Leonardo. Eu tenho sociedade com dois amigos, e sou formado em educação física e *personal trainer*. — ele responde, sentando. Percebo que por essa o papai não esperava.

— E a sua família? — o papai continua com o interrogatório.

— Minha mãe sempre foi dona de casa, mas por opção dela mesmo. Meu pai nunca a proibiu de trabalhar, mas ela queria ficar com os filhos.

Então para ter o próprio dinheiro ela vende algumas peças de crochê e tricô. Agora o meu pai é advogado e dá algumas aulas de direito penal em uma universidade à noite.

— E você nunca quis seguir os passos dele?

— Na verdade até entrei na faculdade. Mas com seis meses eu percebi que eu não tinha talento para o direito. Conversei com o meu pai e mudei o curso para educação física. Ele não se importou, pois sempre disse que devemos trabalhar com algo que amamos. E no meu caso é a academia.

— Você tem irmãos?

— Tenho uma irmã, ela se chama Paula, já é casada e tem um filho de dois meses de vida. Ela é formada em odontologia.

— Mais alguma coisa que queira saber, papai?

— pergunto tentando acabar com o interrogatório.

— Por enquanto não. Mas você precisa ficar sabendo, senhor Yuri, que eu não tenho medo do seu tamanho. Se fizer a minha filha sofrer, eu te

mato.

— Senhor Leonardo, eu realmente gosto da sua filha e a última coisa que eu quero é que ela sofra. Pode ter certeza de que nenhum outro homem no mundo vai cuidar ou protegê-la melhor do que eu.
— o Yuri responde fazendo com que as minhas primas e a Catarina suspirem.

— Ok, podemos almoçar agora? — minha mãe entra na sala e pergunta com um sorriso no rosto.

— Podemos. — meu pai responde esticando a mão para cumprimentar o Yuri. Enquanto os dois vão para a sala de jantar, sou agarrada pela Isa.

— Até que não foi tão mal assim. — ela fala.

— Eu quero ver é quando as duas estiverem namorando. — a Sophia fala dando risada.

— Tá louca, é? Eu não quero me amarrar não.
— a Catarina fala com raiva saindo da sala.

— Mal sabe ela que já está amarrada. — a Isa fala rindo.

— Como assim? — pergunto curiosa.

— Ela saiu ontem com tanta raiva do

restaurante, que eu acho que rolou alguma coisa que entre ela e o Jean Pierre. — a Isa responde.

Será?

Isso eu queria ver. Dona Catarina amarrada.

Isabelle

Depois de um almoço em que a cada vez que o Yuri pegava na mão da Mila o tio Leo rosnava, voltamos para casa.

Enquanto o casal namorava na sala, eu fui para o quarto estudar, os meus dias estavam muito corridos.

Depois de duas horas de estudos, recebi uma mensagem.

Ana Julia: a entrevista com o seu chefe está confirmada para amanhã?

Eu tinha conversado com a Ana sobre uma vaga de professora na escola e ela tinha concordado em conversar com o Bernardo.

Isa: está sim, às 18 horas.

Ana Julia: ok, estarei lá.

Depois de mais um dia corrido na faculdade e nos ensaios, eu estava sentada no escritório ajudando o Bernardo quando ouvimos uma batida na porta. A secretária entrou acompanhada pela Ana. Eu levanto e dou um beijo nela e peço para ela sentar na cadeira em frente à mesa em que o Bernardo está.

— Bernardo, essa é a Ana Julia. Ana, esse é o Bernardo, dono da escola.

Os dois se cumprimentam e o Bernardo começa com a entrevista.

— Ana Julia, a Isabelle já falou para você que estamos com algumas dificuldades financeiras?

— Falou sim, ela me explicou pelo que a escola está passando. Eu conheço a sua mãe e gosto muito dela. Por isso, estou disposta a ajudar no que for preciso.

O Bernardo volta a falar e, por um momento, ele abaixa a cabeça e continua falando enquanto mexe em alguns papéis. A Ana Julia olha para

mim, que reviro os olhos e começo a traduzir o que ele está falando, por meio de libras. Eu não percebo o momento em que o Bernardo levanta a cabeça e me vê fazendo os sinais.

— O que você está fazendo? — ele pergunta.

— Você abaixou a cabeça, então ela não conseguia olhar para a sua boca e entender o que você estava falando. — respondo.

— Como assim? — ele pergunta confuso.

— Eu nasci com apenas 10% da minha audição. Mesmo assim, a Alicia me aceitou na escola dela e me ensinou a dança. Há uns dez meses eu fiz uma cirurgia. Ela me devolveu 40% da audição, mas mesmo assim eu ainda preciso olhar para a boca das pessoas para saber o que estão falando.

— Você é surda? — ele pergunta olhando para ela e para mim.

— Não mais. — ela responde.

— Bernardo, ela é capaz de ouvir. Tanto é que ela dança em uma das melhores companhias de

balé da cidade. — falo.

— Mas ela será capaz de dar aulas? — ele pergunta.

— Posso sim, por causa da minha condição eu me empenhei mais do que qualquer menina. Eu sou uma das melhores bailarinas da cidade. — a Ana responde.

— Bernardo, não deixe um preconceito idiota atrapalhar a contratação da Ana. — ele olha para nós duas e dá um suspiro.

— Confesso que não sei como isso pode funcionar. Mas a minha mãe disse que a Alicia era uma das melhores bailarinas na época dela. E que eu deveria confiar na Isabelle. Então se as duas acham que você é uma boa bailarina e pode dar conta de ensinar, você está contratada. Mas se tivermos algum problema vamos sentar e decidir como fica a sua situação aqui na escola, concorda?

— Concordo, você não vai se arrepender. — a Ana responde.

Depois de tudo acertado e de a Ana Julia ir

embora, eu corro até o Bernardo que está sentado e dou um beijo na bochecha dele.

— Muito obrigada por confiar na Ana, você não vai se arrepender, eu juro. — depois disso, saio correndo para conversar com a secretária e assim abrir as matrículas para a turma da Ana.

Bernardo

Confesso que fiquei preocupado em contratar a Ana Julia, mas minha mãe disse para confiar na Isabelle, então foi o que eu fiz.

Não esperava o beijo que eu ganhei dela. Mas depois que ela saiu do escritório toda feliz e animada, não pude evitar o sorriso no meu rosto.

Por que eu estou tão feliz?

Essa menina me deixa doido.

Isabelle

A semana passa correndo, as aulas da Ana

começariam assim que formássemos uma turma com pelo menos cinco meninas.

Durante a semana, reparei que a Sophia estava muito quieta, tentei puxar assunto e ela só disse que estava pensando em algumas coisas e não falou mais nada.

Na sexta-feira, quando cheguei da escola, vi o Paulo parado e encostado no carro.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Eu vim buscar a Sophia, vamos sair para comer alguma coisa. — responde com um sorriso no rosto.

Idiota

Antes que eu possa falar alguma coisa, a Sophia sai do prédio.

— Oi, Isa. — fala animada.

Vejo os dois entrarem no carro e irem embora.

Sophia

Eu me apaixonei pelo Paulo, ele é inteligente, bonito e charmoso.

Minhas primas tentaram me alertar de que ele

não era tudo isso, mas eu o conhecia e elas não. Todos esses dias ele tem me tratado como uma princesa.

Há uma semana mais ou menos ele vem falando comigo sobre nós dois dormirmos juntos. Claro que eu tentei fugir do assunto, mas estava ficando cada vez mais difícil.

Ele me convidou para sair hoje, claro que eu aceitei. Coloquei o meu melhor vestido, deixei o meu cabelo solto e fiz uma maquiagem leve. Ele me leva a um restaurante e como todas as vezes, ele é super gentil.

Fico olhando para esse homem que tem me tratado tão bem e tomo uma decisão. Eu quero que a minha primeira vez seja com ele. Quando eu comento com ele que estou disposta a dar o próximo passo, ele abre um sorriso.

Pedimos a conta e vamos embora. No meio do caminho, percebo que não estamos voltando para o apartamento. Quando pergunto o motivo, ele diz que quer ter um momento só nós dois.

O que eu não contava era que ele me levaria a um motel. Depois de pedir um quarto e me levar para dentro, ele senta na cama e me chama para sentar do lado dele. Eu sento e fico olhando para ele. Com carinho ele tira o meu cabelo do rosto e começa a me beijar, quando percebo já estou deitada com ele em cima de mim.

Tento pedir para ele ir devagar, mas ele não para de me beijar. Sinto as suas mãos grandes correr pelo meu corpo. Quando finalmente ele liberta a minha boca, eu peço para ele esperar um pouco, mas ele me garante que só quer me beijar. Concordo com ele e continuo com os beijos, mas quando ele para de me beijar de novo ele levanta e abaixa o zíper na parte de trás do meu vestido.

Tento mais uma vez fazer com que ele pare, mas não me dá oportunidade. Os beijos dele são incríveis e suas mãos passando pelo meu corpo também. Quando dou por mim já estou nua com ele na minha frente tirando a sua roupa. Não consigo deixar de admirar o corpo dele. Ele é forte

com um peitoral definido e com tatuagens pelo corpo.

Ele volta a deitar em cima de mim de novo e sinto algo acontecer abaixo da minha cintura. Percebo que ele tenta entrar em mim e é aí que o desespero aparece.

— Paulo, espera um pouco, por favor. — peço.

— Sophia, eu tenho esperado todo esse tempo, estamos os dois aqui, prometo que vai ser bom para você.

— Paulo, podemos esperar um pouco mais, estou nervosa agora. Espera só um pouquinho. — falo.

— Não, Sophia, você vai ser minha e vai ser agora. — quando ele fala isso sinto uma dor muito forte no momento em que ele me penetra. Dou um grito de dor e vejo um sorriso no rosto dele.

— Finalmente. Eu sou o primeiro. — ele fala isso e começa a se mexer.

A cada vez que ele me penetra sinto como se estivessem me rasgando. Grito para que ele pare,

pois está doendo, mas a única coisa que ele fala é para eu relaxar, que aí vai parar de doer. Mas é impossível relaxar com a dor que eu estou sentindo. Os movimentos dele começam a ficar cada vez mais rápidos, o que aumenta a dor. Nesse ponto já estou chorando, pois é impossível não pensar em outra coisa.

Sinto um jorro quente dentro do meu corpo no momento em que ele grita e para de se mexer. Sinto uma dor forte quando ele sai do meu corpo. Fico olhando para ele, que levanta da cama e vai para o banheiro, fico deitada na cama olhando para o teto. Ainda estou com dor, e ele não falou nada, simplesmente levantou e foi tomar um banho. Dez minutos depois, ele sai do banheiro e começa a vestir a sua roupa.

— Vamos? Que eu vou te deixar em casa. — fala sem olhar para mim.

Como assim? Ele tirou a minha virgindade e só fala isso?

Levanto com cuidado da cama, pego as minhas

roupas e começo a me vestir sem ao menos tomar um banho. Quando eu estou pronta, ele já está na porta do quarto me esperando impaciente. O caminho de volta para o apartamento é silencioso. Ele estaciona o carro, mas não desliga o motor.

— Boa noite, Paulo. — falo olhando para ele.

— Boa noite. — ele responde olhando para frente.

Desço do carro sem entender o que aconteceu. Quando entro no apartamento, vejo as meninas no sofá assistindo televisão.

— Tudo bem, Soso? — a Mila me pergunta.

— Está sim. — respondo e vou para o meu quarto.

Pego o meu pijama e vou para o banheiro tomar um banho. Entro embaixo do chuveiro e deixo a água quente correr pelo meu corpo relaxando os meus músculos e lavando as minhas lágrimas.

Eu decidi me entregar para ele, decidi que ele seria o meu primeiro. E ele simplesmente não se importou comigo, não se importou que eu estava

sentindo dor, e não se importou em conversar comigo depois. Troco de roupa e abro a porta para sair do banheiro, mas me deparo com as meninas paradas na porta.

— O que aconteceu? — a Isa pergunta de braço cruzado.

— Nada. — respondo indo para o meu quarto.

— Aconteceu, Sophia, e é melhor abrir o bico. — a Catarina fala, nervosa. Sento na minha cama e abaixo a cabeça.

— Eu entreguei a minha virgindade para o Paulo hoje. — falo baixinho.

— O quê? — escuto as três gritarem ao mesmo tempo.

— Eu dormi com o Paulo. — respondo chorando.

— E como foi? — a Mila pergunta sentando ao meu lado.

— Horrível. — respondo já soluçando e deitando a minha cabeça no colo dela. Quando consigo me acalmar um pouco, conto tudo o que

aconteceu para elas.

— Eu vou castrar esse idiota. — a Isa grita.

— Eu seguro para você. — a Catarina responde andando de um lado para o outro.

— Vamos esperar um pouco, meninas, quem sabe ele me procura amanhã. — falo tentando convencer a mim mesmo que ele não é um idiota.

— Vamos fazer assim, você vai dormir agora e descansar. Amanhã nós vamos faltar na aula de defesa pessoal e passar o dia inteiro comendo besteiras. À noite vamos sair e nos divertir. Ele não merece as suas lágrimas e que você fique triste. Se ele realmente se importar com você ele vai vir atrás, mas você não vai parar tudo por ele. Entendeu? — a Mila fala.

Concordo com ela e deito para dormir, mas infelizmente não consigo deixar de pensar no que aconteceu.

Isabelle

Quando a Sophia volta do encontro com o Paulo, percebi que tinha acontecido alguma coisa de errado. As meninas e eu a pressionamos até que ela confessasse que ele tinha tirado a virgindade dela e tinha sido um cafajeste com ela.

Eu sabia que aquele idiota iria magoar a minha prima. Mas eu vou matá-lo por ter feito a Sophia sofrer.

Passamos o dia deitadas no quarto da Sophia falando besteiras e comendo porcaria. À noite nos arrumamos e vamos para o barzinho que sempre frequentamos. Pegamos uma mesa e fazemos alguns pedidos de bebidas.

Estou sentada de frente para a pista de dança e percebo que o Paulo está dançando e se agarrando com uma mulher. Cutuco a Catarina que está do meu lado e aponto com a cabeça. Quando ela percebe para quem eu estou apontando, fecha a cara na mesma hora e sussurra para mim.

— Vou matar aquele canalha.

A Mila que estava do meu outro lado percebe

que eu não tiro os olhos da pista e segue o meu olhar. A única que não percebeu ainda foi a Sophia, que está de costas para ele.

— Sophia, querida, posso pedir um favor? — a Catarina pergunta.

— Claro, Cah, o que você quer?

— Não saia dessa mesa em hipótese nenhuma. Promete?

— Por quê? — a Sophia pergunta.

— Só promete, Soso. — peço.

Ela olha desconfiada para nós três, mas concorda.

Levantamos da mesa e vamos para a pista de dança, sempre com os olhos da Sophia nos acompanhando. Quando chegamos à pista, cercamos o Paulo, que nessa hora está desentupindo a garganta da menina. Olho para as meninas, e fazemos tudo ao mesmo tempo. Eu e a Mila puxamos o Paulo e a Catarina a menina. Ele se assusta e olha para a nossa cara.

— Ei, o que está acontecendo? — a piranha

pergunta com raiva.

— Nada que te interesse. — a Catarina responde e empurra a menina para longe.

— Melhor vocês duas me soltarem se não quiserem se machucar. — o Paulo fala olhando para mim e a Mila.

— O único que vai se machucar aqui é você. — a Catarina responde dando um tapa na cara dele, solto o braço que estava segurando e vou para a frente dele.

Ele me olha com raiva, mas acabo sendo mais rápida dando um chute no meio das pernas dele, fazendo com que ele caia de joelhos no chão.

— Eu disse que se magoasse a minha prima eu te castrava, idiota. — falo gritando na cara dele. A essa hora todos a nossa volta estão nos olhando.

Enquanto ele ainda está no chão, acaba levando mais dois tapas, um da Mila e outro da Catarina. Quando ele se recupera, ele levanta do chão e vem para cima de mim, fazendo com que a Catarina pule no pescoço dele por trás, mas isso não

impede que ele levante o braço para me bater. Fico esperando o tapa que não vem, quando abro os olhos vejo o Bernardo na minha frente segurando o braço do Paulo.

— Por acaso você está louco, Paulo? Ela é uma mulher. — o Bernardo está gritando.

— Ela me deu um chute, e essas outras doidas me bateram. — ele grita.

— Você mereceu, cretino. — a Mila fala indo para cima dele que vira a sua atenção para ela, ele tenta novamente dar um outro tapa, mas o Yuri foi mais rápido e entrou na frente levando o tapa no lugar da Mila.

— Você realmente ia tentar bater na minha garota, Paulo? — o Yuri pergunta fechando a cara e se aproximando do Paulo.

— Elas me atacaram. — ele ainda está gritando.

— Não interessa, elas são mulheres e em mulher não se bate. Ainda mais se ela for a minha mulher. Agora, se não quiser sair daqui em uma

ambulância, melhor ir embora agora antes que eu esqueça que você é meu amigo e te arrebente. — o Yuri fala pausadamente.

— Bernardo. — o Paulo tenta apelar.

— Não vem tentar pedir minha ajuda, Paulo. Você ia bater na Isabelle, e como o Yuri eu não iria admitir isso. — ele fala se aproximando do Paulo. — Ela é minha, eu já te falei isso antes, mas mesmo assim você quis machucá-la. Então sai daqui agora senão eu não respondo por mim.

Tudo bem, eu estava tão nervosa que não me liguei na hora o que ele disse sobre eu ser dele. Mas depois vamos ter que ter uma conversa, essa é a segunda vez que ele fala isso. Depois que o Paulo sai do barzinho, o Bernardo vira para me olhar.

— Você está bem? — o Bernardo me pergunta.

— Não. Eu quero matar o seu amigo.

— Afinal de contas, o que aconteceu? — o Yuri pergunta.

— O canalha do seu amigo levou a Sophia para

um motel e tirou a virgindade dela, sem nem ao menos se preocupar em ser cuidadoso. Pelo contrário, foi um cavalo, machucou a Sophia e depois simplesmente largou a menina em casa. E agora estava aqui na pista de dança se agarrando com outra. — a Mila responde nervosa. Saímos as três da pista e vamos para a mesa onde a Sophia ainda estava sentada.

— Eu vi tudo. — ela fala com lágrimas nos olhos.

— Sophia. Eu sei que o meu pedido de desculpas não vai servir para nada, mas eu sinto muito mesmo. Não precisa se preocupar, o Paulo vai ter que se entender comigo e com o Yuri. — o Bernardo fala.

Depois do que aconteceu, decidimos voltar para casa, a Sophia não tinha mais condições de ficar ali no barzinho.

Bernardo

— Eu vou matar o Paulo. — falo para o Yuri no carro. — Eu disse para ele não brincar com a Sophia.

— Eu vou matá-lo por levantar o braço para a minha menina. — o Yuri me responde.

Quando chegamos ao apartamento, o porteiro libera a nossa entrada porque já nos conhece. Assim que o Paulo abre a porta, ele leva um soco no olho esquerdo do Yuri e cai com tudo no chão.

— Ei, o que foi isso? — ele pergunta.

— Você tentou bater na minha garota, é isso o que aconteceu.

Quando ele tenta levantar, eu acerto outro soco.

— E isso é por tentar bater na minha. Agora sim me sinto melhor. — falo sorrindo para o Yuri que retribui o sorriso.

— Estou mais leve também. — ele dá risada.

Ajudo o Paulo a levantar e a sentar no sofá.

— O que passou na sua cabeça para tirar a virgindade da Sophia e largá-la assim, como se ela fosse um nada? — pergunto

— Eu gosto dela, mas eu não quero me amarrar. — ele responde colocando o gelo no rosto que o Yuri trouxe para ele.

— Mesmo assim, ela não era menina para se brincar. Se não queria nada sério, não tivesse dormido com ela. — o Yuri fala.

— Eu sei, não pensei direito. Eu queria dormir com ela, era só o que eu conseguia pensar. — responde.

— Você vai ter que conversar com ela depois. — falo.

Ele concorda com a cabeça.

— Agora me explica que história idiota foi essa de tentar bater na minha menina. — o Yuri pede nervoso.

— Elas me atacaram!

— Você queria o quê? Você brincou com o sentimento da Sophia. Elas são iguais à unha e carne. Lógico que iriam te arrebentar. — falo. — Mas precisamos resolver outro assunto agora.

O Paulo olha para mim preocupado.

— Eu não posso continuar como seu sócio na academia depois do que você aprontou. — falo.

— Você quer me tirar da sociedade, é isso? — ele pergunta nervoso.

— Você brincou com os sentimentos da Sophia e tentou bater em duas meninas indefesas, Paulo. Não podemos continuar como seus sócios, e eu não vou brigar com a minha namorada por sua causa. — o Yuri fala.

— Eu também não quero brigar com a Isabelle.

— Cara, a nojentinha nem é sua namorada e você a está defendendo?

— Escuta aqui, Paulo. Ela pode até não ser a minha namorada, mas eu gosto dela e me importo com ela, e não vou correr o risco de brigar com ela por sua causa. — falo. — Sendo assim, nós dois estamos propondo a você que queremos comprar a sua parte da sociedade.

Ele fica olhando para a nossa cara.

— Vocês vão estragar a nossa amizade por causa de mulher? — ele pergunta.

— Não, quem estragou a nossa amizade por causa de mulher foi você. — respondo.

— Vamos continuar amigos, mas não podemos manter relação profissional, cara. — o Yuri fala.

Ele fica olhando para nós dois por um tempo.

— Tudo bem, eu vendo a minha parte para vocês. — fala meio desanimado.

Depois de acertar com o Paulo sobre a venda da sua parte, nós vamos embora.

— Bernardo, eu queria ver como as meninas estão. — o Yuri comenta.

— Eu também, você acha que teria problema passar lá? — pergunto.

— Acho que não.

Vinte minutos depois encosto na frente do prédio da Isabelle. Quando batemos na porta, a Catarina abre com cara de poucos amigos.

— O que vocês querem? — ela pergunta.

— Como a Sophia está? — pergunto.

— Chorando feito uma doida. — responde.

Ela abre a porta para nos deixar entrar. Percebo

a Camila e a Isabelle sentadas no sofá.

— Oi. — falo.

A Camila me responde e vai falar com o Yuri.
Sento no sofá ao lado da Isabelle.

— Eu fui com o Yuri no apartamento do Paulo.
Nós tivemos uma conversa com ele. Rompemos a sociedade da academia com ele.

— Não precisavam fazer isso. — ela responde.

— Eu sei, mas não podíamos continuar sócios depois da cachorrada que ele fez.

— Obrigada.

— Se precisarem de qualquer coisa, é só avisar.
Ela concorda com a cabeça.

Logo depois o Yuri sai da cozinha e me chama para ir embora. Depois de deixar o Yuri em casa, vou para o meu apartamento. E, depois de muito pensar sobre o que aconteceu nesse dia, acabo pegando no sono. Só torço para que dessa burrada do Paulo não saiam frutos.

Capítulo 15

Isabelle

A Sophia passou a noite toda chorando e no domingo pela manhã também. Tentamos levantar o astral dela, mas sem sucesso. Como decidimos não deixá-la sozinha, o Yuri veio almoçar em casa com a Mila. Logo após arrumar toda a cozinha depois do almoço, o interfone tocou. A Mila atendeu e ficou brava na mesma hora.

— É o Paulo.

— Não deixa ele entrar aqui. — a Catarina fala nervosa.

— Deixa sim, quero quebrar a cara dele. — falo.

— Meninas, ele provavelmente veio para conversar com a Sophia. Os dois precisam disso. — o Yuri fala.

Concordamos com o Yuri e deixamos o Paulo entrar. Assim que ele entra no apartamento,

percebo que está com os dois olhos roxos.

— Eu vim falar com a Sophia. — assim que ele fala isso, a Sophia aparece na sala.

— O que você quer? — ela pergunta.

— Precisamos conversar.

Ela concorda e o chama para ir até o seu quarto.

— Se ela der um grito eu invado aquele quarto e mato ele. — a Catarina ameaça.

Sophia

Eu devia saber que um homem como o Paulo não iria querer alguma coisa séria comigo. Quando eu o vi na pista de dança beijando outra, meu coração despedaçou. Tudo bem que ele tinha sido um ogro comigo na noite anterior, mas como eu sabia que a primeira vez sempre dói, achei que tinha sido isso.

Estava no meu quarto deitada quando ouvi a voz dele na sala. Saí correndo, tenho certeza de que ele veio se desculpar. Assim que entramos no

meu quarto, eu falo para ele sentar e sento ao lado dele.

— O que você quer falar? — pergunto.

— Sophia, você é uma menina incrível, doce, educada e seria a mulher perfeita para um relacionamento sério. Mas infelizmente eu não estou procurando um relacionamento agora.

— Por que você dormiu comigo então? — pergunto sem olhar para ele.

— Eu realmente queria fazer sexo com você. Mas era só isso.

— Eu te entreguei a minha virgindade, Paulo. Você sabe como isso é importante para uma mulher? E você simplesmente brincou com isso. — falo chorando.

— Eu achei que tinha deixado claro que não teríamos um relacionamento, Sophia.

— Deixou claro? Em nenhum momento você isso deixou claro. Pelo contrário, todos os sinais eram de que você realmente queria ficar comigo. Se fosse diferente eu jamais teria me entregado a

você.

— Desculpa, Sophia.

— Desculpa? Como você tem coragem de me pedir desculpa? Você foi um ogro, eu disse que estava doendo, pedi para parar e você não se importou. Agora acha que é só chegar aqui e pedir desculpa e que tudo está certo? — pergunto.

— Se eu pudesse fazer alguma coisa eu faria, Sophia, mas eu não posso.

Quando ele fala isso eu perco a cabeça e vou para cima dele dando tapas no rosto e nos braços. Só paro quando eu sinto dois braços fortes me puxando.

— Se não quiser sair daqui como um eunuco sugiro que vá embora agora. — a Isa diz apontando para a porta.

Vejo-o levantar e sair do meu quarto, o Yuri me coloca no chão e eu desabo a chorar. Por que eu não poderia ter conhecido um príncipe no lugar desse idiota?

Isabelle

Depois da visita do Paulo, tentamos a todo custo animar a Sophia, mas estava difícil. Até a tia Lisa desconfiou que tinha acontecido alguma coisa, mas tínhamos prometido não falar nada para ninguém.

Todos os dias o Bernardo me perguntava se a Sophia estava bem. Ele realmente estava preocupado com ela. Depois de três semanas, a Sophia começou finalmente a mostrar uma melhora. Ela estava rindo de novo e falando besteiras com a gente.

Maio chegou e com ele o aniversário da Valentina, ela ia fazer cinco anos e insistia em ter uma festa à fantasia. Quando a mamãe perguntou o porquê, ela disse que queria que o aniversário dela fosse um verdadeiro conto de fadas.

Papai quando ouviu concordou na hora, afinal de contas ele fazia tudo para a sua princesinha. Então, em uma terça-feira à noite, eu fui com as

meninas procurar por fantasias. Não tínhamos decidido ainda qual iríamos usar, então provavelmente teríamos que experimentar todas.

Quando chegamos à porta da loja a minha mãe, minhas tias e as minhas avós já estavam lá nos esperando. Depois de todo mundo se cumprimentar, finalmente entramos.

— Já sabe que fantasia quer usar, Pipoquinha?
— pergunto para a Valentina que estava de mãos dadas comigo.

— Eu queria ir de pirata. — fala animada.

— E desde quando pirata é dos contos de fada?
— a Mila pergunta rindo.

— O Peter Pan é conto de fadas e tem pirata. —
a Valentina responde.

— *Touché*. — falo rindo.

Começamos a procurar nas araras de roupas pelas melhores fantasias. Eu escolho uma fantasia de sininho e vou para o provador, quando eu saio dou de frente com a mamãe que está segurando uma fantasia de pirata para a Valentina.

— Você quer matar o seu pai do coração, ou quer que ele te mate, não é possível. — a mamãe fala rindo.

— Por que, mamãe? — pergunto, confusa.

Ela me aponta o espelho e eu vou ver o que ela quis dizer. A fantasia tem um decote coração que deixa o busto bem à mostra, com um espartilho que afinou ainda mais a minha cintura, com uma saia curta e um par de asas lindo.

— Mamãe, eu acho que ficou lindo.

— Claro que ficou lindo, e curto. — fala rindo.

— Isa, você está linda. — a Valentina dá um grito e me abraça. — Você tem que levar essa.

— E se o papai brigar comigo? — pergunto para a Valentina.

— A única fantasia que o papai não vai brigar é se você for de freira. — ela fala rindo.

— Tem razão, princesa. O seu pai vai implicar com qualquer roupa que você escolha. — a mamãe fala.

Volto para o provador e tiro a fantasia, vai ser

essa mesmo que eu vou levar. Sento no sofá da loja e fico aguardando as meninas. A próxima a sair do provador é a tia Débora com uma roupa de aeromoça.

— E aí? — ela me pergunta dando uma voltinha.

— Ficou linda, tia Deb. Você tem que levar essa.

A vovó Vera escolheu uma fantasia de Maria Bonita.

A Vovó Carla uma dos anos 60.

A tia Lisa uma fantasia de princesa.

A Amanda uma fantasia de mulher maravilha.

A tia Naty uma de pirata.

A Mila e a Catarina estavam de Ana e princesa Elsa, estavam lindas.

A Sophia escolheu uma de boneca com uma peruca cor-de-rosa.

A mamãe escolheu uma fantasia linda de Cleópatra.

A Valentina saiu toda saltitante com a fantasia

de pirata dela que tinha até um tapa-olho.

Só faltava a tia Tati, que estava demorando no provador.

— Mamãe, sai logo. — a Catarina grita sentada ao meu lado.

— Seu pai vai me matar se eu usar essa fantasia. — ela grita do provador.

— Vamos, mamãe, deixa a gente ver a fantasia. — a Mila pede.

A porta do provador se abre e a tia Tati aparece em uma roupa de soldado romano com saia e corpete, com uma capa vermelha, elmo e escudo. Mas o detalhe mais importante era que a saia era curta deixando as pernas de fora.

— Que gata. — falo de boca aberta olhando para a tia Tati.

— O papai vai ficar doido. — a Catarina fala rindo.

Depois de muito insistir, a tia Tati acabou aceitando alugar a fantasia. Saímos da loja e fomos para o nosso apartamento para ter uma

noite só de meninas. Pedimos algumas pizzas e passamos a noite nos divertindo. Quando a mamãe estava indo embora, a Valentina veio correndo com um convite na mão.

— Entrega para o Bernardo, por favor? — a Valentina me pede esticando o convite.

— Você quer convidar o Bernardo para o seu aniversário? — pergunto.

— Isso, eu quero o Bernardo na minha festa. Eu concordo e guardo o convite.

No dia seguinte, assim que eu chego à escola, vou para o escritório. Para variar, encontro o Bernardo sentado à mesa concentrado no computador.

— Oi. — cumprimento.

— Oi, como você está? — ele pergunta.

— Estou bem. A Valentina pediu para eu te entregar isso. — falo esticando o convite.

Ele pega da minha mão e fica olhando.

— Ela está me convidando para o aniversário dela? — ele pergunta me olhando.

Dou de ombros.

— Ela insistiu para te entregar.

Saio do escritório e vou ensaiar.

Na sexta-feira, minha mãe passou no apartamento e deixou a Valentina que estava triste porque queria dormir comigo. Assim que entramos no apartamento, vejo a Mila e o Yuri sentados no sofá.

— Cabeludo! — a Valentina corre e abraça o Yuri.

— Ei, ele é meu namorado. — a Mila finge brigar com a Valentina.

— Só porque eu sou muito nova para ele, senão ele seria meu namorado. — a Valentina responde ainda abraçada no Yuri.

— E por que você quer o Yuri como namorado, posso saber? — pergunto.

— Porque ele é um príncipe. — responde.

— Como assim, um príncipe? — a Mila responde.

— Ele parece a Fera da Bela e a Fera, com esse

cabelão. — a Valentina responde, levantando o cabelo do Yuri que dá risada.

Pego o telefone e ligo para a pizzaria. Quando volto para sala, encontro a Mila, a Catarina e a Sophia sentadas no chão dando risada, de frente para o Yuri que está sentado na frente do sofá com uma Valentina concentrada atrás dele.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— A Pipoquinha decidiu fazer trancinha no cabelo do Yuri. — a Catarina responde limpando as lágrimas de tanto rir.

Me aproximo do sofá e vejo que já tem algumas trancinhas feitas.

— Valentina! Ele é um menino e menino não usa tranças. — falo brigando com ela.

— O meu cabeludo deixou, tá? — ela responde concentrada.

— Deixa ela, Isa, eu não me importo. — o Yuri responde rindo.

A pizza chega no mesmo momento em que a Valentina amarra a última trancinha. O Yuri ficou

parecendo um rastafári maluco com trancinhas grandes, pequenas e todas bagunçadas. Depois de muitas risadas e outros penteados malucos, o Yuri leva uma Valentina adormecida para a minha cama.

Catarina

Estou no meu décimo sono quando sinto alguém me chacoalhar. Abro o olho e vejo a Valentina fazendo sinal de silêncio. Ela me puxa para a sala. E senta no sofá.

— O que foi, Pipoca?

— Precisamos fazer a segunda parte do plano.

— ela sussurra.

Já tinha até esquecido.

— E o que vamos fazer? — pergunto.

— Temos que mandar flores. — a Valentina fala.

— Mas como vamos fazer? Por que ele pode negar caso ela pergunte. — falo tentando ter

alguma ideia.

— Droga. — a Valentina desanima.

Fico pensando e passa uma ideia pela cabeça.

— Vamos encomendar as flores e mandar entregar aqui, com uma miniatura de coruja.

Como ele deu a almofada de coruja para ela, espero que ela associe uma coisa à outra. Procuro na internet por uma floricultura e encomendo lírios, as preferidas dela. Faço a encomenda e mando entregar no apartamento. Volto para o meu quarto e a Valentina para o quarto da Isa para ela não desconfiar. Logo depois do almoço, a campainha toca e a Isa vai atender. Ela volta com um buquê enorme na mão e confusa.

— Eu ganhei um buquê de flores. — fala.

— Quem mandou? — a Sophia pergunta se aproximando.

— Não sei, espera, tem um cartão. — a Isa puxa o cartão e entrega as flores para a Sophia.

A Isa faz uma careta e depois lê em voz alta.

— Para a minha Corujinha.

Ela vira o cartão de um lado para o outro como se estivesse procurando alguma coisa.

— O que foi? — pergunto.

— Não tem assinatura.

— Que lindo, a Isa tem um admirador secreto.

— a Mila fala batendo palmas.

— Não é admirador secreto. É o Bernardo. — a Valentina fala.

Olho para a cara dela brava e ela sorri.

— Por que a senhorita acha que é o Bernardo, posso saber? — a Isa pergunta.

— Porque ele te deu uma almofada de coruja. Todo mundo sabe que você gosta de coruja, mas só ele te deu no seu aniversário. — a Valentina responde.

Boa garota.

— A Valentina tem razão. — falo para ajudar na indireta.

— Mas então por que ele não assinou o cartão? — a Isa pergunta.

— Talvez porque vocês dois brigam feito gato e

rato? — a Sophia responde entregando o buquê.

— Aí ele mandou as flores de um jeito que você não desconfie que seja ele.

A Isa fica olhando para as flores e vai para o quarto dela. Olho para a Valentina que está sorrindo, me aproximo dela e sussurro no ouvido.

— Fase dois completa.

E discretamente batemos as mãos.

Capítulo 16

Bernardo

Depois de chegar a casa e tomar um banho, decido olhar os meus *e-mails*. Abro a pasta para pegar o *notebook* e cai um envelope. Quando pego nas mãos vejo que é o convite de aniversário da Valentina. Por que ela me convidou para a festa dela?

Ligo o *notebook* e fico olhando para o convite. Na última vez que eu fui a uma festa em que essa menina estava, quase apanhei por causa de um mal-entendido. Desligo tudo e decido ir dormir.

A semana passa corrida. Assisti a alguns ensaios do grupo e espero que a coreografia seja suficiente para ganharmos. Na sexta-feira, ligo para o Yuri para chamá-lo para ir jantar, mas ele me diz que vai passar a noite com a namorada.

Coitado, já está amarrado.

No sábado vou à academia pela manhã e

almoço com a minha mãe. Quando estou no carro voltando para casa, recebo uma mensagem do Yuri.

Yuri: você vai na festa da Valentina?

Bernardo: não sei, por quê?

Yuri: quero ir alugar uma fantasia, vamos?

Bernardo: me passa o endereço.

Acabo decidindo ir com o Yuri olhar as fantasias, mas isso não quer dizer que eu vá na festa.

Quando chegamos à loja, o Yuri olha algumas de pirata.

— Você não vai ficar bom de pirata. — falo rindo.

— Por quê?

— Nunca vi um pirata do seu tamanho. — dou risada.

A atendente traz um catálogo que ficamos olhando. Uma fantasia do arqueiro verde me chama a atenção.

— Essa ia ficar legal em você, ainda mais que

você pratica arco e flecha. — o Yuri fala.

Concordo com ele e, mesmo sem ter certeza se vou à festa, acabo pedindo para experimentar. Quando saio do provador e me olho no espelho, percebo que ficou ótima.

— Cara, combinou muito com você. — o Yuri fala se aproximando.

— Tem razão, mas eu não sei se vou à festa ainda.

— Eu acho que você tem que ir. A Valentina estava na casa das meninas ontem e a única coisa que ela me falava era que queria que você fosse à festa.

— Não entendo esse grude todo dela comigo. — falo me olhando no espelho.

— Ela acha que você tem cara de príncipe. — o Yuri fala rindo. — Não vai te matar ir nessa festa Bernardo. Vai lá, fica um pouco e faz a menina feliz.

Acabo decidindo ir a essa festa, não custa ficar um pouco. Tiro a minha fantasia e fico esperando

o Yuri experimentar a dele. Quando ele sai do provador, não aguento e começo a dar risada.

— O que foi? — ele pergunta olhando para mim.

— Cara, desculpa, mas com esse cabelo ficou perfeito.

O Yuri pegou uma fantasia de Thor. Como ele é musculoso — mais até do que eu — ficou perfeito.

— Acho que vou levar essa. — ele fala se olhando.

Concordo com ele e, depois de pagar, saímos da loja.

Isabelle

Quando o rapaz da floricultura disse que tinha uma entrega para mim eu não acreditei. Quem poderia ter me mandado flores?

No cartão estava escrito: Para a Minha Corujinha. Não ajudou muito.

A Valentina achava que era o Bernardo, mas eu duvidava. Nós dois só brigamos, como ele pode querer me mandar flores?

Levo o buque para o meu quarto e, quando coloco na minha escrivaninha para pegar um vaso, escuto um barulho. Pego as flores com cuidado e olho dentro do arranjo. Para a minha surpresa tem uma minicoruja de porcelana dentro.

Será possível que realmente é o Bernardo?

— Isaaaaaaa!

Escuto a Valentina gritar da sala e vou ver o que está acontecendo.

— O que você quebrou? — pergunto colocando a mão na cintura.

— O meu cabeludo mandou mensagem para a Mila dizendo que está em uma sorveteria aqui perto. Eu quero sorvete, vamos, por favor? — ela pede se ajoelhando e juntando as mãozinhas.

— Eu dou o dinheiro para a Mila e ela leva você. — respondo.

— Isa, a questão não é dinheiro. Eu posso

comprar um sorvete para a minha prima. Nós queremos que você vá junto. — a Mila fala.

— Tá, eu vou. Só vou trocar de roupa.

— Uhu! Eu te ajudo. — a Valentina fala correndo para o meu quarto.

Ela escolhe uma calça jeans e uma camiseta azul estampada com uma coruja. Quando chegamos à sorveteria, a Valentina sai correndo e abraça o Yuri que está sentado com o Bernardo.

— Por que não me falaram que ele estava aqui?
— pergunto para as meninas.

— O Yuri não falou que estava junto com ele.
—a Mila responde.

A Valentina solta o Yuri, pula no colo do Bernardo e começa a conversar com ele. Aproximo-me da mesa, cumprimento o Yuri e o Bernardo e peço para a Valentina descer. Puxamos algumas cadeiras para nos sentar e mais uma vez o único lugar que sobra para mim é ao lado do Bernardo. Como a Valentina está impaciente para tomar sorvete, eu a levo até o

balcão de *self-service*. Ela escolhe sorvete de chocolate, morango e leite condensado, com cobertura de chocolate, granulado, chantili e *wafer*.

Levo-a para a mesa e vou pegar o meu.

Coloco três bolas de sorvete de flocos, cobertura de chocolate e *wafer*.

Quando estou pesando o sorvete, o Bernardo se aproxima.

— Você é viciada em sorvete de flocos? — me pergunta rindo.

— É o único sabor que eu gosto, não que seja da sua conta. — respondo.

— Calma, foi só uma pergunta, Corujinha. — responde e volta para a mesa rindo.

Do que foi que ele me chamou?

Valentina

Nem acredito que o plano está dando certo. As flores eram lindas, e com a ajuda da Catarina

consegui fazer a Isa achar que era o Bernardo. Quando a Mila recebeu uma mensagem do Yuri falando que estava na sorveteria perto de casa e o Bernardo estava com ele, a Catarina me disse para falar para a Isa que eu também queria ir.

Só que a Sophia e a Mila escutaram, aí a Catarina explicou o plano e fez com que as meninas ajudassem. Aí a Mila teve uma ideia para nos ajudar sobre as flores. Eu iria falar para o Bernardo que demos o apelido de Corujinha para a Isa e que ela está odiando, como ele gosta de provocar a Isa ele também iria chamar. Quando chegamos à sorveteria, eu corro para abraçar o meu cabeludo e depois sento no colo do Bernardo. Ele se assusta quando faço isso.

— Oi, príncipe.

— Oi, princesa, como você está? — ele me pergunta sorrindo.

Ele me chamou de princesa. Sabia que ele era o cunhadinho certo.

— Bem, só que a Isa está brava.

— E por quê?

— Demos o apelido de Corujinha para ela, mas ela não gostou, ela fica brava quando chamamos ela assim. — falo rindo.

— Ah é? — ele pergunta olhando para a Isa que se aproxima da mesa.

Depois de pegar o meu sorvete, a Isa volta para pegar o dela, nessa hora o Bernardo levanta e vai atrás dela. Pego um m&m's do sorvete do Yuri e jogo na Catarina que me olha assustada, aponto para o Bernardo e a Isa. Ele fala alguma coisa para a Isa e volta rindo deixando a Isa de boca aberta.

Será que ele chamou a Isa de Corujinha?

Isabelle

Sento ao lado do Bernardo para tomar o meu sorvete. O fato de ele ter me chamado de Corujinha não sai da minha cabeça.

— Isa, está tudo bem? — a Mila pergunta.

— Está sim. — respondo.

Percebo que o Bernardo não tira os olhos de mim.

— O que foi? — pergunto.

— Nada, Corujinha.

Por que ele está me chamando assim?

Será que foi realmente ele que me mandou as flores?

— Isa! — a Valentina grita.

— Oi, Pipoca. — respondo.

— Estamos te chamando. — a Sophia responde.

— Desculpa, estava com a cabeça em outro lugar. — respondo.

Voltamos para casa e vou direto para o meu quarto. Estou sentada na minha escrivaninha olhando para a coruja de porcelana quando escuto alguém entrar.

— Oi. — a Sophia fala sentando na minha cama. — O que está acontecendo? Você anda meio aérea.

— Estou pensando.

— Precisa de ajuda? — ela me pergunta.

Dou um suspiro e sento ao lado dela.

— O Bernardo está me chamando de Corujinha.

— Igual ao cartão? — a Sophia me pergunta.
Concordo com a cabeça.

— Você acha que é ele?

— Não sei. Nós brigamos o tempo inteiro. E outra, ele tem aquela morena linda que está com ele toda hora. Por que ele iria querer uma menina como eu? — pergunto.

— Isa, você é linda, carinhosa e tem um coração enorme. Não interessa a idade, se ele quiser essa outra só por causa disso, ele é um idiota. E se ele realmente está te mandando flores e dando sinal de que é ele, é porque ele está interessado.

— O que eu faço, então?

— Oras, dá sinal de que você está interessada também. — fala e sai do meu quarto.

Fico pensando no que a Sophia falou e fico com a dúvida: eu estou interessada no Bernardo?

Bernardo

Decido ficar o resto do dia em casa, as semanas têm sido exaustivas. Por volta das 19 horas, escuto a campainha. Quando abro dou de frente com a Helena.

— Oi, bonitão. — fala entrando no meu apartamento.

— Oi, marcamos alguma coisa? — pergunto fechando a porta.

— Não, eu que estava com saudades mesmo. — ela senta no sofá.

Ela me dá um sorriso e entendo exatamente o que ela quer. Pego-a no colo e levo-a para o meu quarto.

— Sei exatamente do que você estava com saudades. — falo jogando-a na cama. — Agora aguenta. — falo sorrindo.

No outro dia pela manhã, fico olhando para a Helena deitada na minha cama. Ela é uma mulher incrível. O nosso acordo funciona para os dois lados, não temos amarras, apenas nos divertimos junto. Desde a Soraya, não penso em um relacionamento sério.

Um pouco antes do almoço, a Helena foi embora. Pego as minhas chaves e vou para a casa da minha mãe.

Isabelle

Desde que a dona Angélica saiu do hospital não consegui visitá-la ainda. Então, depois de deixar a Valentina na casa dos meus pais, pego um táxi e vou para a casa dela. Como cheguei perto do horário do almoço, decido cozinhar alguma coisa enquanto conversamos. Preparo um estrogonofe de frango com salada para acompanhar.

Conto tudo o que está acontecendo na escola e ela me pede mais uma vez que eu apoie o

Bernardo. Coloco a mesa e começo a servir os pratos quando escuto uma voz grossa entrando na cozinha.

— Oi, mamãe.

Quando olho para trás dou de frente com o Bernardo.

— Ah, você está aqui. — ele fala me olhando.

— Eu vim visitar a sua mãe. — falo, sentando.

— Que bom que você chegou, querido, a Isa fez o almoço. Por que não senta e almoça com a gente? — a dona Angélica fala sorrindo.

Ele senta à mesa e fica me olhando enquanto se serve. Começo a comer e vejo os dois conversarem.

— A Isa estava me dizendo que vocês dois estão conseguindo se virar bem na escola sem mim.

— Estamos dando um jeito. Mas é claro que a escola sente a sua falta, mamãe. — o Bernardo fala olhando para ela.

— A senhora precisa se recuperar logo,

realmente sentimos a sua falta. — falo.

Terminamos de comer com a dona Angélica contando sobre as traquinagens do Bernardo quando criança. Quem vê o Bernardo todo chato assim, não acredita que um dia ele foi uma criança feliz e arteira.

Passamos o almoço conversando e ver o Bernardo com a mãe mudou muito o que eu pensava sobre ele. Quando decido ir embora, o Bernardo insiste em me dar uma carona e eu acabo aceitando. Ficamos o caminho em silêncio. Quando ele estaciona na frente do prédio e eu vou abrir a porta para sair, ele segura o meu braço.

— Eu nunca agradei pelo que você fez pela minha mãe. Então, obrigado.

O agradecimento dele me pega desprevenida.

— Você não precisa agradecer, eu gosto muito da sua mãe. — falo dando de ombros.

— Todos naquela escola gostam da minha mãe, mas nenhum deles fez um por cento do que você fez. — ele fala me olhando. — Então, obrigado de

novo.

Concordo com a cabeça e, quando estou para sair, ele me puxa de novo e dá um beijo no meu rosto. Saio do carro sem graça.

O que aconteceu com esse homem, gente?

Capítulo 17

Isabelle

A semana foi corrida. Além de estudar e ensaiar, tive que ajudar a minha mãe a preparar a festa da Valentina. Depois de muitas risadas com uma Valentina empolgada, toda a festa estava pronta. Quando o sábado enfim chegou, preferi ficar no apartamento e me arrumar com calma. A festa estava marcada para as 18 horas.

Depois de prender os cabelos em um rabo de cavalo, eu fiz vários cachos nas pontas dos fios, fiz também uma maquiagem leve com os olhos marcados com lápis preto e um batom clarinho. Coloquei a fantasia de Sininho e com muito cuidado as asas que eram grandes.

Quando saí do quarto encontrei a Sophia que já estava com a fantasia dela, um vestido de baile rosa e azul e com uma peruca rosa, a maquiagem estava perfeita, dando a impressão de rosto de

boneca. Um tempo depois, a Mila e a Catarina saíram do quarto e eu fiquei de boca aberta.

As fantasias de Ana e princesa Elsa de Frozen estavam perfeitas.

— Caramba, ficou perfeita. — falo olhando para as duas que dão risada.

Pegamos um táxi e fomos direto para o salão. Minha mãe decorou todo o salão com o tema contos de fadas. Havia imagens de castelo, algumas fadas penduradas e várias imagens de personagens infantis.

Quando entramos, a maior parte da nossa família já estava presente.

— Alicia Lopo Montalvão! — meu pai grita atrás de mim. Quando eu olho para ele, vejo que está bravo e com cara de poucos amigos.

— Adorei a fantasia, papai.

O meu pai estava com uma calça preta, com uma regata surrada e toda suja, com o rosto sujo e algumas manchas que imitavam sangue, fiquei em dúvida se a fantasia dele era de Rambo ou Duro

de Matar.

— Não tente me distrair, mocinha.

— O que eu fiz, papai? O senhor chamou a mamãe e eu só comentei a sua fantasia.

— O que foi, Danilo? — minha mãe pergunta se aproximando. Ela estava simplesmente linda de Cleópatra.

— Você por acaso deu uma olhada na fantasia da sua filha? Ela é simplesmente curta, e olha para esse decote. — ele fala, nervoso, me apontando.

— Eu vi, Danilo.

— E deixou que ela alugasse assim mesmo? — pergunta cruzando os braços.

— Deixei, não vi nada de mais. Essa é uma festa em família. Do que você tem medo? Que o Rafael ou o Bruno fiquem babando nas pernas da Isa? — ela pergunta com uma sobrancelha levantada.

— Terão outros homens aqui, Alicia.

— Então ainda bem que o pai dela é o Rambo, não é? — ela fala afastando-se com o meu pai

indo atrás e resmungando.

— Achei que o tio Dani ia ter um enfarto. — a Sophia fala rindo ao meu lado.

Dou risada com ela e vamos cumprimentar toda a família. Com vinte minutos de festa escuto a Valentina dar um grito e sair correndo. Quando olho para onde ela correu, vejo o Bernardo e o Yuri. O Yuri ficou ótimo na fantasia de Thor dele e o Bernardo...

Bom, pelo que eu entendi da fantasia dele, ele estava de arqueiro verde. E estava simplesmente lindo. Ele se abaixa e entrega um embrulho para ela, que dá um grito me chamando.

— Oi, Pipoca.

— Me ajuda a abrir, por favor.

Eu vejo que o Bernardo que está me olhando.

— O que foi?

— Essa fantasia não é muito curta? — ele pergunta olhando para as minhas pernas.

— O papai falou a mesma coisa para ela. — a Valentina fala segurando o presente.

— Não te interessa se é curta, Bernardo.

— Como não? Está praticamente tudo de fora.

— fala apontando para as minhas pernas.

— Quer ter algum direito de falar sobre as minhas roupas? Me peça em namoro. Porque até onde eu sei você não é nada meu.

— Isa, me ajuda. — a Valentina pede quase derrubando o presente.

Eu me abaixo e apoio a caixa no chão e começo a puxar o papel junto com ela. Depois de rasgar todo o embrulho, ela dá um gritinho quando vê o desenho da caixa.

— É um castelo de princesa. Obrigada, cunhadinho. — ela fala correndo e abraçando a cintura do Bernardo.

Ele simplesmente comprou um castelo de princesas de montar da Lego. A Valentina vai brincar com isso por dias sem parar.

— Que bom que você gostou. Eu achei que, como você gosta de princesas, iria gostar de ter um castelo. — ele fala sorrindo para ela.

O babaca fica lindo sorrindo.

— Ela pediu um castelo para o meu pai. — falo.

— Então eu acertei. — ele fala sorrindo e piscando para mim. Fico de boca aberta olhando para ele.

— Eles ficam irresistíveis quando piscam, não é? — minha mãe sussurra no meu ouvido.

— Não sei do que a senhora está falando. — falo enquanto olho para o Bernardo conversando com a Valentina.

— Eu também não resistia quando o seu pai piscava para mim. Do que eu estou falando? Eu não resisto até hoje. — fala rindo.

— Mamãe, eu não gosto do Bernardo. — falo olhando para ela agora.

— Querida, você gosta. Só não percebeu isso ainda. — fala me fazendo um carinho.

— Ele é um idiota, baba...

— Babaca, metido, arrogante, chato e insuportável. — fala me interrompendo. — Eu

pensava as mesmas coisas do seu pai. Até que eu descobri que tudo o que eu sentia por ele era amor. Você gosta dele, só precisa perceber isso, e ele também gosta de você. Só que os dois são tão cegos que não perceberam isso ainda.

Minha mãe deve estar ficando doida. Eu gostando do Bernardo?

Impossível.

Pego o presente do Bernardo e levo para a caixa de presentes. Quando estou passando, a Valentina me chama de novo.

— Você e o príncipe combinaram a fantasia?
— ela pergunta.

— Não sei do que está falando, Pipoca. —
respondo confusa.

— Você veio de Sininho e ele de Peter Pan. Então vocês combinaram a fantasia.

— Valentina, a minha fantasia não é do Peter Pan, é do arqueiro verde, ele é um super-herói. —
o Bernardo fala me fazendo revirar os olhos.

— Sério que você está se achando um super-

herói com essa fantasia? — pergunto.

— Posso até não ser super. Mas, que eu me lembre, teve um dia que eu fui o seu herói. — ele fala no meu ouvido.

Quando vou responder vejo o Arthur entrar no salão, eu tinha insistido para a minha mãe chamá-lo por causa da Sophia, e ela concordou. Ele estava lindo em uma fantasia de Drácula. Saio de perto do Bernardo e vou falar com ele.

— Oi, Arthur. — falo dando um beijo no rosto dele.

— Oi, Isa, obrigado pelo convite.

— Não precisa agradecer. Na verdade tenho segundas intenções. — falo pegando no braço dele.

— Que segundas intenções seriam essas? — o Bernardo pergunta pegando o meu braço que estava segurando o Arthur.

— Não te interessa. — falo tentando me soltar e o Bernardo impedindo.

— Eu sou o Bernardo, e você é? — ele pergunta

esticando o braço para o Arthur.

— Arthur, eu sou amigo das meninas. — ele responde rindo. — Não sabia que você estava namorando, Isa. — fala olhando para o braço do Bernardo que agora está na minha cintura.

— E eu não estou. Agora, se você me dá licença. — falo me soltando do Bernardo. — Vou te levar até a Sophia, Arthur.

Afasto-me do Bernardo e vou com o Arthur para o fundo do salão.

Danilo

Eu não acredito que a Alicia deixou a Isa alugar aquela roupa, está curta, decotada, colada e não sei mais o quê. Estou completamente nervoso. Depois de uma pequena discussão com a Alicia, sento à mesa onde o Leo está.

— Que foi, cunhado? — pergunto para um Leo fantasiado de Hércules.

— Você já viu o namorado da Mila? O cara é

enorme, maior que eu até. Ele está aí, não tira a mão dela um minuto sequer.

— É, meu irmão, estou me sentindo vingado. De consumidor para fornecedor. — falo dando um soco no ombro dele. — Melhor do que isso só se ele quebrasse a sua cara. — dou risada da careta dele. Ele me olha feio e depois volta a olhar para o salão.

— Eu acho que não sou o único com problemas aqui não. — fala rindo e apontando para uma direção.

Quando sigo o olhar dele, vejo o Bernardo com a mão na cintura da Isa.

— Desgraçado, vou matar esse idiota.

— Vai matar quem? — o Matheus pergunta, sentando à nossa mesa com o Marcelo.

— Ele quis me zoar por causa do namorado da Mila, mas a Isa estava com um rapaz abraçado na cintura dela.

— Eu queria ver a cara de vocês dois vendo isso. — o Marcelo fala rindo.

— Olha quem fala. — dou risada.

— Por que você está falando isso? — o Marcelo me pergunta.

Aponto para o final do salão onde o Arthur está sorrindo passando a mão no rosto da Sophia.

— Ele acaba de se tornar mais um desempregado nesse país. — o Marcelo fala, nervoso.

— Os três viraram fornecedor. — o Matheus está chorando de rir. — Ainda bem que eu tenho dois filhos homens, não preciso me preocupar com isso.

— O que é tão engraçado? — a Alicia pergunta, sentando-se à mesa acompanhada pelas outras mulheres.

— Nada, anjo. — respondo tentando desconversar.

— O Danilo tirou sarro do Leo por causa do namorado da Mila, o Leo tirou sarro do Danilo por causa do rapaz ali com a mão na cintura da Isa. — o Matheus responde apontando para o Bernardo.

— Aí o Marcelo tentou zoar os dois e se deu mal porque o Arthur está dando em cima da Sophia. E eu sou o único que pode rir porque não tenho filha.

— Vocês quatro parecem crianças. — a Elisa fala rindo.

— Deixem as meninas namorarem, elas têm o direito de encontrar alguém bacana para elas. — a Alicia fala.

— Espera um pouco, eles estão namorando? — pergunto, bravo.

— Ainda não, meu amor, mas estou torcendo para isso.

— Torcendo? — pergunto

— Sim, torcendo, o Bernardo é um rapaz honesto. Espero que os dois namorem sim.

— Verdade, deixa as meninas, e outra, se vocês confiam na educação que deram, não vão ficar preocupados. Elas sabem se virar. — a Débora responde rindo.

E eu só espero que ela tenha razão.

Isabelle

Deixo o Arthur com a Sophia e vou dar uma volta pelo salão, tem várias crianças correndo e a Valentina é uma delas, ou seja, perigo. A Valentina é estabanada às vezes. Depois de conversar com os meus primos, pego um pratinho de salgadinho e sento a uma mesa que está livre.

— Finalmente vou conseguir ter você só para mim um pouquinho? — quando olho para o lado, o Bernardo está sentando.

— O que você quer? — pergunto, nervosa.

— Eu só queria sentar um pouco aqui do seu lado e conversar. — ele fala pegando uma coxinha e comendo.

Droga!

Até comendo uma coxinha esse homem é lindo.

— Conversar sobre o quê? Se for sobre a escola, podemos falar na segunda. — falo, levantando.

Decido ir até o lado de fora do salão tomar um

pouco de ar. O Bernardo às vezes me confunde, ele parece não gostar de mim, depois fica demonstrando ciúmes. Será que ele realmente está gostando de mim?

Não. Minha mãe que está ficando doida.

Sinto um movimento atrás de mim, antes que eu possa gritar ou tentar me defender estou presa contra uma parede com o Bernardo colado ao meu corpo.

— Você me deixa doido, menina. A única coisa que eu consigo pensar há dias é nessa sua boca insolente e no quanto eu quero prová-la. — sussurra no meu ouvido.

Sinto os seus lábios no meu pescoço descendo até o meu ombro. Céus, o que é essa boca passando no meu corpo? Ele atravessa o meu corpo de um ombro ao outro dando beijinhos, quando chega ao outro lado começa a subir pelo meu pescoço.

— Eu sei que você quer também, posso sentir pela forma que está respirando e pelo seu coração

que está batendo mais rápido. — ele continua sussurrando.

Ele beija a minha bochecha descendo até o queixo, e a única coisa que eu consigo pensar é: me beija logo, Bernardo.

Não consigo resistir e agarro a blusa dela segurando forte enquanto ele beija a minha outra bochecha. Ele distribui beijos por todo o meu rosto e começa a descer para a minha boca.

Eu vou ser beijada, eu vou ser beijada...

Não estou acreditando.

Calma, Isa, não vai desmaiar agora.

— Eu não posso mais resistir, essa boca vai ter que ser minha. — fala perto dos meus lábios.

Eu vou ser beijada pela primeira vez, não acredito.

— Isabelle Lopo Montalvão, já para dentro.

Oi?

Espera, o que aconteceu?

O Bernardo me solta, fica olhando para o lado e só aí eu processo. Meu pai está parado na porta do

salão com cara de poucos amigos.

— Danilo, que gritaria é essa? — minha mãe aparece do lado de fora.

— A sua filha estava aqui na rua aos beijos com ele. — fala apontando para o Bernardo.

— Eu não estava aos beijos. O senhor chegou antes. — falo sem pensar, ainda entorpecida pelo Bernardo.

— Já para dentro, mocinha. — meu pai grita e eu obedeço com raiva.

— Nossa, que cara é essa? — a Catarina me pergunta assim que eu sento à mesa em que ela está com a Sophia o Arthur, a Mila e o Yuri.

— Eu ia ganhar o melhor beijo do mundo agora. — falo colocando os braços na mesa e apoiando a cabeça.

— E o que aconteceu? — a Sophia pergunta.

— Sr. Danilo aconteceu. — falo com a voz abafada pela minha mão.

— O tio Dani te pegou de amasso com o Bernardo? — a Catarina pergunta rindo.

— Quase, se ele esperasse cinco minutos teria amasso. — falo.

— Isso porque ela não gosta dele. — a Mila fala rindo.

— E eu não gosto mesmo, cara insuportável. — falo com raiva

Eu não gosto.

Eu não gosto.

Eu não gosto.

Fico repetindo na minha cabeça várias vezes.

Isso, repete, Isa, até você se convencer.

O que foi?

Eu não gosto tá.

E parem de me encher o saco.

Capítulo 18

Bernardo

Depois de quebrar a cabeça do que comprar de presente para a Valentina, acabo decidindo por um castelo de princesa de montar. Espero que ela goste. Marco de me encontrar na frente do salão com o Yuri. Assim que eu chego, já o encontro me esperando.

Quando entramos a Valentina vem correndo ao nosso encontro.

— Príncipe, você veio. — fala me abraçando.
— Oi, cabeludo. — ela dá outro abraço no Yuri.

Depois de entregar o presente, ela chama a Isabelle para ajudá-la a abrir. Eu não esperava a visão que eu tive. A Isabelle estava linda de Sininho, o único problema é que a fantasia era curta. As pernas bem torneadas pelo balé estavam de fora, e o meu lado ciumento falou mais alto.

Não me pergunte de onde esse ciúme veio, eu

não sei.

Quando ela começa a falar com um rapaz toda sorridente, eu os interrompo. A única coisa que eu quero é que ele saiba que ela é minha.

Tá, ela não é minha agora, mas ela não vai ser dele. Depois de levar um fora, vou sentar a uma mesa onde o Yuri está.

— Levou um toco? — ele pergunta rindo.

— Não te interessa. — respondo.

Passo a festa observando a Isabelle, ela cumprimenta os convidados, dá risada e nunca fica sozinha.

— Se você quer a Isa, toma uma atitude logo.
— a Catarina fala ao meu lado.

Quando ela finalmente senta a uma mesa sozinha, eu vou até ela. Acabo tomando outro fora, mas não vai ficar assim. Vou atrás dela e a encontro do lado de fora do salão. Não penso duas vezes, agarro-a e prendo-a na parede. Sei que o jeito que a agarrei foi um pouco bruto, mas eu precisava disso. Não sou romântico e não sou

delicado.

Distribuo beijos pelo corpo dela e sinto o quanto ela está afetada, tanto a respiração quanto os seus batimentos estão rápidos. Quando estou me aproximando para finalmente beijar essa boca insolente, o pai dela atrapalha.

A Isabelle entra no salão me deixando sozinho com o pai e a mãe dela.

— Por favor, me desculpem. — começo a falar.

— Você não precisa pedir desculpas, Bernardo. É normal que dois jovens que se gostam queiram se beijar.

— Tá louca, Alicia? — o Danilo grita.

— Não, eu não estou. O Leo nos pegou uma vez assim, esqueceu? E não estava acontecendo nada de mais. Os dois são jovens e o Bernardo é um bom rapaz. Se ele quiser namorar a Isa, eu dou a minha permissão e você também.

— Minha mulher ficou louca, não é possível. — o Danilo dá um suspiro e olha para mim. — Citando um cunhado muito ciumento “Primeiro:

se a minha filha chorar por sua causa, quebro a sua cara; segundo: se ela sofrer por sua causa, quebro a sua cara; terceiro: se tentar se aproveitar da minha filha sem ter se casado com ela, temato”. — ele fala e entra no salão.

— Não liga para ele, isso é ciúmes de pai, logo ele supera. — a Alicia fala.

— Tudo bem, eu entendo, mas não estou namorando a sua filha. — falo.

— Eu sei, mas eu também sei que você gosta dela e que ela gosta de você. Então eu acho que vocês dois deveriam parar com essa besteira e se entender de uma vez. Nunca sabemos o dia de amanhã, um dia o amor da sua vida está do seu lado, no outro você está sozinho. Então não perca tempo, Bernardo, se você realmente gosta da minha filha, lute por ela.

Vejo a Alicia entrar no salão e fico pensando no que ela falou. Ainda é muito confuso para mim o que eu sinto pela Isabelle. Saber que ela é virgem e nunca foi beijada me assusta, é muita

responsabilidade para um homem. Mas, ao mesmo tempo, a única coisa que eu consigo pensar é em ser o primeiro e o único na vida dela.

Entro no salão e vejo a Isabelle sentada à mesa com as primas e o Yuri, para a minha sorte tem uma cadeira vazia ao lado dela.

— Sentiu a minha falta? — pergunto, sentando e passando o braço pela cadeira dela.

Ela levanta a cabeça e me olha assustada, percebo que ela começa a ficar vermelha e eu sei que é porque está se lembrando do que aconteceu lá fora.

— Vocês ficam tão bonitinhos juntos. — a Catarina fala rindo.

— Nós não estamos juntos. — a Isabelle fala, nervosa.

— Mas vai ser por pouco tempo, Corujinha. — falo no ouvido dela.

— Príncipe, vem comigo. — a Valentina me puxa pela mão.

— Que foi, princesa? — não tem jeito, acabo

entrando na onda dela.

Ela me puxa até o outro lado do salão onde tem um brinquedo. Olhando de perto, tem uma bateria e uma guitarra. Depois de olhar bastante, entendi que era um videogame.

— Brinca comigo? — ela pergunta.

— Posso até brincar, mas já aviso: não sei tocar bateria e nem guitarra. — falo dando risada.

— Eu também não. — ela ri.

Eu sento na bateria e ela pega a guitarra. O monitor do brinquedo liga o videogame e começamos a jogar, quero dizer, tentamos, porque se eu não estou enganado não acertei nem uma vez. Até que eu me diverti, a Valentina estava concentrada tentando acertar toda a sequência, mas ela foi tão mal quanto eu.

— Você é muito ruim. — a Valentina fala rindo.

— Olha quem fala, você não acertou nem um sequência também. — falo rindo.

— Mas você é o adulto, cunhadinho, então

quem tinha que acertar mais era você. — ela fala me apontando.

Não sei o que dá em mim, acho que foi a risada e a alegria dessa menina que me contagia. Pego a Valentina no colo, viro-a de ponta-cabeça e ando com ela pelo salão dando risada.

— Me coloca no chão, príncipe. — ela pede rindo.

— Não até que você reconheça que a ruim aqui é você. — falo rindo e andando em direção à Isabelle que não está acreditando no que está vendo.

— Eu não sou ruim, você que é. — nesse momento, ela está gargalhando.

Aproximo-me da Isabelle que a essa hora está rindo também.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Isa, o príncipe é ruim na bateria, perdemos no videogame por causa dele. — a Valentina fala rindo ainda de ponta-cabeça.

— A Valentina que não sabe tocar uma nota

sequer de guitarra e quer colocar a culpa em mim.
— falo rindo.

— Ele tem razão, Pipoca, você é muito ruim na guitarra. — a Isabelle fala rindo.

— Depois dessa, está pronta para reconhecer que a ruim é você? — pergunto.

— Tá bom, eu sou ruim. — ela fala rindo.

Viro-a devagar e coloco-a no chão. Assim que para de rir, ela me abraça.

— Obrigada por brincar comigo. — fala e sai correndo.

Quando olho para a Isabelle, ela está com lágrimas nos olhos.

— O que foi, Corujinha? — pergunto passando os polegares pelos olhos dela.

— Minha irmã te adora. Obrigada por ser tão legal com ela.

— Acabei me encantando por ela da mesma forma que me encantei pela irmã mais velha. — falo me aproximando.

Ficamos nos olhando por um tempo até que

somos interrompidos por um dos primos dela que a chama. Fico olhando enquanto ela se afasta.

Droga, Bernardo, você está confessando que está gostando dessa menina?

Isabelle

Eu não posso acreditar no que eu vi: Valentina e Bernardo brincando juntos e dando risada. Até onde eu sei, ele não gosta de crianças. Mas a forma que ele estava tratando a minha irmã me emocionou. Saio de perto dele antes que eu cometa uma loucura, do tipo cair nos braços dele.

Quando estou indo sentar com as meninas, vejo o Cadu no canto do salão sozinho e decido ir até ele.

— Que foi que o senhor está aí sozinho? — pergunto me apoiando na parede do lado dele.

— Nada. — ele fala olhando para o outro lado do salão. Acompanho o olhar dele e vejo que está olhando para a Amanda.

— Se você gosta dela, por que não vai lá e confessa? — pergunto sorrindo.

— Eu não gosto dela. — ele fala, bravo.

— Cadu, você gosta dela desde que ela nasceu. — falo rindo. — E não tem problema nenhum nisso, mas para de perder tempo, vai lá e fala antes que algum menino passe na sua frente.

Saio de perto dele e acabo esbarrando da minha mãe.

— Está na hora de cantar parabéns, me ajuda?

— Claro, mamãe, vou buscar a Pipoca.

Depois de tirar uma Valentina animada do pula-pula, levo-a para a mesa do bolo. Ela entra atrás da mesa com a mamãe e o papai e eu fico um pouco mais afastada.

As pessoas começam a se juntar em volta da mesa e eu sinto dois braços passando pela minha cintura, quando olho para trás encontro o Bernardo sorrindo. Não tenho tempo de falar nada porque começam a cantar “parabéns”. Viro para frente e começo a bater palmas, mas isso não

impede de sentir a respiração do Bernardo na minha orelha e escutar a voz grossa dele.

Quando termina os “parabéns”, tento sair dos braços do Bernardo que, antes de me soltar, dá um beijo no meu pescoço, na mesma hora sinto um arrepio no corpo, o idiota percebe e dá risada. Tento fugir do Bernardo por todo o final da festa, mas, mesmo que eu não fique perto, os olhos dele não desgrudam de mim.

Quando os convidados começam a ir embora, vou para a porta com a Valentina entregar as lembrancinhas. Dez minutos depois, o Bernardo para ao nosso lado e abaixa na altura da Valentina.

— Eu já vou indo, princesa. — ele fala.

— Mas já? — ela pergunta fazendo bico.

— Eu tenho que ir, mas eu prometo que nos vemos outro dia.

— Tá bom, né. — ela fala e abraça o pescoço dele que retribui o abraço.

Depois de abraçar o Bernardo, a Valentina vira

para a cesta que eu estou segurando onde tem um porta-canetas com a foto dela e entrega para ele.

— Obrigado, vou colocar na minha mesa. — ele levanta e aproxima de mim. — Te vejo na escola segunda-feira. — ele se aproxima do meu rosto, dá um beijo no canto da minha boca e vai embora.

— Eu sabia que vocês estavam namorando. — a Valentina fala batendo palmas.

— Não estamos namorando, Pipoca. — falo ainda olhando por onde ele saiu.

O que aconteceu para o Bernardo mudar desse jeito?

Antes ele evitava contato, agora parece fazer de tudo para ficar perto e me tocar.

— Mas ele vai pedir, tenho certeza. — a Valentina fala me tirando dos meus pensamentos.

Será mesmo?

Capítulo 19

Isabelle

Imagine uma pessoa que não conseguia dormir à noite. Essa pessoa era eu. Não conseguia deixar de pensar no quase beijo com o Bernardo e em todas as indiretas que ele deu.

No domingo, preferi ficar em casa, tinha um trabalho da faculdade para fazer.

Na segunda-feira de manhã, eu estava sentada na cozinha tomando café quando a Sophia entrou correndo carregando uma mochila.

— Onde você vai toda esbaforida assim? — pergunto.

— Hoje tem os exames semestrais da companhia, eles vão tirar sangue e fazer a bateria de exames físicos.

A companhia da qual a Sophia participava era muito rigorosa com a saúde dos bailarinos, eles faziam um acompanhamento semestral para ter

certeza de que nenhum deles estava com a saúde comprometida.

— Boa sorte. — falo rindo.

Ela sai correndo da cozinha gritando “tchau” e eu termino o meu café. Depois de mais algumas aulas chatas, vou para a escola de balé. Quando chego, passo primeiro no escritório, entro na sala, e o Bernardo não está à mesa como sempre. Aproveito que ele não está para verificar o meu *e-mail*. Sento à mesa e abro a página da internet, só que algo em cima da mesa chama a minha atenção.

O Bernardo trouxe o porta-canetas com a foto da Valentina para o escritório.

— Gostou do meu porta-canetas? — o Bernardo fala me assustando.

Quando levanto o olhar, vejo-o apoiado na porta de braços cruzados e sorrindo.

Idiota lindo.

Estou para responder alguma coisa sarcástica quando o meu celular apita.

É uma mensagem no grupo do WhatsApp em que eu estou com as meninas.

Sophia: 911

Logo uma resposta chega.

Mila: o que houve?

Catarina: você está bem?

Isa: onde você está?

Sophia: preciso de vocês em casa AGORA!!

Isa: estou indo.

Mila: estou a caminho.

Catarina: vou dar um jeito de sair.

— Bernardo, vou ter que ir para casa, aconteceu algum problema. — falo, levantando.

— O que aconteceu? — ele pergunta se aproximando.

— A Sophia mandou uma mensagem dizendo que precisa da gente. Na última vez que recebi uma mensagem assim, a Catarina tinha levado uma facada. — falo, nervosa.

— Eu te levo. — ele fala, pegando a chave do carro.

— Não precisa, eu pego um táxi. — falo, passando por ele. Quando estou perto da porta, sou agarrada por dois braços musculosos.

— Eu disse que te levo, Corujinha. Não vou deixar você sair nervosa desse jeito.

Ele coloca um braço na minha cintura e me puxa para o estacionamento da escola. Não vejo o caminho para a minha casa, quando dou por mim estamos estacionados na frente do prédio.

— Quer que eu suba com você? — ele pergunta, tirando o cabelo do meu rosto.

— Não precisa, obrigada pela carona. — falo, abrindo a porta.

— Se precisar de alguma coisa, é só me ligar, pode ser a hora que for. — fala.

Concordo com a cabeça e saio do carro. Quando estou esperando o elevador chegar, a Mila e a Catarina chegam apressadas.

— O que será que aconteceu? — a Mila pergunta.

— Não sei, mas deve ser sério. — falo.

Entramos no apartamento e encontramos uma Sophia sentada no sofá chorando.

— Ei, o que aconteceu? — pergunto, sentando ao lado dela. Ela olha para o meu rosto e depois para as meninas.

— Eu estou grávida. — responde e cai em um choro desesperado.

Olho para as meninas e vejo no rosto delas o mesmo sentimento que o meu.

Vou matar o Paulo.

Sophia

Abro o olho devagar e olho para o relógio na cômoda.

Droga, perdi a hora.

Levanto correndo e vou para o banheiro me arrumar. Hoje a companhia vai realizar alguns exames para verificar a saúde dos bailarinos. Eles fazem isso todos os meses para garantir que estamos em perfeitas condições de dançar. Depois

de me trocar correndo, passo pela cozinha, falo com a Isa e saio. Quando estou saindo do prédio, escuto uma buzina, olho para o lado e vejo o Arthur descendo do carro.

— Oi, o que está fazendo aqui? — pergunto, confusa.

— Estava com saudades. — ele fala sorrindo e me dando um beijo no rosto.

Há um mês eu tenho saído com o Arthur como amigos, mas eu sinto que todas as vezes ele tenta mudar o status de amigo para algo mais. Apesar disso, ele tem me respeitado bastante.

— Você quer uma carona? — ele pergunta.

— Quero, estou atrasada, e se eu for de ônibus vou me atrasar mais ainda.

Depois de o Arthur me deixar na companhia, entro correndo direto para o vestiário, guardo as minhas coisas e vou para a sala onde devemos esperar sermos chamados para os exames. Quando eu entro, vejo vários bailarinos já sentados. Enquanto procuro um lugar para sentar, vejo a

Bianca acenando dizendo que guardou um lugar para mim. A Bianca e eu somos amigas desde que eu entrei na companhia, há cinco anos.

— Oi, Bia, já chamaram alguém? — pergunto, sentando.

— Ainda não, eles se atrasaram um pouco. — responde.

Fico conversando com a Bianca até que quarenta minutos depois chamam o meu nome. Acompanho a enfermeira que me leva para uma sala adaptada para a coleta de sangue. Depois de tirar um pouco de sangue para o exame, ela me entrega um frasco para coletar urina. Depois de entregar o potinho de volta para ela, vou para outra sala realizar os outros exames.

Uma hora depois e eu terminei tudo.

Estou na sala de ensaios com outros bailarinos ensaiando, no final do ano vamos representar Giselle, e eu estou entre as quatro bailarinas cotadas para o papel principal. Estamos na parte mais difícil quando a porta se abre e o diretor da

companhia entra. Ele percorre o olhar por nós e para em mim.

— Sophia, me acompanhe, por favor. — ele pede e sai da sala.

Saio correndo atrás dele e o sigo até a sua sala. Depois de entrar e sentar na frente da sua mesa, a porta se abre novamente e a Marta, que é a responsável pelas bailarinas, entra e senta ao meu lado.

— Sophia, chamamos você aqui porque o seu exame de urina apresentou uma alteração. — o diretor fala me olhando.

— De que tipo? — pergunto, preocupada.

— Você está grávida, querida. — a Marta responde pegando a minha mão.

— Impossível, eu não estou...

Paro a frase no meio. No dia em que o Paulo tirou a minha virgindade, ele não usou uma camisinha, e agora eu estou grávida. Meu sonho de ser primeira bailarina acabou.

— Se você precisar de alguma coisa é só nos

avisar. — a Marta tenta me consolar.

— Sophia, vou ser honesto, com essa gravidez você sabe que não vai poder representar Giselle, não sabe? — o diretor fala me olhando. Concordo com a cabeça, mas sem prestar atenção em nada.

— Posso ir para casa? — pergunto segurando as lágrimas.

Eles concordam e eu saio correndo. Depois de pegar as minhas coisas, entro em um táxi e vou para casa. Ainda segurando as lágrimas, mando uma mensagem para as meninas, preciso delas, não sei o que fazer agora. Quando a porta se abre e elas entram, as primeiras lágrimas começam a cair.

— Ei, o que aconteceu? — a Isa pergunta, sentando ao meu lado. Olho para as meninas e respondo.

— Eu estou grávida. — e deixo as lágrimas finalmente caírem.

Isabelle

— Você vai ter que contar para o tio Leo e a tia Lisa. — falo depois que a Sophia se acalma.

— Eu sei, mas não tenho coragem. — ela fala.

— Vamos estar do seu lado, Soso. — a Mila fala.

— E, depois de contar, eu vou caçar aquele idiota e castrá-lo. — a Catarina fala.

Depois de muito pensar, decidimos contar para todos juntos, assim teríamos mais pessoas presente para ajudar a acalmar o tio Marcelo. Ligo para a mamãe e pergunto se podemos fazer uma reunião de família na casa dela. Ela estranha o pedido, mas concorda. Quando chegamos à casa dos meus pais, às 19h30min, todo mundo já está lá.

Cumprimentamos todo mundo e peço para a minha mãe nos reunir na sala. Percebo que a tia Elisa fica olhando para a Sophia, que está quieta no canto. Como eu sei que ela não vai ter coragem de falar, eu levanto e fico de frente para todos, que ficam em silêncio, me olhando.

— Família, tenho algo para falar, peço que escutem tudo primeiro e depois podem se manifestar.

— Isa, você está me assustando. O que aconteceu? — minha mãe pergunta, preocupada. Olho para a Sophia, que começa a chorar, e começo a contar.

— Alguns meses atrás nós fomos a uma balada e lá conhecemos dois amigos do Bernardo. Um deles era o Yuri que está namorando a Mila e o outro era o Paulo. A Sophia e o Paulo começaram a sair por algum tempo, mas não chegaram a namorar. — vejo que o tio Marcelo já fechou a cara e está observando a Sophia que está chorando. — Um mês atrás aconteceu uma coisa...

— O que ele fez, Sophia? — o tio Marcelo pergunta, nervoso, olhando para ela.

A Sophia olha para ele e chorar ainda mais. A tia Elisa levanta e senta ao lado dela, abraçando-a.

— Ele tirou a virgindade dela, tio Leo, e depois simplesmente a deixou em casa e foi embora. —

falo.

O tio Marcelo fica vermelho, levanta do sofá e anda de um lado para outro.

— Ele te machucou, querida? — a tia Elisa pergunta. A Sophia não consegue olhar para ela.

— Se ele machucou? — a Catarina pergunta alto. — Ele foi um ogro, tia, simplesmente tirou a virgindade dela sem se preocupar se estava machucando ou não.

— Por que você não falou comigo, querida?

— Eu estava com vergonha, mamãe.

— Por que decidiram contar isso agora? — o tio Marcelo pergunta, de braços cruzados, me olhando.

— A Sophia fez um exame hoje e descobriu que está grávida.

Quando falo isso, a sala fica em silêncio. Depois de um minuto, o tio Marcelo atravessa a sala e vai até a Sophia.

— Olha para mim, Sophia. — pede agachado na frente dela. Ela olha para o tio Marcelo ainda

chorando.

— Eu não vou te condenar, não vou brigar. Claro que não estou feliz com essa situação, eu queria que você se casasse primeiro e depois tivesse filhos. Mas essa criança já está aí dentro de você, e ela vai ficar aí dentro. Você não vai cometer nenhuma loucura do tipo fazer um aborto. Você tem pai, mãe e uma família enorme que te ama e vai te ajudar em tudo o que precisar, entendeu? — ele pergunta. Ela concorda e se joga nos braços dele.

Eu sabia que o tio Marcelo, depois de ficar bravo, apoiaria a Sophia. Quando solta a Sophia, ele levanta e se aproxima de mim.

— Liga para o seu namorado e pede o endereço desse Paulo. — ele pede.

— Ele não é o meu namorado, tio. — falo sem graça.

— Que seja, pede o endereço dele.

— O que o senhor vai fazer, papai? — a Sophia pergunta.

— Vou mostrar para esse filho da puta que a minha princesa não é uma qualquer, ela tem família, não é um cachorro de rua. Se ele pensa que pode se aproveitar da minha filha e ficar impune está enganado.

Me afasto de todos que agora estão abraçando a Sophia. Entro no meu quarto e ligo para o Bernardo.

— Corujinha, já ia te ligar, estou preocupado, o que aconteceu?

— A Sophia está grávida, Bernardo. — falo. Ele fica em silêncio por um minuto, mas depois começa a xingar.

— Eu vou matar o Paulo.

— Não precisa se preocupar com isso, meu tio quer ter o prazer de fazer isso pessoalmente. Por isso te liguei, preciso do endereço dele.

— A essa hora ele está na academia. — fala.

— Obrigada, Bernardo.

— Se a Sophia precisar de alguma coisa, me avisa, tá? — ele pede.

— Pode deixar.

Depois de desligar, vou até a sala e aviso para o tio Marcelo onde o Paulo estaria a essa hora.

— Marcelo, eu vou com você. — o tio Leo fala, levantando.

— Eu também. — meu pai fala se juntando a eles.

No final, o tio Marcelo saiu acompanhado pelo meu pai, os tios Leo e Matheus e os meus primos Rafael e Bruno.

— Eu acho que esse rapaz hoje vai parar no hospital. — a tia Débora fala rindo.

Eu realmente espero que sim.

Marcelo

Eu mato esse desgraçado. Quem ele pensa que é para fazer isso com a minha filha?

Chego à academia que a Isa me informou e desço do carro.

— Vamos quebrá-lo em pedaços, mas não

matar, Marcelo. — o Matheus fala me segurando. Concordo com a cabeça e entro na academia. Assim que entramos, um rapaz alto se aproxima.

— Senhor Leonardo, como vai? — ele cumprimenta o Leo e reconheço que é o namorado da Mila.

— Não muito bem, Yuri, cadê o seu amigo Paulo? — o Leo pergunta.

— Lá atrás treinando, por quê? — pergunta, desconfiado.

— Ele engravidou a minha filha. — respondo.

— Merda. Eu vou matar o Paulo. — o Yuri fala.

— Não se preocupe, estou aqui para isso. — falo indo na direção que ele apontou. Quando entro em uma sala, vejo que ele está treinando com outros homens.

— Saiam todos daqui, por favor, menos você, Paulo. — o Yuri pede. Depois que todos saem, ficando só o Paulo, eu me aproximo.

— Você sabe quem eu sou? — pergunto.

— Não tenho a mínima ideia. — responde sarcasticamente.

— Eu sou o pai da menina que você usou e jogou fora. — falo. Nessa hora, ele fecha a cara e percebo o momento exato em que ele entende de quem eu quero falar.

— Olha, ela sabia que seria uma noite só e acabou, eu falei isso para ela.

Quando ele tem coragem de falar isso, acerto um soco na cara dele. Mesmo ele sendo maior e mais preparado, meu soco o pega desprevenido.

— Você é louco, por acaso? — ele pergunta.

— Não, o idiota aqui é você. Você realmente acha que poderia abusar da minha filha e nada acontecer para o seu lado? Ela tem pai, tem família, não é um bicho de rua, seu idiota. — falo, acertando outro soco.

Quando ele tenta revidar, acaba levando uma rasteira do Leo, que chegou por trás. Aproveito que ele está caído e acerto alguns chutes.

— Ninguém se aproveita da minha filha e sai

impune. — estou gritando enquanto acerto outros chutes.

Quando eu canso, saio de perto, mas antes que eu possa perceber, ele levanta e vem para cima de mim. No momento em que ele tenta acertar um soco, leva outro soco do Leo na costela.

— Isso vai te ensinar a não mexer com menina de família. — o Leo grita.

— Eu vou acabar com vocês. — ele grita, tentando ir para cima.

Como o Leo é o mais preparado de nós, já que também pratica luta, ele entra na frente e acerta outro soco, derrubando-o no chão.

Nessa hora, o Yuri se aproxima.

— Eu sei que o senhor está com raiva e não tiro a sua razão, mas acho que já está bom. — fala.

— Eu quero arrebentar ele inteiro, aí sim vou me dar por satisfeito. — falo.

— Senhor Marcelo, essa academia ensina defesa pessoal para mulheres justamente para se defenderem de idiotas como o Paulo. Não precisa

se preocupar, os rapazes terminam o serviço.

Olho para o Paulo tentando levantar do tatame e concordo.

— Nunca mais se aproxime da minha filha. — grito.

Saio da academia nervoso e vou para casa ficar com a Sophia.

Yuri

Depois que a família da Sophia vai embora, chamo os rapazes que fazem MMA aqui na academia. Assim que eles entram na sala de treinamento e veem o estado do Paulo, perguntam o que aconteceu.

— Ele abusou de uma menina, engravidou-a e jogou fora. Então, se vocês puderem ensinar uma lição para ele, agradeço. — falo e saio da sala.

De longe posso escutar os socos e os gritos do Paulo. Isso vai ensiná-lo a nunca mais brincar com os sentimentos de uma mulher.

Só espero que a Mila não fique brava comigo

por causa dele.

Capítulo 20

Isabelle

Dois dias depois da notícia da gravidez da Sophia, nós estávamos sentadas em uma sala de espera do ginecologista. Ela faria o primeiro ultrassom para ver se estava tudo bem com o bebê.

— Estou nervosa. — a Mila fala, roendo a unha.

— Eu sou a mãe, eu deveria ficar nervosa. — a Sophia fala rindo.

Vinte minutos depois estávamos espremidas na sala de ultrassom. Assim que o médico começou o exame, ficamos em silêncio, não conseguíamos enxergar nada na tela do ultrassom.

— Querem ouvir o coraçãozinho? — o médico pergunta.

A Sophia concorda emocionada. O médico liga o som, e o barulho do coração enche a sala.

— Esse é o som mais lindo do mundo. — falo, emocionada.

Depois de ouvir o coração e ver que estava tudo bem, nós voltamos para casa.

Foi difícil no início porque o tio Marcelo não queria que a Sophia continuasse morando com a gente, mas conseguimos convencê-lo. Na escola, estava corrido porque teríamos uma apresentação no final de semana, então quase não consegui falar com o Bernardo. Todas as equipes iriam se apresentar, tirando essa apresentação teria apenas mais uma antes de viajarmos para a Inglaterra.

No sábado, levantei cedo e fui para o teatro, teríamos mais um ensaio. Depois de ensaiar bastante, vou para o camarim me trocar, enquanto estou terminando a maquiagem escuto vozes no corredor. Percebo que é a voz do Bernardo conversando com uma mulher.

Vou até a porta, abro com cuidado e vejo uma mulher loira pendurada no pescoço dele.

Quem é essa mulherzinha?

Quando estou fechando a porta, vejo a loira beijar o Bernardo. Ele disse que estava gostando de mim, e está aos beijos com uma mulher?

Esse idiota me paga.

Bernardo

Eu estava nervoso andando de um lado para o outro, hoje seria a primeira apresentação da companhia sem a minha mãe. Tentei ajudar de alguma forma, mas eu não sabia ao certo o que eu tinha que fazer. Decido ir até o camarim da Isabelle e perguntar o que precisa ser feito antes de a apresentação começar. Assim que eu me aproximo do camarim, escuto uma voz fina e nojenta.

— Oi, Bê. — a Soraya fala sorrindo.

— O que você está fazendo aqui, Soraya?

— Fiquei sabendo da apresentação e vim prestigiar. — fala se aproximando e passando os braços pelo meu pescoço.

— Você não tem nada para fazer aqui. — falo segurando os braços dela.

— Tenho sim, Bê, eu vim aqui para matar a saudade, e eu sei que você sente a minha falta também. — a Soraya fala grudando os lábios no meu. Empurro-a contra a parede, nervoso.

— Eu não senti a sua falta, Soraya, e não tenho a mínima ideia de onde tirou isso. Nós terminamos, esqueceu? Vai procurar aquele velho para apagar o seu fogo. — falo, irritado, e saio do corredor em direção aos camarins, entro no camarim da Isabelle e vejo-a parada olhando para o espelho.

— Tudo bem, Corujinha? — pergunto colocando as mãos no ombro dela.

— Estou bem, Bernardo. — fala, levantando.

— Ei, tem alguma coisa errada, posso ver no seu rosto. — falo me aproximando.

— Já falei que estou bem, Bernardo, agora me dá licença, vou colocar o meu vestido.

Saio do camarim confuso, não tenho a mínima

ideia do que aconteceu com ela.

Isabelle

Quando sinto as mãos do Bernardo em mim fico com nojo. Lembro-me daquela loira aguada nojenta beijando a mesma boca que há poucos dias eu quase beijei pela primeira vez. Depois de me arrumar, vou para trás do palco e espero a minha hora de entrar. Como todas as vezes, esqueço o mundo e deixo a música me levar.

Após a apresentação, corro para o camarim, mas sou parada por uma moça me perguntando sobre o Bernardo, quando olho para o rosto dela reconheço como a moça do restaurante.

— Eu não vi o Bernardo. — respondo.

— Helena? —escuto-o atrás de mim. — O que está fazendo aqui?

— Vim te prestigiar, querido. — ela responde passando por mim e dando um selinho no Bernardo.

Saio correndo para o camarim.

Idiota, idiota, idiota.

Como eu fui acreditar que ele realmente queria alguma coisa comigo?

Eu sou mais nova que ele, não tenho nada de mulher fatal comparada às outras duas.

Duas.

Ele tem duas mulheres.

Caio na cadeira na frente do espelho e começo a chorar. Por que você está chorando, Isabelle?

Droga, eu sei por que estou chorando, eu me apaixonei pelo Bernardo, me apaixonei pela primeira vez na vida e já tive o meu coração despedaçado por ele.

Bernardo

Merda!

A Helena tinha que aparecer bem naquela hora e me dar um selinho. Tenho certeza de que a Isabelle viu e ficou chateada. Depois de me

despedir da Helena, corri até o camarim, mas a Isabelle não estava mais lá. Tentei ligar no celular dela várias vezes, mas ela não me atendeu, tenho certeza de que estava me ignorando. Só que se ela não me retornar até ao meio-dia de amanhã eu vou até a casa dela.

Isabelle

Sai correndo do teatro depois de ter chorado bastante no camarim. Não queria encontrar com o Bernardo. Quando estava saindo, o Kaike me ofereceu uma carona e eu aceitei, assim não precisaria pegar um táxi. Assim que estaciona na frente do prédio, ele sai do carro e abre a porta para mim.

— Isa, queria te perguntar uma coisa. — fala, segurando a porta.

— Pergunta.

— Quer almoçar comigo amanhã? — pergunta sorrindo.

Fico tentada a recusar, eu sei que ele gosta de mim, mas eu não sinto isso por ele. Só que depois de ver o Bernardo beijar duas mulheres, a única coisa que eu quero é esquecer ele.

— Claro, passa aqui amanhã para me pegar? — pergunto, tentando sorrir.

— Passo sim.

Combinamos o horário e eu subo correndo para o apartamento, só quero ficar sozinha agora.

No outro dia, fico tentada a ligar para o Kaike e desmarcar, mas as meninas me impediram. Então eu coloquei um vestido azul e uma sapatilha e desci para encontrar o Kaike no horário combinado. Ele me levou para comer em uma cantina italiana, adorei o passeio, ele me fez rir bastante. O passeio estava tão legal que só voltei para casa por volta das 20 horas.

Assim que eu entro no apartamento, encontro a Mila sentada com o Yuri no sofá.

— Já ia mandar o resgate atrás de você. — a Mila fala rindo.

— O passeio estava tão bom que não vi a hora passar. — falo, sentando no sofá com eles.

— Só tem uma pessoa que não está gostando muito disso. — o Yuri fala.

— Quem? — pergunto

— O Bernardo, ele passou aqui para falar com você. Quando eu disse que você saiu com o Kaike, ele não ficou nem um pouco feliz, reclamou bastante e saiu daqui batendo as portas. — a Mila responde.

— Azar o dele. — falo, vou para o meu quarto e me arrumo para dormir. Quando estou deitada, terminando de ler um livro, o meu celular toca.

— Alô. — atendo sem ver o identificador de chamadas.

— Onde você estava o dia inteiro, Isabelle? — o Bernardo grita no meu ouvido.

— Não é da sua conta, não sou nada sua. — respondo.

— Precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar. Se quiser

realmente falar com alguém, vai procurar as duas oferecidas de ontem. — falo e desligo o celular.

Eu não vou deixar você quebrar mais ainda o meu coração, Sr. Mala.

Na segunda-feira, depois de sair da faculdade, fico enrolando um pouco na rua, a última coisa que eu quero é chegar à escola e dar de frente com o Bernardo.

Depois de duas horas de atraso, eu finalmente entro na escola, me troco e vou para a sala de ensaios. Assim que entro na sala, o Kaike vem falar comigo, começamos a nos aquecer e nos lembrar do dia anterior, em que nos divertimos bastante. Estamos dando risada quando sinto uma mão forte me agarrar, viro e dou de frente com um Bernardo muito bravo.

— Quero falar com você agora.

— Eu tenho que ensaiar, Bernardo, caso tenha esquecido, temos mais uma apresentação antes da competição. — falo me soltando das mãos dele.

Passo a semana evitando o Bernardo, tenho

saído com o Kaike quase todos os dias, o que só piorou o humor do Sr. Mala. Todas as vezes que me via saindo acompanhada ele fechava a cara. Um dia ele tentou me segurar na escola dizendo que precisava da minha ajuda, mas eu não fiquei, disse que resolveria isso no dia seguinte.

O Bernardo me ligava todos os dias no celular à noite e eu não atendia, quando ligava em casa eu pedia para as meninas falarem que eu não estava. Tive uma discussão feia com as meninas porque elas achavam que eu não devia evitá-lo, mas eu estava disposta a proteger o meu coração já machucado.

Duas semanas depois eu estava na faculdade quando recebi uma ligação da Mila, que estava desesperada. A única coisa que eu entendi era que a Sophia estava no hospital. Saí correndo da faculdade morrendo de medo de que alguma coisa tivesse acontecido com ela e o bebê.

Sophia

Desde que eu descobri que estava grávida a minha vida mudou bastante. Minha família toda me apoiou bastante, principalmente as meninas.

Quando contei para o Arthur que estava grávida, achei que ele não fosse mais querer me ver, mas me surpreendi com a atitude dele, que me afirmou que estaria do meu lado me ajudando com o bebê. Estava me apaixonando por ele, e era nesses momentos em que estava feliz com o Arthur que eu me arrependia de ter me entregado para o Paulo.

O Yuri me disse que o Paulo ainda não sabia sobre a gravidez, então hoje acordei determinada a contar sobre o bebê. Quando cheguei ao escritório em que ele trabalha, pedi à secretária para chamá-lo. Esperei por dez minutos até que ele apareceu. Assim que me viu, ele fechou a cara.

— O que está fazendo aqui?

— Preciso falar com você, Paulo.

— Não temos nada para falar, pode ir embora,

Sophia. — fala, virando as costas para mim.

— Estou grávida, Paulo. — grito, fazendo com que ele pare de andar. Ele vira e fica me olhando.

— É meu?

— Claro que é seu, você foi o único homem com quem eu fui para a cama, idiota.

— Eu não quero esse filho, Sophia, se você quiser ter problema seu. Eu pago uma pensão para ajudá-la a criar, mas não quero contato nenhum com ele.

— Idiota, não quero nada de você, só achei que você tinha o direito de saber que ia ser pai. Mas é bom que o meu filho não tenha contato com você, assim ele não vai crescer tendo um cretino como exemplo.

Depois de gritar com o Paulo, saio correndo do escritório, estou tão atordoada que não vejo nada na minha frente, atravesso a rua correndo em direção ao meu carro até que escuto um barulho, quando dou por mim estou sendo atingida por um carro e tudo fica escuro.

Quando abro os meus olhos, percebo que estou em um hospital, escuto algumas pessoas conversando perto de mim. Assim que viro a cabeça, vejo o meu pai sentado ao lado da minha cama.

— Oi, minha pequena, como você está se sentindo? — o meu pai pergunta.

— Como se tivesse sido atropelada.

— Mas você foi, querida. — minha mãe fala se aproximando.

— E o meu bebê? — pergunto, levando as mãos até a minha barriga.

— Sinto muito, querida, mas você perdeu o bebê. — meu pai fala passando a mão nos meus cabelos.

Eu perdi o meu filho? Apesar de odiar o pai dele, já amava o meu pequeno, por que eu tinha que perder o meu bebê? Será que nada de bom acontecia na minha vida?

Isabelle

A notícia de que a Sophia tinha perdido o bebê deixou a família inteira arrasada. Apesar das circunstâncias, todos já estavam apaixonados por esse bebê que ia chegar. Ela recebeu apoio de todos, e até o Yuri e o Bernardo apareceram no hospital, mas, assim que os vi, saí correndo para casa. Consegui evitá-lo por mais uma semana, mas hoje era a última apresentação antes da viagem.

O Bernardo estava insuportável, reclamando de tudo, e toda hora me criticava. Estava no meu camarim me trocando até que ele entrou nervoso sem bater.

— Isabelle, o que você pensa que está fazendo?

— Estou terminando de me arrumar. — respondo, nervosa.

— Você já está se arrumando há mais de meia hora, precisa de tudo isso? — pergunta elevando a voz.

— Escuta aqui, nem o meu pai grita comigo, e

não vai ser você que vai fazer isso, falta ainda quarenta minutos para a apresentação começar, eu só entro no segundo ato, então eu acho que posso sim terminar de me arrumar com calma. Agora me dá licença que eu preciso trocar de roupa.

— Eu quero você pronta em dez minutos, ouviu? — ele fala e sai batendo a porta do meu camarim.

Cara insuportável.

Continuo me arrumando até que a porta se abre.

— Isabelle! — ele entra no camarim gritando de novo.

— Aff, que foi Bernardo, por acaso nasceu de cinco meses, foi? — pergunto irritada.

— Eu disse para ficar pronta em dez minutos, que já passou há muito tempo.

— Eu estou pronta, esquentadinho. — falo, terminando de amarrar as sapatilhas.

Quando percebo, tem um par de sapatos preto italiano no meu campo de visão. Levanto o olhar e não consigo deixar de reparar nas coxas grossas, a

barriga tanquinho e naquela barba por fazer.

— Eu não sei por que eu ainda aguento você aqui, devia ter te mandado embora dessa escola há muito tempo.

— Acontece que você prometeu para a sua mãe que eu ficaria, além do mais, eu sou a melhor bailarina da companhia, sem mim você não ganha a competição. Então eu acho que você precisa de mim mais do que eu preciso de você. — falo, levantando e ficando muito próxima dele.

Ele trava o maxilar para não responder, percebo que está nervoso, ultimamente eu fiquei craque em tirar ele do sério. Ele fica me olhando decidindo se vale a pena responder ou não.

— Isa, já está pronta? — o Kaike coloca a cabeça dentro do camarim e fica nos olhando, estamos praticamente colados corpo com corpo.

— Já estou indo, Kaike. — respondo e vejo que ele fecha a porta.

O Bernardo continua me olhando com a cara fechada.

— Vocês dois estão namorando? — pergunta, irritado.

— Não é da sua conta.

— Tudo o que se passa nessa companhia agora é da minha conta, preciso saber se tenho que me preocupar com um casal de jovens apaixonado se agarrando na Inglaterra.

Cara, ele me tira do sério.

— Não, nós não estamos namorando, eu estou solteira, feliz agora? — respondo de nariz empinado.

— Muito. — ele responde, me agarrando e colando os seus lábios nos meus.

PARA TUDOÓÓÓO!!!

Que beijo foi esse? Eu já imaginava que um homem desses beijasse bem, mas não imaginava que seria assim.

A língua dele não pediu passagem para a minha boca, ela exigiu, eu não consegui resistir, deixei que ele me beijasse. Passei os meus braços pelo seu pescoço enquanto ele me apertava mais ainda

de encontro ao seu corpo e pude sentir melhor todo aquele corpo.

Claro que eu estava gostando, ser beijada por ele era maravilhoso.

Quando eu achei que não conseguiria mais respirar, ele interrompeu o beijo e ficou me olhando.

— Merda! — ele me larga e começa a andar de um lado para outro. — Por que você me faz perder a cabeça, menina? — pergunta me olhando. Eu não consigo responder, fico apenas olhando para ele.

— Termina de se arrumar, estou te esperando lá fora.

Apenas concordo com a cabeça enquanto ele sai do camarim.

Assim que ele sai, desabo na cadeira, viro para o espelho e vejo que o meu rosto está vermelho por causa da barba dele. Passo os dedos pelos meus lábios que estão inchados, e é aí que a minha ficha cai.

Acabo de ser beijada pela primeira vez na minha vida.

Não sei se fico nervosa ou nas nuvens.

Imaginava que beijar o Bernardo seria incrível, mas não tão incrível assim. Depois de me recompor, saio do camarim e encontro a Laura.

— Tudo bem, Isa?

— Está sim, por quê? — pergunto.

— Você está com uma cara estranha. — fala me olhando.

Eu desconverso e vou para trás do palco esperar a minha hora de entrar. Como todas as vezes, a apresentação foi perfeita. Saio correndo do palco e vou para o camarim, assim que eu entro, encontro o Bernardo sentado na minha cadeira olhando para o nada.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto parada na porta. Ele levanta a cabeça e fica me olhando, depois do que parece ser uma eternidade, levanta e vem até onde eu estou. Ele fecha a porta, trancando com a chave, e me empurra contra a

parede.

— Você está me deixando louco desde que eu te conheci. De uns tempos para cá, a única coisa que eu quero é beijar cada parte do seu corpo. Você se tornou a minha maior tentação, garota. — ele fala me prendendo na parede com o corpo dele. — Se eu não soubesse que você era virgem já a teria levado para a minha cama há muito tempo.

Espera aí, como ele sabe disso?

— Eu não queria que o seu primeiro beijo fosse daquele jeito, agressivo, com raiva. Eu tinha planejado ser cuidadoso, mas eu não sou cuidadoso, Corujinha. Não sou romântico, não sou carinhoso, não mereço você. Eu disse para mim mesmo para ficar longe de você, mas não consigo evitar, é mais forte que eu. — fala com os lábios perto dos meus. — A única coisa que eu quero é te beijar, é o que eu vou fazer, Corujinha, vou te beijar a todo o momento e sempre que eu quiser, porque essa boca agora é minha, você é minha e não vou dividir com ninguém.

Quando percebo, ele já está me beijando, exigindo passagem novamente, minhas mãos criam vida própria e agarram a camisa dele, puxando para mais perto, como se fosse possível. Sinto que o meu corpo começa a responder ao dele, e os beijos dele ficam mais urgentes. Escuto baterem na porta, mas faço de conta que não ouvi, a única coisa que eu quero é continuar beijando o Bernardo.

— Isa, você está aí? — escuto a voz do Kaike.

— Merda, o que esse garoto quer? — o Bernardo pergunta, parando de me beijar.

— Isa? — o Kaike insiste.

— Eu vou abrir a porta e você vai falar para esse moleque que você agora é minha, e que é para ele desistir, entendeu? — o Bernardo pergunta, ainda me pressionando na parede.

— Eu não sou sua, Bernardo, não pense que é por causa de um beijo que eu vou me render aos seus pés. Eu vi as duas piranhas penduradas no seu pescoço, posso não ter experiência nenhuma

como elas, mas de uma coisa eu sei, não divido o que é meu. Você é possessivo? Eu também sou, se livra delas e quem sabe eu penso em ser sua.

— Não tem ninguém, Isabelle, não sei de quem você está falando. — o Bernardo fala.

— Eu vi a loira e aquela mulher do restaurante te beijando na última apresentação. — falo, brava. Ele me solta da parede e começa a andar de um lado para o outro.

— A loira é a minha ex, Soraya, ela me traiu e eu terminei com ela, não sei por que ela apareceu do nada e me beijou, mas eu não correspondi, eu já deixei claro para ela que não temos mais nada.

— E a outra? — pergunto.

— A Helena e eu temos apenas uma amizade com benefícios.

— Ou seja, vocês são amigos que transam de vez em quando, certo?

— Mais ou menos por aí.

— Bernardo, eu cresci ouvindo que eu era uma menina especial, fui criada para ser a primeira e a

única. Não vou aceitar me relacionar com um homem que tem uma amiga especial só para o sexo. Ou você termina com ela, ou comigo não vai ter nada, e pode ter certeza de que tenho meios para garantir isso. Tenho família, não sou uma qualquer.

— Eu sei, Isabelle, e por isso estava tão determinado a não ter nada com você. Eu sei que não presto e não sirvo para você. Meu relacionamento com a Helena só dá certo porque queremos algo em comum: sexo sem compromisso. Mas você? Você não é só curtição, Corujinha, e eu não tenho ideia como agir, sei que vou estragar tudo, essas coisas de presentes, flores, chocolates, cartões, não entendo nada disso.

— Eu não preciso de tudo isso, Bernardo, eu só quero alguém fiel e que me trate com respeito. — falo ainda grudada na parede. Ele fica me olhando até que começa a andar na minha direção sem tirar os olhos de mim.

— Eu posso ser fiel, eu vou te respeitar a cada segundo do dia, mas vou ser grosso, vou acabar sendo arrogante, não sei ser delicado, não sei ser romântico e muito menos sou um príncipe encantado. Você pode lidar com isso?

— Se você prometer que serei a única na sua vida, posso pensar no seu caso. — falo dando de ombros. Ele volta a me prender com o corpo na parede e dá um sorriso.

— Eu não consigo pensar em nenhuma outra mulher a não ser você, Corujinha. — fala voltando a me beijar.

Alguém pode me dizer se a cada vez que beijamos uma pessoa o beijo fica melhor? Nunca beijei outra pessoa e esse é o terceiro beijo que eu dou na minha vida, não tenho como comparar.

Mas posso dizer que beijar o Bernardo é incrível.

Capítulo 21

Isabelle

Estou no meio do melhor beijo da minha vida — tudo bem eu sei que é o terceiro — quando escuto baterem na porta de novo.

— Isa, está tudo bem?

— Manda-o ir embora. — o Bernardo fala, dando mordidas no meu lábio inferior. — Ou eu vou abrir a porta e a conversa vai ser outra.

— Você não pode bater nos meus amigos. — falo enquanto ele beija o meu pescoço descendo para o decote do meu vestido.

— Posso e vou bater em qualquer homem que desejar o que é meu.

— Eu já disse que não sou sua. Não enquanto você mantiver esses benefícios, Bernardo.

— Eu estou sem sexo há quase um mês, Corujinha. Você não tem ideia como isso está me matando.

— Você está falando isso como justificativa para manter os benefícios? — pergunto, suspirando, quando sinto a língua dele atravessar o meu decote de um lado para outro.

— Não, estou falando isso para que você saiba que não tenho mais nada com ela.

— E como vai ser, Bernardo? Eu não vou pular na sua cama de uma hora para outra. Eu preciso amar muito o homem para quem eu vou me entregar, preciso ter 100% de certeza deque eu quero isso. E no seu caso você começou com saldo negativo. — ele para de me beijar e levanta a cabeça.

— Eu sei que você não é igual às outras, não sei se vou conseguir aguentar, mas eu realmente quero ficar com você. Me dá essa chance.

— Eu não vou responder isso agora. Preciso pensar primeiro. — ele dá um suspiro e concorda com a cabeça.

— Tudo bem, vou te dar esse tempo. — ele fala e volta a me beijar.

— Achei que fosse me dar um tempo para pensar. — falo nos lábios dele.

— Eu vou, mas eu não falei nada em não te beijar enquanto isso. Eu já disse, Corujinha, os seus lábios são meus, e eu vou beijá-los sempre que eu quiser.

— ISA!

— Droga! Eu vou matar esse garoto, estou falando sério.

Eu me solto do Bernardo e vou até a porta.

— Está tudo bem, Kaike. — falo assim que eu abro.

— Por que demorou para abrir?

— Porque ela tinha coisa melhor para fazer do que abrir a porta para você. — o Bernardo fala me abraçando por trás.

— Entendi. — o Kaike fala olhando para as mãos do Bernardo. — Você vai querer uma carona, Isa?

— Eu a levo para casa, não se preocupe, tanto porque não terminamos aqui ainda. Se você nos

dá licença. — o Bernardo fala me puxando e fechando a porta novamente.

— Você é um idiota por aca... — não consegui terminar a frase, quando percebi ele tinha me levantado para ficar na altura dele e me prendido na parede com o corpo dele. Com medo de cair não me restou outra alternativa a não ser passar as minhas pernas pela cintura dele que gemeu quando eu fiz isso.

— Você quer me matar, menina.

— Bernardo, vamos parar, por favor. — falo ainda agarrada a ele.

— Tem certeza de que você quer isso? — ele pergunta sorrindo e olhando para a minha boca. Ok, eu não quero. Mas tenho medo de que isso fuja do controle e não quero que ele saiba disso.

— Tenho. — falo baixinho.

— Mentirosa. — ele fala me devolvendo no chão. — Vou deixar você ir por ora, mas depois não vai ser tão fácil fugir de mim, já vou avisando.

Eu saio de perto dele e pego as minhas roupas

para me trocar. Quando eu tento abaixar o zíper não consigo alcançar. Droga, esqueci que a Laura me ajudou a vestir depois do terceiro ato. Tento me contorcer para alcançar quando escuto uma risada atrás de mim e as mãos do Bernardo nas minhas costas.

— Deixa que eu te ajudo. — ele começa a abaixar o meu zíper devagar, como se não bastasse essa lentidão toda ele começa a dar beijinhos nas minhas costas conforme ele abre o vestido, agora é a minha vez de não conseguir resistir e soltar um gemido. — Sabia que você não era imune a mim, minha linda. — fala me puxando pela cintura e me colando ao corpo dele.

OMG!

Eu sou virgem, isso vocês já sabem, mas não sou idiota, tapada, se eu não estiver enganada sei exatamente o que está cutucando as minhas costas.

— Eu te respeito, linda, e porque eu quero que você confie em mim que eu vou sair agora e deixar

que você se troque, vou te esperar lá fora para te levar para casa. — ele dá um beijo na minha cabeça e sai.

Quando fico sozinha, desabo em uma cadeira. Como vou resistir a esse homem por um mês na Inglaterra?

Depois de me trocar, saio do camarim e encontro o Bernardo encostado na parede me esperando.

— Pronta?

Concordo e o acompanho para fora do teatro. O caminho para a minha casa é feito em silêncio, quando ele estaciona tento descer do carro antes que ele tente alguma coisa, mas ele é mais rápido do que eu. Ele me puxa no banco e me beija. Senhor, esse homem sabe como beijar.

— Boa noite, minha linda, e sonha comigo. — fala, beijando o meu pescoço.

— Você é mesmo muito convencido por achar que vou sonhar com você. — falo, ainda agarrada a ele. Ele dá risada e me solta.

— Dorme bem.

— Tenha pesadelos, Sr. Mala. — falo, alcançando a maçaneta da porta do carro.

— Essa noite não, nojentinha, essa noite vai ser sonhos lindos e quentes com uma loirinha metida. — ele fala, sorrindo.

Saio correndo do carro sem olhar para trás, quando entro no apartamento as meninas estão sentadas no sofá assistindo a um filme. Vou até a televisão e desligo.

— Ei, estava na melhor parte. — a Mila reclama.

— O Bernardo me beijou. — falo, olhando para elas.

— Beijou onde? — a Sophia pergunta.

— Na boca, e ele é muito bom nisso. — falo, chorando. Elas ficam me olhando sem entender.

— E por que você está chorando? — a Sophia pergunta preocupada.

— Porque ele tem uma amiga só para sexo casual, e eu sou virgem, como um homem desses

pode gostar de mim? — falo, soluçando. — Eu não sei nada dessas coisas, não tenho experiência, vou passar um mês dividindo o mesmo quarto que ele e não sei se vou aguentar me manter virgem por muito tempo. — falo correndo e me jogando no sofá no meio delas.

— Isa, você não precisa se preocupar com isso. — a Catarina fala, passando a mão no meu cabelo.

— Se ele for correto como parece ser, apesar de tudo, ele vai te respeitar.

— Ele falou que vai esperar. — falo.

— Então não tem que se preocupar, agora se quiser podemos te explicar tudo. — a Mila fala, sorrindo. Concordo e elas começam a me explicar todos os detalhes sobre sexo.

Não entendam mal, minha mãe me explicou tudo direitinho quando eu tinha 15 anos, meu pai não gostou, mas ela disse que não esconderia isso de mim. Eu sei como funciona tudo, mas uma conversa sobre sexo com a sua mãe não é a

mesma coisa que uma conversa sobre sexo com as suas primas e melhores amigas.

Depois de duas horas conversando e dando risadas, vou para o meu quarto. Eu me lembrei de uma vez quando eu tinha dez anos que eu prometi para a minha mãe que, quando eu beijasse pela primeira vez, eu contaria para ela. Nós sempre fomos muito amigas e eu quero que ela saiba disso.

Pego o celular e ligo para ela, como são 22h30min acredito que ela ainda esteja acordada.

— Oi, meu amor. — minha mãe atende, rindo.

— Estou atrapalhando alguma coisa? — pergunto, rindo.

— Não está atrapalhando não, querida. — ela responde.

— Seu irmão e sua irmã não estão em casa, então está atrapalhando sim. — escuto meu pai falando ao fundo, não aguento e dou risada.

— Fica quieto, Danilo, meus filhos nunca atrapalham.

— A mim também não, a menos que eu esteja tentando namorar a minha esposa quando consigo finalmente tê-la só para mim e a minha filha mais velha me liga bem na hora. — ele fala, rindo.

— Posso ligar depois, mamãe. — falo, contagiada pela risada do meu pai. Ele adora a minha mãe, e é esse carinho que ele tem por ela que eu procuro para mim.

— Se você ligou a essa hora é porque é importante, então pode falar, o seu pai pode esperar um pouco, eu compenso ele depois.

— Eu vou cobrar, anjo, com juro e correção monetária. — ele fala.

— Lembra quando eu tinha dez anos e falei que se uma coisa acontecesse comigo eu ia te contar? Então, aconteceu. — falo.

— Ok, só um minuto, querida. — ela fala. — Danilo, vou falar com a nossa filha no quarto, já volto. — ela fala para o meu pai, alguns segundos depois ela volta no telefone. — Então, como foi, querida? O Bernardo beija bem? — ela pergunta,

rindo.

— Como a senhora sabe que foi o Bernardo?

— Porque você está doidinha por ele e ele por você. E eu tenho o sexto sentido de mãe. — ela dá risada. — E então, como foi?

— Não consigo explicar, mamãe, foi melhor do que eu poderia imaginar. Mas eu estou com medo.

— Medo de quê, querida? Tenho certeza de que a dona Angélica educou o filho muito bem.

— Ele tem uma amiga só para sexo casual, mamãe, como e...

— Pode parar. — ela me interrompe. — Ele tem uma amiga com benefícios e beijou você? Vou matar esse idiota, não, melhor, vou mandar o Leo matar ele. — minha mãe fala, nervosa.

— Eu disse que se ele realmente quisesse ficar comigo, ele precisa terminar com ela.

— E ele?

— Ele disse que não a vê desse jeito há um mês. Mas eu não sei o que fazer, mamãe, como vou passar um mês na Inglaterra com ele?

— Ok, vamos voltar ao início, meu amor. Você gosta dele?

— Gosto, mamãe, não sei o porquê, mas eu realmente gosto.

— Uma vez uma mulher muito sábia me disse que o amor não se entende, ele simplesmente acontece, foi o que aconteceu com você, Isa. Você gostou de beijar o Bernardo?

— Muito, mamãe, até demais.

— Isso é bom. — ela fala, rindo. — Desde o primeiro beijo em que eu dei no seu pai, eu já sabia que não conseguiria mais ficar sem beijá-lo um dia sequer.

— Mas o papai é diferente, mamãe, ele é carinhoso, romântico e doido pela senhora, vocês se dão tão bem. Eu e o Bernardo não, mamãe, estamos sempre brigando, a maior parte do tempo.

Minha mãe fica quieta por um tempo e, quando eu acho que a linha caiu, ela volta a falar.

— Eu odiei o seu pai no primeiro minuto em que eu o vi, nós brigamos muito no início, Isa, eu

não queria ele perto de mim, fiz de tudo para afastá-lo. Mas, no final, ele estava destinado a ser meu, mesmo eu querendo lutar contra. Se o Bernardo estiver no seu destino, você não pode fazer nada.

— A senhora não amou o papai desde o início?
— pergunto, confusa. — Sempre achei que vocês dois tinham se apaixonado à primeira vista.

— O seu pai sim, no momento em que me pegou nos braços se apaixonou por mim. Eu não, lutei muito contra ele, eu só percebi que realmente amava o seu pai depois de uma bronca do seu tio Matheus, mas isso foi muito tempo depois de que nos conhecemos, na verdade, foi exatamente no dia em que a Sophia nasceu.

— Agora eu entendi por que no aniversário da Sophia o papai sempre te dá um presente. — falo rindo.

— Exatamente, ele não esquece esse dia, porque foi a primeira vez que eu disse “eu te amo” para ele. Se o Bernardo realmente gosta de você,

ele vai mudar, ele vai te provar isso, querida. Agora eu sei que o seu medo é em relação à sua primeira vez, você está preocupada que não consiga resistir a ele e acabe cedendo, não é?

— É isso sim, mamãe.

— Querida, ouça sempre o seu coração, ele vai dizer quando for a melhor hora para que isso aconteça, eu dormi na mesma cama que o seu pai várias vezes e nunca aconteceu nada, ele me respeitou e esperou o meu tempo. Confesso que a nossa primeira vez não foi memorável, pelo contrário, eu me senti muito mal, mas isso eu explico para você depois. Mas, depois disso, meu amor, depois que nos conhecemos, não teve um dia sequer em que eu me arrependi ter me entregue para ele. Se você realmente um dia quiser se entregar para o Bernardo, faça isso de coração aberto, deixe bem claro para ele o que você sente, explique o seu medo, eu errei em não falar isso para o seu pai da primeira vez. Se eu tivesse contado o meu medo e a minha insegurança,

talvez a nossa primeira vez tivesse sido diferente. O Bernardo é homem, ele vai saber o que fazer, só relaxe e confie nele.

— Se o papai ouvir a senhora me aconselhando para a minha primeira vez, ele vai ter um ataque do coração. — falo rindo.

— Ele está se preparando para isso desde o dia em que você nasceu, meu amor. — ela fala, rindo. — Acho que ele vai morrer preferindo achar que você é pura e não faz isso. O seu tio Leo até hoje prefere pensar que eu sou virgem, mesmo eu estando casada há vinte e um anos e com três filhos, do que pensar que eu faço sexo com o seu pai.

— O tio Leo é uma figura. — dou risada. — Muito obrigada pelo conselho, mamãe.

— Sempre, querida, se por acaso você ficar insegura com alguma coisa me liga na hora, eu vou sempre estar aqui por você, sabe disso, não é?

— Eu sei, eu te amo, mamãe.

— Eu também, agora deixa eu ir porque eu

tenho um marido muito bravo que acabou de entrar aqui no quarto. — fala, rindo. Um tempo depois escuto a voz do meu pai no telefone.

— Isa, não sei o que está acontecendo e o motivo para você ter ligado a essa hora para a sua mãe, seja o que for, deve ser importante. Só quero que você escute tudo o que ela falou, apoio cada palavra e saiba que sempre vamos estar aqui por você.

— Obrigada, papai. — falo, emocionada. — Eu te amo.

— Também te amo, Bebelle, agora deixa eu ir namorar um pouquinho. — ele fala, rindo.

— Só toma cuidado que na última vez que fizemos isso há cinco anos ganhamos a Valentina de presente. — falo dando risada.

— Pode deixar que eu vou tomar cuidado, boa noite, princesa.

Depois de desligar, me sinto melhor, foi bom ouvir as palavras da minha mãe, e mal sabe o meu pai que acabou de apoiar que eu perca a minha

virgindade.

Alicia

— Então, o que a nossa filha queria? — o Danilo me pergunta assim que desliga o celular.

Agora eu estou com um problema sério: como vou guardar o segredo da Isa se nós fizemos um acordo de sempre contar tudo um para o outro?

— Se eu contar você vai surtar?

— Alicia, o que aconteceu?

Droga, desde que ficamos juntos ele só me chamava de Alicia quando ficava nervoso.

— Ela deu o primeiro beijo dela.

Assim que eu falo, o Danilo fica vermelho, ele levanta da cama e começa a andar de um lado para o outro do quarto.

— Quem é o rapaz?

— O Bernardo.

— Eu vou matar esse desgraçado, quem ele pensa que é para beijar a minha menina? — ele fala me fazendo revirar os olhos.

— Danilo, você está agindo igual ao Leo na

época que começamos a namorar.

— Tem razão. — ele fala parando de andar. — Vou ligar para o Leo e pedir uns conselhos. — fala, voltando para a cama e pegando o meu celular. Tomo o celular da mão dele brava.

— Você não vai fazer nada, a nossa filha tem o direito de namorar, Danilo, ele parece ser um bom rapaz. Nós educamos a nossa filha muito bem, ela sabe o que é certo e o que é errado, agora temos que confiar na educação que nós dois demos. E outra, alguma coisa me diz que ela está sendo osso duro de roer com ele. — falo, rindo.

— Alicia, a nossa filha ainda é uma menina, não consigo imaginar a Isa beijando alguém, para mim ela ainda é aquele bebê gordinho que trouxemos para casa.

— Eu sei, meu amor, mas ela infelizmente cresceu, um dia você vai atravessar um tapete vermelho de braços dados com ela e confiá-la a outro homem, da mesma forma que o meu pai fez um dia com você. E no final valeu a pena porque

nenhum homem poderia me amar mais que você me ama, não é? — ele fica me olhando e dá o meu sorriso torto favorito.

— Tem razão, nenhum homem poderia amar você mais do que eu. Mas eu não quero atravessar tapete vermelho nenhum. — fala, fechando a cara. — O que eu vou fazer sem a minha menininha, anjo? Não posso deixar a Isa crescer.

— Dani, você tem outra menininha em casa que vai demorar um pouquinho ainda para crescer. E, depois disso, teremos os netos.

— Netos não, dona Alicia. Ter netos significa as nossas filhas fazendo sexo.

— E o nosso filho, Danilo? Ele vai poder fazer à vontade e as meninas, não? — pergunto, levantando. — Isso é muito machista da sua parte.

— Não é ser machista, amor, apenas prefiro não imaginar a Isabelle e a Valentina dormindo com alguém. Meu coração de pai não vai aguentar.

— Isso vai acontecer um dia, quer você queira

ou não. Agora o que o seu coração de pai tem que fazer é desejar que elas encontrem homens iguais a você, que sejam loucos por ela como você é por mim e que as façam imensamente felizes.

— Como eu faço você? — ele pergunta.

— Nesse momento, você não está me fazendo feliz nenhum pouco. — falo de braços cruzados.

— Desculpa, meu amor. — fala, levantando e me abraçando. — Tem razão, eu só posso torcer por elas, mas eu vou caçar e matar o desgraçado que fizer qualquer uma delas sofrerem.

— Se algum desgraçado fizer as minhas filhas sofrerem, Danilo, você não vai ter tempo de caçar ninguém, eu vou ter matado há muito tempo. — assim que eu termino de falar, ele começa a rir.

— Esqueci que a nervosinha da família na verdade era você e não o Leo. Agora vem, amor, vamos continuar de onde paramos quando a Isa ligou.

Assim não resisto a esse meu marido lindo, mesmo vinte e um anos de casados ele sabe como

me dobrar direitinho.

Capítulo 22

Bernardo

Confesso que perdi a cabeça quando aquele moleque começou a gritar pela Isabelle no corredor, cansei de vê-lo rodando com ela para cima e para baixo.

Não resisti e acabei beijando-a, foi o melhor beijo que eu já tive. Senti a cada vez que encostava os meus lábios no dela a inexperiência que ela tinha, isso só me deixava mais louco ainda. Achei que fosse detestar o fato de ficar com alguém que não sabe o que fazer e ter que ficar ensinando. Mas o meu lado primitivo de homem adorou saber que ela era minha, que nenhum homem tinha beijado aquela boca ou encostado no corpo dela.

Com muita força de vontade a deixei em casa, se fosse por mim a levava para o meu apartamento e a trancaria lá até convencê-la a ser minha. Mas

precisava ir com calma, não queria assustar a minha menina. Fico pensando no que ela falou e tomo a decisão de ir até a casa da Helena. Assim que eu chego, ela me recebe com um sorriso.

— Achei que não ia me procurar mais, faz um mês que não aparece aqui.

— Eu vim porque precisamos conversar. — falo, sentando no sofá dela. — Não podemos continuar com o nosso relacionamento, Helena.

— Por quê? — me pergunta.

— Eu acho que me apaixonei. — falo suspirando. — Ela sabe sobre você e disse que não vai me dar chances nenhuma enquanto eu continuar te vendo.

— Entendi, não tem problema, Bernardo. Nós sabíamos que se um dia um se apaixonasse isso ia acabar, foi bom enquanto durou, espero realmente que você seja feliz. — fala, sorrindo.

— Obrigado, bom, eu vou indo, falta pouco para a viagem e eu preciso terminar de arrumar as minhas coisas.

Saio da casa da Helena mais tranquilo, agora que não existe nada que possa atrapalhar, a Isabelle vai ser minha.

No dia seguinte, a manhã passou voando, a escola estava em uma correria devido à competição que estava se aproximando. Quando percebi já era a hora do almoço, mais uma hora e a Isabelle ia chegar, não vejo a hora de falar que agora não existia mais Helena.

— Posso entrar? — escuto uma voz de mulher na porta, quando levanto a cabeça, vejo que é a Alicia.

— Pode sim, a Isabelle não chegou ainda. — falo, levantando.

— Eu sei, eu vim aqui para te convidar para almoçar. — fala sorrindo.

Não entendi nada.

— Como assim? — pergunto, confuso.

— Eu vim convidar o meu genro para almoçar, tem algum problema?

— Genro? Eu não estou entendendo. — falo,

confuso. O que deu nessa mulher?

— Vamos almoçar e juro que vai entender.

Eu concordo e vamos para um restaurante perto da escola. Depois de fazer os pedidos, ela começa a me explicar o porquê do convite.

— Bernardo, a Isa me ligou ontem e contou o que aconteceu. Se ela souber que eu estou aqui, vai ficar doida, mas eu decidi vir falar com você porque eu sei que vocês dois estão apaixonados e eu conheço a minha filha e sei o quanto ela é teimosa como eu e cabeça-dura como o pai.

— Ela contou para a senhora que eu a beijei?
— pergunto sem graça.

— Contou, e me contou também que vocês dois vivem como gato e rato.

— Isso eu não posso negar. — falo, dando risada.

— Eu sei bem como é, eu vivi assim no início com o meu marido. Bernardo, a Isa às vezes pode parecer mimada, mas ela é completamente diferente. Eu a criei sabendo que somos todos

iguais, ela não tem preconceito, tem um coração maravilhoso. É a filhinha do papai, isso eu não posso negar, por praticamente dezessete anos ela foi a única menina de casa. Ela é turrona às vezes, tem um gênio que só pode ter puxado do Danilo, ela está apaixonada por você, mas vai negar até o fim.

— Por que está me falando isso?

— Porque eu sei que você também se apaixonou por ela. No início, eu lutei bastante com o pai da Isa até que ele conseguiu me vencer. E se ela for parecida comigo, você vai ter trabalho, então vim te dar um conselho. Aproveita que estão indo para a Inglaterra e que lá não vai ter ninguém da família para atrapalhar, não vai ter um pai ciumento vigiando, e mostra para ela que você é o homem ideal e que pode fazê-la feliz.

— A senhora realmente acha que eu sou esse homem? Eu não sei se posso fazer a sua filha feliz, ela merece um homem romântico, carinhoso, e eu não sou nada disso.

— Se você não é nada disso e sabe que é exatamente isso que ela merece, por que quer ficar com a minha filha então?

— Porque eu sou um filho da puta possessivo que está apaixonado pela sua filha e não quer nenhum outro homem perto dela. Quando vejo a Isabelle, só consigo pensar que ela é minha e nenhum outro homem vai ter o que é meu.

— Então mostra que mesmo sem ser romântico você pode ser o homem ideal para ela. O amor muda as pessoas, Bernardo, eu só quero que a minha filha seja feliz, e no aniversário da Valentina eu vi que você é o homem certo para essa missão. Escuta a Isa, vá com calma, tranquilize-a nos momentos em que for necessário, abra o seu coração para ela e tenho certeza de que, futuramente, quando eu chamá-lo de genro, você não vai estranhar tanto assim. — ela fala, rindo.

— Obrigado pelo conselho.

— Não tem que agradecer. Mas uma última coisa, se a minha filha sofrer por sua causa o

Danilo não vai ter oportunidade de te arrebentar, eu mesmo venho atrás de você e te castro, você vai ser obrigado a se chamar de Bernadete depois, entendeu?

— Entendi, não se preocupe.

Quando estou voltando para a escola, passo em frente a uma floricultura, decido entrar e comprar flores para a Isabelle, não sou romântico, mas eu sei que mulher nenhuma resiste receber flores. Como nunca mandei flores para ninguém, nem mesmo para a Soraya, peço ajuda para a vendedora, escrevo um cartão e combino o horário para entrega. Assim que entro no escritório, encontro-a sentada à minha mesa.

— Algum problema?

— Não, só estava olhando o meu *e-mail*. — fala, levantando.

— Pode ficar à vontade. — falo me aproximando.

— Já terminei, vou ensaiar, a Cláudia está ficando doida.

— Você pode até ir, mas quero um beijo primeiro. — agarro-a pela cintura.

— Estou pensando ainda, Bernardo.

— Eu disse que pode pensar à vontade, mas que eu vou te beijar muito enquanto isso. — falo descendo os meus lábios para os dela. Quando percebo que ela está ficando sem ar, paro de beijá-la. — Agora pode ir, Corujinha.

No momento em que a solto, ela sai correndo e eu dou risada. Volto a trabalhar, sempre de olho na hora, quando o relógio marca 16 horas fico ansioso, ela deve receber as flores a qualquer minuto.

Isabelle

Saio correndo do escritório, porque fico com medo dos beijos do Bernardo, não tenho ideia do que está acontecendo comigo. Assim que entro na sala de ensaios, a Laura e a Bruna vêm ao meu encontro.

— Nossa, que cara é essa? — a Laura pergunta.

— Nada não, é que eu vim correndo para

chegar a tempo.

Nós começamos os aquecimentos dando risada da Bárbara, que escorregou na apresentação de ontem e claro que não íamos perder a oportunidade de zoar. Quando deu 16 horas, a Cláudia decidiu fazer um intervalo. Fui até a minha bolsa pegar uma garrafa de água quando ouvi o meu nome.

— Por favor, quem é a Isabelle?

Quando viro, vejo um rapaz de entregas com um buquê de rosas cor-de-rosa, me aproximo e falo que sou eu, ele me entrega as flores e vejo que tem um cartão.

— Quem mandou? — a Bruna pergunta, curiosa.

Abro o cartão e não acredito no que está escrito.

“Essas são as primeiras flores que já enviei para uma mulher na minha vida. Não sou romântico, mas por você posso tentar.

Como pedido o caminho está livre, sou todo seu, só peço que agora seja toda minha.

Ass: Sr. Mala”

Eu não acredito, primeiro que ele tenha me mandado flores, segundo que ele realmente terminou com ela, terceiro que ele assinou como Sr. Mala.

— E então, Isa? — a Laura pergunta e vejo que todos estão prestando atenção em mim.

— Um rapaz com quem eu fiquei. — respondo sem graça.

— Ele deve ter adorado ficar com você então, garota. — o Pablo fala se juntando a nossa roda.

Concordo com a cabeça e levo as flores para deixar ao lado da minha bolsa. Fico pensando no que a minha falou e no cartão, então pego o telefone da floricultura que está no verso do cartão e ligo fazendo uma encomenda.

Bernardo

Eu vi o rapaz saindo da sala de ensaios, então sei que ela recebeu, já se passaram vinte minutos e

ela ainda não veio falar comigo. Levanto nervoso e decidido a ir até ela quando a secretária entra com uma caixa nas mãos.

— Entregaram isso para o senhor.

— Obrigado. — falo, pegando a caixa. Preso a ela tem um cartão.

“Em um relacionamento os dois devem saber ceder, você deu o primeiro passo, agora eu dou o meu.

O que era 100% não, virou 50% sim.

Continue se empenhando, quem sabe não ganha o direito de me chamar completamente sua.

Ass: Isa”

Não acredito no que estou lendo, ela me deu 50% de certeza de que vai ser minha, e isso já me deixa animado. Fico esperando que ela apareça, mas os minutos vão passando e nada. Quando são quase 18 horas, ela entra no escritório e pelo cabelo molhado percebo que tomou banho.

— Oi. — fala baixinho se aproximando da mesa. Levanto, vou até a porta, tranco-a e volto

para onde ela está.

— Então eu tenho 50% de certeza de que você é minha? — pergunto abraçando-a pela cintura.

— Tem, mas se não se comportar isso pode diminuir. — fala tentando parecer séria, me fazendo rir. Sento na cadeira que está atrás de mim e puxo-a para o meu colo sentando-a de lado, ela fica nervosa na mesma hora.

— Ei, fica calma, eu pretendo te beijar bastante e não quero que fique cansada de ficar em pé, não precisa se preocupar por estar no meu colo, ele agora é seu. Prometi me comportar e vou, só quero que se acostume comigo. — falo segurando-a pelo pescoço com uma mão e abraçando a sua cintura com o outro braço. — Agora vou te beijar e não sei que horas vou parar.

Para mim, passaram-se horas com ela ali nos meus braços, quando ela perdia o ar eu liberava os seus lábios, mas beijava o seu pescoço e o seu rosto sempre voltando para a sua boca. Em um determinado momento, escutei uma música

diferente tocando, e ela me empurrou.

— Minha mãe está me ligando.

— Como sabe que é ela?

— Eu tenho um toque personalizado para cada um da minha família. — fala sorrindo. Ainda no meu colo ela abaixa e pega a bolsa, atendendo o celular. — Oi, mamãe... Claro, quanto tempo? Ok, combinado.

— Algum problema, linda?

— Não, minha mãe está vindo me buscar para dar uma carona.

— Em quanto tempo ela chega? — pergunto voltando a beijar o seu pescoço.

— Meia hora. — fala estremecendo com um arrepio e eu dou risada.

— Achei o seu ponto fraco. — falo e volto a beijar no mesmo ponto conseguindo a mesma reação dela.

— Bernardo... — ela não termina a frase porque volto a beijá-la.

Meia hora depois estamos na frente da escola

esperando a Alicia, ainda estou abraçado com a Isa e sempre que posso roubo alguns beijos, até que escutamos uma buzina. Acompanho a Isa até o carro e abro a porta para ela entrar, dando um último beijo, antes de fechar a porta, coloco a cabeça dentro do carro.

— Tchau, sogra. — falo olhando para a Alicia.
— Te ligo à noite, linda. — falo fechando a porta na cara de uma Isabelle de boca aberta.

Isabelle

— Do que ele chamou a senhora? — pergunto assim que a minha mãe se afasta com o carro da escola.

— De sogra, sabe que eu gostei. — minha mãe dá risada.

— Esse Bernardo é doido, só pode.

— Ele é doido, querida, por você.

— Onde a senhora queria tanto ir? — pergunto tentando mudar de assunto.

— Eu marquei uma consulta com a minha ginecologista para você.

— Por quê? — pergunto, confusa.

— Porque você está entrando em um relacionamento e deve se proteger. Quando eu comecei a me relacionar com o seu pai, estávamos tão apaixonados que esquecemos qualquer tipo de proteção, algum tempo depois, quando eu dei por mim, acordei em um hospital com o amor da minha vida deitado no sofá com o outro amor da minha vida recém-nascida deitada no peito dele.
— fala sorrindo.

— Mamãe, eu não vou fazer sexo com o Bernardo agora, quando eu decidir por isso nós vamos ao médico.

— Isa, pílula não faz efeito da noite para o dia, você precisa começar a tomar antes, não custa nada começar agora.

— Tá bom, mamãe. — acabo concordando porque não quero entrar em uma discussão, se tem uma coisa que todos da família sabem é que se a

dona Alicia quer uma coisa ela consegue.

Uma hora e meia depois, minha mãe me deixa em casa, a médica me receitou um anticoncepcional que eu poderia começar a tomar hoje mesmo, já calhou de eu estar no meu primeiro dia da menstruação. Depois de dar todos os detalhes sobre o meu dia para as meninas e colocar o buquê em um vaso, vou para o meu quarto me arrumar para dormir, já estou deitada quando o meu celular toca.

— Oi, Corujinha, já está em casa?

— Estou sim, estava indo dormir.

— Deu tudo certo com a sua mãe?

— Deu sim, ela me levou no médico— assim que eu falo, me arrependo.

— Médico, por quê? Está doente? Estou indo para aí agora. — fala nervoso e pelos barulhos percebo que ele realmente está se arrumando para vir.

— Não é isso, ela me levou em uma ginecologista, ela quer que eu comece a tomar

anticoncepcional agora que ela nos viu juntos. — falo sem graça.

— Graças a Deus você está bem. E que mãe moderna essa, hein. — ele fala dando risada.

— Ela quer evitar que eu fique grávida antes da hora.

— Ela tem razão, é bom se proteger. E agora eu não preciso me preocupar.

— Se preocupar com o quê, Bernardo?

— Em te engravidar, estamos protegidos.

— E quem disse que você poderia me engravidar? Para isso teríamos que fazer sexo, e eu não sei se vou fazer isso com você. — falo, brava.

— Tudo bem, sobre isso falamos depois, linda. Liguei para saber se estava bem e te desejar uma boa noite.

— Boa noite. — falo, seca.

— Se eu estivesse aí eu iria te beijar até você voltar a ser minha menina de hoje à tarde. — ele fala rindo.

— Quem garante que isso ia acontecer?

— Não me desafie, menina.

— Nossa, estou morrendo de medo. — falo, sarcástica. — Boa noite, mala. — e desligo sem dar a oportunidade de ele responder.

Estou quase pegando no sono quando sinto alguém deitando ao meu lado, estico o meu braço e acendo a luz do abajur, quando me viro vejo o Bernardo deitado ao meu lado.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Eu falei para não me desafiar, agora fica quieta que eu vou te beijar. — ele fala me beijando, não sei quanto tempo ficamos assim até que ele me solta.

— Acho que vou te desafiar mais vezes. — quando percebe o que eu falei tapo a minha boca com vergonha e ele começa gargalhar.

— Não disse que iria te beijar até você voltar a ser a minha menina?

— Então, já que provou o seu ponto, pode ir embora. — falo, empurrando-o da minha cama.

— Eu vou, até amanhã, Corujinha. — fala me dando um último beijo e indo embora em seguida.

Esse Bernardo é doido, mas confesso que gostei de ser acordada assim.

Capítulo 23

Isabelle

Como ontem foi o meu último dia de aula, hoje enrolei um pouco na cama, só que infelizmente não poderia ficar o dia inteiro deitada, precisava terminar de arrumar as minhas coisas para viajar. Por volta do meio dia, estava com tudo pronto, então decidi ir para a escola, hoje era o último ensaio já que viajamos amanhã à tarde. Quando estou quase chegando, recebo uma mensagem.

Bernardo: está chegando?

Isa: cinco minutos estou aí, por quê?

Fiquei esperando a resposta, mas ela não veio. Homem doido, gente. Viro na esquina da rua da escola e encontro o Bernardo encostado no seu carro.

— Estava te esperando. — fala.

— Posso saber por quê?

— Já almoçou? — faço que não com a cabeça e

ele abre a porta do carro para eu entrar.

Depois que ele se acomoda ao meu lado e liga o carro, não resisto.

— Você está me levando para almoçar? — pergunto, com uma sobrancelha levantada. — Quem vê você mandando flores, aparecendo do nada no meu apartamento e me levando para almoçar, duvidaria que você realmente não é romântico. — falo, fazendo com que ele dê risada.

— Eu não sou romântico, mas por você estou tentando ser. Mas não se engane, Corujinha, em algum momento vou errar ou vou ser um idiota.

— Com isso eu já estou acostumada. — falo, percebo que ele encosta o carro na frente de um restaurante italiano e solto um gemido. — O campeonato é em poucos dias e você me trouxe para comer massa?

— Quer ir comer em outro lugar?

— Se você for embora daqui eu te mato, agora fiquei com vontade de comer *bruschetta*. — estico a mão para abrir a porta e ele grita.

— Não ouse abrir essa porta. — fico olhando para ele sem entender a sua reação. — Nós estamos juntos agora, todas as vezes que você andar no meu carro vai esperar eu abrir a porta para você.

— Isso é ser romântico, você sabe, não é?

— Isso não tem nada de romântico. — fala saindo do carro. Tá bom, se ele pensa assim, o que eu posso fazer?

Quando entramos percebo que é um restaurante estilo cantina italiana, ele pede uma mesa para dois em um canto mais reservado. Pego o cardápio e peço *bruschettas* claro e *penne* ao molho Alfredo e o Bernardo pede o mesmo.

— Queria conversar com você, Corujinha. — ele fala, assim que a garçonete se afasta. — Quero conhecer você, os seus gostos e o que você não gosta também.

— Bernardo, eu gosto de coisas simples, assistir a filmes, ficar em casa sem fazer nada, ler um livro, dançar e sair com os amigos. — falo.

Passamos o almoço conversando. Eu disse o que gostava, ele fez o mesmo e, depois de almoçar, voltamos para a escola. Por volta das 20 horas, encerramos. Tomei um banho e fui até o escritório, encontrando um Bernardo concentrado na frente do computador.

Ele é simplesmente lindo e percebi que sim, eu realmente gostava dele. Todas as vezes ele que tomou a iniciativa de me beijar, estava na hora de eu fazer alguma coisa também. Entrei devagar e fechei a porta sem fazer barulho, ele ainda não percebeu a minha presença. Caminho devagar até a mesa e, quando paro ao lado da cadeira, ele se assusta finalmente me percebendo. Afasto a cadeira virando-a de lado e sento no seu colo de frente para ele.

— Não que eu esteja reclamando, mas o que você está fazendo?

— Eu quero te beijar, por que não posso? — digo com coragem.

— Pode, linda, a hora que quiser.

Seguro o rosto dele e o beijo devagar, não sei muito o que fazer, mas tento lembrar as coisas que ele fez quando me beijou. Dou uma mordidinha no lábio dele que geme na mesma hora, quando ele tenta falar alguma coisa eu aprofundo o beijo, quando perco o ar desgrudo os meus lábios dos dele que na mesma hora vão para o meu pescoço.

— Você está me deixando louco, Isabelle. — eu o empurro na hora que me olha confuso.

— Eu estou no seu colo te beijando e você me chama de Isabelle? Só os meus pais me chamam assim quando querem dar bronca, pode escolher outro jeito para me chamar. — falo, brava, e ele dá risada.

— Tudo bem, então você está me deixando louco, Isa, melhor?

— Muito. — falo e volto a beijá-lo, sinto que as mãos dele começam a passear pelo meu corpo. — Bernardo, não.

— Eu não vou fazer nada, só não consigo impedir as minhas mãos de irem onde elas

querem. — fala. — Agora fica quieta, eu não terminei de ser beijado.

Depois de quase meia hora assim, eu lembrei que precisava ir para casa dos meus pais, o Bernardo não gostou nem um pouco, pois queria ficar comigo.

— Bernardo, nós vamos viajar amanhã, eles querem que eu durma lá hoje. — muito contrariado, ele aceita e me dá uma carona. Quando ele estaciona na frente da casa dos meus pais, eu fico esperando que ele abra a porta do carro, mas ele não se mexe.

— Não vai abrir? — pergunto, apontando para a porta.

— Não, porque assim você não sai de perto de mim.

— Idiota. — falo, rindo, e ele sai para abrir a porta.

— Eu te ligo mais tarde, tudo bem? — concordo, e ele me beija até que eu escuto uma vozinha toda contente.

— Eu sabia que vocês iam namorar.

Solto-me do Bernardo e vejo a Valentina no portão pulando e batendo palmas com a minha mãe atrás dela rindo.

— Não vai me falar oi, cunhadinha? — o Bernardo pergunta, abaixando-se para ficar na altura da Valentina que corre até ele.

— Oi, cunhadinho. — fala abraçando o pescoço dele, depois que eles se soltam, ele cumprimenta a minha mãe.

— Bernardo, estamos fazendo um jantar com toda família para desejar sorte para a Isa, você não quer entrar?

— Eu não quero atrapalhar.

— Você é o namorado da Isa, tem todo direito de entrar. — a Valentina fala, puxando o Bernardo.

— Ele não é meu namorado, Pipoca.

— Mas eu vi ele te beijando. — fala, ficando triste.

— Para duas pessoas namorarem, Pipoca, o

rapaz tem que pedir em namoro, e ele não me pediu, então não estamos namorando.

— Ai ai, você também, viu, cunhadinho, para de enrolar e pede logo a Isa em namoro.

— Ok, chega de conversa, vamos entrar. — minha mãe chama e, para a minha surpresa, o Bernardo pega a minha mão e me puxa para dentro de casa.

Quando entramos, vejo que toda a minha família está reunida, as meninas na hora percebem que estou de mãos dadas com o Bernardo e ficam de boca aberta.

— Não vai me apresentar a sua família? — ele pergunta baixinho, como não tem outro jeito passo com ele apresentando um por um.

Vejo meu pai do outro lado da sala olhando de cara feia para nós, quando nos aproximamos o Bernardo estende a mão para cumprimentá-lo.

— Senhor Danilo.

— Bernardo. — meu pai responde, seco.

— Isa, me ajuda aqui na cozinha. — minha

mãe chama e eu deixo os dois sozinhos.

Bernardo

Quando a Isa sai, me deixando sozinho com o pai dela, fico sem saber o que fazer.

— Ela é a minha princesa, se você a magoar eu vou te caçar até no inferno, entendeu? — o Danilo me ameaça.

— Entendi, o senhor não precisa se preocupar, vou respeitá-la. — garanto para ele.

— Bernardo, vem aqui. — um primo da Isa que eu identifico como Bruno me chama até um sofá e como estou doido para fugir do Danilo vou até lá. — Gosta de futebol? — pergunta assim que eu sento.

— Assisto raramente, prefiro lutas de MMA. — falo.

— Eu queria fazer, mas sou tão magro que é capaz de me quebrarem no meio. — o irmão da Isa fala rindo.

— Eu dou algumas aulas de MMA na academia do meu amigo, se quiser aparece lá depois que eu voltar da viagem e eu vejo se você leva jeito.

— Valeu. — ele agradece, animado.

Passo um bom tempo conversando com eles e percebo que são rapazes bem legais de se conversar.

Isabelle

Depois de meia hora ajudando a minha mãe na cozinha, decidi verificar se estava tudo bem com o Bernardo. Quando fui até a sala, encontrei-o batendo papo com os meus primos, até o tio Matheus entrou na roda.

Homens.

— Está tudo bem, Débora? — escuto a minha mãe perguntar para a tia Deb quando volto para a cozinha.

— Está sim, acho que estou com gastrite, só isso.

— Ai, que lindo, vou ganhar outro priminho. —
falo brincando.

— Vira essa boca para lá, Isa. —a tia Deb fala,
nervosa. — Já tenho dois filhos, não quero mais
um não.

— Tia Deb, a senhora foi a única que não teve
uma menina, acho que tinha que dar um jeito
nisso.

— Muito obrigada, prefiro ficar sem menina. —
fala, rindo.

Danilo

— Por que essa cara de “vou matar alguém”?
— o Matheus pergunta parando ao meu lado.

— A Isa está praticamente namorando aquele
rapaz. — falo, bravo.

— Ele é legal, estava conversando com ele e os
meninos, me pareceu bastante honesto.

— Ele pode ser o homem mais honesto do
mundo, mesmo assim não quero que a minha filha

namore.

— Nossa, quanto ciúmes, deixa a menina. —
ele fala, dando risada.

— Você fala isso porque não tem filha, se
tivesse ia saber o que sentimos quando vemos um
gavião rodando a nossa princesinha. — o Leo fala,
se aproximando junto com o Marcelo.

— Eu queria que ele tivesse uma menina para
aprender a não ficar tirando sarro.

— Pode jogar praga à vontade isso não vai
acontecer nunca, eu e a Débora fechamos a
fábrica.

— Eu também tinha fechado e hoje tenho uma
peстинha de cinco anos que me deixa de cabelo em
pé. — falo, gargalhando.

— E outra, praga de irmão e cunhado pega,
ainda mais quando nos juntamos. — o Marcelo
provoca.

— Sai para lá, eu não vou ter mais filhos e
principalmente uma menina. Tenho dois garotos,
prova suficiente que não sei fazer mulher. — fala

nervoso e indo embora.

— Como eu queria que alguma coisa acontecesse e a Débora ficasse grávida. Ele ia aprender o que é bom para a tosse. — o Leo fala, rindo.

— Se levarmos em consideração que eu joguei praga em você e deu certo, acho que se eu jogar nele pode ser que funcione. — falo.

— Como assim, jogou praga em mim? — o Leo pergunta com uma sobrancelha levantada.

— Depois de tanto apanhar de você por causa do seu ciúme, eu joguei praga para que você tivesse duas filhas lindas para aprender o que era bom. — dou risada.

— Quer dizer que o fato de eu ter gêmeas foi praga sua? — ele pergunta.

— Foi. — dou risada.

— Eu vou te matar, Danilo, das outras vezes peguei leve, mas dessa vez eu realmente vou te matar. — fala, estalando os dedos e eu vou para a cozinha dando risada.

— O que foi, amor?

— Nada, anjo, só o Leo sendo o Leo. — falo rindo.

Isabelle

Depois de colocar a comida na mesa e todos se servirem, eu pego a minha comida e vou sentar à mesa. Não demora muito tempo e o Bernardo senta ao meu lado.

— A sua família é incrível.

— Eu sei, amo a minha família. — falo, sorrindo, e ele fica me olhando. — O que foi?

— Nada, você se ilumina quando fala deles, só isso. — fala, voltando a olhar para o prato.

— Príncipe, por que você não pede a Isa em namoro logo? — a Valentina pergunta fazendo com que todos da sala fiquem quietos e meu pai dá um olhar fulminante para o Bernardo.

— Valentina, isso não é da sua conta. Deixa os dois, se o Bernardo quiser pedir ele vai, a

senhorita não tem nada que ficar cobrando. — a minha mãe fala brava.

— Eu só quero que eles namorem logo. O Bernardo é legal e eu não quero um cunhado chato. — a Valentina fala abaixando a cabeça.

— Princesa, a Isa que não quer me dar uma chance, eu já pedi, mas ela disse que tem que pensar.

— Você não pediu. — eu falo, olhando para ele.

— Pedi, na última apresentação da companhia e você me disse que tinha que pensar.

— Aquilo foi um pedido de namoro? — pergunto, ofendida. — Meu pai levou a minha mãe para nadar em alto mar, cantou no ouvido dela e pediu em namoro. Você não foi nem um pouco romântico. — falo.

— Eu disse que não sei ser romântico, Isabelle, aquele foi um jeito meio torto sim de te pedir em namoro. — fala, me encarando.

— Já que chegamos à conclusão de que foi um

pedido de namoro, aceita logo, Isa. — a Valentina fala batendo palmas.

— Valentina, deixa a sua irmã, se ela não quer aceitar ela não aceita. — meu pai fala nervoso.

— Mas, papai...

— Valentina, vamos deixar os dois resolverem isso. — minha mãe fala tentando acalmar os ânimos.

— Bernardo, eu quero um pedido melhor do que aquele, senão nada feito. — falo baixinho.

— Menina exigente. — fala, sussurrando.

— Eu não mereço? — pergunto.

Ele fica me olhando por um tempo e eu não desvio o olhar.

— Merece, Corujinha, você merece tudo que um homem possa dar. Se eu fosse um homem romântico faria um pedido digno de filme, mas eu não sou e eu fiz um pedido da melhor forma que eu podia. Agora se quiser um pedido melhor vou ter que quebrar a cabeça, mas mesmo assim pode ser que não fique a altura que você merece e tem

direito.

— Aí que lindo. Tá vendo, Leo, não é porque você é bruto que não pode ser romântico. Ele mesmo sem querer acabou de ser. — a tia Tati fala batendo no braço do tio Leo que resmunga.

— Bernardo, você acaba de confirmar as minhas suspeitas. Você é o homem ideal para a minha filha. — minha mãe fala, emocionada, abraçando o meu pai que está sentado com cara de poucos amigos.

Não falo mais nada durante o jantar, depois de comer a sobremesa, o Bernardo se despede de todos e eu o acompanho até o portão, antes de sair, ele me puxa para um abraço e me beija até que eu não consiga pensar em mais nada.

— Até amanhã, linda.

— Até. — fico do lado de fora até ver o carro do Bernardo virar a esquina, entro em casa e meu pai só olha do sofá de cara fechada, sento ao lado dele e apoio a minha cabeça no seu ombro.

— O que foi senhor, Danilo? — ele dá um

suspiro.

— Eu só queria que você e a Valentina ficassem pequenas para sempre. — fala me abraçando.

— Danilo, filhos pequenos significa filhos em casa, filhos grandes significa termos a casa só para nós dois. — minha mãe fala, piscando e meu pai dá risada.

— Tem razão, anjo, por esse lado é bom ter filhos grandes.

Depois de paparicar bastante o meu pai, vou para o quarto da Valentina, ela estava tristonha porque estava longe de mim, então decidi dormir com ela. Jogamos os colchões no chão e deitamos.

— Isa, posso te contar uma coisa?

— Claro que pode, Pipoquinha. — falo, deitando de lado para olhar para ela.

— Tem um menino na minha escola que fica me atormentando todo dia, ele puxa o meu cabelo, esconde o meu lápis e faz um monte de outras coisas.

— Ele bate em você? — ela faz que não com a cabeça.

— Quem é ele?

— Nicolas, ele é da minha sala. — fala fazendo bico.

— Ih, isso está com cara de ser amor. — dou risada.

— Sai fora, eu não. Ele é insuportável, brigamos todos os dias.

— E a mamãe me disse que brigava todos os dias com o papai, e eu brigo todos os dias com o Bernardo.

— Mas ele gosta da Mariana, já falou isso para todo mundo.

— Pipoca, alguma coisa me diz que você está triste por causa da atenção que ele dá para a Mariana. Você queria que na verdade ele olhasse só para você, não é? — pergunto e ela só balança a cabeça. — Ô, minha Pipoquinha, você se apaixonou pela primeira vez. — falo, abraçando-a.

— Por que eu estou triste? Eu não entendo, ele

é chato e insuportável.

— Você está triste porque o seu coração está machucado, mas você ainda tem muito tempo pela frente, logo vai conhecer um rapaz maravilhoso que vai te fazer muito feliz.

— Promete?

— Prometo, meu amor.

Eu a abraço e assim dormimos juntinhas.

Quem diria, a minha irmãzinha apaixonada.

O papai vai ficar doido se souber disso.

Capítulo 24

Isabelle

No dia seguinte acordei animada, tinha que estar no aeroporto às 14 horas porque o voo estava marcado para as 16 horas. Eu já estava com tudo arrumado, então a mamãe e o papai optaram por passar no apartamento para pegar as minhas malas e almoçar em um restaurante perto do aeroporto depois.

Acabei chegando ao aeroporto às 13h40min, como estava com as passagens de todos decidi realizar o *check-in* da equipe inteira para ganhar tempo. Quando eu estava quase acabando, escutei a Valentina gritar e na hora já sabia que era por causa do Bernardo. Quando me virei, vi-o puxando a mala com a Valentina toda sorridente no colo dele.

— Como vão? — ele pergunta para os meus pais.

— Tudo bem e você? — minha mãe pergunta pegando a Valentina do colo dele.

— Estou bem, ansioso por essa viagem. — falou me olhando.

— Espero que seja só pela viagem. — meu pai fala cruzando os braços e levando um tapa da mamãe.

— Senhor Danilo, eu respeito a sua filha, não precisa se preocupar com nada. — o Bernardo fala sério.

— Espero mesmo. — o papai fala de cara amarrada.

Depois de terminar o *check-in*, vou para o ponto de encontro que tínhamos combinado com todos da equipe. Meu pai foi na frente puxando a minha mala resmungando alguma coisa para a mamãe que estava de mãos dadas com a Valentina.

— Dormiu bem? — o Bernardo pergunta pegando a minha mão.

— Dormi, a Valentina insistiu que queria dormir comigo, então acampamos no chão do

quarto dela. — falo dando risada. — E você?

— Poderia dormir melhor se tivesse a companhia de uma corujinha linda. — fala piscando, me fazendo ficar sem graça. — Estou brincando, linda, você sabe que vou esperar, já disse isso para você. Mas não posso negar que adoraria ter você dormindo nos meus braços todas as noites.

— Depois tem coragem de dizer que não é romântico. — falo fazendo com que ele dê risada.

Enquanto ficamos esperando os outros chegarem, nos sentamos. O Bernardo acabou ficando entre eu e a Valentina, que estava conversando e dando risada com ele.

— Ela adora o Bernardo. — minha mãe falou ao meu lado.

— Tenho medo disso, mamãe, se não der certo entre nós dois ela vai sofrer.

— Não pense nisso, querida, só se divirta e aproveite o momento, ele parece realmente gostar de você. — fala me abraçando.

— Que foi, princesa? — escuto o Bernardo perguntar para a Valentina que está olhando para a frente quieta.

— Pipoca, o que foi? — pergunto preocupada.

— Ele está vindo para cá. — ela fala ainda olhando para o mesmo lugar, acompanho o olhar dela e vejo um menino moreno, por volta dos dez anos, vindo para a nossa direção, acompanhado pela família dele.

— Aquele é o Nicolas? — pergunto e ela concorda com a cabeça.

— Quem é Nicolas? — o Bernardo sussurra no meu ouvido.

— O primeiro amor da Valentina. — falo sussurrando também, fazendo com que o Bernardo olhe para o Nicolas de novo.

Vejo uma menina vir correndo e abraçar a Pipoca, essa deve ser a amiga dela, Giovanna. Os pais dela se aproximam e começam a conversar com os meus, e o Nicolas fica um pouco afastado olhando para a Valentina.

— Ele gosta dela também? — o Bernardo me pergunta.

— Não, parece que ele tortura a Valentina, enche o saco e falou na cara dela que gosta de outra menina, a minha Pipoquinha está sofrendo por amor. — falo olhando para o rosto dele que fica bravo na hora.

— Esse moleque tem problema? Não sei quem é essa outra menina, mas a Valentina é melhor que ela mil vezes. — fala nervoso.

Se eu não tivesse certeza de que estou apaixonada por ele ficaria agora. O fato de se importar com os sentimentos da minha irmã me conquistou mais ainda.

— Oi, Valentina. — o Nicolas se aproxima e a cumprimenta.

— Oi, Nicolas. — ela fala baixinho.

— Então você é o Nicolas? — o Bernardo pergunta cruzando os braços, e o menino concorda arregalando os olhos ao perceber os músculos dos braços do Bernardo ficarem evidentes com o

movimento. — Vou falar apenas uma vez, garoto, e quero que preste muita atenção. Se eu souber que você atormentou a Valentina novamente, eu volto e você não vai gostar nenhum pouco da conversa que vamos ter, entendeu? — pergunta apoiando os braços na perna e aproximando o rosto do Nicolas que concorda e dá alguns passos para trás. — Ótimo.

Quando o Bernardo olha para mim, estou sorrindo.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer, gosto da Valentina e não quero que ela sofra. — assim que ele termina de falar, dois bracinhos envolvem o pescoço dele por trás.

— Obrigada, cunhadinho, eu sabia que você era o melhor cunhado do mundo inteiro. — fala nos fazendo dar risada.

Quarenta minutos depois e toda a equipe já tinha chegado, então decidimos ir para a sala de embarque. Começo a distribuir as passagens e

vamos até o guichê despachar as malas, o meu maior medo era quando o Bernardo olhasse a passagem e descobrisse que não ia na primeira classe.

— Isa, por que está marcando classe econômica na minha passagem?

Droga, ele percebeu.

— A primeira classe era cem vezes mais cara, Bernardo, não tínhamos dinheiro para isso. — falo.

— Por que não me avisou? — pergunta nervoso. — Eu nunca viajo na classe econômica, Isabelle.

— Sei lá, esqueci, agora já foi, a única solução é você pedir um *upgrade*. — falo tentando fugir dele.

Depois que todos passam no guichê, me aproximo das meninas tentando evitar o Bernardo, mas não consigo. Ele me puxa pelo braço e vejo que está nervoso.

— Não consegui *upgrade*, vou ter que viajar na

classe econômica por sua causa. Tem mais alguma coisa que queira me contar sobre essa viagem?

— Não. — falo, mentindo.

Que foi?

Ele já ficou nervoso com a passagem, imagina se ele fica sabendo do hotel. Ele vai me matar, deixa para saber na Inglaterra, pelo menos vou ter mais algumas horas de vida.

Como a minha poltrona fica na janela, embarquei primeiro que ele, já estava sentada e acomodada quando o vi entrando com cara de poucos amigos, assim que ele viu o número da poltrona e que fica ao lado da minha, abriu um sorrisinho de lado.

— Se queria que eu fosse do seu lado, era só avisar, linda, não precisava inventar desculpa do dinheiro. — falou sentando ao meu lado.

— Quando comprei as passagens eu não te suportava, para mim você era o Sr. Mala. — falo mexendo na bolsa procurando o meu *iPod*.

— E eu deixei de ser o Sr. Mala? — pergunta perto do meu ouvido me provocando arrepio.

— Não, você sempre vai ser mala. — falo de cara feia para ele que dá risada.

Só que o bom humor dele acabou assim que uma mulher com uma criança por volta de uns onze meses sentou ao lado dele.

— Essa criança vai chorando até lá, Isabelle, e se isso acontecer você me paga. — fala bravo.

Droga.

Coloco o meu fone e espero o avião começar a taxiar para a decolagem. Acreditem ou não, assim que o avião entra em modo cruzeiro, o menino começou a chorar, na mesma hora recebi um olhar mortal do Bernardo.

Depois de uma hora de voo com o menino chorando e gritando e empurrando o braço do Bernardo toda hora, eu não aguentei e comecei a rir da cara dele que estava nervoso.

— O que é tão engraçado?

— A sua cara. — respondo rindo.

Meia hora depois o Bernardo começou a ficar mais impaciente ainda, então decidi mudar de lugar com ele. Assim que eu me sentei na poltrona dele, o menino ficou quieto e começou a me olhar.

— Filho da mãe, ele queria era que trocássemos de lugar para ter uma loira linda do lado dele. — o Bernardo começou a resmungar do meu lado e eu dei risada.

— O que eu posso fazer se sou mais bonita que você? — pergunto provocando.

Na mesma hora o Bernardo agarrou o meu rosto e me beijou daquele jeito que sempre me deixa louca, sem pedir passagem, possuindo a minha boca como se ele fosse o dono dela.

— Agora ele sabe que você é minha. — fala ainda passando os lábios nos meus.

— Ele é apenas um bebê, Bernardo. — falo.

— Mas já é espertinho, porque fez com que eu trocasse de lugar para você ir ao lado dele. — fala me soltando.

O menino não chorou mais o resto da viagem,

mas o Bernardo ainda foi reclamando, tudo o estava incomodando, a poltrona, o lanche, o rapaz na nossa frente que decidiu escutar música alta, tudo era motivo para reclamação.

— Bernardo, por que você não dorme? Assim a hora passa mais rápido, ou sei lá, lê um livro, se quiser eu te empresto.

— Eu prefiro ir te beijando até lá, Corujinha. — fala puxando a minha mão e começando a distribuir beijos subindo pelo meu braço até o meu pescoço.

— Bernardo, não estamos sozinhos. — falo suspirando assim que ele se aproxima da minha nuca no ponto que ele descobriu ser o meu ponto fraco.

— A maioria está dormindo, então ninguém vai ver. Agora fica quieta que eu quero manter a minha boca ocupada te beijando. — fala grudando a boca na minha.

Depois de horas de viagem intercalando entre cochilar apoiada no ombro do Bernardo e beijar o

Bernardo, já que toda vez que eu acordava ele me agarrava com a desculpa de se distrair, finalmente pousamos em Londres. Depois do desembarque e pegar as malas, fomos para o ponto de encontro do micro-ônibus, tentei ao máximo não olhar para o Bernardo, pois sabia que ele iria enlouquecer quando soubesse sobre o hotel.

Quando entramos no ônibus e o Bernardo sentou ao meu lado, percebi que todos ficavam nos olhando, principalmente o Kaike. Durante o percurso até o hotel o Bernardo ficou segurando a minha mão em silêncio como se pensasse em alguma coisa. Assim que chegamos ao hotel, ele olhou para fora pela janela e depois para mim com uma sobrancelha erguida, não tive coragem de falar nada, simplesmente levantei e passei por ele.

O hotel era estilo albergue, tinha quartos com vários beliches e quartos com cama de casal. Quando reservei os quartos, a maior parte estava alugada, para a minha sorte tinha um quarto que acomodava perfeitamente os meninos e um quarto

que dava para as meninas, mas infelizmente ficou faltando uma cama, por isso tinha reservado um quarto para mim, e foi aí que deu a confusão toda com a reserva do Bernardo.

Entrei correndo no hotel e fui direto para a recepção para tentar arranjar um quarto vazio só para ele. Estava há uns vinte minutos falando com a gerente quando senti uma mão pegar o meu braço e eu sabia na hora que era ele.

— O que está acontecendo? E por que eu estou aqui? — perguntou nervoso, pedi um minuto para a gerente e virei para ele.

— O quarto que você queria, no hotel que você queria, era muito caro, você estava completamente sem noção quando pediu por ele. Então reservei um quarto aqui para você, mas houve uma confusão enorme. — falei rápido.

— Uma confusão enorme do tipo estou sem quarto para ficar? — perguntou fechando a cara e ficando mais lindo ainda.

— Não, confusão do tipo vamos ter que dividir

um quarto. — falo sem graça.

— Nós quem?

— Eu e você. — falei sem olhar para ele, senti que ele me abraçou pela cintura e abaixou a boca no meu ouvido.

— Se me queria na sua cama era só falar, Corujinha, já falei que não precisa ficar inventando desculpas para isso.

Dei um empurrão nele e voltei a conversar com a gerente que me garantiu que não tinha outro quarto. Como não tinha solução, o Bernardo informou que ficaríamos com aquele mesmo, peguei as chaves e fui até a equipe. Depois que todos estavam nos dois quartos reservados, fui para o que eu iria dividir por um mês com o Bernardo. Assim que eu entrei, vi que tinha apenas uma cama de casal, na mesma hora parei e a fiquei encarando.

— Com uma cama pequena dessa vamos ter que ficar agarradinhos a noite inteira. — o Bernardo falou no meu ouvido e me abraçando por

trás.

— Não tem nada de agarradinhos aqui não, você dorme no chão. — falei me soltando e ele começou a rir.

— Você que errou nas reservas e não eu, então a única pessoa que vai dormir no chão aqui é você. — falou me apontando e se jogando na cama. — Merda, que cama dura, vou acabar com as minhas costas.

— Viu, por isso você deve dormir no chão ou no sofá. — falei abrindo a minha mala para pendurar as roupas no armário. Assim que pendurei o primeiro vestido, senti dois braços fortes me pegando pelas costas e pelas pernas, quando dei por mim estava voando no ar e caindo na cama.

— Seu idiota. — gritei depois que o Bernardo me jogou, quando tentei levantar ele deitou em cima de mim.

— Arrumamos as coisas depois, agora eu quero estrear a cama primeiro. — falou começando a me

beijar.

— Bernardo, não. — falo entre suspiros.

— Eu sei que você não está pronta, só quero te beijar. — fala, voltando a tomar posse da minha boca.

Depois do que pareceram horas, consegui finalmente me livrar dele e correr para o banheiro tomar um banho. Meu corpo estava estranho, parecia ligado e quente em todos os lugares. Quando terminei de tomar banho, lembrei que não tinha levado roupas limpas para o banheiro, fiquei em dúvida entre vestir a mesma roupa e sair enrolada em uma toalha. Como odeio tomar banho e colocar a mesma roupa, enrolei a toalha no meu corpo e, tomando coragem, saí do banheiro.

— Puta que pariu, você quer me matar, Isabelle? — o Bernardo fala, soltando a mala e olhando para mim.

— Esqueci-me de levar uma roupa para o banheiro. — falei com certeza ficando vermelha enquanto ele andava na minha direção. — O que

você está fazendo?

— Você acha mesmo que pode sair assim enrolada em apenas uma toalha, com essas pernas de fora, e não vou fazer nada? — antes que eu possa perceber estou presa na parede com ele beijando o meu ombro e descendo para os meus seios.

Tento falar alguma coisa, mas as palavras não se formam, só consigo agarrar com todas as minhas forças a única barreira que me impede de ficar completamente nua na frente dele. Sinto as mãos dele passando pelo meu corpo e os lábios que insistem em me torturar. Quando estou praticamente me rendendo ao Bernardo, ele me solta do nada e vai para o outro lado do quarto.

— Isso não vai dar certo, não vou conseguir ficar um mês no mesmo quarto que você. — fala andando de um lado para outro passando a mão no cabelo.

— Desculpa. — falo baixinho.

— Você não tem que pedir desculpas, linda, eu

que tenho que me desculpar. Estou há um mês sem sexo e passar mais um mês com você aqui andando assim. — fala me apontando. — Vai me enlouquecer, eu gosto muito de você, se dependesse de mim te jogava nessa cama agora, mas você não merece isso, não na sua primeira vez. — ele dá um suspiro e fica me olhando. — Vou tomar um banho.

Troco-me correndo, colocando um pijama de alcinha com short, e pulo na cama para dormir, meia hora depois o Bernardo sai do banheiro usando apenas uma bermuda e vem para o outro lado da cama. Quando ele deita, sinto o cheiro do perfume dele.

Droga, que homem cheiroso.

— Boa noite, linda. — fala me dando um selinho.

— Boa noite.

Fico rolando de um lado para o outro sem conseguir pegar no sono. Saber que o Bernardo está ali do meu lado está mexendo com os meus

sentidos e com os meus hormônios.

— Fica quieta, eu quero dormir. — ele reclama.

— Desculpa, eu não estou conseguindo pegar no sono. — falo sem graça, na mesma hora sinto a cama se mexer e as mãos dele me puxando, ele me abraça fazendo com que eu deite a cabeça no peito dele apoiando o queixo na minha cabeça.

— Dorme, Corujinha, amanhã temos o dia livre antes de começar os ensaios, quero passear com você, não fizemos isso ainda.

— Você quer passear comigo como um casal de namorados?

— Exatamente, agora dorme, linda. — ele dá um beijo nos meus cabelos e me abraça mais forte. E assim, sentindo o cheiro dele e escutando o seu coração bater, acabo adormecendo.

Acordei sentindo beijos pelas minhas costas, eram tão leves que quase não pareciam ser reais.

— Acorda, dorminhoca, temos o dia livre para passear, quero te levar em um lugar. — o Bernardo fala, ainda distribuindo beijos nos

lugares onde a blusinha do pijama não cobre.

— Não pode ser mais tarde?

— Não. Lá tem horário marcado, esqueceu que os britânicos são pontuais? — ele fala, dando risada.

— Tá bom, eu vou levantar. — falo, me virando na cama e ficando de frente para ele que na mesma hora toma posse da minha boca.

— Bom dia, linda. — fala, descendo os lábios pelo meu pescoço.

— Bom dia, não era você que estava com pressa? — pergunto, suspirando.

— Tem razão, levanta e vai se arrumar. — fala, me puxando da cama.

Depois de me arrumar e tomar café da manhã no hotel, saímos em direção ao metrô. Ao chegarmos à estação Piccadilly Line, descemos e claro que não estou entendendo nada, mas, assim que saímos da estação, dou de frente com o Palácio de Buckingham. Fico parada sem acreditar e o Bernardo dá risada e começa a me

puxar.

— Ouvi dizer que uma das maiores atrações de Londres é assistir à troca da guarda real do palácio, então te trouxe para assistir.

Fico ali parada vendo a troca com o Bernardo me abraçando por trás. Não consigo prestar atenção no que está se passando, então não me perguntem como é, porque a única coisa que consigo pensar é nesse homem parado atrás de mim me abraçando. Ele insiste que não é romântico, mas tem pequenas atitudes que o desmentem.

Quando a troca termina, a polícia libera a passagem e eu atormento o Bernardo porque quero tirar uma foto perto dos portões. Depois de tirar várias e algumas até mesmo pendurada no pescoço dele, vou em direção a um dos guardas.

— Onde você vai, maluca? — ele pergunta, rindo.

— Quero tirar uma foto com ele.

Aproximo-me do lado de um dos guardas que

não se mexe de jeito nenhum e faço pose para o Bernardo que está dando risada. Depois de algumas fotos, eu tento fazer com que ele se mexa e nada.

— Droga, queria saber que tipo de treinamento eles fazem para ficar parados desse jeito o tempo inteiro. — falo, brava.

— Vem, maluquinha, antes que você seja presa por atormentar os guardas. — ele fala, me puxando. — Tem algum lugar aonde você queira ir?

— Você vai me levar aonde eu quiser? — pergunto, animada.

— Vou, aonde você quer ir?

— Notting Hill.

— Que lugar é esse?

— Aff, Bernardo, como você não sabe? É o mesmo lugar onde foi rodado o filme, a música desse filme é importante para os meus pais, foi a primeira música que eles dançaram como marido e mulher. Sempre quis conhecer Notting Hill por

causa disso.

— Então vamos, aí aproveitamos e comemos alguma coisa por lá. — fala, me puxando de volta para o metrô.

Quando chegamos a Notting Hill Gate, fico eufórica, assim que avisto uma placa informando o nome da rua, corro para lá, me posiciono embaixo dela e fico esperando o Bernardo tirar uma foto.

— Você realmente está animada por conhecer esse lugar, não está?

— Claro, assisti a esse filme milhares de vezes. Como era sábado, tinha um mercado de rua acontecendo, comecei a olhar todas as barracas sempre pegando alguma coisa e mostrando para o Bernardo. Acabei comprando uma camiseta temática para a minha mãe. Quando fui até o Bernardo, ele estava pagando alguma coisa.

— O que você comprou? — pergunto, curiosa.
— A Valentina me pediu um presente. — fala, me entregando um saquinho que eu abro e vejo

que tem um colar com um pingente de guitarra.

— Ela vai adorar. — falo, emocionada.

— Tem certeza? — pergunta, inseguro.

— Tenho. — falo devolvendo.

Continuamos andando, vejo um pouco mais à frente a porta azul do filme e saio correndo.

— O que foi, Isa? — o Bernardo pergunta.

— Essa é a foto do filme. Tira uma foto minha?

Ele pega o meu celular e bate algumas fotos que eu envio por WhattsApp para a minha mãe que responde na mesma hora que está com inveja. Depois de andar por todo o mercado, decidimos procurar um lugar para almoçar. Passamos na frente de um restaurante chamado Arancina, uma pizzaria, e o Bernardo decide entrar. Após o almoço, passeamos mais um pouco pelas ruas de Londres, até que eu avisto um ônibus vermelho de dois andares.

— Bernardo, vamos andar de ônibus? Morro de vontade de andar em um desse. — falo, pulando e o puxando pelo braço que dá risada.

— Vamos, Corujinha.

Corremos até o ponto mais próximo e conseguimos pegar o que estava passando, sem saber qual era o destino dele. Ao entrar, já corro para o andar de cima e sento admirando a vista.

— Quero só ver se chover. — o Bernardo fala, reclamando e sentando ao meu lado.

— Para de ser ranzinza e aproveita o passeio. — falo, batendo no braço dele.

— Não sou ranzinza, apenas não tenho idade para algumas coisas.

— Nossa, quem vê você falando assim acha que você tem uns cinquenta anos. — dou risada.

— E outra, se você quer realmente namorar, comigo vai ter que se acostumar, tenho vinte e um anos e tenho muita energia. — falo, percebendo os olhos dele brilharem e descer para a minha boca.

— Essa energia seria muito bem usada para outras coisas, sabia?

— O que vo... — não consigo perguntar o que ele quer dizer com aquilo porque ele começa a me

beijar.

Depois de uns quarentas minutos, vejo, ao longe, a torre do Big bem, peço para o Bernardo para irmos visitá-la e ele concorda. Então descemos e caminhamos até o Palácio de Westminster, onde fica o Parlamento. Passamos quase três horas ali tirando fotos e vendo cada canto que contém tantas histórias. Atravessamos a praça e vamos em direção a Westminster Abbey, onde entramos, vou até um banco do fundo e me sento.

— Qual o problema, linda? — ele pergunta, sentando ao meu lado. Fico olhando para frente por um tempo tomando coragem para falar o que acabou passando na minha cabeça o dia inteiro.

— Eu te odiei desde o primeiro momento em que te vi naquele hospital. — falo, suspirando. — Continuei te odiando em cada briga, mas não sei como nem quando acabei me apaixonando por você. Tem vezes que fico torcendo para você decidir me beijar porque não consigo pensar em

mais nada que não seja isso. Eu sei que se a minha primeira vez não for com você, vou me arrepender para sempre, mas tenho medo de me entregar e você se arrepender por eu não ter experiência e decidir me deixar. — falo, sem olhar para ele, mas percebendo que ele não tira os olhos de mim. — Eu tenho o sonho de me casar e ter filhos, de construir uma família e ser tão amada quanto a minha mãe é. Mas tenho medo de colocar todas as minhas esperanças em você e não ser o que você quer.

— Você está pensando isso desde quando? — ele pergunta, pegando a minha mão.

— Desde que você me beijou pela primeira vez e eu percebi que não queria que ninguém mais me beijasse, só você.

— Isa, não vou mentir para você, tanto porque um relacionamento precisa ser baseado em honestidade. Como eu disse, não levo jeito para romance. Pode até ser que algumas coisas eu faça sem perceber, vou tentar me esforçar para ser o

que você precisa e merece. Eu também me apaixonei por você e não sei quando foi isso, mas não vejo mais um dia sequer da minha vida sem você nele. Nunca me vi casando, fiquei noivo da Soraya, mas não tinha intenção de me casar. Mas você? — fala, suspirando. — Você me faz querer um casamento, me faz querer acordar todos os dias ao seu lado, e a prova eu tive hoje quando acordei e vi você ali deitada tão linda, eu quero filhos com você, consegue imaginar isso? Eu não gosto de crianças, não suporto choro de bebês, mas eu quero tudo isso com você. Quero ver a sua barriga crescer e saber que tem um filho meu ali dentro, quero gritar para todo mundo que você é minha. Entendo os seus medos, eu também tenho alguns, mas eu prometo para você, aqui dentro dessa igreja, que se me confiar o seu coração e o seu corpo, eu jamais vou desapontá-la intencionalmente, vou dedicar cada um dos meus dias em te fazer feliz. Então não sei se essa é a forma que você queria, mas vai assim mesmo. —

ele para de falar e fica olhando para mim. — Quer namorar comigo?

— Quero. — falo sem conseguir segurar as lágrimas. Ele dá um sorriso e me puxa para fora da Abadia. — Ei, aonde vamos?

— Eu quero te beijar e não posso fazer isso aqui dentro. — assim que saímos, ele me abraça e me beija até que nós dois estamos sem fôlego.

Depois de um dia cheio de emoções, voltamos para o hotel, encontramos a equipe indo para o restaurante jantar e nos juntamos a eles. Assim que o Bernardo sai de perto, dizendo que vai ao banheiro, a Bruna e a Laura me puxam de canto.

— Conta tudo, vocês passaram o dia fora, o que aconteceu? — a Bruna pergunta.

— Ele me levou para ver a troca da guarda real na frente do palácio, depois fomos até Notting Hill e ao Parlamento, quase no final do dia fomos conhecer a Abadia de Westminster, onde ele me pediu em namoro. — falo, sorrindo.

— Não acredito, ele te pediu em namoro na

mesma igreja que o Príncipe William e a Catherine Middleton casaram? — a Laura pergunta, de queixo caído, e eu só concordo com a cabeça.

— Você é muito sortuda, menina, sério, um gato daquele e ainda sendo pedida em namoro na Abadia, que inveja. — a Bruna fala, fazendo bico.

Quando ele volta, elas saem de perto e nos deixam sozinhos. Jantamos e voltamos para o quarto. Enquanto ele entra para tomar um banho, mando mensagem para as meninas.

Isa: fui pedida em namoro.

Mila: fala sério...

Sophia: como foi?

Isa: ele me pediu em namoro na mesma Abadia que o Príncipe William casou.

Catarina: vaca sortuda, que inveja.

Mila: ele foi romântico.

Isa: ele não é romântico, mas do jeito dele meio torto foi bonito, fiquei emocionada.

Catarina: você merece, pentelha.

Isa: olha quem fala... rsrsrs

Mila: você decidiu se vai perder a sua virgindade com ele?

Sophia: eu aproveitava que estou longe dos pais e me jogava.

Catarina: falou tudo, Soso, vai na fé, Isa, esse homem lindo deve ser muito bom de cama.

Isa: não decidi ainda, meninas, estou insegura.

Mila: Isa, confia nele, e qualquer coisa estamos aqui por você.

Isa: obrigada, meninas, deixa eu ir que ele saiu do banheiro.

Depois de mandar a mensagem, olho para o Bernardo que está na porta do banheiro só com uma toalha na cintura.

— O que você está fazendo? — pergunto, sem graça sentada na cama.

— Olhando para você e pensando, só isso. — fala, caminhando até o guarda-roupa.

Aproveito que ele está se vestindo e corro para o banheiro para tomar banho. Quando termino e

me enrolo na toalha, procuro em volta e me esqueci de novo de levar roupa para me trocar. Quando estou criando coragem para sair só de toalha, escuto uma batida na porta.

— Isa, vou descer rapidinho e já volto, não vou demorar.

— Tá.

Escuto a porta fechando e saio do banheiro, troco de roupa e corro para a cama, pego o *notebook*, entro no Skype e chamo a minha mãe.

— Oi, meu amor, como foi o dia? Tirando o fato de que você tirou foto na porta azul só para me fazer inveja.

Então começo a contar tudo o que eu vi hoje e sobre o pedido de namoro, que faz com que a minha mãe fique animada. Quando desligo o computador, o Bernardo entra no quarto, me ajeito na cama e viro para o outro lado sem graça. Sinto-o deitar e, na mesma hora, ele me puxa para o peito dele, fazendo com que eu deite a cabeça em seu ombro.

— Não foge de mim, vou dormir abraçado com você todas as noites até que você se acostume e decida ser minha. — fala, beijando a minha cabeça. — Agora dorme, linda. — e é o que eu faço, adormeço e sonho com o que poderia ser a minha vida ao lado dele, e não fico com nem um pouco de medo.

Capítulo 25

Isabelle

Pelo segundo dia seguido, acordo com o Bernardo me beijando.

— Cuidado que eu posso me acostumar mal.

— Isso seria a minha desculpa para tê-la na minha cama todas as noites. — fala, sorrindo.

— Você deveria sorrir mais, você fica lindo sorrindo. Essa sua cara fechada e de bravo dá medo. — falo, passando a mão no rosto dele.

— Então você tem medo de mim, é? — pergunta, com a sobrancelha erguida.

— Nem um pouco. — falo, rindo.

Arrumamo-nos e descemos para tomar café com os outros. O micro-ônibus estava marcado para nos pegar às 9 horas e nos levar para o local dos ensaios. Quando entramos no restaurante, todos ficam nos olhando de mãos dadas.

— Não liga, Corujinha, logo eles se

acostumam.

Às 9 horas em ponto o micro-ônibus chega. Eu tinha alugado uma sala em uma escola de balé. Quando chegamos, a responsável nos leva até a sala e percebo que tem uma equipe ensaiando.

— Ela não está liberada? — pergunto.

— Eles alugaram das 7h às 10h da manhã e logo depois está liberada para vocês.

Ficamos no corredor esperando os últimos 10 minutos do ensaio deles.

— Que música é essa? — o Pablo pergunta, aproximando-se da porta.

— Parece ser salsa. — falo.

— Será que é alguma equipe latina? — a Cláudia pergunta, aproximando-se de mim.

— Vocês vão no balé mesmo? — o Bernardo me pergunta.

— Vamos, mas confesso que estou um pouco preocupada. — falo.

— Por quê? Nós ensaiamos bastante. — a Bárbara fala, me encarando.

— Porque agora que eu ouvi essa música, corremos o risco de outros estilos assim aparecerem. Abre um leque para se dançar junto, os casais agarrados, ser sensual. E todos nós aqui sabemos que o balé não abre tanta margem assim para ser sensual quanto uma salsa ou um tango.

— E por que não pensaram nisso antes?

— Porque nós fomos pelo que a equipe inteira sabe, Bernardo, que é o balé. Eu fiz aula de outros ritmos, mas a nossa base é o balé. — falo.

— Não dá para misturar? — ele pergunta.

— Eu sou a única que sabe.

— Espera, você está querendo mudar toda a apresentação faltando um mês para a competição? — o Kaike pergunta, para o Bernardo.

— Vocês sabem toda a coreografia, não sabem?

— o Bernardo me pergunta, e eu concordo com a cabeça. — Ok, então troca somente algumas coisas, em vez de mudar tudo ou ter que ensinar tudo para eles, ensina um pouco de cada dança para cada um, assim, além do balé, vocês terão

outros ritmos e dançados por todos, como se cada um representasse um ritmo. O Brasil é conhecido por receber todos os turistas bem, temos várias colônias espalhadas pelo país, seria uma forma de representar isso, mas mantendo um pouco do balé também.

— Bernardo, você é um gênio. — a Cláudia fala, sorrindo.

— Isso vai dar trabalho, e só temos direito a ensaiar quatro horas por dia. — falo.

— Vai dar certo, Isa. — a Laura fala, animada.
— Algumas coisas você já tinha ensinado para mim e para a Bruna, então é tranquilo.

— Então todos estão de acordo? — pergunto, olhando para todo mundo, que concorda. — Então vamos arrasar. — falo, sorrindo.

Passamos as quatro horas de ensaio escolhendo as músicas que seriam perfeitas e decidindo que ritmo cada um iria dançar. Enquanto isso, o Bernardo ficava sentando em um canto fazendo caretas. Quando terminamos de ensaiar, ele veio

até onde eu estava e me abraçou para sairmos juntos.

— Por que tanta careta? — perguntei, rindo.

— Odeio balé, odeio dança, nem música direito eu escuto. — ele fala, ficando sem graça.

— Por quê?

— Quando meu pai faleceu, a minha mãe teve que assumir todas as despesas de casa, então ela precisou se dedicar ainda mais ao balé e eu fui ficando de lado. Não tinha como evitar o ódio, eu tinha apenas 12 anos na época.

— Sinto muito, mas ela te ama muito, sabe disso?

— Eu sei, hoje eu sei que foi necessário para a nossa sobrevivência, para que eu tivesse uma faculdade e tudo mais, só que na época era difícil perceber isso.

— Bernardo, tenho uma proposta para você. — falo, assim que sentamos no micro-ônibus.

— Qual seria? — pergunta, desconfiado.

— Quando chegarmos ao hotel, eu falo.

— Por que não agora?

— Porque tem muita gente ouvindo. — falo, sussurrando.

— Você está querendo me corromper, Isabelle? Saiba que eu sou puro. — ele fala, levando uma das mãos ao coração.

— Bernardo, não existe nada puro em você, nem os pensamentos.

— Tem razão, nessa hora os meus pensamentos só envolvem você e um quarto de hotel, posso garantir que não tem nada de puro neles. — fala, rindo e me fazendo ficar vermelha na certa.

— Vamos passear hoje? — pergunto, assim que sentamos.

— Você disse que tinha uma proposta para mim assim que chegássemos ao hotel, então estamos indo direto para lá, não vamos sair até que você me fale que proposta é essa. — ele fala, olhando sério para mim e me fazendo rir. Assim que chegamos ao hotel, ele me agarra e leva correndo para o quarto. Quando entramos, ele me

empurra na parede e me beija.

— Qual era a sua proposta?

— Que proposta? — pergunto, puxando a cabeça dele para mim e o beijando.

— Você disse que tinha uma proposta para mim assim que chegássemos ao hotel. — fala, parando de me beijar.

— Ah é. Então eu te ensino a dançar e você me ensina alguma coisa, o que acha?

— Você não devia me fazer propostas desse tipo. — fala, gemendo e se jogando na cama. Tomo coragem e sento em cima dele passando uma perna de cada lado fazendo com que ele solte outro gemido.

— Que tipo de proposta? — pergunto.

— A única coisa que passou na minha cabeça agora foi te ensinar como fazer sexo e não posso pensar nisso, porque não quero fazer sexo com você. — fala, me olhando, e quando processo as palavras dele, levanto sem jeito.

Ele não quer fazer sexo comigo.

Tento fugir para o banheiro sem graça, mas sinto os braços dele em volta do meu corpo.

— Não é o que você está pensando, volta aqui. — ele me pega no colo e volta para a cama. — Eu fiz sexo com a Soraya, fiz sexo com a Helena, mas era sem sentimento, era só para me aliviar, para que eu tivesse prazer, nunca me importei se tinha sido bom para elas ou não. Agora você, eu não me importo comigo, quero que seja bom para você, com você não é sexo, eu quero fazer amor. Quero que você sinta o quanto te acho linda, o quanto você é perfeita e especial. Com você vai ser a primeira vez que vou fazer amor na minha vida, por isso estou esperando que você se sinta preparada, entendeu? — concordo, fico olhando para ele e abro um sorriso.

— Você fala que não é romântico só para falar coisas como essa e me impressionar, confessa. — falo, e ele dá risada.

— Fui romântico? Acho que é você que desperta esse meu lado.

— Bernardo, eu tenho medo. — falo, olhando nos olhos dele.

— Do quê, Corujinha?

— Que você não goste, que eu não saiba o que fazer.

— Vai ser natural, você vai ver, e não precisa se preocupar, só por ser com você eu vou gostar.

Acabamos ficando o resto do dia no quarto do hotel conversando e contando coisas sobre a nossa infância, apenas um conhecendo o outro. Cada minuto que passava eu me sentia mais confiante e me apaixonava cada vez mais por ele.

No decorrer das semanas, ensaiávamos de manhã, e à tarde eu saía com o Bernardo para conhecer Londres. Visitamos Covent Garden, onde compramos presentes para a minha família e para a mãe dele. Ele me levou na M&M'S World, a maior loja de M&M's do mundo, onde me acabei de comer, sempre com ele dando risada. Um dos lugares que eu mais gostei de visitar foi a Catedral de St. Paul's, onde a princesa Diana se

casou, ela era simplesmente linda por dentro.

Como eu tinha prometido para o meu irmão e os meus primos uma camiseta do time de futebol Arsenal, pegamos o metrô um dia e fomos até o estádio. Foi a vez de o Bernardo ficar igual criança, mesmo ele dizendo que não gosta de futebol. Depois dos passeios, quando voltávamos para o hotel, tínhamos um ritual: ele tomava banho primeiro enquanto eu falava com a minha família, meu pai, claro, sem saber que estávamos dividindo o quarto, depois eu ia tomar banho e dormíamos abraçados.

Quando a terceira semana começou, eu tinha tomado uma decisão. Mandeí uma mensagem para a minha mãe e ela me aconselhou que, se era o que o meu coração realmente queria, então que eu o seguisse. Após o ensaio, o Bernardo perguntou se eu queria conhecer algum outro lugar, mas eu disse que só queria voltar para o hotel. Ele estranhou, mas concordou. Passei o caminho inteiro sem falar nada e, assim que

entramos no quarto, ele não aguentou mais o meu silêncio.

— O que foi, Isa?

— Tomei uma decisão e não sei como falar. — falo, sentando na cama.

— Que decisão? — ele pergunta, sentando ao meu lado.

— Eu quero ser sua. — falo baixinho.

— Você é minha há muito tempo. — ele fala, tirando o cabelo do meu rosto.

— Não, eu quero ser completamente sua, quero fazer amor com você. — falo, sem conseguir olhar para o rosto dele.

— Tem certeza? — pergunta, virando o meu rosto para ele, e concordo com a cabeça.

— Tudo bem, se é o que você realmente quer, nós vamos fazer amor. — assim que ele termina de falar, eu o beijo.

— Mas assim não, linda, vou arrumar algumas coisas, quero que a sua primeira vez seja especial, só confia em mim.

— Eu confio. — falo.

— Então por que você não dá uma volta com as suas amigas? Sei lá, vai ver algumas lojas, comer alguma coisa.

— Por que eu sinto que você quer me tirar do quarto? — pergunto, desconfiada.

— Porque eu quero realmente te tirar do quarto. — fala, rindo. — Sai com elas, compra um vestido bem bonito, se arruma. Vamos jantar em algum lugar e depois voltamos para o hotel, que tal?

— Ok, eu vou. Mas seja lá o que você esteja tramando, espero que seja realmente bom. — falo, apontando o dedo para ele.

— Vai ser, prometo.

Passo no quarto das meninas e saímos para passear, claro que elas me bombardearam com perguntas sobre o Bernardo. Passamos uma tarde incrível conversando e entrando nas lojas, até que eu encontro um vestido salmão lindo com lantejoulas na altura do joelho e um decote

profundo nas costas.

— O Bernardo vai ficar doido com esse vestido.

— a Bruna fala.

— Você tem que levar esse, ficou lindo. — a Laura fala, animada.

Compro o vestido e depois vamos até um salão de cabeleireiro para me arrumar. Depois de pronta, voltamos para o hotel por volta das 19 horas. Quando entramos, encontro o Bernardo sentado na recepção me esperando vestido com um terno cinza e uma camisa branca sem gravata.

— Oi. — falo, assim que me aproximo. Ele não responde, fica me olhando dos pés a cabeça.

— Você está linda, vamos? — fala, me dando o braço, e saímos do hotel. — A recepcionista me falou de um restaurante aqui perto, ela disse que ele é incrível. — assim que chegamos, ele dá o nome dele para o maître que nos leva até uma mesa para dois.

— Você fez a reserva?

— Eu preparei tudo para essa noite, só confie

em mim.

Olho em volta enquanto ele faz o nosso pedido. O restaurante tem grandes lustres de cristal pendurados, a meia luz dá um clima de intimidade ao lugar, percebo que tem muitos casais jantando ali.

— Gostou do lugar?

— É lindo, mas deve ser muito caro, Bernardo.

— Não se preocupe com isso, a noite é especial, então quero que tudo seja perfeito. — fala, sorrindo, e eu não resisto.

Confesso para vocês que o jantar chegou e não consegui comer muito, estava nervosa com o que poderia acontecer depois. Tentei me concentrar no Bernardo e na nossa conversa, mas assim que a sobremesa chegou, senti um frio na barriga, sabia que depois dali voltaríamos para o hotel.

— Relaxa, linda, se não quiser mais é só falar. — ele fala, assim que termina de pagar a conta.

Voltamos para o hotel e vejo que no caminho ele manda uma mensagem pelo celular, quando

ele percebe que eu vi, só me dá um sorriso. Quando entramos no quarto, não acredito no que ele fez. O quarto está iluminado apenas com velas, algumas pétalas de rosas jogadas no chão e na cama, a janela está aberta e dá para ver a lua lá fora, no criado-mudo tem um champanhe em um balde de gelo.

— Como você conseguiu fazer tudo isso?

— Tive ajuda do hotel. Eu disse que era nosso aniversário de namoro e queria fazer algo especial e eles me ajudaram, gostou?

— Está tudo lindo, obrigada. — agradeço, dando um beijo de leve nos seus lábios.

— Você merece, mas, antes de qualquer coisa, preciso que você saiba que se em qualquer momento quiser parar, eu paro, não vou te forçar, quero que confie em mim. Você está me dando um presente que dinheiro nenhum no mundo pode comprar, está me dando a sua pureza e espero realmente ser merecedor dela. — ele me beija e sinto as suas mãos puxando a alça do meu

vestido. — Relaxe, amor.

Eu abro os olhos e vejo o Bernardo ali parado na minha frente sorrindo e é o suficiente para que eu tenha certeza do que está para acontecer. Eu o puxo para mim e voltamos a nos beijar, ele desce o meu vestido pelo corpo, me deixando apenas de calcinha.

— Nem nos meus sonhos te imaginava tão linda. — fala, olhando para o meu corpo. Ele me pega no colo, me leva para a cama, me deitando com cuidado, e começa a tirar a roupa. Tento não piscar para não perder nenhum segundo.

Que o Bernardo é lindo e maravilhoso isso eu já falei para vocês, mas eu não estava preparada para o que era aquele homem sem roupa. Musculoso nos lugares certos, barriga tanquinho, assim que os meus olhos descem um pouco mais, fico sem graça, e ele dá risada.

— Logo você se acostuma, amor.

Estou enganada ou foi a segunda vez que ele me chamou de amor?

Ele deita ao meu lado e me beija.

— Vamos com calma, não precisamos ter pressa, temos a noite inteira. Você está tomando o anticoncepcional direitinho?

— Estou, eu tomo logo depois de escovar o dente de manhã para não esquecer.

— Ótimo, porque eu não quero nenhuma barreira entre nós dois na nossa primeira vez. Tem certeza de que você quer que isso aconteça?

— Tenho, não poderia estar mais certa sobre alguma coisa. Eu quero ser sua, Bernardo.

— Então relaxe, amor, porque a partir de hoje você vai ser minha e somente minha. — fala, voltando a me beijar, fazendo com que todo o meu corpo responda a ele.

No momento em que ele se posiciona entre as minhas pernas, não estou com medo, amo o Bernardo e tenho certeza de que vai ser perfeito pelo simples motivo de ser com ele.

Capítulo 26

Isabelle

O Bernardo continua me beijando e percebo que é para me acalmar, sinto a sua ereção na minha coxa e fico nervosa.

— Já falei para relaxar, linda, se você ficar assim vai doer muito.

— Para você é fácil falar, está acostumado com isso. — falo, enquanto ele beija o meu pescoço.

— Estou tão nervoso quanto você, a minha responsabilidade é grande, não é apenas fazer amor com você ou tirar a sua virgindade, você está confiando em mim para que eu seja o primeiro. — fala, me olhando.

Ele volta a me beijar e tocar todo o meu corpo, sinto-o descer distribuindo beijos no meu pescoço em direção aos meus seios e sinto a sua língua no meu mamilo esquerdo dando total atenção a ele, na mesma hora sinto o meu corpo inteiro formigar.

Quando levanta a cabeça, solto um gemido em protesto e ele dá risada, antes que eu possa reclamar ele abocanha o direito mordendo e chupando. Infelizmente, ele para muito cedo e continua descendo pelo meu corpo, distribuindo beijos. Quando chega à altura da minha barriga, ele levanta os olhos para mim.

— Tudo bem?

— Está sim, só não pare, por favor.

Ele volta a beijar o meu corpo, descendo pelas minhas pernas.

— Bernardo, você vai me matar assim. — reclamo, e o idiota dá risada.

— Vai por mim, Corujinha, quem está quase morrendo sou eu, estou tentando me controlar para não ir rápido demais e te machucar.

Sentir os lábios dele passando no meu corpo me deixa acesa e com a pele queimando a ponto de ser uma tortura. Ele volta beijando o meu corpo e deposita beijos na minha virilha até voltar para os meus lábios.

— Shii... Relaxa, já falei, está tudo bem. — ele volta a tomar posse da minha boca e sinto que começa a me penetrar, parando no momento em que sente a barreira da minha virgindade.

— Amor, não tem como fazer isso sem que você sinta dor. — fala, me olhando.

— Eu sei, só faz logo de uma vez. — falo, nervosa. — Como arrancar um curativo.

— Tem certeza?

— Tenho, de uma vez. — falo, segurando os braços dele, e fecho os olhos.

— Olha para mim. — assim que ele pede, eu abro os olhos e sinto a estocada forte que ele dá rompendo a barreira, na mesma hora eu grito sem conseguir me conter. — Calma, amor, vai passar. — fala, beijando o meu rosto. Depois de um tempo, ele se mexe devagar. — Ainda está doendo?

— Um pouco, não vou mentir.

Sinto como se ele me preenchesse inteira, me sinto esticada ao máximo, como se o meu corpo

fosse pequeno demais para ele.

— Quer que eu pare?

— Depois de sentir essa dor insuportável, você quer parar? Nem pensar, só vai devagar para que eu me acostume, você é grande. — falo e ele dá risada.

— Tudo bem, vamos com calma, você é apertada por nunca ter feito amor, não quero te machucar.

Conforme ele foi se movendo devagar, a dor foi passando, e eu só sentia o prazer começar a percorrer o meu corpo. Não resisti e comecei a me movimentar com ele.

— Você vai me matar, menina. — fala, gemendo.

— A dor passou, pode se movimentar mais rápido. — assim que eu falo, ele aumenta a velocidade. — Eu preciso...

— Do quê, linda? Do que você precisa?

— Não sei. — falo, sem conseguir segurar o gemido que escapa da minha garganta conforme

ele começa a ficar cada vez mais rápido.

— Se solta, só sinta o que estou fazendo com o seu corpo.

Ele agarra o meu seio esquerdo e belisca o meu mamilo, e aí o meu corpo não aguenta, ele parece explodir e um calor que começa a subir dos dedos dos meus pés e passar por todo o meu corpo e começo a tremer e grito o nome dele, não muito tempo depois sinto que o corpo dele também treme e o pênis dele palpita dentro de mim e sinto um jato quente dentro do meu corpo.

— O que aconteceu? — pergunto sem fôlego.

— Você gozou. — ele fala, rindo também com a respiração pesada.

— Eu sei que sou inexperiente, não precisa dar risada. — falo, empurrando ele de cima de mim e fazendo com que ele me prenda ainda mais na cama.

— Não estou rindo de você, amor. — fala com a cabeça ainda apoiada no meu ombro, quando ele me olha, abre um sorriso. — Você está bem?

Como está se sentindo?

— Sei lá, me sinto como mulher. — falo baixinho.

— Porque agora você é uma mulher, e é minha. Sinto-o saindo de dentro do meu corpo e estremeço. Ele levanta e vai até o banheiro, um tempo depois volta e me pega no colo.

— Vamos tomar um banho. — fala, me levando para o chuveiro.

Ele me coloca no chão e pega o sabonete para passar no meu corpo, tento tomar da mão dele, mas ele fecha a cara e me olha feio, então eu desisto. Ele lava o meu corpo inteiro, dando atenção aos meus seios, me beija e desce a mão em direção a minha vagina, e eu a seguro.

— Amor, você está com sangue, preciso lavar também.

— Eu posso fazer isso. — falo sem graça.

— Isa, alguns minutos atrás meu pênis estava dentro dela e você está com vergonha por eu querer lavá-la? — pergunta, rindo. — Eu disse

que você é minha, e o seu corpo é meu, então tenho o direito e o dever de cuidar de você. Agora solta a minha mão e me deixa terminar de dar banho em você.

Solto a mão dele que volta a passar pelo meu corpo, quando ele toca a minha vagina, mesmo que devagar, eu estremeço.

— Dolorida?

— Um pouco, mas não foi só por isso não. Eu senti um arrepio quando você me tocou, sei lá, não sei dizer.

— Tenta, pode ser honesta comigo.

— Eu quero você de novo, isso é normal? — pergunto sem olhar nos olhos dele.

— Completamente normal, linda, eu mesmo quero você de novo, mas tenho medo de te machucar porque está dolorida.

— Eu quero tentar assim mesmo, vamos para cama? — pergunto, abraçando o pescoço dele.

— Não. — fala, me empurrando contra a parede. — Passa as suas pernas pelo meu corpo.

— no momento em que eu o enlaço com as pernas, ele me penetra com um movimento rápido e forte e me faz gritar.

Não demora muito e a minha respiração fica entrecortada e não consigo mais pensar em nada a não ser nele e no que estamos fazendo.

— Corujinha, não vou aguentar muito tempo.
— antes que eu possa falar alguma coisa, o meu corpo explode em sensações que antes eram desconhecidas por mim, e logo sou seguida por ele.

Meia hora depois, estamos deitados na cama, eu apoiada no peito dele e ele mexendo no meu cabelo.

— Você está bem?

— Bernardo, é a décima vez que você me pergunta isso. — dou risada.

— Estou preocupado, só isso.

— Eu estou bem, só um pouco dolorida. Ainda bem que amanhã não tem ensaio, acho que não conseguiria fazer um movimento sequer.

— Isso quer dizer que a terceira rodada está fora de cogitação?

— Bernardo, você já quer de novo? — pergunto, levantando a cabeça e olhando para ele, que começa a rir.

— Com você eu quero o tempo inteiro, ainda mais que descobri como é bom fazer amor, o sentimento que você sente pela pessoa que está com você deixa tudo melhor, mesmo que seja um pouco mais pesado como eu fiz com você no banheiro. — fala, me fazendo um carinho.

— Eu até que gostei, eu sei que esse é o seu lado ogro.

— Eu sou um ogro?

— É sim, um ogrinho lindo. — falo, apertando a bochecha dele que vira na cama com tudo me deixando embaixo dele.

— Vou te mostrar quem é o ogrinho lindo aqui. No final da noite, quando finalmente o Bernardo sossegou um pouco, parei para pensar se realmente tinha tomado a decisão certa. E não tive

dúvidas da resposta: a minha primeira vez não poderia ter sido melhor.

Nem a segunda.

Nem a terceira.

Que foi?

Dá um tempo, olha para o homem lindo deitado aqui do meu lado, quero ver se alguma de vocês, mulheres, teria coragem de falar não para ele. Eu não consegui falar não em nenhuma das vezes, e acho que não teria nunca.

Só espero que essa felicidade que me pegou de jeito não acabe.

Quando acordei no dia seguinte, me sentia diferente, não sei explicar qual era a sensação que estava sentindo. Olhei para o Bernardo e ele ainda estava dormindo, como era sempre ele que me acordava com beijos, decidi fazer o mesmo. Comecei beijando o seu peito e subindo até os lábios dele. Assim que encostei na boca dele, ele virou com tudo na cama me deixando por baixo.

— Bom dia, meu amor.

— Como? — pergunto, confusa.

— Eu acordei no primeiro beijo. — fala, dando risada. — Esperei você chegar onde eu queria, agora fica quieta que eu não terminei de ganhar o beijo de bom dia.

Acabamos passando a manhã inteira na cama. Estava tudo bem até que o meu celular tocou.

— Não atende.

— Bernardo, é o toque do meu pai, melhor eu atender. — ele me solta e eu atendo o celular. — Oi, papai, tudo bom?

— Está sim, princesa, e com você?

— Tudo bem por aqui, morrendo de saudades de vocês. — falei, enquanto dava um tapa no Bernardo que estava beijando o meu pescoço.

— Também estamos com saudades, a Valentina principalmente, ela não para de perguntar quantos dias faltam para você voltar.

— Tadinha, diz para ela que comprei um presente lindo, que ela vai adorar.

— Pode deixar que eu falo. E o Bernardo?

— O que tem o Bernardo, papai? — assim que eu falo o nome dele, ele levanta a cabeça e fica me encarando.

— Ele está se comportando?

— Está sim, papai, ele está me tratando muito bem.

— Sua mãe me disse que estão namorando.

— É, ele me pediu.

— Tem certeza de que é isso que você quer?

— Papai, apesar do jeito dele, ele é muito carinhoso comigo, está me tratando super bem, eu gosto dele e tenho certeza sim de que eu quero ficar com ele. — falo, olhando nos olhos do Bernardo, que abre um sorriso e me dá um beijo rápido.

— Tudo bem. Se você tem certeza e está feliz não vou falar nada, mas avisa para ele que se fizer você sofrer ele é um homem morto.

— Pode deixar que eu aviso, papai.

— Então você gosta realmente mim? — o

Bernardo pergunta, assim que eu desligo.

— Talvez. — falo, rindo porque ele começa a me fazer cócegas. — Para, amor.

— Do que você me chamou?

— Eu chamei de amor, você não gostou?

— Fala de novo.

— Amor. — falo, beijando-o.

Claro que, depois disso, ele não quis mais sair do quarto, e eu não me importei nem um pouco. Depois de um domingo passeando bastante, a segunda-feira foi corrida, a competição seria no sábado e tínhamos pouco tempo para acertar os últimos detalhes.

Na terça-feira, o Bernardo disse que não iria com a gente para o ensaio. Eu estranhei, pois ele estava presente em todos, mas como precisava ensaiar, não perguntei muito.

Quando a sexta-feira, chegou eu estava nervosa, nunca tinha ficado assim em uma apresentação. À noite, fiquei rolando na cama tentando dormir, mas não conseguia, só peguei no sono depois que

o Bernardo me puxou para o peito dele e me abraçou.

Claro que durante a semana fizemos amor várias vezes, eu me viciiei em Bernardo.

Tem vício melhor que esse?

O sábado finalmente chegou. A competição seria à noite, então passamos a manhã concentrados no quarto dos meninos passando os últimos detalhes. Depois do almoço, foi a vez de separar as roupas. Os meninos iriam com peças clássicas do balé e as meninas com saias mais soltas, decidimos não usar o tutu porque teríamos mais mobilidade, principalmente em algumas pegadas que acrescentamos na coreografia. Às 18 horas em ponto o micro-ônibus chegou para nos buscar. A competição seria realizada na The Royal Albert Hall, o que era incrível pela história do teatro, ele recebeu shows de Frank Sinatra, Adele, Led Zeppelin, entre outros. Quando chegamos, vimos outras equipes prontas e realizando os aquecimentos. Como precisávamos informar a

coordenação do evento que estávamos ali, avisei para o Bernardo que providenciaria isso, mas ele decidiu ir no meu lugar, assim eu poderia me aquecer com os outros.

Vinte minutos depois ele voltou com a programação, peguei ansiosa para ver quando iríamos nos apresentar, havia trinta equipes participando e seríamos a vigésima terceira a entrar no palco. Às 20 horas em ponto a competição começou. Alguns da nossa equipe queriam olhar as outras participando.

— Acho melhor ninguém ir lá olhar. — falo.

— Por que não? Precisamos ter uma ideia de como as outras equipes foram. — a Natasha fala e alguns concordam com ela.

— Exatamente por isso. Se olharmos as apresentações, podemos ficar confiantes demais ou preocupados demais. Na minha opinião, deveríamos ficar aqui. — falo.

— A Isa tem razão, o que poderíamos fazer nós fizemos, ficar espionando as outras no palco não

vai ajudar em nada. — a Cláudia fala.

No final, decidimos continuar passando alguns passos básicos nos bastidores. O Bernardo tinha ido para o lugar dele na plateia, o que me deixou nervosa, preferia ter ele do meu lado. Recebi uma ligação dos meus pais me desejando sorte e uma mensagem das meninas dizendo para que eu arrasasse.

Enquanto estou bebendo água, o meu celular apita.

Bernardo: não se preocupe, vocês vão arrasar, algumas equipes aqui são péssimas, não sei nem como conseguiram uma vaga para participar.

Isa: obrigada por tentar me acalmar, mas não funcionou muito.

Bernardo: o que seria necessário para te acalmar?

Isa: acho que um beijo.

Fico esperando uma resposta, mas ela não vem. Quando um dos contrarregas chega para avisar que somos os próximos, alguém me puxa e logo

sou presa por dois braços fortes e a minha boca sendo possuída por um beijo que me deixa sem chão.

— Agora está mais calma? — o Bernardo me pergunta, sorrindo quando termina de me beijar.

— Depois desse beijo, eu não sei nem onde eu estou. — falo, tentando recuperar o fôlego.

— Ótimo, fica calma que vai dar tudo certo. Agora vou voltar para o meu lugar para ver vocês ganharem essa competição.

Assim que a equipe da Itália sai do palco, a nossa entrada é liberada.

Tomamos posição no palco, eu fico na frente com o Pablo.

A primeira música a tocar é uma sinfonia de Betthoven, seguimos passos básicos do balé até que ela muda para Rock This Party do Bob Sinclar, mudando para passos de salsa, tango, lambada e street dance.

Consegui ensinar passos básicos para a equipe de todos os estilos de dança que eu conhecia, mas

o principal era que, independentemente do estilo, alguns ainda executavam passos de balé.

Quase ao final da apresentação me preparei para o último salto, o Pablo me ajudaria me impulsionando para o ar, eu daria três voltas e, se tudo desse certo, cairia nos braços do Kaike. Era o salto com o maior grau de dificuldade. Tomei a minha posição e esperei os meninos se aproximarem das deles. Assim que estava tudo certo, corri para tomar impulso. Assim que eu dei o primeiro pulo, senti uma físgada no joelho e não consegui evitar o grito de dor, mas não tive tempo de raciocinar, o Pablo me pegou no ar e me arremessou novamente, dei os três giros e caí no colo do Kaike chorando de dor. Para a nossa sorte, a apresentação terminaria assim.

— Tudo bem? — o Kaike me perguntou, assim que me pegou.

— Acho que torci o joelho. — falei, tentando suportar a dor enquanto ele me endireitava. Agradecemos a plateia e fomos para os bastidores.

No meio do caminho o Kaike teve que me pegar no colo, pois estava caminhando com dificuldades.

— Como você está, linda? — o Bernardo aparece correndo e me pegando no colo.

— Torci o joelho. — falo, enquanto ele me coloca sentada em uma cadeira, e logo um paramédico que estava nos bastidores aparece.

— Posso olhar? — ele pergunta e eu concordo. Ele mexe na minha perna e eu grito. — Ela pode ter rompido um ligamento ou apenas ter torcido o joelho, para ter certeza temos que levá-la para um hospital.

— É claro, vamos agora mesmo.

— Não, Bernardo, ainda tem a premiação, eu quero ficar.

— Isabelle, a sua saúde em primeiro lugar. Não entendo nada de medicina, mas pode ser um ferimento grave e, se demorarmos para te atender, pode te tirar da carreira de balé, ver a premiação é mais importante que isso? — ele me pergunta.

— Não.

— Ótimo, Cláudia, depois do resultado me manda uma mensagem com quem ganhou. — ele fala, enquanto me pega no colo e sai correndo.

No hospital, depois de tirar raio X e de ser examinada, ficamos esperando por quarenta minutos o médico retornar com os resultados. Como não queria preocupar os meus pais não avisei do que tinha acontecido.

— Você ainda está com dor? — o Bernardo me pergunta, preocupado.

— Não, o remédio que o médico me passou fez efeito. — falo.

— Com licença. — o médico entra no quarto. — Estou com os resultados, felizmente o ligamento não rompeu, foi apenas uma torção, mas como você é uma bailarina, será necessário que o joelho fique imobilizado por no mínimo duas semanas. Aqui estão os remédios que você deve tomar para as dores. — fala, me entregando uma prescrição médica. — Aconselho procurar

um ortopedista assim que chegarem ao Brasil.

— O pai dela é ortopedista, doutor. — o Bernardo fala.

— Ótimo, a enfermeira já vem com a sua liberação para ir embora.

Enquanto esperamos a enfermeira vir me liberar, o celular do Bernardo toca, ele olha para a tela e dá um sorriso.

— E então?

— Tenho uma notícia boa e uma ruim. — ele fala, sentando-se ao meu lado. A ruim é que não ganhamos a competição.

— Droga, trabalhamos tanto para isso. — falo, nervosa. — Qual é a boa?

— Ficamos em segundo lugar e ganhamos um prêmio equivalente a R\$ 100.000,00. — fala, sorrindo.

— Isso é bom?

— Ele vai ajudar a colocar a escola no rumo de novo, pagar as principais dívidas com o banco. Assim que eles verem que o maior valor que

devíamos foi pago, provavelmente consigo parcelar o que ficar faltando.

Quando cheguei ao hotel, estava com tanto sono que acabei dormindo logo. Escutei algumas vozes ao longe, mas não conseguia abrir os olhos. Quando finalmente consegui acordar, vi o Bernardo sentado ao meu lado com o *notebook* no colo conversando com alguém, até que ele percebeu que eu acordei.

— Só um minuto que ela acabou de acordar. — ele vira o *notebook* para mim e percebo que estava falando com a minha mãe.

— Oi, mamãe. — falo, sentando na cama.

— Tudo bem, querida?

— Está sim, os remédios tiraram a dor.

— Que bom, não falei ainda para o seu pai senão ele ia surtar e do hospital mesmo corria para o aeroporto.

— Segunda de manhã nós voltamos, não precisa se preocupar, o médico disse que está tudo bem.

— Eu sei, mas ele vai querer te examinar pessoalmente. — fala, rindo.

— ISA! — escuto um gritinho e logo um furacão pula no colo da minha mãe. — Você está bem? — a Valentina pergunta.

— Estou sim, Pipoca. — falo, sorrindo.

— Bernardo, se a Isa ficar com dor, dá um beijo que ela melhora. — ela fala, com a carinha séria, e eu me seguro para não rir.

— Pode deixar, cunhadinha, que não vou deixar que ela sinta dor, nem que para isso eu tenha que ficar a beijando o tempo inteiro.

Eles continuaram conversando, mas não consegui acompanhar, o remédio me dava muito sono, então acabei apagando.

No domingo pela manhã, com a ajuda do Bernardo, fui até o banheiro apoiando nas muletas. Ele me deixou sozinha enquanto fazia as minhas necessidades, escovei os dentes, tomei o anticoncepcional e saí do banheiro. Assim que passo pela porta, ele me pega no colo e leva até a

cama.

— Aqui, você precisa tomar os remédios no horário certo, não quero que fique com dor e o seu pai brigue comigo. — fala, sério, me entregando os comprimidos.

— Tudo isso é medo do meu pai? — pergunto, rindo.

— Não, medo da sua família mesmo. Eu vi o que eles são capazes de fazer quando se juntam.

— Como assim? — pergunto, confusa.

— Eu vi o Paulo depois que ele apanhou dos seus tios. — ele fala, dando risada.

— Bobo.

Por volta das 18 horas, o Bernardo saiu do banheiro vestido com uma calça jeans preta e uma camisa social de manga comprida azul escura que estava dobrada até a altura do cotovelo.

— Aonde você vai?

— Nós vamos. Eu preparei uma surpresa, agora vem que eu vou te ajudar a se trocar.

Eu coloco um vestido verde escuro com a ajuda

dele e uma sapatilha. Quando saímos, tem um táxi nos esperando. Enquanto o carro vai passando pela cidade, apoio a minha cabeça no ombro do Bernardo.

— Aonde vamos?

— Estamos em Londres e não andamos uma vez sequer na roda-gigante, então pensei em te levar lá hoje na nossa última noite aqui. — fala, sorrindo.

Quando chegamos, ele me ajuda a andar pelo parque. Depois de comprar os ingressos, vamos para a fila. Esperamos por volta de dez minutos, o que eu não achei ruim nem um pouco, pois ele apoiou todo o meu peso no corpo dele.

A nossa vez chega, e ele me ajuda a entrar e me apoiar na estrutura da cabine, ficando ao meu lado, me abraçando. Quando a subida começa, nem reparo, porque tenho um Bernardo disposto a me deixar doida com os beijos dele. A roda-gigante faz algumas paradas para que outras pessoas entrem ou saiam, mas não posso

reclamar, a vista é linda. Quando estamos quase chegando ao ponto mais alto da roda-gigante, ele me solta e se ajoelha na minha frente. Eu fico sem entender nada.

— Corujinha, já falei inúmeras vezes que não sou romântico, mas ultimamente você tem mudado isso em mim. Você me fez um novo homem, com você eu descobri um lado carinhoso que achei que não existisse em mim. Fiquei dias pensando que, quando essa viagem chegasse ao fim e voltássemos para o Brasil, não acordaria mais com você nos meus braços, não faria amor com você todas as noites, então comecei a enlouquecer. Tenho certeza de que o que vou fazer agora é loucura, mas sou um homem apaixonado e desesperado, não sabia o que era amor até te conhecer, e agora que eu sei não quero mais viver um dia sequer sem você. Então eu queria saber...

— ele fala, colocando a mão no bolso e puxando uma caixinha vermelha. — ...Se você, Isabelle Lopo Montalvão, aceita ser a minha esposa, a

minha mulher, a minha companheira, amante,
namorada, mãe dos meus filhos e avó dos meus
netos. Eu quero tudo o que eu tenho direito, linda,
e quero tudo com você. E então? Você aceita?

Capítulo 27

Bernardo

Quando a Isa me disse que tinha tomado a decisão de ser finalmente minha, com tudo o que se tinha direito, fiquei doido. Eu queria aquela menina, queria sentir nossos corpos unidos. Fiquei com medo de não conseguir fazer com que a primeira vez dela fosse especial, então, como precisava de tempo, pedi que fosse passear com as meninas, assim eu teria tempo suficiente para pensar em alguma coisa.

Como não consegui ter ideia, nenhuma descii até a recepção do hotel, disse que era nosso aniversário e queria ver o que eles poderiam fazer. Quando a recepcionista disse que eles poderiam enfeitar o quarto com rosas e velas, aceitei na hora. Qualquer coisa que eu fosse fazer não ficaria bonita. Ela ainda me recomendou um restaurante, onde eu fiz as reservas.

Depois de um jantar em que nem ela nem eu conseguimos comer direito devido à ansiedade, voltamos para o hotel. Não conseguia parar de olhar para ela. O vestido curto se moldava ao corpo, o que a deixava ainda mais linda. Quase bati em vários homens no percurso do restaurante para o hotel, porque não tiravam os olhos do corpo dela, que, em alguns minutos, seria meu, completamente meu.

Quando entramos no quarto, as velas estavam acesas. Eu mandei uma mensagem informando que estávamos a caminho e eles cuidaram de tudo. A Isa ficou encantada e maravilhada com tudo, o que me deixou mais nervoso ainda. Não adiantaria nada que eu tivesse criado o clima perfeito se fosse um ogro na hora mais importante.

Tentei acalmá-la, beijar o seu corpo inteiro, mas a minha necessidade de entrar nela e possuí-la gritava mais alto. Sabia que não conseguiria resistir muito tempo, queria ir com calma, não machucá-la, mas, quando me pediu que fizesse

isso rápido, a penetrei com força, e o grito que ela deu doeu em mim, por isso queria ir devagar.

Assim que ela se acalmou, comecei a me mexer, e quando atingi o meu clímax, sabia que nenhuma outra mulher com quem eu pudesse me relacionar um dia me daria prazer maior do que essa garota. Depois de cuidar dela com carinho como eu devia e ela pegar no sono apoiada no meu peito, passei um tempo acordado, pensando em tudo.

Sempre fugi de relacionamentos, casamento, filhos, não queria ter a responsabilidade de cuidar de uma família. Quando o meu pai faleceu, a minha mãe ficou arrasada, levou um tempo para se recuperar e só se recuperou porque precisava me criar. Não queria ter um relacionamento porque não queria sofrer se um dia perdesse a minha mulher e não queria que ela sentisse a mesma coisa se me perdesse.

Apertei a Isa mais ainda junto ao meu corpo enquanto pensava nisso.

Eu já estava ferrado, se eu a perdesse agora, doeria do mesmo jeito. Quando voltássemos para o Brasil, ela iria para casa dela e eu para minha, não a teria todas as noites deitada ao meu lado. Nesse quase um mês, me acostumei a dormir com ela nos meus braços e acordar beijando-a. Claro que poderia levá-la para dormir comigo algumas noites, mas não seria a mesma coisa.

Lembro como o Paulo ficou arrebentado depois de brincar com a Sophia e não duvidava nem um pouco que aquela família poderia se juntar para me arrebentar se eu continuasse tendo sexo sem compromisso com ela.

Sexo não.

Com ela não foi apenas sexo.

Senti coisas que nunca senti com mulher nenhuma. Agora eu vejo que o sentimento que você pode sentir por uma mulher na hora pode interferir.

Com a Isabelle eu fiz amor. Porque eu a amo.
Droga.

Eu amo a Isabelle, estou ferrado. O que vou fazer agora?

Eu a quero todos os dias na minha cama. Quero acordar com ela todos os dias. Quero dividir tudo com ela, minhas alegrias, minhas tristezas, quero dar o meu nome para ela, quero ter filhos com ela, mesmo não suportando crianças. Não tem outro jeito, tenho que me casar com ela. Sei o que estão pensando.

Bernardo, é muito cedo, você a pediu em namoro há pouco tempo, como pode pensar em casamento assim tão cedo?

Uma vez ouvi dizer que, quando um homem cai de amores por uma mulher, ele cai de uma vez. Foi o que aconteceu comigo: caí de quatro por essa menina e não quero passar mais um dia sem ela.

Passamos o domingo praticamente inteiro dentro do quarto. Na segunda-feira, acompanhei-a até os ensaios, mas na terça eu tinha tomado uma decisão de pedi-la em casamento logo após a

competição. e então, enquanto ela ia para os ensaios, saí andando por Londres a procura de um anel.

Entro em uma loja e explico para a vendedora o que estou procurando, ela traz vários modelos de anéis e fico em dúvida, um é mais lindo que o outro e quero que seja perfeito. Entre todas as opções, ela me mostra uma dourada com a forma meio trançada e com uma única pedra de diamante.

— Vou levar esta. Nesse tamanho, por favor. — falo, entregando um anel da Isabelle que peguei escondido para medir o tamanho.

Para a minha sorte, tinha o tamanho que eu precisava, então não teria que esperar. Pago o anel e vou correndo para o hotel escondê-lo. Agora só precisava pensar onde a pediria em casamento.

Enquanto a semana passa, tenho cada vez mais certeza de que é com a Isa que eu quero me casar.

Quando o sábado finalmente chega, estou nervoso, a equipe precisa ganhar essa competição,

o valor do prêmio paga as dívidas e ainda sobra um pouco para nos dar uma folga. Apesar de ter um passe livre por ser dono da companhia, prefiro ficar sentado e assistindo as apresentações. Cada equipe que entra no palco, tento analisar as coreografias, mas como não entendo nada de dança, não sei dizer se foram bons ou não.

Mando uma mensagem para a Isa, que me diz que, para se acalmar, precisava de um beijo. Não penso duas vezes e saio correndo do meu lugar, se a minha menina precisa de um beijo, não posso negar. Depois de um beijo maravilhoso, diga-se de passagem, a cada dia que passa fica cada vez melhor, não só os beijos, mas fazer amor com ela também, volto para o meu lugar para esperar a apresentação.

Assim que são anunciados, fico nervoso, apesar de ter visto a apresentação deles várias vezes nos ensaios, ali é para valer e tudo pode acontecer. A sinfonia começa a tocar e os passos de balé são executados, logo depois as junções de ritmos e

estilos começam a tocar.

A Laura dança tango com o Kaike enquanto os outros continuam com passos de balé, eles cedem lugar para o Pablo e a Bárbara, que começam a dançar salsa, e assim casal por casal toma a frente do palco com um estilo diferente com a equipe atrás sempre com os passos de balé.

Na minha opinião, está completamente diferente de tudo o que se passou nesse palco até agora. Logo a Bruna e a Isa tomam a frente, com uma pausa na música em que todos param de dançar. Elas se olham, e um samba começa a tocar, levando a plateia à loucura.

Após o samba, o Kaike se aproxima e puxa a Isa para a lambada, confesso que é uma das partes que mais me incomodou, eles dançam muito perto para o meu gosto em determinadas partes. Quando finalmente se separam, a Isa toma o seu lugar atrás do palco para o salto final, esse salto quase me causou um infarto várias vezes, morro de medo de ela se machucar. Ela corre em direção ao Pablo

e vejo a hora exata que o joelho esquerdo torce e ela faz uma careta de dor. Levanto no meu lugar com medo de que possa ser alguma coisa séria. Ela ainda sim realiza o salto com perfeição e cai no colo do Kaike. Vejo as lágrimas escorrendo, ela deve estar com muita dor.

Saio correndo em direção aos bastidores, feito um furacão, e tomo-a dos braços do Kaike. Ela está com muita dor, mas mesmo assim a cabeça-dura ainda quer ficar e saber o resultado. Depois de uma bronca e de brigar com ela, consigo levá-la para um hospital, onde é medicada.

Para a nossa alegria, quer dizer, nem tanto assim, ficamos em segundo lugar, o que vai acabar ajudando a escola, não tanto quanto gostaríamos, mas já é alguma coisa.

Levo-a para o hotel e deixo-a descansando na cama, o remédio a derrubou. Ligo o *notebook* dela para entrar na internet, e logo o Skype dela apita. Sei que não devo abrir, mas pode ser alguém da família dela. Assim que abro a janela, vejo a

imagem da Alicia.

— Oi, Bernardo, onde está a Isa?

— Dormindo, houve um pequeno contratempo.

— Como assim? — pergunta, preocupada, e eu explico tudo.

— Mas está tudo bem mesmo? Não seria melhor voltarem amanhã?

— Dona Alicia, o médico garantiu que está tudo bem, que não precisamos nos preocupar e, honestamente, eu acho que seria ideal que ela descanse amanhã antes de viajar. Tanto porque o remédio que ele deu para ela hoje a derrubou, está dormindo umas duas horas direto. — quando falo isso, percebo que ela se mexe do meu lado. — Só um minuto que ela acabou de acordar. — viro o *notebook* para a Isa, que conversa com a mãe.

A melhor parte foi a Valentina me dar o direito de beijar a Isa várias vezes para evitar que ela fique com dor. Essa menina me conquistou de um jeito que não posso explicar, odeio crianças, mas sou apaixonado pela Valentina e pela irmã dela.

Continuo falando com a Valentina até que percebo que a Isa apagou novamente, me despeço delas e desligo o computador. Ajeito-me na cama e puxo a Isa para o meu peito, espero que ela esteja melhor amanhã, pois farei o pedido de casamento, e só espero que ela aceite.

Passo o dia a mimando e garantindo que tome os remédios no horário certo. Quando o relógio começa a se aproximar das 18 horas, me arrumo e a ajudo a trocar de roupa. Vou levá-la para dar uma volta da Millennium Whell ou Roda do Milênio, a roda-gigante de Londres, já tinha me informado e em cada cabine é possível levar cerca de 25 pessoas. Enquanto a Isa estava fascinada olhando para fora, virei para um casal que estava ao nosso lado e rapidamente e baixinho expliquei o que eu ia fazer, perguntando se poderiam filmar com o meu celular, e eles concordaram animados.

Quando a cabine está se aproximando do ponto mais alto da roda-gigante, solto-a e me ajoelho na frente dela, chamando a atenção de todos que

estavam na cabine. e então, com Londres iluminada lá embaixo, tomo coragem e faço o pedido. A Isa me olha com lágrimas nos olhos, e a sua demora para responder me deixa nervoso, fico com medo de ouvir um grande não. Quando estou prestes a levantar sem graça, ela respira fundo e responde:

— Sim, Bernardo, eu aceito me casar com você.
— fala, meio sorrindo meio chorando. Pego o anel e coloco-o no seu dedo servindo perfeitamente. Levanto correndo e pego-a nos braços para dar um beijo digno, quer dizer, melhor do que qualquer filme romântico ou novela, enquanto as pessoas na cabine batem palmas.

O casal me entrega o celular e nos dá os parabéns. Recebemos também os cumprimentos de todos na cabine. Ficamos abraçados e nos beijando o resto do passeio, quando finalmente chegamos ao chão e saímos. Como ela está com a perna imobilizada, pego-a no colo tomando cuidado com o vestido, e vamos a um café ao lado

da roda-gigante para comermos alguma coisa.

— Você é doido, Bernardo. — ela fala, assim que sentamos e fazemos os pedidos.

— Por quê, Corujinha?

— Como você pensou em tudo isso? Eu não esperava. — fala, olhando para o anel.

— Eu sabia que queria ter você ao meu lado todos os dias e que não poderia esperar, então decidi pedi-la em casamento, não quero perder tempo para viver ao lado da mulher que eu sei que é ideal para mim.

Comemos alguma coisa e decidimos voltar para o hotel, não porque o meu lado romântico não planejou mais nada, mas porque estávamos os dois doidos para fechar a noite fazendo amor. Quando chegamos ao hotel, levo-a para o quarto, onde tiro o seu vestido lentamente, e deito-a na cama admirando todo o seu corpo. Depois de tirar as minhas roupas, deito ao lado dela, tomando cuidado com o joelho esquerdo.

— Vou te amar hoje, Corujinha, lentamente. —

falo, beijando-a e cumprindo a minha promessa.

Quando acordamos na segunda logo cedo, corremos para nos arrumar e ir para o aeroporto. Infelizmente a nossa rotina diária vai acabar, e eu sei que, assim que colocar os pés no Brasil, corro o risco de ser um homem morto.

O Danilo me mata ou porque tirei a virgindade da Isa ou porque a pedi em casamento. Mas se ele pensa que não vou lutar para ficar com ela, ele está enganado. Pela Isa eu enfrento o que for, ela agora é minha e é apenas uma questão de tempo para que ela se mude para a minha casa. E o Danilo vai ter que se conformar com isso.

Isabelle

Quando entramos no avião, não pude deixar de ter a sensação de que a alegria que eu estava sentindo tinha hora para acabar. Assim que o meu pai soubesse que eu estava noiva, iria surtar, mas tentei deixar para pensar nisso quando o avião

estivesse pousando no Brasil.

Deitei a cabeça no ombro do Bernardo e tentei relaxar.

— Amor, eu quero falar com o seu pai primeiro.

— Como assim?

— Já que é para fazer tudo direito, quero pedir a sua mão em casamento para ele.

— Você sabe que o meu pai vai te matar, não sabe? — falo rindo.

— Eu sei que existe essa possibilidade, mas eu quero que ele saiba que não estou apenas me divertindo com você. — levanto a minha cabeça e encontro os olhos lindos do Bernardo.

— Obrigada. — falo, dando um selinho nele.

Depois de horas de viagem, o avião finalmente pousa no aeroporto de Guarulhos, e começo a ficar nervosa.

— Ei, vai dar tudo certo. — o Bernardo fala, segurando o meu rosto.

Depois de pegar as malas, vamos para o portão de desembarque. Encontro meu pai e a minha mãe

me esperando. Andando devagar por causa das muletas, me aproximo deles e recebo um abraço de cada um.

— Como está esse joelho? Está doendo muito? Trouxe os exames para eu olhar? Se quiser, posso te levar para o hospital agora e repetimos todos. — meu pai fala, preocupado.

— Pai, está tudo bem, eu trouxe os exames, vamos para casa, o senhor olha todos e examina o meu joelho, se achar necessário vamos para o hospital depois. — falo, e ele concorda. — Oi, mamãe.

— Oi, meu amor. — fala, me abraçando. — Vamos para casa porque tem uma festa te esperando, a família está toda reunida. Bernardo, você também vem, se eu não te levar vamos ter uma Valentina muito irritada em casa. — fala, dando risada, e vamos os quatro para o carro.

Meu pai troca poucas palavras com o Bernardo, que vai no banco da frente com ele. Minha mãe vai sentada ao meu lado, discretamente chamo a

atenção dela e tiro o anel que eu tinha guardado na bolsa para que o meu pai não visse, já que o Bernardo queria falar com ele primeiro, e coloco no dedo. Minha mãe na mesma hora fica emocionada e me abraça.

Quando chegamos a casa, recebo abraços de todos, e a última a me abraçar é a Valentina, já que correu em direção ao Bernardo primeiro. Meu pai me leva até um sofá e me deita para olhar o meu joelho, mas antes que ele abra a tala, o Bernardo entrega os meus exames que ele começa a olhar.

— Não vejo nem um ligamento rompido, o que é bom. — fala olhando o raio X. — Os remédios que ele passou também estão certos. — ele abre a tala e mexe o meu joelho devagar, fazendo com que eu sinta um pouco de dor. — Foi só a torção mesmo, tenho certeza de que se manter imobilizado pelo tempo certo logo vai estar recuperada. E a sua tia pode te ajudar com alguns exercícios enquanto isso. — fala, fechando a

minha tala prendendo o joelho, o que ajuda a amenizar a dor.

— Ajudo sim, vai ser ótimo para as dores também.

— Obrigada, tia Tati.

Enquanto todos começam a perguntar sobre a competição, o Bernardo se aproxima do meu pai, pede para falar com ele e os dois saem da sala.

— Vai dar tudo certo, meu amor. — minha mãe fala, me abraçando.

— Tomara, mamãe. — falo, olhando por onde os dois saíram.

Bernardo

Aproximo-me do Danilo e falo que preciso conversar com ele, que fica desconfiado, mas me leva até o seu quarto para que possamos conversar a sós.

— Senhor, Danilo. — falo assim que ele pede para que eu me sente em um sofá que está no

quarto. — Eu me apaixonei pela sua filha e esse um mês que passamos juntos na Inglaterra só fez com que eu a amasse ainda mais. Não consigo mais imaginar a minha vida sem ela, por isso, quero pedir a sua benção para me casar com ela. — falo de uma vez.

— Você o quê? — ele pergunta, fechando as mãos, e vejo que é para se controlar e não me bater.

— Eu quero me casar com ela, sei que é rápido, mas estou completamente apaixonado por ela, e não quero perder mais nem um minuto sequer longe dela.

— Bernardo, como você mesmo disse, é muito rápido, vocês não estão nem um mês juntos direito.

— Eu sei, mas eu a pedi em casamento e ela aceitou, e sei que para ela é muito importante a sua benção. Quando o senhor começou a namorar a sua esposa, não ficou doido para tê-la ao seu lado todos os dias o mais rápido possível? —

pergunto.

— Se eu pudesse, a teria sequestrado no hospital mesmo. — fala, dando suspiro. — Tente entender o meu lado, Bernardo, a Isa para mim ainda é uma garotinha, não consigo imaginá-la se casando, gostaria que ficasse pequena para sempre.

— Mas infelizmente ela cresceu, eu entendo o seu lado. Acredito que se um dia tiver uma filha vou pensar a mesma coisa. Mas eu prometo para o senhor que vou fazer o possível e o impossível para que ela seja feliz, realmente quero casar com ela, mas gostaria muito que o senhor abençoasse a nossa união. Mas a falta dela não vai me impedir de casar com a Isa.

— Você seria capaz de se casar com a minha filha mesmo sem a minha benção?

— Se for necessário para ter a sua filha ao meu lado. Sim, eu me caso mesmo sem ela, mas com um aperto no peito, porque eu sei que ela é importante para a Isa.

Ele fica um tempo sem falar nada, olhando para o chão.

— Bernardo, como eu disse, se pudesse a manteria como criança para sempre, mas não posso fazer isso. Nesse um mês que ficaram fora, a Valentina não parou de me falar como você era incrível e o quanto gostava de você, isso apoiado pela Alicia. Parece que você conquistou as três mulheres da minha família, se elas gostam de você, alguma coisa de boa você deve ter. Quando decidi ter a Alicia para sempre do meu lado, enfrentei um irmão nervosinho que me bateu várias vezes, uma apoiada pelo meu sogro, hoje eu sei que não errei em lutar por ela, e que eles não erraram em me dar a permissão para casar com ela. Não vou impedir esse casamento, porque quero a felicidade da minha filha, e você provavelmente é quem vai fazê-la feliz, então eu permito que se casem, mas eu juro, Bernardo, que, casado ou não, se a minha filha sofrer, eu te mato, fui claro?

— Sim, senhor, foi muito claro. E obrigado por dar a sua permissão. — falo, feliz.

— Tudo bem, então vamos voltar para a sala. — fala, levantando e estendendo a mão que eu aceito e aperto. — Estou de olho em você, rapaz.

Quando voltamos para a sala, vejo o rosto da Isa de preocupada, vou até ela e sento ao seu lado, pego o anel dentro da bolsa dela e coloco-o no seu dedo. Ela dá um grito e abraça me beijando.

— Ei, querem se casar, ótimo, mas não se beijem na minha frente, isso é demais para o meu coração de pai. — o Danilo fala, cruzando os braços.

— A Isa vai casar? — a Valentina pergunta, dando um pulo do sofá.

— Vou, Pipoca, o Bernardo me pediu em casamento.

— Uhu. — ela grita, feliz, e corre para o meu colo me abraçando e depois abraçando a Isa. — Posso ser a daminha?

— Como assim, posso ser a daminha? —

pergunto. — Você é obrigada a ser a daminha, porque, se não fosse você, provavelmente não estaríamos juntos hoje. — falo, fazendo cócegas nela.

Recebemos os parabéns da família da Isa e, logo depois do jantar, saímos os dois para contar a novidade para a minha mãe. Quando explicamos tudo o que aconteceu e damos a notícia para a minha mãe sobre o casamento, ela começa a chorar.

— Meus queridos, vocês não sabem o quanto estou feliz. — fala, pegando as nossas mãos, já que estamos sentados com ela no meio. — Isa, sempre te amei como uma filha, e agora você vai ser uma, isso não poderia me deixar mais feliz.

Ficamos umas duas horas com ela conversando, e depois levo a Isa para o apartamento dela. Quando chegamos, coloco-a deitada na cama e aproveito para namorar um pouco.

— Seria muito pedir para dormir aqui? — pergunto entre beijos.

— Seria, minhas primas já me avisaram que querem colocar a conversa em dia. — ela fala, suspirando.

— Como vou dormir sem você na minha cama? — pergunto, descendo até o decote da blusa dela e distribuindo beijos no topo dos seios dela.

— Como dormiu todo esse tempo. — fala, segurando a minha cabeça para que eu não pare de beijar.

— Se eu tiver que ir para o meu apartamento, vou ter que parar de te beijar. — falo, dando uma mordida leve em um dos seios, fazendo-a gemer.

— Droga, não tinha pensado nisso. — fala, ainda me segurando e me fazendo dar risada.

— Então vamos fazer assim, amor. — falo, subindo pelo pescoço dela, dando beijo e mordidas. — Hoje você dorme aqui, amanhã cedo venho te buscar e você vai passar o dia comigo no meu apartamento.

— Ok, mas, antes de ir, você não poderia terminar o que começou? — pede, fazendo

charme.

— Não, porque se eu for terminar, só saio daqui amanhã. Vou deixar que converse com as suas primas. — falo, beijando-a. — Dorme bem, meu amor.

— Você também.

Saio do quarto dela e me despeço das primas sem me esquecer de explicar os remédios. Quando chego ao meu apartamento, não poderia estar mais feliz, tenho a permissão do Danilo para me casar com a Isa, agora é convencê-la a casar o mais rápido possível.

Isabelle

Se o Bernardo queria me deixar doida antes de ir embora, ele conseguiu. Meu corpo inteiro estava necessitado do toque e dos beijos dele. Não demorou um minuto para a porta da sala se fechar e três doidas entrarem correndo no meu quarto.

— Fala tudo, sua cadela sortuda. — a Catarina fala, se jogando na minha cama. — Ele tirou a sua virgindade?

— Tirou e foi lindo. — respondo sem graça.

Passo praticamente a noite toda contando tudo o que aconteceu na viagem, só consigo ir dormir por volta das três da manhã. Quando acordo no outro dia, ouço algumas vozes animadas vindo da sala, vou até o banheiro, me arrumo, tomo o anticoncepcional, vou até o meu quarto e troco de roupa.

Quando chego à sala, vejo os meus pais e a Valentina sentados com as meninas dando risada.

— Bom dia, qual o motivo da visita? — pergunto, sentando no colo do meu pai que me abraça.

— Ficamos um mês sem te ver, então acordamos cedo e viemos para cá tomar café da manhã com você. — minha mãe fala.

— Ótimo, estou morrendo de fome. — falo, levantando.

Depois de comer um tanto de coisas gostosas e conversar, os meus pais vão embora e eu volto para o quarto para me arrumar e esperar o

Bernardo. Quando chegamos ao seu apartamento, não tenho tempo para olhar em volta, ele me leva direto para o quarto.

— Eu queria conhecer o seu apartamento. —
falo, beijando o seu rosto.

— Você vai ter bastante tempo para conhecer, não se preocupe, mas agora eu preciso terminar o que começamos ontem.

Duas horas depois, quando consegui finalmente convencer o Bernardo a levantar, porque eu estava morrendo de fome, aproveitei para dar uma volta. O apartamento dele era grande, com três quartos, sendo que o dele era uma suíte que tinha totalmente a cara dele, com cores sóbrias e sem muito enfeite, o que me deu uma ideia. Ele sempre reclamou do meu jeito de menina e o tanto de coruja que eu uso, vou trazer uma coruja de enfeite bem colorida e colocar aqui.

O Bernardo vai ficar doido.

Aproximo-me da cozinha e encontro o Bernardo de costas usando apenas uma calça de moletom

preta enquanto cozinha.

— Admirando a paisagem? — ele pergunta, sem virar.

— Não posso admirar? — pergunto, entrando na cozinha.

— Você pode olhar, tocar, beijar e fazer o que quiser com a paisagem. — fala, caminhando na minha direção e me abraçando.

— Bom saber. — falo, beijando-o.

Depois desse dia, entramos em uma rotina, quase todas as noites eu dormia no apartamento dele, ou ele vinha e ficava comigo. Confesso que estou adorando essa nova rotina. Claro que tem que ser escondido do meu pai, mas as minhas primas estão ajudando, sempre dando cobertura. Outro dia, enquanto estávamos deitados na cama dele, o assunto casamento surgiu, ele não vê a hora de se casar e não ter mais que se preocupar com o meu pai. Como estava no último ano da faculdade, decidimos casar no final do ano.

O duro seria esperar até lá.

Capítulo 28

Isabelle

Vinte dias depois de voltar da viagem, meu pai finalmente me liberou de usar a tala. Nesse período, fiz alguns exercícios com a ajuda da tia Tati, e o meu joelho já estava bem melhor. A melhor parte foi me livrar das muletas.

Na sexta-feira, meu despertador tocou, mas não conseguia levantar da cama, estava com dor no corpo e com muito frio, consegui alcançar o celular e mandei uma mensagem para as meninas, que vieram correndo para o meu quarto.

— O que foi, Isa? — a Sophia pergunta, sentando na minha cama e colocando a mão na minha cabeça. — Nossa, você está queimando de febre, meninas, me ajudem, temos que levá-la para o hospital.

— Não precisa, me dá um remédio para febre e logo eu estou melhor.

— Para de falar besteira, vamos te levar para o hospital, senão vamos chamar o tio Danilo aqui.
— a Mila fala, puxando as cobertas.

Meia hora depois, eu estava sendo atendida e diagnosticada com uma infecção na garganta.

— Oi, princesa, o que ela tem, doutor? — meu pai pergunta, entrando correndo na sala onde eu estava sendo atendida.

— É uma infecção na garganta, já passei um antibiótico para tomar, agora é descansar. — o médico fala, entregando a receita.

Depois de voltar para o apartamento, ligo para o Bernardo, que vem correndo para me ver preocupado.

— Oi, Corujinha, como está se sentindo? — pergunta, deitando ao meu lado e me beijando.

— Dói tudo, até para falar.

— Então descansa, eu estou aqui com você.

Acabamos decidindo ir para o apartamento dele e passar o final de semana lá, aproveitando que os meus pais iriam viajar e eu fiquei com a desculpa

de estar doente. O Bernardo aproveitou o final de semana para me mimar bastante e, claro, para passar horas na cama. Na segunda-feira, acordei me sentindo melhor e consegui ir para faculdade e voltar à rotina normal.

Setembro estava começando e logo as provas iriam chegar, então entrei na loucura de estudos, dar aulas na escola de balé e, claro, namorar bastante.

Como optamos por casar em dezembro, minha mãe já estava olhando algumas coisas do casamento, o que estava me deixando mais nervosa ainda. Ela procurou o sítio onde havia se casado com o papai e, devido a uma desistência, eles tinham uma data livre.

No meio da semana de provas, no final de setembro, eu andava nervosa e discutindo sobre qualquer coisa, e, claro, muitas vezes era com o Bernardo. No dia anterior, ele me pediu para ir para o apartamento dele e, como eu tinha que estudar, não quis ir. Brigamos por telefone e não

fui para a casa dele. No dia seguinte, pela manhã, continuamos sem nos falar. Como eu tinha que acompanhar a minha mãe para ver alguns detalhes do casamento, não falei com ele a tarde também.

Quando eu estava deitada, pronta para dormir, a porta do meu quarto se abre e ele entra.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, brava.

— Isabelle, eu não sou criança, já sou um homem e não estou aguentando mais essa birra toda que você está fazendo. — fala, sentando no pé da cama.

— Não estou fazendo birra. — falo, sentando e cruzando os braços.

— Não? — pergunta, apontando para mim. — O que está acontecendo, Isa?

— Não sei, meu humor está do cão, ando nervosa, emotiva, como tudo o que tem pela frente. Acho que é o estresse por causa do TCC, o casamento e as aulas. — falo, passando a mão no rosto.

— Isa, eu estou aqui, você pode dividir comigo, não quero me casar com você só para te ter na minha cama todas as noites, mas porque eu quero dividir tudo com você. — fala, sentando ao meu lado.

— Eu sei, amor, sei lá, deve ser a TPM também. — falo, dando risada.

— Ó céus, TPM. Isso significa menstruação, o que significa quase uma semana sem fazer amor? — me pergunta.

— Para, seu bobo, mês passado você não reclamou. — falo, dando risada.

— Isa, mês passado você não ficou menstruada, eu sei disso porque não ficamos sem fazer amor. — fala, me olhando como se eu estivesse doida.

— Bernardo, a minha menstruação é certinha, nunca atrasa. — falo.

— Isa, eu tenho certeza, mês passado você não ficou menstruada.

Espera um pouco, será que ele tem razão?

— Bernardo, se a minha menstruação não

desceu, eu posso estar grávida, mas isso é impossível, porque estou tomando pílula, então você está errado, desceu para mim sim.

— Isabelle, eu tenho certeza de que não. — fala e levanta da minha cama.

— Tá, mas eu tomo anticoncepcional, esqueceu? Impossível que eu esteja grávida, vai ver os remédios que eu tomei quando tive a infecção bagunçaram tudo no meu organismo e não desceu.

— Ou eles cortaram o efeito do anticoncepcional. — fala, me olhando. — O quer dizer que há a possibilidade de você estar grávida.

— Droga, não tinha pensado nisso, e agora?

— Agora temos que fazer um exame e descobrir se está grávida ou não.

— Você não vai ficar bravo se eu estiver?

— Amor, se existe um bebê dentro de você agora, a culpa é nossa, não vou gritar e te acusar porque até onde eu sei eu estava presente quando ele foi feito. Se não estiver grávida, a nossa vida

vai continuar igual. — fala, sorrindo.

— Eu não tenho idade para ser mãe, Bernardo.

— Isa, eu já te vi com crianças, você vai ser uma ótima mãe. E, quanto a ajudar a cuidar, eu vou estar aqui, mesmo sem saber nada, o que significa que os dois vão ter que aprender juntos. Temos a sua mãe, e essa criança vai ter três tias doidas para ajudar também.

— Tem razão, as meninas vão surtar se eu realmente estiver grávida. Tudo bem para você então?

— Isa, confesso que não estou preparado para ser pai, gostaria de poder te curtir mais um pouco, mas se acontecer de realmente estar grávida, só vou poder agradecer esse presente de Deus e fazer de tudo para que vocês dois sejam felizes e não falte nada para os dois. — fala, voltando a sentar do meu lado.

— Bernardo. — falo, segurando o rosto dele.

— Sim, meu amor.

— Eu te amo. — falo, emocionada. Ele fica me

olhando até que abre um sorriso lindo.

— Eu também te amo, Corujinha. Agora vou até uma farmácia comprar um exame para você fazer, já volto.

Durante a meia hora que levou para o Bernardo voltar, fiquei angustiada, como poderia ser mãe aos vinte e um anos? Tudo bem que mulheres mais novas eram mães, mas não conseguia evitar a minha ansiedade.

Levantei da cama e parei na frente do espelho, fiquei olhando para a minha barriga. Não sabia se tinha uma criança ali, mas se tivesse, eu já a amava, engraçado como esses sentimentos aparecem do nada.

— Admirando a barriga? — o Bernardo pergunta, encostado no batente da porta do meu quarto.

— Trouxe os testes?

— Trouxe, e agora, como funciona? — pergunta, me entregando a sacola.

— Amor, tem cinco exames aqui. — falo,

dando risada.

— É para ter certeza. — fala, dando de ombros.

— Ok, vou lá fazer os testes e já volto.

Bernardo

Depois de longos dez minutos que pareceram dez anos, a Isa volta para o quarto segurando os testes.

— E então? — pergunto, nervoso.

— Cinco testes positivos. — fala baixinho, olhando para mim.

Não consigo resistir e caio de joelhos na frente dela. Sempre fui um cara que odiava crianças, que odiava romance, mas ouvir que a Isa está grávida e que o filho é meu mexeu comigo.

— Você não gostou da notícia? — ela pergunta, insegura. A única coisa que eu consigo fazer é puxar a Isa pela cintura e colar a minha testa na barriga dela.

— Oi, pequeno, quero que saiba que estou aqui

para você e para a sua mamãe, vou tentar ser o melhor pai do mundo, vamos jogar bola, empinar pipa, andar de bicicleta...

— Amor, você sabe que pode ser uma menina, não sabe? — a Isa me interrompe, olho para ela e depois para a barriga dela.

— Bom, se você for menina, prometo ser um paizão para você, tentar aprender coisas de meninas, brincar de boneca, fazer tranças no cabelo, mas o papai vai espantar todos os homens de perto de você, namorar só com cem anos, ouviu, mocinha? — falo e a Isa começa a rir. — O que foi?

— Meu pai falou a mesma coisa para a minha mãe e eu estou aqui com vinte e um anos, noiva e grávida, isso não dá para evitar, Bernardo.

— Não dá, mas eu posso tentar. — falo, levantando e levando-a para a cama. — Agora fica quietinha que eu quero fazer amor com você.

Isabelle

Na manhã seguinte, acordo com o Bernardo fazendo carinho nos meus cabelos.

— Bom dia, linda.

— Bom dia, amor. — falo, dando um selinho nele.

— Precisamos decidir uma coisa.

— O quê? — falo, sentando.

— Como vamos contar para os seus pais.

— Eu acho que para os meus pais não reclamarem tanto, poderíamos fazer uma surpresa.

— De que tipo?

— Sei lá, hoje em dia dá para gravar o ultrassom em DVD, fazemos um jantar, a sua mãe também seria convidada e aí passamos o ultrassom. Assim os pais reclamam de uma vez só. — falo, dando risada.

— Tem razão, evitamos ter que ouvir bronca duas vezes.

Dois dias depois, estou sentada com o Bernardo em uma sala de espera. Ele está meio sem jeito,

tem mulheres em todas as fases de gestação.

— Calma, amor, não é um bicho de sete cabeças.

— Eu sei, mas vamos ver o nosso bebê pela primeira vez, não posso evitar ficar nervoso.

Quando o médico nos atende, aproveito para tirar todas as minhas dúvidas, e claro, o Bernardo faz milhares de outras. Depois de passar as vitaminas que eu deveria tomar, o médico me indica outra sala e pede para que eu troque de roupa para realizar o ultrassom.

Depois de trocada, eu deito na maca e fico esperando o médico, que entra logo em seguida acompanhado do Bernardo, que senta ao meu lado. O médico liga a máquina, joga uma gosma melequenta e gelada na minha barriga e começa o exame.

— Como posso ver, Isabelle, você está com um pouco mais de dois meses de gestação, está tudo bem com o bebê. Só um minuto. — ele fala, e alguns segundos depois, o som mais lindo do

mundo enche a sala.

— Esse é o coração? — pergunto, emocionada.

— Isso mesmo. — fala.

— Você está ouvindo isso, amor? — pergunto, olhando para o Bernardo, que está parado olhando para o monitor e tem algumas lágrimas escorrendo.

— Estou, amor, é lindo. Muito obrigado por me dar uma coisa que eu sequer imaginava que queria. Agora vendo o nosso filho ali e ouvindo o coração dele me fez ver que eu sonhava com esse dia. — fala, me dando um selinho.

Saímos do médico com a gravação, eu já tinha combinado o jantar com a minha mãe, então passamos na casa da dona Angélica e depois vamos para a casa dos meus pais.

E agora seja o que Deus quiser.

E que meu pai não decida matar o Bernardo.

Capítulo 29

Isabelle

Quando chegamos a casa dos meus pais, começo a ficar nervosa, não sei como vai ser a reação deles e a reação da dona Angélica. Depois de todos se cumprimentarem e a Valentina roubar a atenção do Bernardo toda para ela, minha mãe nos chama para jantar.

Passo todo o jantar em silêncio, somente respondendo quando me fazem alguma pergunta. Logo depois da sobremesa sei que chegou a hora, aperto a mão do Bernardo e levanto, pego o CD da bolsa e coloco no DVD enquanto o Bernardo pede para que todos se sentem no sofá porque temos uma surpresa.

Sento no braço do sofá ao lado do Bernardo e o mais longe possível do meu pai e aperto o *play*. Na mesma hora, a imagem do nosso bebê começa a passar na tela. Olho para todos e vejo que a dona

Angélica está chorando, minha mãe está com um sorriso no rosto e tentando segurar as lágrimas, o Cadu e a Valentina olham para televisão sem entender a imagem. Deixo o meu pai por último, quando olho para ele, vejo que está com a cara fechada olhando para televisão, mas no momento em que o som do coração enche a sala, o rosto dele suaviza e uma lágrima solitária rola pelo rosto dele.

— Papai, tudo bem? — pergunto, assim que o DVD acaba e a sala fica em silêncio.

— Senhor Danilo, não planejamos nada, acab...
— meu pai interrompe o Bernardo, levantando uma mão, e olha para mim.

— Está feliz?

— Estou, papai, sei que é muito cedo, mas não posso evitar a alegria que estou sentindo. — falo, emocionada.

— Então eu também estou feliz, não vou gritar porque já aconteceu e não quero que nem por um segundo sequer essa criança tenha dúvidas de que

é amada por todos dessa família. — fala, com a voz embargada.

— Obrigada, papai. — falo, correndo para o colo dele, que me abraça.

— Que criança? — a Valentina pergunta, confusa, olhando para o papai.

— Você vai ser tia, Pipoca. — falo, rindo.

— A Isa está grávida? — o Cadu pergunta gritando, e eu concordo com a cabeça enquanto uma Valentina vem correndo para me abraçar.

— Oi, bebezinho lindo, eu sou a tia Valentina. — a Pipoca fala, levantando a minha camiseta. — Eu vou brincar com você, vou te ensinar um monte de coisas, prometo ser a melhor tia do mundo todo. — fala e dá um beijinho na minha barriga, me fazendo chorar mais ainda.

— Só espero que esse bebê não tenha a mesma disposição que a Valentina, querida. — minha mãe fala, me puxando para um abraço.

— Eu também, mamãe. — dou risada.

Depois que todos se abraçam, o clima fica

pesado, pois o único que não levantou para cumprimentar o Bernardo foi o meu pai. Quando eu acho que ele não vai falar nada, ele levanta e caminha até o Bernardo.

— Quando descobrimos que a Alicia estava grávida, o meu sogro fez um pedido que eu jamais esqueci, como não posso fazer o mesmo pedido, pois o Cadu ainda é muito novo, vou ter que fazer isso eu mesmo. — fala, dando um soco no Bernardo logo em seguida. — Isso é por engravidar a minha filha sem casar com ela. Agora eu estou feliz. — fala, sorrindo.

— Eu acho que isso vai virar tradição de família. — minha mãe fala, rindo.

— Como assim? — pergunto sentada ao lado do Bernardo, tentando ajudá-lo a levantar.

— O seu vô pediu para o Leo bater no seu pai porque ele tinha me engravidado, agora ele fez o mesmo. Se você estiver grávida de uma menina, muito provavelmente o Bernardo vai fazer a mesma coisa, por isso eu disse que está virando

tradição de família.

Minha mãe, depois que os ânimos se acalmaram, ligou para toda a família para contar a novidade. Claro que os meus tios não perderam a oportunidade de zoar o meu pai porque ele seria o primeiro vovô, mas, por incrível que pareça, ele não estava bravo, pelo contrário, me ligava todos os dias perguntando como eu e o bebê estávamos, se eu estava me alimentando direito, se já tinha ido ao médico. Confesso que estava adorando essa atenção dele. Era melhor ter o senhor Danilo como vovô babão do que ter ele brigando com o Bernardo.

O que não contávamos foi que três dias depois a tia Débora descobriu que também estava grávida, o que deixou o tio Matheus doido. Meu pai e o tio Leo junto com o tio Marcelo não perdiam a oportunidade de zoar com ele e jogar praga de que era uma menina para ele aprender como era bom.

Minha mãe e a dona Angélica intensificaram os

preparativos do casamento. A dona Angélica, há um mês mais ou menos, começou a apresentar algumas melhoras, mas infelizmente não estava conseguindo andar ainda, então minha mãe ia até a casa dela ou elas conversavam pelo Skype o dia inteiro arrumando tudo.

Quando entramos em novembro, as meninas ficaram doidas querendo preparar uma despedida de solteira, só que o Bernardo, o Yuri e o Arthur, que agora estava namorando a Sophia, não gostaram da ideia. Para evitar problemas e mais discussões, preferi não fazer uma despedida e só aí o Bernardo acalmou. Para compensar, deixei que preparassem o chá de bebê, mas como não sabíamos ainda o sexo, tiveram que adiar um pouco os preparativos. Em toda consulta o Bernardo ia comigo e em todas as vezes tentamos ver o sexo, mas o bebê não estava disposto a colaborar.

No início de dezembro, tínhamos uma consulta, e o Bernardo já tinha se programado para me

acompanhar. Depois do almoço, ele passou em casa e me pegou para a consulta. Desde que contamos que eu estava grávida, passei a ficar mais vezes na casa dele. Como eu já estava grávida, meu pai não poderia reclamar mais, apesar de ele ainda resmungar um pouco.

— Será que hoje vamos finalmente descobrir se é um garotão ou uma princesinha? — o Bernardo fala, dando um beijo na minha barriga enquanto esperamos o médico me chamar, arrancando suspiros das mulheres na sala de espera.

— Eu espero que sim, a tia Tati falou para que eu comesse um pedaço de chocolate para deixar o bebê agitado e que assim daria para ver, decidi arriscar e só para prevenir comi uma barra inteira. — falo, dando risada.

Dez minutos depois a enfermeira me chama e me leva para a sala de ultrassom me indicando a roupa e pedindo para que eu me trocasse que o médico já vinha. Como eu já conhecia os procedimentos, me troquei e deitei na maca, com o

Bernardo sentando do meu lado.

— E então, será que hoje finalmente descobrimos o sexo? — o médico pergunta quando entra na sala.

— Espero que sim, doutor, não aguento mais essa curiosidade. — o Bernardo fala, apertando a minha mão.

O médico liga a máquina e começa os exames de rotina. Ele mede o bebê, ouve o coração e vai nos mostrando cada pedacinho dele.

— Acho que hoje tivemos sorte. — fala, sorrindo. — Estão vendo aqui? — ele aponta para um ponto na tela.

— Não estou vendo nada, doutor. — o Bernardo fala.

— Exatamente, não tem nada, o que significa que é uma menina.

— Uma menina, amor. — falo, chorando e olhando para ele, que está sorrindo.

— Obrigado. — fala, me beijando.

Saímos do consultório com uma foto da nossa

filha, não consigo me segurar e mando uma mensagem para todos contando que era uma menina. Assim que a palavra menina foi falada, as minhas primas ficaram doidas e começaram a correr com os preparativos do chá de bebê. Como o casamento seria em duas semanas, preferi confiar nelas e deixei tudo por conta delas.

As duas semanas passaram voando e, quando percebi, estava no chalé do sítio com a minha mãe me ajudando a vestir o vestido de noiva. Ele era simplesmente lindo, com renda nas mangas e todo de cetim com um laço na lateral, para completar um buquê de rosas na cor rosa bebê.

— Isa, estou bonita? — a Valentina pergunta, rodando na minha frente com um vestido verde claro todo rodado.

— Você está linda, Pipoca.

Alguns minutos depois, meu pai entra com um terno preto e com um sorriso no rosto.

— Você está linda, princesa, você e a minha neta. — fala, colocando a mão na minha barriga.

— Já vai começar? — pergunto, ansiosa.

— Vai sim, querida, e o Bernardo está andando de um lado para o outro nervoso. — meu pai, fala.

As meninas saem do chalé acompanhadas pela minha mãe e a Valentina, alguns minutos depois a cerimonialista vem nos chamar. Quando saímos do chalé e nos aproximamos da ponte, olho para o meu pai e sei que tenho lágrimas nos olhos.

— Papai, eu te amo, um dia eu pedi por um marido que me amasse como o senhor ama a mamãe, tenho certeza de que o Bernardo é essa pessoa.

— É bom que ele seja, minha princesa, mas eu quero que você saiba que o pai vai sempre estar aqui por você, você sempre vai ser a minha menininha e sempre vai ter um colo para correr. — fala, emocionado.

Quando começamos a atravessar a ponte, procuro o Bernardo e vejo que ele está com um sorriso lindo no rosto. Assim que chegamos perto dele, meu pai coloca a minha mão na dele.

— Bernardo, a Isa é o meu tesouro, cuide bem dela.

— Eu prometo que vou cuidar. — fala.

O juiz de paz começa a cerimônia, e eu estou cada vez mais emocionada. Quando chega a hora dos votos, não sei como vou conseguir falar. E, para piorar, eu sou a primeira.

— Bernardo, quando tinha sete anos, fiz uma apresentação especial com a minha mãe para o meu pai, era a primeira dela depois do acidente e a primeira a que o meu pai assistiria. Naquele dia, vendo os dois dançarem abraçados no final, fez que eu desejasse encontrar um homem como o meu pai, romântico, carinhoso, doido por mim, que me faria a mulher mais feliz desse mundo, um verdadeiro príncipe encantado. Quando te conheci e comecei a me apaixonar por você, vi que não era romântico, muito menos carinhoso e, um príncipe encantado, pior ainda. Para mim, você era o Sr. Mala, o insuportável. Conforme os dias foram passando, eu via que me apaixonava cada vez

mais por você, e isso me assustava, porque você não era o que eu tinha desejado, não entendia como eu podia me apaixonar por você. Um dia, a minha mãe me disse que o amor não se entende, ele simplesmente acontece, e foi o que aconteceu, eu me apaixonei pela pessoa mais improvável, que no final me mostrou que existem príncipes que não vêm a cavalo, me mostrou que não precisamos de romance vinte e quatro horas, só precisamos estar com uma pessoa que, com o seu jeito torto, se torna a pessoa certa. Eu te amo cada dia mais, e nem que se passem mil anos deixarei de te amar. — quando termino de falar, estou chorando e vejo que o Bernardo também está emocionado.

— Isa, nunca fui de romance e de falar coisas linda, isso você já sabe, mas um dia conheci uma menina linda de olhos azuis e cabelos loiros que virou a minha vida, que eu achava ser perfeita de ponta-cabeça. Eu que era um homem frio e calculista, que não gostava de crianças e nunca

tinha agido por impulso ou por amor, caí de quatro por uma menina que me mostrou a alegria de viver. Hoje estou aqui na frente dessas pessoas com um sorriso enorme no rosto, me casando, hoje sou um bobo apaixonado e um pai babão que mostra a foto do ultrassom para todos que param por um minuto apenas para falar comigo. Me apaixonei por uma menininha de cinco anos, que mais parece um anão de cem anos de idade, que no fim das contas estava certa no primeiro dia em que eu a conheci, eu era o seu namorado porque estava destinado a ser assim. Com você, eu conheci o amor e me tornei um homem romântico, tudo bem que tenho muito ainda para aprender, mas eu sei que, se eu tiver a oportunidade de viver cada dia do seu lado, vou fazer de tudo para ser o homem que você merece, prometo te dar as estrelas se você quiser, faço de tudo para ver o seu sorriso todos os dias. Eu te amo minha, Corujinha, e vou amar sempre. — assim que ele termina, não consigo resistir e puxo o seu rosto para um beijo,

fazendo que todos os convidados deem risada.

A música começa tocar, e a Valentina atravessa o tapete trazendo as alianças. Assim que ela chega perto, o Bernardo se abaixa para pegar as alianças da mão dela e acaba recebendo um abraço dela, que está toda animada.

— Eu sabia que ia ser o meu cunhadinho. — fala, abraçada com ele, que abre um sorriso para ela.

— Graças a você. — fala, piscando.

Depois de colocarmos as alianças e sermos declarados marido e mulher, vamos tirar algumas fotos, claro que com poses típicas de noivos e com ele beijando a minha barriga, o que se tornou mania do Bernardo. Quando chegamos ao salão, está tudo simplesmente lindo, nas cores branco e verde, alguns convidados querem conversar, mas a minha barriga começa a roncar, então pedimos licença e vamos até uma mesa que está reservada para nós. Enquanto eu como, o meu pai vai até o palco e diz que vai fazer um discurso como

fizeram no casamento dele um dia.

— Boa noite. Primeiramente, quero agradecer a presença de todos nesse dia. Em segundo lugar, gostaria de fazer um discurso. No dia em que eu me casei, três irmãos ciumentos fizeram os deles, então chegou a minha vez. Bernardo, no dia em que a minha Bebelle nasceu, me tornei o homem mais feliz desse mundo porque eu tinha feito uma filha linda com a mulher que eu mais amo do que tudo nesse mundo empatando com os meus três filhos. Enquanto a Alicia descansava do parto, coloquei a Bebelle no meu peito e ela adormeceu como se sentisse que ali ela estava segura, e cada dia que passou ela soube disso, que comigo ela teria segurança e amor. Quando ela começou a crescer, eu fiquei nervoso porque sabia que um dia um rapaz iria aparecer e levá-la de mim, aí um dia você apareceu, quando eu te conheci você tinha acabado de salvar a minha filha, então tinha uma dívida eterna com você. Quando vocês dois começaram a se envolver, eu torcia para que essa

dívida não tivesse que ser paga comigo aceitando o namoro, mas, no final, o que eu tinha medo aconteceu. Nesses cinco meses que estão juntos, eu percebi que não tinha o porquê de eu ficar com medo, você se mostrou o homem ideal para a minha filha, e eu só tenho a agradecer por cuidar tão bem dela e da minha neta. Mas, antes de encerrar esse discurso, quero dizer que vou estar de olho em você vinte e quatro horas, e se você pisar na bola, saiba que conheço um homem forte e que sabe lutar e que não pensa duas vezes em bater em alguém que faz uma mulher da família Lopo sofrer.

Após o meu pai terminar o discurso e, claro, me fazer chorar, a Valentina sobe correndo no palco e pega o microfone da mão do tio Rafa, que estava tocando no casamento junto com a banda The Doctors.

— Oi, eu também quero falar. — fala, sorrindo e fazendo todos os convidados darem risada. — Cunhadinho, quando eu te conheci, sabia que você

era o príncipe que a Isa merecia, mas a cabeça-dura aí não via, então eu conversei com uma prima muito legal e entende de tudo que me ajudou a juntar vocês dois. — ela fala, rindo.

Como assim?

— Eu torci para que ficassem juntos todos os dias. — continua falando. — Porque eu sabia que nasceram um para o outro, minha irmã é muito especial, ela sempre cuidou de mim e eu sei, Isa, que a minha sobrinha vai ter muita sorte por ter você como mãe. Bernardo, cuida bem da minha irmã porque fui eu que dei ela de presente para você, se não cuidar bem eu mesma bato em você. — fala, apontando para ele e fazendo cara de séria. — Eu te amo, Isa, e agora amo você também, Bernardo. E preparei uma surpresa para vocês dois. — ela vira para o tio Rafa, que pisca para ela e a banda começa a tocar. — Vou cantar para vocês dançarem a primeira música como marido e mulher.

— Mamãe, a senhora sabia disso? — pergunto,

confusa.

— Não tinha a mínima ideia. — fala, com lágrimas nos olhos.

— Eu sabia, ela me pediu para ajudar. — meu pai fala sorrindo.

— Isa, Bernardo, venham para a pista. — ela chama.

Quando chegamos ao centro da pista, a Valentina começa a cantar, apesar de ainda ter voz de criança, ela canta lindamente a música da Marina Elali, Encontrei.

*Quando eu te encontrei, meu plano virou você
Quando eu te beijei, perdi de vez
A noção do tempo, a noção de tudo
Coisas da vida, eu fui me apaixonar
Tão de repente, estranho demais
Se isso é um erro, ou um plano que vai falhar
Não me interessa, eu vou me arriscar*

— Está feliz, amor? — o Bernardo me pergunta

enquanto dançamos.

— Muito, tenho até medo. — falo, apoiando a minha cabeça no ombro dele.

— Não precisa ter medo, eu vou cuidar de você e da nossa pequena. — fala, me dando um selinho.

Quando a música termina, a Valentina vem correndo e agarra a nós dois ao mesmo tempo.

— Gostaram? — pergunta, animada.

— Muito, cunhadinha. Você canta muito bem, devia ser cantora. — o Bernardo fala, pegando a Valentina no colo.

— Você acha? — pergunta, com os olhinhos brilhando.

— Acho, mas precisa aprender a tocar guitarra porque você é péssima nisso. — fala, dando risada e ganhando um abraço de urso.

— Eu te amo, cunhadinho, amo você também, Isa. — fala, me puxando também. — E amo a Lorena também.

— Quem é Lorena? — pergunto, confusa.

— A bebê, vocês não decidem logo o nome então eu escolhi. — fala, dando de ombros, e sai correndo quando o Bernardo coloca ela no chão.

— Lorena? — pergunto, com uma sobrancelha levantada.

— Sabe que eu gostei. — o Bernardo fala, me abraçando.

— Então tá, vai ser Lorena. — já que não se pode ir contra a Valentina, junte-se a ela.

Depois de jogar o buquê, que é pego pela Catarina, vamos embora. Eu estava cansada e o Bernardo não via a hora de ficar sozinho comigo. Quando chegamos a casa, encontrei o apartamento todo decorado com flores e um caminho de pétalas até o quarto.

— Você fez tudo isso? — pergunto, emocionada.

— Fiz, afinal a minha esposa merece. — fala, me abraçando por trás. — Pronta para a nossa primeira noite de amor, senhora Alcântara?

— Pronta, senhor Alcântara. — falo, me

virando nos braços dele e beijando-o.

Como todas as noites em que fiz amor com o Bernardo, aquela foi especial, meu ogrinho sabia ser carinhoso, ele me fez ir até as nuvens. Não poderia estar mais feliz.

Tenho até medo de tanta felicidade.

Capítulo 30

Isabelle

Como eu estava com cinco meses de gestação, quase completando seis, decidimos viajar de lua de mel no Brasil mesmo. O Bernardo não queria fazer uma longa viagem de avião. Então optamos por conhecer Florianópolis, ficamos duas semanas na cidade. Foi pouco, mas deu para aproveitar bastante.

Quando voltamos para São Paulo, estava tão cansada que o Bernardo se impôs como chefe e me deu uma semana de folga para ficar em casa, o que se tornaria três juntando com as festas de Natal e Ano Novo.

Por ser filho único, o Bernardo convidou a mãe dele para passar o Natal com a minha família e ela aceitou. Então, na casa da vovó Carla, estava reunida toda a família para comemorarmos juntos o Natal. Tivemos o tradicional amigo secreto com

direito a muitas risadas. Quando eu estava sentada, esperando que colocassem a ceia na mesa, a tia Débora veio e sentou ao meu lado.

— Já tinha até me esquecido de como era andar parecendo uma pata. — fala, dando risada.

— Nem me fala, os meus pés estão inchados, o que eu estou falando? Eu estou toda inchada. — falo, rindo. — Já descobriu o sexo ou esse bebê continua tímido?

— Já sabemos, mas essa é uma surpresa para a hora da ceia. — a tia Débora fala, piscando, e eu dou risada.

Quando sentamos para comer, a tia Débora cutuca o tio Matheus, que resmunga, e ela balança a cabeça.

— Já que o meu querido marido não quer falar, falo eu. — fala, levantando. — Querida família, nós vamos ter uma linda menina. — assim que ela fala, o meu pai, o tio Marcelo e o tio Leo caem na risada.

— Eu sabia que ele ia pagar a língua. — o tio

Leo fala, enxugando as lágrimas de tanta risada.

— Não disse que a minha praga pega? — o meu pai fala.

— Não sei o que é tão engraçado. — o tio Matheus reclama.

— Você vai deixar de ser apenas consumidor para fornecedor, isso é que é engraçado. — o tio Marcelo fala.

— Tudo bem, já deram risadas, agora vamos agradecer e comer a ceia. — a vovó Carla fala, colocando ordem na mesa.

Logo depois de comer, o Bernardo decide ir para casa, então levamos a dona Angélica para casa e depois vamos para a nossa. No outro dia pela manhã, quando eu acordo, tem dois olhos azuis lindos me encarando.

— Que foi?

— Nada, estou só admirando a minha bela esposa.

— Bobo. Bom dia. — falo e dou um selinho nele.

— Bom dia, linda. Aqui o seu presente. — fala, me entregando uma caixinha. Quando eu abro, tem um lindo colar de coruja com uma corujinha.

— Como você conseguiu?

— Eu fui até uma joalheria e pedi para confeccionarem para mim. É você e a nossa filha.

— Obrigada, meu amor, adorei. — eu levanto e vou até o guarda-roupa, onde eu pego uma caixa e entrego para ele.

— Eu adorei, amor. — fala, me beijando. Eu mandei fazer um quadro com a foto do nosso casamento em que estávamos no jardim, com ele ajoelhado e beijando a minha barriga enquanto eu olhava para ele.

— Eu pensei que você poderia pendurar no seu escritório.

— É lá mesmo que eu vou pendurar, vou ter vocês duas comigo.

O ano novo chegou e os dias foram passando. A Lorena estava prevista para nascer entre o dia treze e o dia dezessete de abril, ou seja, se

nascesse no dia quinze, ela faria aniversário junto comigo.

Em fevereiro o Bernardo, acabou tomando a decisão de sair de vez do escritório de advocacia e cuidar da escola de balé. Ele disse que era a herança da nossa filha e que ela era a terceira geração de bailarina da família, então ele teria que fazer de tudo para que escola continuasse aberta.

Eu já estava com sete meses, e a Lorena estava agitada, juro que se deixasse essa menina nasceria hoje mesmo. Enquanto estava analisando alguns documentos, a secretária me avisou que tinha uma mulher querendo falar comigo, eu pedi para que ela a deixasse entrar. O que eu não esperava era a mulher que veio falar comigo.

— Oi.

— O que você quer aqui, Soraya?

— Você sabe quem eu sou?

— O Bernardo me falou de você. — falo, levantando.

— Sabia que o meu Bê não tinha se esquecido

de mim. — fala, colocando a bolsa na cadeira em frente a minha mesa.

— O que você quer?

— O Bernardo foi até o escritório pedir a demissão definitiva. Você está acabando com a vida de um grande advogado, garota.

— Soraya, isso não é da sua conta, o Bernardo e eu estamos casados, vamos ter uma filha, e o que ele faz ou deixa de fazer não te interessa. — falo, me aproximando dela.

— Ele é meu, garota, ele só está curtindo um pouco com você. Ele vai voltar para mim, e é até bom que você tenha essa criança, assim ele não me cobra um filho depois. Claro que vou ter que aturar essa melequenta em casa nos finais de semana, mas faço qualquer coisa para ter o meu Bê.

— Escuta aqui, de onde você tirou essa ideia? O Bernardo não vai me deixar.

— Vai sim, quando ele cansar de ser casado com uma menina que não pode dar o que ele quer.

Acho que você não sabe nem o significado de sexo selvagem, se ele der um puxão de cabelo você deve quebrar inteira, ele não gosta de se controlar, por isso ele vai cansar de você e vai voltar para mim. — fala, apontando para ela mesma. — E, pensando melhor, acho que o ideal seria tirar essa coisinha que está na sua barriga de você, assim ele não precisa ficar se encontrando com você nos finais de semana.

— Isso nunca vai acontecer, o Bernardo me ama, ele não vai me deixar e nem deixar a filha por sua causa. — falo, nervosa.

— Tem certeza, queridinha? Conheço o Bernardo há mais tempo, sei do que ele gosta e do que não gosta. Vocês estão há pouco tempo juntos, você não deve nem saber o que satisfaz ele na cama.

— Já ouvi demais, escuta aqui, ô sua vaca, sai daqui agora mesmo. — falo, apontando para a porta.

— Nossa, que medo, a ratinha está tentando

mostrar as garras. — fala sarcasticamente. — O Bernardo gosta de uma leoa na cama e não uma ratinha, se dependesse de mim nem você nem essa criança existiriam.

— Vou falar mais uma vez, sai daqui. — falo gritando.

— Eu vou, mas antes quero que saiba que, quando essa criança nascer e o Bernardo ficar comigo, não vou cuidar bem dela, na minha casa ela vai passar fome, e se chorar vai apanhar, vai ficar de castigo, isso se eu não jogar pela janela. — fala, rindo, e é demais para mim, acerto um tapa em cheio no rosto dela.

— Fora daqui. — eu grito, apontando a porta.

— Sua idiota, ninguém bate em mim. — fala e me empurra com tudo contra a mesa onde eu bato a barriga com força na quina. — Tomara que essa criança nasça morta. — fala, cuspiendo em mim, que estou caída no chão depois do soco.

A dor é muito forte, e quando eu penso que nada pode ser pior, sinto algo escorrendo. Quando

levo a mão até as minhas pernas e olho o que é, vejo sangue. Dou um grito tão alto que logo a secretária entra correndo, e eu peço para chamar uma ambulância.

Sou levada às pressas para o hospital. Quando veem o meu nome, avisam o meu pai, e é por isso que ele está na porta me esperando.

— O que foi, princesa? — pergunta, correndo ao lado da maca.

— Está doendo, papai, não quero perder a minha filha. — falo, desesperada.

— Você não vai, querida, o papai promete.

Sou levada para uma sala de exames e eu não gosto da cara que o médico faz.

— Isabelle, a sua bolsa estourou, a sua filha está nascendo.

— Não, doutor, está muito cedo ainda. Acabei de completar sete meses. — falo, desesperada.

— Eu sei, mas infelizmente você está perdendo o líquido amniótico, sem ele o bebê não pode ficar na sua barriga. Precisamos fazer uma cesárea de

emergência.

Depois que eu concordo, tudo acontece muito rápido. Um anestesista aparece e aplica a anestesia, sou levada para o centro cirúrgico e preparada para a cirurgia.

— Os batimentos do bebê estão caindo, doutor.
— alguém fala

— Precisamos tirá-la o mais rápido possível.
Sinto uma pressão na barriga e depois acaba, vejo os enfermeiros correndo de um lado para o outro.

— Nasceu, doutor? — pergunto, mas ninguém responde.

— O coração não está batendo. — escuto alguém falando longe de mim.

— A minha filha, doutor, como ela está? — pergunto, nervosa, e começo a me debater para tentar levantar.

— Estamos perdendo-a.

— Coloquem-na para dormir. — é a última coisa que eu escuto antes de apagar e entrar em uma

escuridão profunda.

Bernardo

Andei pensando bastante e tomei a decisão de abandonar a advocacia de vez. Eu seria pai de uma menina que, se seguisse os passos da mãe e das avós, seria bailarina. Precisava cuidar do legado da minha filha. Vou até o escritório em que trabalhava e, logo na portaria do prédio, encontro com a Soraya.

— Decidiu voltar a trabalhar, Bê? — pergunta com aquela voz melosa.

— Não, Soraya, vim pedir a minha demissão definitiva. E não me chama de Bê, agora sou um homem casado e vou ser pai.

— Você, pai? — pergunta, incrédula. — Você sempre disse que odiava crianças, agora vai ser pai?

— Vou ser pai sim, e amo a minha filha que está para nascer. — falo, tentando passar por ela.

— Você ainda vai ser meu de novo, Bernardo. Vai cansar de brincar de casinha e vai voltar para mim. — fala, passando a mão no meu peito, que eu agarro.

— Nunca que eu vou voltar para você, e mesmo se um dia eu deixasse a minha mulher e a minha filha, você seria a última mulher do mundo que eu iria procurar. Agora me dá licença. — falo, empurrando-a para o lado.

Quando chego ao escritório, o meu chefe já está me esperando. Explico para ele a questão da escola da minha mãe e o desejo de administrar tudo por causa da minha filha que está para nascer, ele acaba me entendendo e fazemos todo o acerto para a minha demissão. Despeço-me da minha antiga secretária e de outros advogados e vou embora. Quando estou no carro, recebo uma ligação do Danilo e acho estranho, o meu sogro não é de ficar me ligando.

— Senhor Danilo, tudo bem?

— Não, Bernardo, a Isabelle foi trazida às

pressas para o hospital.

— O que aconteceu? — pergunto, angustiado.

— Vem para cá e aqui nós conversamos.

Devo ter levado várias multas no caminho para o hospital, mas estou pouco me lixando, a minha mulher e a minha filha são mais importantes do que qualquer dinheiro nesse mundo. Assim que entro no hospital, vejo a Alicia chorando e abraçada com o Danilo, e eu me desespero.

— O que aconteceu? — pergunto.

— A Isa foi trazida às pressas para o hospital com sangramento. Quando chegou aqui, o médico constatou que a bolsa tinha estourado e precisou fazer uma cesárea de emergência. — o Danilo fala e vejo que está tentando se segurar para não chorar.

— O que aconteceu? Eu saí da escola e ela estava bem. Nós passamos no médico ontem e ele não viu nenhum problema. — falo, angustiado.

— Segundo os paramédicos que a trouxeram para cá, ela sofreu uma pancada na barriga. — o

Danilo fala, levantando e vindo para perto de onde eu estou.

— Como isso é possível? — pergunto, confuso.

— Liguei na escola e a secretária me disse que a Isa recebeu a visita de uma mulher chamada Soraya, conhece?

— É a minha ex, o que ela foi fazer lá?

— Não sei, a única coisa que eu sei é que as duas discutiram, e essa Soraya empurrou a Isa, que bateu a barriga na quina da mesa com muita força, motivo pelo qual ela está sendo operada nesse exato momento.

— Com licença, doutor Danilo. — me viro e vejo um médico com uma roupa verde própria para cirurgia e com sangue nela.

— E então, doutor? — o Danilo pergunta.

— Tivemos alguns imprevistos, a Isabelle perdeu bastante sangue, mas ela está bem...

— E a minha filha? — interrompo.

— Ela nasceu com parada cardiorrespiratória, o pediatra tentou fazer de tudo...

Não consigo mais ouvir, minha filha, não, por favor, senhor não, a minha filhinha não.

Caio no chão desesperado e pela primeira vez na minha vida choro igual criança.

Não posso perder a minha filha desse jeito.

A Soraya me paga.

Capítulo 31

Bernardo

— Bernardo, vem, levanta. — sinto o Danilo me puxando do chão, mas não consigo raciocinar.

— Minha filha, a Lorena. — falo, agarrando a camisa dele.

— Calma, Bernardo, ela está bem, os médicos conseguiram salvá-la, mas infelizmente ela nasceu prematura, será necessário ficar em uma incubadora.

— Ela corre perigo?

— Ela é pequena e muito novinha, para evitar riscos deveria ficar pelo menos mais duas semanas no mínimo ainda na barriga, mas a medicina está avançada, Bernardo, e se ela tiver a garra que as mulheres da família Lopo têm, ela vai sair dessa, pode confiar. — o Danilo fala, tentando me acalmar.

— Eu sobrevivi a um acidente e fique em coma

por seis meses, saí de uma cadeira de rodas quando os médicos disseram ser impossível e estou aqui hoje atormentando o meu marido, os meus filhos, meu genro e vou ser uma vó coruja. A Lorena vai sair dessa, Bernardo, não se preocupe, ela tem o meu sangue e quem tem o sangue Lopo nas veias não se entrega fácil. — a Alicia fala, me abraçando.

— A Isa já sabe?

— Ela ficou muito nervosa e tivemos que sedá-la, provavelmente vai dormir por umas três horas. — o médico fala.

— Posso ver a minha filha? Quero ver com os meus olhos que ela está bem para tranquilizar a Isa. — peço e o médico concorda.

Eu o acompanho até a UTI neonatal, onde coloco uma roupa esterilizada, sou levado até uma incubadora, onde tem um bebê pequeno ligado a um monte de fios e entubado.

— Essa é a minha filha? — pergunto e uma enfermeira concorda. — Oi, meu amorzinho, é o

papai. — falo, me aproximando. — Vai ficar tudo bem, não se preocupe, o papai está aqui e a mamãe logo vem te ver, ela está descansando um pouco, mas está doida para te conhecer. Não se preocupe com nada, só precisa se concentrar em ficar forte para ir para casa o mais rápido possível. — tento segurar as lágrimas, mas fica difícil.

— Senhor, não pode ficar aqui muito tempo, sinto muito. — uma enfermeira me chama depois de uns cinco minutos que eu fiquei parado olhando para o meu bebê.

A primeira coisa que eu faço quando saio do berçário é correr para o quarto onde a Isa está. Quando entro, ela está dormindo ainda, vejo que está pálida, sento ao lado da cama e seguro a mão dela. O que eu faço? Como posso suportar essa dor?

Calma, Bernardo, você precisa ser forte pela sua filha e pela sua mulher.

Fico com isso na cabeça enquanto olho para a Isa dormindo. Preciso transmitir calma para ela.

Algumas horas depois, vejo que a Isa começa a despertar. Quando abre os olhos, ela começa a procurar algo em volta e eu sei o que é.

— Calma, amor, eu estou aqui. — falo, fazendo carinho no seu rosto.

— A Lorena? — pergunta, chorando.

— Ela está viva, mas infelizmente, como é prematura, está em uma incubadora.

— Ela vai ficar bem?

— Os médicos me garantiram que sim e o seu pai também. Fui até a UTI e a vi, ela é linda. Não se preocupe, ela vai sair dessa.

— Eu quero matar a Soraya, Bernardo, por culpa dela a nossa filha nasceu prematura. — fala, chorando.

— Eu vou cuidar de tudo, meu amor, a Soraya vai pagar pelo que fez, não se preocupe, agora se acalma e descansa.

— Quero ver a nossa filha.

— Infelizmente só vai ser possível amanhã, as visitas se encerraram, mas o médico me garantiu

que amanhã cedo eu posso te levar para conhecer a nossa filha. Agora dorme e descansa porque a Lorena precisa que você esteja bem e forte para cuidar dela.

Deito na cama ao lado dela, que adormece com a cabeça apoiada no meu peito. Amanhã mesmo vou cuidar para que a Soraya seja presa, ela tentou matar a minha filha e não vou deixar isso impune.

Isabelle

Acordo no dia seguinte ansiosa para conhecer a minha filha, preciso ver com os meus próprios olhos que ela está bem. Com a ajuda de algumas enfermeiras, consigo tomar banho e me arrumar, sento em uma cadeira de rodas e o Bernardo me leva até a UTI.. Quando chegamos, coloco a roupa especial e vou até a incubadora em que a Lorena está.

— Ela é tão pequena, Bernardo.

— Mas ela é forte, ela vai sair dessa, você vai ver. — ele fala, me abraçando.

O pediatra vem conversar com a gente e explica que será necessário que a Lorena fique um tempo na incubadora até que os pulmões dela estejam fortes para respirar sozinhos, mas que infelizmente não tem como prever quanto tempo vai demorar. Peço para segurá-la, mas ele me diz que, por enquanto, isso vai ser impossível, infelizmente vai demorar para que eu pegue a minha filha pela primeira vez no colo.

Três dias depois, recebo alta e vou sozinha para casa. Quando chego ao apartamento, vou até o quartinho dela, que estava quase pronto, com decoração de coruja, sento na poltrona que o Bernardo fez questão de comprar e começo a chorar.

— Ela vai vir para casa, meu amor, você vai ver, tenha fé. — o Bernardo fala, ajoelhado na minha frente.

No dia seguinte, recebi a visita da minha mãe. Ela tentou me animar e disse para que eu não me preocupasse, porque a Lorena tinha o nosso

sangue e era teimosa como nós duas e que ela sairia dessa. Dez dias depois, tivemos essa confirmação, a Lorena apresentava algumas melhoras e começava a se mostrar impaciente com os aparelhos que estavam ligados nela.

— Não disse que ela era forte? — o Bernardo fala ao meu lado enquanto olhamos a nossa filha.

— Você quer segurá-la? — o médico pergunta, se aproximando.

— Posso? — pergunto, emocionada.

— Pode sim, ela vem apresentando melhoras e já pode sair um pouco da incubadora.

Sento em uma poltrona e as enfermeiras pedem para que eu abra um pouco a minha camisa para que ela sinta a minha pele. Quando a colocam deitada no meu peito, pele com pele, não consigo segurar as lágrimas, minha filha está finalmente nos meus braços.

— Oi, meu amorzinho, finalmente nos encontramos, não é? A mamãe te ama muito, minha princesa. — falo e dou um beijinho na

cabecinha dela.

— Ela é guerreira, meu amor, logo vamos os três para casa. — o Bernardo fala, sentando ao meu lado e abraçando nós duas.

Depois disso, todos os dias o médico liberava para que ela saísse um pouco da incubadora e ficasse alguns minutos comigo. Conforme ela melhorava, os minutos aumentavam. Vinte dias depois da primeira vez que a peguei nos braços, ela foi retirada do respirador artificial, e os pulmões dela trabalharam perfeitamente. Mais cinco dias se passaram e eu pude finalmente dar de mamar para ela com uma mamadeira, estava finalmente podendo cuidar da minha filha.

Exatos dois meses depois do nascimento dela, a levamos para casa. Tínhamos dois dias para comemorar, quinze de fevereiro, o nascimento dela e quinze de abril, o dia em que ela saiu do hospital. Não poderia receber presente melhor no dia do meu aniversário.

Quando chegamos a casa, eu a levo para o

quartinho dela e a coloco no berço, saio para esquentar a mamadeira e, quando volto, encontro o Bernardo com ela no colo e mostrando todo o quarto.

— Aqui, princesa, nessa parede, temos uma árvore pintada com algumas corujas nela. Nessa outra parede, tem três quadros com corujas, está vendo? Olha, essa luminária é um balão com uma coruja, sabia que corujas passeiam de balão? Pois é, o papai também não sabia, mas a mamãe descobriu uma que passeia e trouxe para o seu quarto. Nós temos móbile de coruja, caixinhas de coruja, almofadas de coruja, tapete de coruja, corujas para todos os lados. Posso contar um segredo? Só não conta para a mamãe. Tem coruja demais nesse quarto, mas ela gosta e o papai não resiste a um pedido dela, o que eu posso fazer? Acho que você vai ter que aprender a gostar de corujas, princesa, como o papai aprendeu, ele ama duas corujinhas lindas, a coruja mamãe Isa e a corujinha filha Lorena.

Fico na porta parada olhando para os dois e não consigo evitar as lágrimas que caem, achei que nunca veria essa cena.

— Ela está com fome? — pergunto, entrando no quarto e fazendo de conta que não peguei a conversa dos dois.

— Está sim, foi difícil enganá-la enquanto você não chegava. — fala, rindo e piscando para a nossa filha. Pego-a no colo e sento pela primeira vez na poltrona para amamentar a nossa filha.

— Não poderia estar mais feliz, Corujinha. Ter vocês duas aqui em casa não tem preço.

— Eu sei, meu amor, eu também estou feliz. — falo, dando um selinho nele.

Um mês depois da alta da nossa filha, fiquei sabendo que a Soraya tinha sido condenada e presa por agressão física grave, mas, como era ré primária, a pena foi diminuída. Ela ficou pouco tempo presa e logo indo para o semiaberto. Só espero que essa cobra fique longe da minha família.

A Lorena crescia cada vez mais linda. Claro que a dona Alicia ficou brava quando ela cada vez mais ficava loira e com os olhos azuis.

A tia Débora deu à luz uma menina linda e saudável chamada Beatriz, e o tio Matheus deixou bem claro para o Bruno e o Pedro que não deveriam deixar ninguém do sexo masculino chegar perto da Bia. Coitada da minha prima, nasceu em uma família de homens ciumentos.

Claro que a minha filha também tinha problema no quesito ciúmes, já que o Bernardo a cada dia ficava mais ciumento com a ajuda do meu pai e do Cadu que garantiam que ninguém iria se aproximar da Lorena e da Valentina.

Devido a Lorena nascer prematura conversei com o Bernardo e fiquei parada por um ano para cuidar dela, infelizmente ela ainda precisava de certos cuidados, mas ela crescia forte e alegre.

O Bernardo acabou se tornando um paizão, me ajudava com as fraldas, colocava para dormir, dava banho. Isso que ele dizia que não servia para

essas coisas. Cada dia que passava, os dois se tornavam cada vez mais apegados, era só ouvir a voz dele que a Lorena ficava doida procurando, e qualquer gracinha que ele fizesse ela dava risada.

Quando comemoramos dois anos de casados, optamos por suspender a pílula porque não queríamos que as crianças tivessem idades muito longes, então exatos trinta dias depois de suspender o anticoncepcional, eu estava grávida.

Minha mãe preparou uma festa de aniversário para a Lorena na casa dela, e tínhamos integrantes novos convidados para a festa. A Mila e o Yuri estavam noivos, a Sophia e o Arthur tinham se casado há seis meses e ela tinha me confessado que estavam tentando ter um filho.

A maior surpresa foi a Catarina que chegou acompanhada pelo Jean Pierre e a Heloise. Quando o tio Leo viu, ficou doido de raiva, mas foi segurado pela tia Tati, que cumprimentou o genro novo. Claro que ele não escapou das risadinhas dos meus tios e do meu pai, mas ele

não deixou barato e lembrou ao tio Matheus que em dezoito anos mais ou menos seria a vez dele de conhecer o genro, o que fez com que o tio Matheus ficasse doido de raiva.

No final da festa, eu estava com a Lorena no colo fazendo-a dormir enquanto ela brincava com o meu colar de corujas quando o Bernardo me abraçou por trás e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Obrigado, amor.

— Pelo quê? — pergunto.

— Por me transformar em um homem melhor e por me fazer realmente amar.

— Não precisa agradecer, foi um prazer te conquistar. — falo, rindo.

— Nojentinha. — fala, me dando um beijo.

— Mala. — falo, rindo.

— A nossa história não poderia acabar melhor, não é? Nós dois juntos, com a nossa filha linda e saudável no colo.

— Quem disse que a nossa história acabou? — pergunto.

— Como assim, amor?

— Eu estou grávida, Bernardo. — falo sorrindo.

— Sério? — ele pergunta, emocionado.

— Sério, você vai ser pai de novo.

— Senhor Danilo, vou te dar outro neto. — ele grita para o meu pai, que está do outro lado da sala e abre um sorriso.

— Já era hora. — meu pai fala, fazendo todos darem risada.

— Eu te amo minha, Corujinha. — fala me beijando.

— Eu também te amo, Sr. Mala.

É, o meu príncipe não veio a cavalo, na verdade ele era uma mala sem alça, sem rodinhas, com zíper quebrado, rasgada e pesada, mais conhecida por Bernardo.

Mas não trocaria esse mala por nada nesse mundo.

Epílogo

— Oi, turma estou aqui de novo para contar o que aconteceu depois do FIM...

— Pode parar, Isa, você passou esse livro inteiro com eles, agora é a minha vez, estou morrendo de saudades deles.

— Mas, mamãe, eu não terminei de contar o que aconteceu.

— Tenho certeza de que eles não vão se importar se eu contar.

— Ai ai, enquanto essas duas brigam para decidir de quem é a vez de contar o que aconteceu depois, eu roubo a vez. Afinal de contas, tenho certeza de que fui a personagem mais amada desse livro. Isso mesmo, eu sou a Valentina. Bom, vou começar a contar um pouco do que aconteceu depois do aniversário da Lorena. A Mila e o Yuri se casaram e a Sophia conseguiu ficar grávida de um menino, o Arthur é um príncipe e cuida bem dela. A Catarina e o Jean Pierre, apesar de terem

se casado, continuam discutindo o tempo inteiro. Acabei fazendo amizade com a Heloise, então sempre dormíamos uma na casa da outra, claro que a Giovanna sempre estava comigo, acabamos nos tornando um trio inseparável.

— Valentina, o que você está fazendo?

— Vocês duas estavam brigando na frente deles, então eu decidi contar a minha história para eles. Agora já era, mamãe, foram brigar, perderam o lugar.

— Eu mereço.

— Tchau, mamãe. Voltando, cresci cercada de muito amor e cuidado, o papai e a mamãe são os meus exemplos. A Isa e o Bernardo são outro casal que eu admiro muito, apesar de o meu cunhadinho ser meio nervosinho, ele é um amor com a Isa e a Lorena. A minha sobrinha é linda, loirinha com o olho azul muito claro. Os dois primeiros meses de vida dela foram os mais difíceis, fiquei com muito medo de que perdêssemos a Lorena. Mas hoje ela está uma

menina forte e muito esperta, somos grandes amigas, e ensinei muita coisa para ela. Claro que a Isa ficava doida, mas eu tinha obrigação como tia de dar conselhos, e todos eram ótimos, diga-se de passagem. A Isa teve outro bebê, o Junior, que também é lindo, mas também com um pai lindo, quem não seria?

O meu único problema se chamava Nicolas, o irmão da Giovanna. Eu gostava dele desde os meus cinco anos, confesso que com o decorrer do tempo fui me apaixonando por ele cada vez mais. Apesar de ele ser um idiota que não me dava atenção, pelo contrário, só implicava comigo em tudo, quando ele atingiu a idade de ir para faculdade, decidiu estudar relações públicas, acho que vai ser bom para ele, porque ele não sabe se relacionar com ninguém. Para a minha sorte, ele passou em uma faculdade pública e renomada no Rio de Janeiro e foi embora para estudar e acabou ficando por lá para trabalhar, o que tornava os meus dias bem melhores. Algumas vezes a

saudade batia, mas eu tentava ignorar e lembrar que ele era um idiota.

Logo depois do ensino médio, eu tive que decidir qual faculdade eu deveria fazer. Como o meu pai era o meu exemplo, optei por medicina e queria me especializar em pediatria. Queria trabalhar na escola da minha mãe cuidando das crianças.

Não eu não sou bailarina, até tentei quando eu era pequena, sei dançar alguns passos, mas o balé não é para mim. Depois que eu cantei no casamento da Isa, o meu pai me colocou em uma escola de música onde eu aprendi canto e a tocar alguns instrumentos. Tudo bem que eu aprendi mesmo foi com o tio Rafa e a banda The Doctors, eles me ensinaram a tocar guitarra, teclado, baixo e bateria, aprendi a dominar todos esses instrumentos. Na escola de música, acabei aprendendo a tocar outros, e foi aí que minha mãe percebeu o meu verdadeiro talento.

Só de olhar para uma pessoa tocando um

instrumento e ele me ensinar o básico consigo tocar perfeitamente. Então, além dos instrumentos da banda, sei tocar violino, flauta, violoncelo e saxofone. A mamãe até achou que eu iria por esse caminho, mas quando eu decidi pela medicina, ela acabou me apoiando.

Estou com vinte anos e no terceiro ano de faculdade, a Giovanna está cursando a faculdade de moda e a Heloise faz gastronomia. Somos um trio inseparável, fazemos tudo juntas, principalmente ir para os barzinhos.

Diferente da Isa, eu dei o meu primeiro beijo aos dezesseis anos de idade, foi na festa da Gi, mas o idiota do Nicolas atrapalhou tudo, ele apareceu bem na hora e brigou com o menino, que foi embora, depois ainda quis me dar o maior sermão. Depois desse episódio, beijei outros garotos, mas nunca namorei sério com nenhum. Tendo o senhor Danilo, Cadu e Bernardo por perto fica difícil namorar.

Há uns dois meses, teve um churrasco da minha

turma e eu levei as meninas comigo. No meio da festa, alguém pegou um violão e começou a tocar e cantar. Foi terrível, ele era completamente desafinado, só que a doida aqui falou isso em voz alta, o que aconteceu?

Exatamente!

Ele olhou para mim e disse que, se eu sabia fazer melhor, que eu provasse então. Com muita vergonha, peguei o violão e cantei a música Wide Awake da Katy Perry. Depois disso, não me deixaram mais soltar o violão, passei o resto da festa cantando. Tenho que reconhecer, adorei isso.

A música sempre esteve presente na vida das mulheres Lopo desde a minha mãe, enquanto cantava me sentia bem, sentia como se ali fosse o meu lugar, com um violão debaixo do braço.

Quando cheguei a casa e contei o que aconteceu para a mamãe, ela começou a chorar, não entendi no começo o porquê e ela me explicou que sabia que o meu coração sempre esteve na música e nunca na medicina. Nunca vou esquecer as

palavras dela.

— Valentina, a minha escola não precisa que a minha filha seja pediatra. Mas eu preciso que a minha filha siga os seus sonhos e o seu verdadeiro talento.

Foi aí que tomei uma decisão, tranquei a faculdade e fui atrás da minha nova carreira, eu seria cantora. Sabia que teria que ralar bastante, mas eu sou determinada e vou conseguir.

— Terminou de contar a sua história?

— Isa, não atrapalha, nem contei metade ainda, só dei o gostinho e já me disseram que querem ouvir o resto dela. Não é, pessoal? Viu, vai cuidar das crianças e deixa eu terminar de contar como foi que eu deixei a medicina para me tornar uma cantora de sucesso internacional.

— Você já é uma cantora de sucesso internacional?

— Ainda não, Isa, mas eu vou ser. Agora não me atrapalha, onde eu estava mesmo? Ah é, eu estava fazendo apresentações com a banda e foi aí

que eu conheci o Guilherme.

— Pipoca, contar a história já da metade não tem graça.

— Tem razão, Isa, vou ter que começar do começo.

Era uma vez uma menina linda chamada Valentina...

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)